UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

ROBERTA MARCONDES COSTA

*Mil Fitas na Cracolândia: Amanhã é Domingo e a Craco
Resiste*

São Paulo
2017

ROBERTA MARCONDES COSTA

*Mil Fitas na Cracolândia: Amanhã é Domingo e a Craco
Resiste*

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação Culturas e Identidades
Brasileiras do Instituto de Estudos
Brasileiros da Universidade de São
Paulo, para a obtenção do título de
Mestra em Filosofia.

Área de concentração: Estudos
Brasileiros.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Stelio Marras

Versão corrigida

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

COSTA, Roberta Marcondes. **Mil Fitas na Cracolândia: Amanhã é Domingo e a Craco Resiste**. 2017. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017, 286 f.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovada em: 14 de novembro de 2017.

Banca Examinadora

Prof.Dr.

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof.Dr._____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof.Dr._____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof.Dr._____

Instituição:_____Assinatura:_____

Ao Fluxo,
aos bons encontros
ao afeto
à resistência
e à luta cotidiana.

(Foto: Keren Cherry)

Resumo

O *Fluxo*, que se define pela concentração de usuárias(os), os usos de drogas e a Redução de Riscos e Danos são temas centrais nesta dissertação de mestrado. Um dos objetos de pesquisa é a *Craco Resiste*, um movimento social contrário às violências institucionais na *Cracolândia*, região central de São Paulo. A etnografia é a metodologia primária e parte de experiências de mais de cinco anos de atuação e pesquisa na *Cracolândia*. Produções coletivas de conhecimentos foram feitas com usuárias(os), ex-usuárias(os), frequentadoras(es), profissionais e ativistas da região. O texto passa por reflexões sobre o que são as drogas e foca nas vivências das pessoas que as usam. Uma trajetória da cocaína e do crack é construída, considerando experiências de usuárias(os) tão relevantes quanto produções acadêmicas; a *Cracolândia* é, também, situada nessa perspectiva. Resistências organizadas por movimentos sociais e ativistas nesse território são apresentadas como precursoras de concepções e práticas da *Craco Resiste* que, por sua vez, é contextualizada no *Fluxo* do território. Esta dissertação de mestrado visa expor complexidades da *Cracolândia*, dos usos de drogas e dos cuidados para estes usos, além de refletir como a existência de corpos diferentes do esperado para a região reverbera de diversas formas, muitas vezes imprevisíveis.

Palavras-Chave: Cracolândia; Crack; Drogas; Redução de Danos; Movimentos Sociais; Etnografia.

Abstract

The region known as *Cracolândia*, the drug use and the ethics of harm reduction are central themes in this dissertation. *A Craco Resiste*, a social movement of people who intervene in *Cracolândia*, is the object of this research. Ethnography is the primary methodology and comes from experiences of more than five years of fieldwork, activism and research in *Cracolândia*, supported by reports and group knowledge from drug users, ex-crack/cocaine users, workers and activists. The text goes through reflections about what drugs are and focuses on the experiences of people who use them. A trajectory of cocaine and crack/cocaine is built considering the experiences of drug users as important as academic productions; *Cracolândia* is also situated in this perspective. Resistances organized by social movements and activists in this territory are presented as precursors of the conceptions and practices of *A Craco Resiste*, which, in turn, is contextualized in the *Fluxo* [place of drug consumption inside the region]. This master's dissertation also exposes the complexities of *Cracolândia*, the uses of drugs and the care for these users.

Keywords: Crackland; Harm Reduction; Drugs; Crack/Cocaine; Social Movements; Etnography.

Índice de figuras

Figura 1 - Muro da <i>Cracolândia</i> / Foto: Roberta Costa	18
Figura 2 - Cocaína como drops para tratar dor de dente de crianças. Lloyd Manufacturing Co. 1885.	35
Figura 3 - Cocaína Midy, anúncio na <i>Gazeta Médica</i> de São Paulo, 1910. Cocaína legal vendida em farmácias brasileiras para tosse, laringites e anginas.....	35
Figura 4 - Anúncio do Elixir Virenque em <i>O Brasil Médico</i> . Revista Semanal de Medicina e Cirurgia. Anno XII, v. 1, 1º. De janeiro de 1889. Cocaína legal vendida em farmácias para dores no estômago	36
Figura 5 - Anúncio do Vinho Mariani, publicado em <i>The Illustrated Sporting and Dramatic News</i> , em 12 de novembro de 1892 – o favorito do Papa Leão VIII	36
Figura 6 - Comunicado atribuído a Coca-Cola sobre sua fórmula, no final do século XIX.	37
Figura 7 - O lado certo da vida errada / Foto: Roberta Costa.....	666
Figura 8 - <i>Fluxo</i> na Praça General Osório (ou Praça Cinelândia)	75
Figura 9 - Ônibus big-brother / Foto: Alice Vergueiro para a <i>Craco Resiste</i>	76
Figura 10 - <i>Fluxo</i> na Praça do Cachimbo / Foto: de JF DIORIO/ESTADÃO, junho de 2017.....	77
Figura 11 - Circula Trans / Foto: Alice Vergueiro para a <i>Craco Resiste</i>	79
Figura 12 - Momento da limpeza do <i>buraco</i> / Foto: UOL, jan 2012.....	80
Figura 13 - <i>Fluxo</i> na Dino Bueno / Foto: Joel Silva para Folhapress	81
Figura 14 - Operação Dor e Sofrimento / Foto: IG, 2012.....	121
Figura 15 - Momento da limpeza do <i>buraco</i> / Foto: UOL, jan 2012.....	123
Figura 16 - Buraco na primeira incursão da "autora" na <i>Craco</i> , jan. 2012 / Foto: Roberta Costa.....	124
Figura 17 - Churrascão da Gente Diferenciada / Fotos: Keren Chernizon para UOL	128
Figura 18 - As Bahias e a Cozinha Mineira no <i>Fluxo</i> / Foto: Daniel Mello para a <i>Craco Resiste</i>	130
Figura 19 - Ato da <i>Craco Resiste</i> / Foto: Marcel Segalla Bueno Arruda, maio de 2017.....	1455
Figura 20 - Festa Julina na <i>Craco</i> (2017) / Foto: Alice Vergueiro	149
Figura 21 - Exposição “A noite, o mundo se divide em dois” (2017) / Foto: Raphael Escobar.....	155
Figura 22 - Projeto de prédios no <i>Fluxo</i> / Imagem: Folha de São Paulo, 16 mar. 2016.	174
Figura 23 - Drogas ofertadas no encontro do dia 10 de dezembro de 2016 / Foto: Roberta Costa	176
Figura 24 - Roda de conversa, 22 Jan. 2017/ Foto: Alice Vergueiro para a <i>Craco Resiste</i>	179
Figura 25 - Ato do Rafael Braga chegando na <i>Craco</i> / Foto: Alice Vergueiro	195
Figura 26 - Okupação da Secretaria de Direitos Humanos / Foto: Alice Vergueiro.....	199
Figura 27 - Primeiro dia da Vigília Cultural / Foto: da Alice Vergueiro para a <i>Craco Resiste</i>	200
Figura 28 - Paulinho e seu cachorro / Foto retirada do Facebook	207
Figura 29 - Badaróss é <i>Craco Resiste</i> / Foto: Alice Vergueiro para a <i>Craco Resiste</i>	214
Figura 30 - Carroça nova do Badaróss / Foto: Alice Vergueiro para a <i>Craco Resiste</i>	220
Figura 31 - Foto de divulgação da IV Copa Rebelde	224
Figura 32 - Fotograma do vídeo de divulgação do Samba em homenagem ao Aurélio	235
Figura 33 - Roda de Capoeira no <i>Fluxo</i> / Foto: de Alice Vergueiro para a <i>Craco Resiste</i>	240
Figura 34 - Treino de Capoeira / Foto: Daniel Mello para a <i>Craco Resiste</i>	241
Figura 35 - Arte do Raphael Andrade para a <i>Craco Resiste</i>	243
Figura 36 - Patolino na hospedaria do <i>Pessoal do Faroeste</i> / Foto: Beatriz Falcon para esta dissertação	247
Figura 37- Página do Caderno do Fórum Estadual de Redução de Danos (FERD, 2015).....	251
Figura 38 - Cadu logo após a gravação do seu vídeo / Foto: Alice Vergueiro para esta dissertação.....	258
Figura 39 - Logo da <i>Craco Resiste</i>	267

*Mil fitas na Cracolândia: Amanhã é Domingo e a Craco Resiste*¹.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. ADENTRANDO O MUNDO DAS DROGAS	21
2.1 Drogas?	21
2.2 Um pouco da Carreira da Cocaína	34
2.3 Crack-crack-crack	42
2.3.1 Usos na <i>Cracolândia</i>	44
3. SITUANDO A CRACOLÂNDIA	52
3.1 <i>Cracolândia, Craco e/ou Fluxo</i> – nomeações, <i>procederes</i> e deslocamentos	53
3.2 Uma descrição do <i>Fluxo</i> na encruzilhada da Dino Bueno	73
3.3 Quem são as pessoas que constituem a <i>Cracolândia</i> ?	87
3.4 As Abelhas Rainhas da <i>Cracolândia</i> : uma Teoria Nativa	104
4. ENTRANDO EM CAMPO E NO <i>FLUXO</i> DAS RESISTÊNCIAS	119
4.1 <i>Luz Livre</i> – chegando na <i>Craco</i>	120
4.2 É de Lei – a permanência em Campo	132
4.3 <i>Coletivo Sem Ternos</i> – <i>Mumunha</i> para Resistir	139
5. OS (DES)CAMINHOS DESTA DISSERTAÇÃO	150
5.1 Seguindo o fluxo	151
5.2 A <i>Cracolândia</i> deve (re)Existir? (10 de dezembro de 2016)	162
6. A <i>CRACO RESISTE</i> – <i>MACUNAÍMICOS</i> E <i>DOIDÕES</i> UNI-VOS	177
6.1 Apresentando a <i>Craco Resiste</i>	178
6.2 O primeiro dia de Vigília Cultural (2 de janeiro de 2017)	200
6.3 Paulinho, Badaróss, Sambista, Futebol e <i>Apavoros</i> (5 de janeiro de 2017)	206
6.3.1 Paulinho, Carro e <i>Marra</i>	207
6.3.2 Badaróss, Arte e Carroça	211
6.3.3 Futebol, Morte do Sambista e <i>Apavoros</i>	221
7. CONSEQUÊNCIAS DA ATUAÇÃO DA <i>CRACO RESISTE</i>	236
7.1 A Capoeira, o Patolino e a Ética da Redução de Riscos e Danos	237
7.2 Cadu, um Profeta do Caos	251
CONSIDERAÇÕES FINAIS	265
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	276

---

¹ *Mil fitas* é um termo comumente usado na *Cracolândia* para indicar que muitas coisas acontecem ao mesmo tempo. *Amanhã é Domingo* fala sobre a temporalidade deste território que, algumas vezes, é vivida sem preocupação com o dia seguinte e, por isso, alguns afirmam que ali amanhã é sempre domingo. Ambos foram sugestão de pessoas que vivem na *Cracolândia* para o título desta pesquisa. Ao longo de todo o texto as palavras que são termos nativos, usadas pelas pessoas que usam crack e/ou frequentam a região, estão grafadas em itálico.

Liberdade no Brasil
Você sabe, você viu?

Liberdade de quê?
De índios maltratados
De negros escravizados
Deste povo que há muito e muito
Vem sendo enganado?

Como fica essa gente
Com muita cultura e arte?
E o povo sem terra que passa fome
Por toda a parte?

Na bandeira do Brasil
Lemos Ordem e Progresso
Mas quando se olha pra Brasília
É muita lama no Congresso.

E não vamos comemorar
A miséria, a lama.
Vamos sim:
“Celebrar a estupidez humana”.

Como cantou o glorioso Renato
Que com muita poesia
Demonstrou o verdadeiro retrato

Desta juventude sem emprego e escola
Que por pura falta de opção
Fica nas esquinas passando a bola
Esta bola que não rola

E você desaparece
Mas para esse povo e essa juventude
que trabalha, resiste, luta, e cresce
Junte-se a nós nessa prece!

Que é com o poder da voz e união
Juntos vamos fazer Revolução.

E quando ela chegar
O povo vai poder comemorar
E ter o prazer de celebrar

Num grito forte e viril:
Viva a verdadeira liberdade
Deste povo sofrido do meu Brasil!
(Alex)²

---

²Poema de Alex escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p.98-99). Este livro - que foi organizado e editado pela Nina Hotimsky - traz poemas, desenhos e histórias de pessoas que participaram das atividades propostas pelo Projeto Oficinas na *Cracolândia* e no complexo Zaki Narchi. Agradeço muito à Nina e a toda equipe do Projeto Oficinas pelo importante trabalho que desenvolveram na *Craco*, por constituírem as resistências e as formulações dessa dissertação de mestrado e também por terem disponibilizado seu livro para o uso nesta pesquisa, não apenas neste texto, mas em atividades que seus poemas, desenhos e histórias, impressos em cartolina, contribuíram com os debates e propostas. Para maiores informações sobre o Projeto Oficinas recomendo a leitura de “**PROJETO OFICINAS: Sistematização do saber adquirido a partir da experiência de trabalho**” e do próprio “*É pra mim não passar em branco*”, ambos disponíveis em <http://cedecainter.org.br/properties/> (CEDECA – Interlagos, 2016)

1. Introdução

Abriam-se, por isso, ao diálogo com uma natureza que não pode ser dominada mediante um golpe de vista teórico, mas somente explorada, com um mundo aberto ao qual pertencemos e em cuja construção colaboramos. (STENGERS & PRIGOGINE, 1984, p.209)

Há mais de cinco anos frequento, atuo e pesquiso a *Cracolândia* de forma sistemática em um processo profundo que deixa marcas, seja no corpo, seja nas lentes pelas quais olho e penso o mundo. Este trabalho situa-se nas experiências, nos encontros e nos lugares que ocupo e que, por sua vez, se deslocam e são constantemente atravessados por novas experiências, encontros e lugares. Para que a seleção de questões que serão abordadas seja compreensível, opto por situar, nesta introdução, da onde está olhando quem a escreve – isto por acreditar em uma ciência situada, como sugere “*A Nova Aliança: a metamorfose da ciência*” de Stengers e Prigogine:

É lugar-comum dizer-se que a ciência conheceu notáveis progressos no decurso dos três séculos que vão de Newton à atualidade. É talvez menos banal sublinhar a que ponto nossas idéias mudaram a propósito da natureza que descrevemos e do ideal que orienta nossas descrições. É este o tema essencial deste livro: partindo duma natureza semelhante a um autômato, submetida a leis matemáticas cujo calmo desenvolvimento determina para sempre seu futuro tal como determinou seu passado, chegamos hoje a uma situação teórica completamente diferente, a uma descrição que situa o homem no mundo que ele mesmo descreve e implica a abertura desse mundo. Não é exagero falar dessa transformação conceitual como de uma verdadeira metamorfose da ciência. Lento trabalho de algumas questões, postas muitas vezes “desde a origem”, que continuam sob nossos olhos a metamorfosear a interrogação científica. (STENGERS & PRIGOGINE, 1984, p.15)

Este exercício de situar se repete ao longo desta dissertação de mestrado, principalmente porque a singularidade de cada pessoa que frequenta a *Cracolândia* é essencial na argumentação construída. O esforço de situar a antropóloga que está escrevendo também escancara a limitação da contextualização das vidas que, como a minha, são permeadas de elementos além do que qualquer descrição é capaz de contemplar. Uma das intenções desta pesquisa é mostrar uma multiplicidade que torna a *Cracolândia* um fenômeno complexo e irreduzível a definições ou políticas simplistas. Se existe, porém, um abismo entre a experiência e a capacidade humana de sistematizá-la, ali ele é ainda mais acentuado dado a velocidade, opacidade, ilegalidade, efemeridade e transitoriedade, incrementada pela violência social, midiática e estatal as quais a *Cracolândia* está sujeita.

Para começar a situar-me parece interessante escancarar o contraste com a vulnerabilidade vivenciada pelo Alexandre³ – uma das milhares pessoas que frequentam a *Cracolândia*:

Una dimensión clara de nuestra vulnerabilidad tiene que ver con nuestra exposición a los apodos y las categorías discursivas durante la infancia y la niñez, de hecho, durante toda la vida. Todos tenemos apodos, y este tipo de mote demuestra una dimensión importante del acto discursivo. No solo actuamos a través del discurso; el discurso actúa sobre nosotros. ¿Hay un efecto performativo distinto al ser nombrado como este u otro género, como parte de una nacionalidad o minoría, o descubrir que el modo en que eres contemplado a todos estos efectos está convocado por un nombre que tú mismo desconoces? Podemos preguntarnos, y lo hacemos “¿Soy ese Nombre?” ¿Cómo pensamos en la fuerza y el efecto de esos nombres con los que nos llaman antes de emerger al lenguaje como seres hablantes, antes de cualquier capacidad para un acto discursivo propio? (BUTLER, 2014, p.5)

Alexandre não conheceu seus pais, recebeu apelidos ofensivos de familiares, foi espancado e abusado sexualmente por um tio durante sua infância – ele afirma que não recebeu carinho para, em suas palavras, “*crescer saudável*”. Ele passou fome e dificuldades financeiras antes de suas experiências no cárcere e na *Cracolândia*. Além de toda uma rede de afetos e apoios que tive durante toda minha vida, ser uma mulher branca, loira, dentro de um determinado padrão estético e sem marcas corporais de sofrimento social também determina, não absolutamente, mas de muitas formas, o jeito como as pessoas se relacionam comigo. O relato a seguir, extraído do meu caderno de Campo, deixa explícito a diferenciação de tratamentos que recebemos:

(...) vi o Alexandre chegando e logo reparei que ele tinha caprichado no visual. Ele é sempre muito vaidoso, mas este dia ele tinha caprichado: estava com uma calça jeans toda da moda, sapato social, camisa para dentro da calça e cinto. Quando chegou, elogiei a sua roupa e ele ficou todo importante. Caminhamos (...) eu estava apertada e, no caminho, pedi pro Alexandre me acompanhar rapidinho até a galeria pra eu usar o banheiro, vi uma resistência em sua reação, mas como não entendi o porquê, insisti de leve e ele topou. Quando estávamos chegando à galeria vi que ele ficou apreensivo e foi chegando mais próximo de mim. Logo na entrada um segurança, depois de nos medir com os olhos, me perguntou: “*ele está com você?*”. Respondi que sim com a cabeça e continuei andando com ele ao meu lado, ele tinha se aproximado ainda mais de mim. No caminho até o banheiro vi, ainda, alguns olhares “diferenciados” para ele. Entrei no banheiro e ele ficou na porta. Dentro do banheiro comecei a olhar a minha vestimenta – eu tinha escolhido as roupas mais velhas do meu armário, minha blusa estava rasgada e meu tênis furado. Me senti mal. Ele vive isso todos os dias, já sabia que estes constrangimentos aconteceriam e se veste sempre arrumado exatamente porque sabe disso, que seu lugar, como o meu, é identificável independente da roupa (Caderno de Campo, abril de 2013).

³ Alexandre é um nome fictício para preservar a pessoa citada. Ao longo desta dissertação praticamente todos os nomes e apelidos usados são fictícios, exceto em casos que a pessoa foi consultada e permitiu o uso do verdadeiro. Algumas pessoas usuárias de crack e/ou da *Cracolândia*, ou ex-usuárias, sentaram junto com a antropóloga para sugerir alterações e contribuições na redação final do texto, estas, via de regra, fizeram questão do uso dos seus nomes e/ou apelidos verdadeiros – é o caso do Paulinho, do Patolino e do Montanha.

Considerando a centralidade do racismo nas formas de exclusão e preconceito ainda constitutivos das relações sociais no Brasil é relevante o apontamento que Alexandre também é branco, as marcas sociais em seu corpo, neste caso, não estão relacionadas à cor da pele. Alexandre afirma que nossa diferença está que, ao contrário dele, eu tive muita sorte na “*loteria da vida*”. Esta sorte, segundo ele, parece estar mais relacionada com a rede de apoio que tive desde minhas primeiras ‘bolhas’ (SLOTTERDIJK, 2013), o cuidado, atenção e carinho que recebi da minha família, do que com uma estrutura material. É inegável, porém, que a estrutura material faz diferença nas possibilidades de experiências.

Esta estrutura possibilitou, por exemplo, que completasse meus estudos sem a necessidade de trabalhar para garantir meu sustento durante a graduação, o que foi importante para aprendizados da Universidade que estavam além da sala de aula, como a vivência da militância política. Por anos construí uma ‘esquerda tradicional’, marxista e partidária, aquilo que Alonso e Mische (2016) definem como ‘repertório socialista’: movimentos, agremiações e partidos com bandeiras vermelhas, tônica redistributiva, organizações hierárquicas, coletivos e ativistas centralizados e grande visibilidade para lideranças⁴.

O questionamento da lógica hierárquica e centralizada deste repertório, assim como a dificuldade desta ‘esquerda tradicional’ de lidar com os debates em torno do direito ao prazer e dos usos de drogas, me aproximou dos movimentos antiproibicionistas⁵ – mais especificamente ao Coletivo Desentorpecendo a Razão (Coletivo DAR⁶). Este Coletivo surge da crítica às tradicionais formas de organizações da esquerda e norteia sua prática pela horizontalidade e autonomia – seja na forma de se organizar, seja na forma de se relacionar com o mundo, com os movimentos sociais e/ou com as pessoas. Júlio Delmanto, que é historiador, mas também militante do Coletivo DAR, em sua dissertação de mestrado denominada “*Camaradas Caretas: Drogas e esquerda no Brasil após 1961*”, conclui que:

a fundamental crítica aos nefastos efeitos sociais e políticos do proibicionismo permaneceu, quando muito, relegado ao último escalão das preocupações dos grupos e indivíduos propositores de outro mundo, mas as energias da embriaguez mantiveram-se afastadas da revolução, distante do que propunha Benjamin. Perdeu

⁴ Fui militante do movimento estudantil da USP - construí centros acadêmicos (CARB e CEUPES), uma gestão do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da USP - e fui diretora de Mulheres da União Nacional dos Estudantes (UNE) pela oposição de esquerda (APS/PSOL).

⁵ O movimento antiproibicionista aponta para os problemas sociais e políticos do proibicionismo e defende a legalização de todas as drogas. Júlio Delmanto reconstitui o surgimento deste movimento em sua dissertação de mestrado (DELMANTO, 2013, p.175)

⁶ O Coletivo DAR surgiu em 2009 e se define como antiproibicionista, anticapitalista e autônomo. Atualmente atua em diversas frentes no sentido das disputas em torno da legalização das drogas, do abolicionismo penal e do antipunitivismo. Constrói a Marcha da Maconha, participa de diversos movimentos e articulações contra a violência do Estado e faz a disputa não institucional de suas concepções – como em debates, rodas de conversas, mesas de discussão, ministra aulas e cursos sobre drogas para docentes e alunxs de escolas públicas, produz materiais e alimenta seu site (coletivodar.org). (último acesso em 19 de agosto de 2017)

potencial de iluminação profana o êxtase, perdeu potencial de transformação a revolução. Ganham o proibicionismo, o preconceito, a violência, a opressão. (DELMANTO, 2013, p.322).

A *Craco Resiste*, outro Coletivo do qual faço parte e que tem maior centralidade nesta pesquisa, além de ter o antiproibicionismo, a horizontalidade e autonomia como norteadores de sua prática – mesmo que nem sempre consiga exercê-los efetivamente – valoriza o processo, a forma de se relacionar e caminhar, o cuidado de si, o prazer, a diversão e as energias da embriaguez. Estas reflexões militantes constituem esta pesquisa e as inquietações que me levam a vivenciar e estudar os usos de drogas, a *Cracolândia* e a *Craco Resiste*, mas não são as únicas.

Antes de envolver-me com os debates em torno das drogas morei por cerca de dois anos com uma pessoa que, neste período, constituiu uma relação que considerava problemática com o uso de *mesclado* (mistura de maconha com crack). Quando meu nível de preocupação com esta pessoa chegou a determinado limite liguei, no sentido de buscar ajuda, para um psiquiatra “*especialista em dependência*” que encontrei pela internet. Este psiquiatra afirmou, depois de ouvir um pequeno relato da situação, que uma internação, mesmo contra a vontade dele, era necessária e urgente, caso contrário ele se mataria e/ou me mataria. Mesmo assustada não acreditei e fiquei incomodada com a certeza com a qual o psiquiatra, que nem o conhecia, se expressava. Passei a estudar o assunto e com o tempo – e a articulação de uma rede de amigxs⁷ e familiares que acionei falando que ele estava em depressão –, sua vida passou a ter outros contornos, organizações e sentidos e isso ajudou no processo dele deixar de fazer o uso que compreendia como prejudicial. Este processo deixou um incômodo muito grande com a sugestão do psiquiatra e uma aversão à lógica das internações. Depois de um tempo, porém, fiquei sabendo que meu irmão mais velho tinha sido usuário de crack durante dez anos, fato que me foi omitido por ser criança na época. Hoje ele não faz mais esse uso que, segundo o mesmo, foi muito difícil e prejudicial para si e para as pessoas ao seu redor. O que lhe “*curou*”, em seu ponto de vista, foi uma internação em uma Comunidade Terapêutica (CT) evangélica, processo que o tornou evangélico praticante e que é considerado positivo pelas pessoas de seu entorno, mesmo por quem não compartilha de suas crenças. Essa experiência familiar, por sua vez, relativizou minha aversão às internações.

---

⁷ Uso ao longo dessa dissertação “x” no lugar da vogal que referencia gênero masculino para usar uma linguagem inclusiva de gênero e proporcionar uma escrita onde mulheres, lésbicas, gays, travestis, etc. também estejam contempladxs. Essa prática foi incorporada ao texto por solicitação de uma ‘nativa’ (uma ativista da *Craco Resiste*).

Continuando pelos tortuosos caminhos que compõem as reflexões desta pesquisa parece relevante citar que na iniciação científica (2013) pesquisei um centro que usa ayahuasca para o “*tratamento da dependência*” na cidade de Sorocaba. Ayahuasca é legalizada no Brasil para uso religioso e é nominada “Daime” no contexto em questão. Segundo Mercante:

A ayahuasca é uma bebida psicoativa utilizada por diversos grupos indígenas por toda a Amazônia, assim como por xamãs mestiços (chamados “vegetalistas”) e por religiões e grupos independentes no Brasil. Desde a década de 1990 esta bebida vem sendo empregada no tratamento da dependência. Existem atualmente alguns centros espalhados pela América do Sul que realizam este tipo de tratamento. (MERCANTE, 2013, p. 1)

Durante três anos, quando já atuava na *Cracolândia*, ajudei de forma intensa no sítio *Flor das Águas*, em São Lourenço da Serra, onde era feito um uso ritual de Daime, além de outras terapêuticas, visando o cuidado de pessoas em situação de rua. Segundo a dissertação de mestrado realizada na Faculdade de Saúde Pública da USP sobre o trabalho desenvolvido nesse sítio:

a experiência simbólica, o uso do Daime de forma ritual como relacionamento com uma alteridade sagrada que ensina, as terapêuticas pensadas de forma individualizada e contextualizada, a construção de perspectiva de vida e de ideal moral individual a ser alcançado são alguns dos elementos essenciais para a compreensão deste uso terapêutico (GOMES, 2011, p. 4).

Elementos apreendidos no envolvimento com este jeito de pensar e realizar o cuidado com pessoas em situação de rua fazem parte das concepções que compõem esta dissertação de mestrado que tem a *Cracolândia* e as suas resistências como um eixo central, mas que também perpassa por compreensões e formulações sobre o cuidado e os usos de drogas. É a partir destes pontos de vista, permeados por muitas dimensões e processos coletivos – como as experiências (situadas no capítulo 4) que tive com a articulação *Luz Livre*, com o Centro de Convivência É de Lei e com o Coletivo *Sem Ternos* – que esta dissertação de mestrado vem sendo produzida. Quem conduz esta pesquisa está, o tempo todo, atravessada por estas experiências, são elas que constituem o meu lugar de pesquisadora, mas também o lugar de militante, de redutora de danos e de usuária de drogas.

E esta dissertação, porém, não foi construída apenas pela antropóloga que recebeu um título da USP. Muitas pessoas participaram ativamente na construção desta pesquisa. Foram realizadas diversas reuniões com ativistas, pesquisadorxs, trabalhadorxs, usuárixs de crack e com ex-usuárixs da *Cracolândia* especialmente para a produção coletiva de conhecimento desta dissertação de mestrado. A coleta de dados e o trabalho de campo também não foram feitos por apenas uma pessoa. Quando senti a necessidade de permanecer

na *Cracolândia* por uma semana ininterrupta para colher dados, não fui sozinha. Até mesmo os registros, aquilo que na antropologia convencionou-se a chamar de ‘Caderno de Campo’, foram, muitas vezes, produzidos coletivamente com gravações de áudios onde diferentes pessoas expressavam as impressões e vivências que consideravam pertinentes. Considero todas as pessoas que contribuíram nestes espaços coletivos como co-autoras deste trabalho, vislumbrando, como aponta Strathern, que esta seria uma metáfora da situação ética ideal:

Como pode ser dito que o feminismo ironiza este modelo de antropologia? O(a) antropólogo(a) tenta se estabelecer como um intérprete de experiências. Contudo, o(a) antropólogo(a) obviamente admitiria estar no controle do texto final. Não obstante a maior parte de a autoria múltipla ser reconhecida, usar as experiências das pessoas para fazer afirmações sobre matérias de interesse antropológico acaba por subordinar estes textos aos usos da disciplina. Mas isto não significa que este seja um exercício sem valor. Pelo contrário, e pelo fato da questão da ética ser colocada em relevo, o argumento de a autoria múltipla ser desejável exprime a relação ideal com os(as) informantes. O(a) etnógrafo(a) está ansioso(a) não somente para dar a conhecer a experiência dos outros em seus próprios termos, mas para preservar sua dignidade separada. Apresentar uma monografia como uma produção em colaboração é, assim, uma metáfora da situação ética ideal na qual nenhuma voz é subsumida pelo Outro. (2009, p.99-100).

Reconheço, porém, os limites da literatura acadêmica, ainda mais em uma dissertação de mestrado, assim como minha responsabilidade sobre o que está escrito e o controle sobre o texto final. Há a intenção, porém, que este processo de coletivização da produção e do conteúdo se aprofunde depois que os limites impostos pelo tempo [e pela lógica] da academia forem transpostos. Neste momento não me interessa fazer um debate sobre autoria coletiva, co-escrita, polifonia ou possibilidades da escrita antropológica. Não poderia deixar de enfatizar, contanto, que a melhor síntese que encontrei para este assunto estava escrita em um muro da *Cracolândia*⁸:

---

⁸ Este muro é do *Museu da Energia* que se localiza em um casarão que já abrigou o *Fluxo* de usuárixs de crack da *Cracolândia*. Este museu, mesmo sendo uma fundação do governo do Estado, tem trabalhadorxs que contribuíram muito com as articulações e resistências da *Craco*, inclusive participando do Coletivo *Sem Ternos* que será contextualizado nesta dissertação quando o *Fluxo das Resistências* for abordado (sessão 4.3).

Figura 1 - Muro da *Cracolândia* / Foto: Roberta Costa

Dito isso, explicito a organização do trabalho. Esta dissertação se divide em sete capítulos. O próximo explicita a compreensão sobre “drogas” da qual esta pesquisa parte, as contextualizam situando-as na sociedade que as produziu, com reflexões sobre como seus efeitos são complexamente produzidos e vividos para além de qualquer lógica dicotômica. Corroborar com a compreensão do uso de drogas como ‘evento’ (VARGAS, 2006, p.603) que não se resume aos seus efeitos objetivos e/ou aos seus significados sociais (FIORE, 2013, p. 200). Em seguida, ainda o mesmo capítulo, aborda mais especificamente a cocaína e o crack priorizando, segundo sugestão de Eduardo Vargas (2006, p. 581), reflexões em torno das experiências que xs usuárixs, assim como as substâncias, realizam.

A *Cracolândia* é situada no capítulo seguinte a partir de suas dinâmicas e *procederes* específicos. As mudanças de local do *Fluxo* – nome do *pedaço* com maior concentração de usuárixs de crack – entre janeiro de 2014 e agosto de 2017 são explicitadas, inclusive com mapas⁹ da região que indicam as instituições públicas presentes, os lugares de referência e os *pontos de ancoragem*¹⁰ de usuárixs e ativistas. O trajeto que foi feito repetidas vezes pelxs ativistas da *Craco Resiste*, assim como o *Fluxo* vivenciado antes da megaoperação que ocorreu em 21 de maio de 2017 e o mudou mais uma vez de lugar, são descritos e contextualizados no sentido de familiarizar x leitor(a) com o local e com suas dinâmicas para, então, refletir sobre quem são as pessoas que constituem esta territorialidade itinerante

⁹ Estes mapas também só foram possíveis porque foram feitos de forma coletiva, com a ajuda do Sandro Valeriano, que é geógrafo.

¹⁰ Pontos de ancoragem é elemento central em uma das respostas do *Caderno do Redutor e da Redutora de Danos* para “como se faz Redução de Danos (RD)?”: “Quando fazemos campo em RD é importante encontrar e desenvolver pontos de ancoragem (centro de convivência, circo, serviços, comércio local), para os trabalhadores terem pontos de descanso e apoio, mas, essencialmente, para oferecer às pessoas atendidas locais para realizarem pausas no ritmo de consumo de drogas, possibilitando novas formas de relação, para além daquelas da rua.” (2014, p. 50).

(FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010). Ao final, este capítulo apresenta uma teoria nativa que compreende a *Cracolândia* como uma colmeia que é sustentada por abelhas operárias e dominada pelas abelhas rainhas.

O quarto capítulo contextualiza algumas das resistências e Coletivos militantes que são precursores à *Craco Resiste*, assim como parte de suas formulações e práticas. A articulação *Nova Luz*, organizada em 2012 frente às violências da Operação Sufoco, a ONG É de Lei, que é uma referência em Redução de Riscos e Danos¹¹ (RRD), e o Coletivo *Sem Ternos*, que reúne trabalhadorxs e usuárixs da região, são apresentados por serem essenciais para a trajetória e concepções da *Craco Resiste*, mas também porque compõem o caminho que a antropóloga “autora” percorreu em Campo.

O quinto capítulo, por sua vez, apresenta os (des)caminhos desta dissertação de mestrado: o método que foi sendo formulado e transformado, os motivos para permanecer por uma semana na *Cracolândia* de forma ininterrupta e o processo feito para possibilitar esta permanência. Em um segundo momento (5.2) este capítulo relata e reflete sobre um debate que teve como condução o questionamento se a *Cracolândia* deve (re)Existir. Este debate foi organizado para proporcionar uma produção coletiva de conhecimento para esta dissertação de mestrado e acabou sendo um dos pontos de partida para a criação do movimento *A Craco Resiste*.

O capítulo seguinte tem a *Craco Resiste* como foco e a apresenta a partir de uma atividade de formação que o Coletivo organizou. Dois dias de intensa vivência deste movimento na *Cracolândia* são relatados no sentido de expor suas concepções e formas de funcionamento, além de trazer personagens importantes para a constituição e atuação do Coletivo – o Paulinho, o Badaróss e o Sambista. No último capítulo reflexões sobre algumas das consequências da atuação da *Craco Resiste* são feitas a partir do relato de interações que transformaram a vida do Patolino e do Cadu de forma singular e não previsível.

As considerações finais foram formuladas a partir de uma roda de conversa que aconteceu no dia 15 de agosto de 2017 e que foi chamada, por sugestão de uma ativista da *Craco Resiste*, para que as conclusões desta dissertação também partissem de uma produção coletiva de conhecimento. A capacidade de articulação, a construção da horizontalidade pela

---

¹¹ No cotidiano de ativistas e redutorxs de danos é mais comum falar ‘RD’(Redução de Danos) do que ‘RRD’ (Redução de Riscos e Danos), mas uso a segunda forma nesta pesquisa, mesmo que não somente, por considerar relevante essa sugestão de “ampliação de conceito” que Thiago Calil faz em sua dissertação de mestrado depois de um pertinente debate sobre a necessidade de superar perspectivas moralizantes e construir o risco como um fenômeno multidimensional (CALIL, 2015, p. 97).

multiplicidade e o afeto são apresentados como elementos constituintes da *Craco Resiste*. Por fim são explicitados os limites e as contribuições desta pesquisa.

2. Adentrando no Mundo das Drogas

Este capítulo faz, em primeiro lugar, um debate conceitual sobre o que são “drogas”, se posiciona na disputa entre os termos e valores que as tangenciam, as posicionam como mercadorias interessantes para o atual sistema econômico e, a partir de então, aponta algumas complexidades sobre seus efeitos e usos – seja do ponto de vista da tríade inter-relacional entre sujeito, substância e ambiente, seja do ponto de vista da superação do questionamento se o uso problemático de drogas é uma questão social ou pessoal. A partir destes pressupostos e marcos teóricos a carreira da cocaína é apresentada (sessão 2.2), desde o pé de coca e seus usos tradicionais, passando pelo uso legalizado enquanto medicamento até reflexões sobre seus usos e efeitos na atual conjuntura – como droga recreativa proibida. Por fim chega-se ao crack (sessão 2.3), que é a cocaína fumada, mas que recebe um lugar de destaque nesta dissertação que a *Cracolândia* é o Campo de pesquisa. Parte de relatos da manufatura artesanal a partir da cocaína em pó por uma busca de intensidade, passa pelo debate de se o crack é consequência de uma política proibicionista e chega a reflexões mais extensas sobre seus efeitos, sensações, prazeres, velocidades e dores – sempre priorizando o olhar para a experiência que xs usuárixs realizam.

2.1 Drogas?

“Trago” tudo a vc.
E vc troca tudo por um “trago”.
Ainda assim te “trago”
Toda minha ternura.
(Professor Santa Cruz)¹²

Escrever sobre a *Cracolândia* impõe questões difíceis. A primeira é: por onde começar? Como percorrer os caminhos deste lugar e traduzir em texto esse universo tão dinâmico, de infinitas interações concomitantes que, além de muito intensas, se transformam e se ressignificam muito rapidamente? Como aponta Strathern em “*O gênero da dádiva*”, o texto escrito é recurso e limitação da exegese antropológica:

A exegese antropológica precisa ser tomada pelo que ela é: um esforço para criar um mundo paralelo ao mundo observado, através de um meio expressivo (o texto

¹² O Professor Santa Cruz, além de diversas outras facetas de sua vida, é usuário de crack e frequenta a *Cracolândia*. Ele conta que em suas andanças pela cidade encontrou um livro, a “Revolução dos Bichos” (de George Orwell), e depois que o leu “*pegou amor*” pela leitura e elas estão sempre presentes em suas conversas e poemas. O poema citado está escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p. 41).

escrito) que estabelece suas próprias condições de inteligibilidade. A criatividade da linguagem escrita é, assim, tanto recurso como limitação. Por linguagem, incluo aqui as artes da narrativa, a estruturação de textos e tramas, e a maneira em que aquilo que é assim expresso chega sempre numa condição de algo acabado ou completo (holístico), já formado, numa espécie de composição. Decompor essas formas é algo que só pode ser feito através da mobilização de formas diferentes, de outras composições. (2006, p. 344)

Enquanto me debatia com a questão de por onde começar, conversei com o Rodrigo, uma pessoa brincalhona e respeitosa, nascida em São Paulo, mas que já morou em outros lugares, como em Santiago, no Chile, é chefe de cozinha há 25 anos, usuário de crack há 18, há menos de dois está em situação de rua e há cinco frequenta a *Cracolândia*. Neste dia Rodrigo tinha terminado seu namoro e estava triste, mas mesmo assim parou para me escutar, prestou atenção na minha angústia e fez uma afirmação, em tom de obviedade, indicando um caminho para começar a escrever: “*A Cracolândia e o crack são “droga”. Tá aí, precisa dizer mais?*”. Mesmo se não fosse preciso dizer mais nada, contextualizar essa afirmação feita por Rodrigo é necessário.

Este capítulo explicita, portanto, contextos que tornam a discussão conceitual sobre drogas necessária e relevante, sendo que o primeiro é a constatação do Rodrigo de que a *Cracolândia* é a droga – parece que ele toma isso como uma questão ontológica, existencial. A *Cracolândia* ser droga significa uma operação metonímica. Toma-se o lugar e suas/seus habitantes pela substância. O território é droga. A percepção social da *Cracolândia* é droga. Tanto quanto o crack. Como se dá essa fusão, substituição? A droga é um modo de ser? A intensão aqui é enfrentar esta discussão. A literatura acadêmica toma as drogas como uma questão ao mesmo tempo social e sociológica, política e teórica. A droga é um objeto para pensar. A proposta neste texto é construir um caminho entre pontos de vista da academia e dxs usuárixs – um balanço bibliográfico como forma de explicitar definições sobre drogas (como a droga tem sido pensada), chegando a um método que permite encontrar o ponto de vista dxs usuárixs (como se é com a droga). Busco nesse caminho seguir as coordenadas sugeridas Strathern, no caso:

Se o interesse teórico está voltado para a maneira pela qual as ideias, representações e valores são contextualizados localmente, a descontextualização não funcionará. As generalizações analíticas devem ser obtidas por outros meios. Não se trata de imaginar que seja possível substituir conceitos exógenos por correspondentes nativos como referência ao contexto particular em que são produzidos. Consequentemente, opto por mostrar a natureza contextualizada dos construtos analíticos. Isso necessita que os próprios construtos analíticos sejam situados na sociedade que os produziu. Para os membros dessa sociedade, por certo, tal desvendamento de pressupostos acarretará a revelação do propósito ou interesse. (2006, p. 33)

Para refletir sobre a *Cracolândia* e suas resistências parece importante, consequentemente, contextualizar o que são as drogas, situando-as na sociedade que as produz. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), “*droga é toda a substância que introduzida no organismo vivo modifica uma ou mais das suas funções*” (OMS, 1993, p. 69). O Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas¹³ aponta em sentido semelhante:

Em linguagem comum, de todo o dia ("Ah, mas que droga" ou "logo agora, droga...", ou ainda, "esta droga não vale nada!"), droga tem um significado de coisa ruim, sem qualidade. Já em linguagem médica, droga é quase sinônimo de medicamento. (...) Atualmente, a medicina define droga como qualquer substância capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento. Por exemplo, uma substância ingerida contrai os vasos sanguíneos (modifica a função) e a pessoa passa a ter um aumento de pressão arterial (mudança na fisiologia). (...) Mais complicada é a seguinte palavra: psicotrópico. Percebe-se claramente que é composta de duas outras: psico e trópico. Psico é fácil de se entender, pois é uma palavrinha grega que relaciona-se a nosso psiquismo (o que sentimos, fazemos e pensamos, enfim, o que cada um é). (...) A palavra trópico, aqui, se relaciona com o termo tropismo, que significa ter atração por. Então, psicotrópico significa atração pelo psiquismo, e drogas psicotrópicas são aquelas que atuam sobre nosso cérebro, alterando de alguma maneira nosso psiquismo. Mas essas alterações do psiquismo não são sempre no mesmo sentido e direção. (CEBRID, 2012, p. 7)

A experiência de sono, cansaço e diminuição da oxigenação no cérebro – devido à necessidade de usar energia para fazer a digestão, o que diminui o fluxo sanguíneo do resto do corpo – é perceptível após a ingestão de uma feijoada (ou qualquer comida “pesada”). Não é em feijoada, porém, que pensamos quando falamos sobre “drogas”. A diferença pode estar na definição social do uso deste termo (VARGAS, 2000, p.78). Eduardo Vargas aponta que “droga” é uma noção complexa, polissêmica, com fronteiras mutantes com suas categorias vizinhas, como as de “alimentos”, “remédios”, “cosméticos”, “tóxicos”, “venenos”:

Dito de outro modo, se, no mais amplo sentido concreto aplicado ao termo, o vocábulo “droga” reúne sob a mesma rubrica substâncias aparentemente tão diversas como o arsênico e a aspirina, o sândalo e a cocaína, o anil e a amoxicilina, o que costuma especificar cada uma delas no interior do conjunto mais amplo das substâncias consideradas “drogas” são as modalidades relacionais de uso a que elas se prestam, e não suas propriedades materiais consideradas substantivamente. Em suma, é com relação às modalidades de uso e aos juízos de valor a elas agregados que se distingue uma classe de substâncias como “medicamentos”, outra como “alimentos”, outra como “condimentos”, outra como “cosméticos”, outra como “agrotóxicos”, outra como “venenos”, outra como “corantes”, outra como “drogas” (mas aqui no sentido mais restrito do termo)... Entretanto, na medida em que uma substância química qualquer presta-se, real ou potencialmente, a uma multiplicidade

¹³O Cebrid é uma importante referência no debate acerca das “drogas”. O “livreto informativo sobre drogas psicotrópicas” do Cebrid (de onde vêm informações e citações) está na sua sexta edição e já conta com mais de 351 mil exemplares impressos publicados e distribuídos, sendo que essa sua última edição (2012) foi distribuída para alunos de ensino médio nas 27 capitais do país. Disponível em: <<http://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/12/Livreto-Informativo-sobre-Drogas-Psicotr%C3%B3picas.pdf>>

de empregos pelos e nos corpos vivos, em vez de classes de substâncias, seria mais apropriado dizer que o que está em jogo são usos socialmente definidos, entre outros, como “terapêuticos”, “alimentares”, “gastronômicos”, “estéticos”, “recreativos”, “tóxicos” e/ou “ilícitos” de substâncias genericamente nomeadas “drogas”, agenciados inseparavelmente de esquemas nativos de avaliação (terapêutica, nutritiva, gustativa, estética, ética, etc.) das composições e doses requeridas e/ou toleradas. (VARGAS, 2001, p. 78)

É pertinente que “*as drogas sejam consideradas uma categoria complexa e polissêmica*” (VARGAS, 2008, p.41), que seus usos são ‘eventos’, que precisamos “*não perder de vista que a partilha moral entre drogas de uso lícito e drogas de uso ilícito é contemporânea*”, “*se precaver contra a naturalização da distinção entre drogas e fármacos*” e lembrar que “*as relações que a maioria das sociedades contemporâneas (especialmente as ocidentais) mantêm com relação às drogas (no sentido amplo do termo) estão longe da univocidade*” (Idem, 2008, p.55).

É inegável, porém, que o uso atual mais corriqueiro desse termo está atrelado a um tom pejorativo (que droga!) e àquelas substâncias proscritas que são objeto de repressão – por parte do Estado, de grupos sociais e de amplos contingentes da população – e, portanto, participam de um circuito do ilegal, do ilícito, e/ou das margens. Nesse sentido pesquisadorxs brasileiros sugerem que o termo ‘droga’, por já ter essa grande carga pejorativa, deve ser evitado e revisto de maneira crítica – propõem o uso de ‘psicoativos’, ‘psicotrópicos’, ‘enteógenos’, entre outros, dependendo do contexto. Essxs pesquisadorxs, que compõem o campo de conhecimento que se autodenomina ‘antiproibicionista’, partem da crítica ao paradigma da abstinência como algo necessariamente desejável, afirmam constantemente o uso de psicoativos como parte secular da existência humana olhando e refletindo, em grande parte, para suas potências. Também apontam a guerra às drogas como uma estratégia ineficiente para diminuir os consumos e que, como toda política de guerra, é violenta e assassina, além de dificultar o cuidado e proporcionar uma ampliação de danos para as pessoas que usam substâncias ilícitas.

Nesta dissertação, que se reconhece no antiproibicionismo e tem seus autores como referências, faço a opção de usar o nome popular do psicoativo de acordo com o contexto em questão – como “crack”, “*pedra*”, “*bloco*”, “*birico*”¹⁴ no caso da cocaína fumada na *Cracolândia*. Não haverá, porém, restrição para o uso do termo ‘droga’ ao longo desta dissertação por compreender que a reflexão que acabou de ser feita já mostra a amplitude de sua compreensão: não somente como as que hoje são proibidas, mas também as que são

¹⁴ *Pedra e bloco* são formas nativas de se remeter a um quadrado de cerca de um centímetro cúbico de crack que, por sua vez, podem ser transformados em vários *biricos*, que são lascas e pequenos pedaços de crack – forma muito importante para circulação de mercadorias no território em questão.

vendidas nas farmácias, nos bares, tabacarias ou mesmo os ‘alimentos-drogas’, como chá, café, açúcar, chocolate, etc. Outro elemento que me levou a fazer a opção de, depois de tal ressalva, continuar usando o termo ‘droga’ é que me parece mais eficiente, inclusive para o antiproibicionismo, tentar revalorizar esse termo ao invés de tentar convencer as pessoas de que não se deve usá-lo por ter uma carga pejorativa. A exemplo do movimento negro e do movimento LGBTTT, que revalorizam termos utilizados de forma pejorativa para se autoafirmar e assim vêm obtendo êxito na absorção de suas pautas e demandas pelos coletivos humanos ocidentais, me parece possível, ao propor a positivação do termo ‘drogas’, contribuir para um olhar positivo, ou menos negativo¹⁵, sobre xs usuárixs.

O termo usuária(o) também não é consensual, sendo criticado por pesquisadorxs, trabalhadorxs e ativistas que apontam a importância de afirmar que as pessoas que estão na *Cracolândia*, por exemplo, são diversas outras coisas além de usuárias de crack. Se assumir usuárix de drogas, por outro lado, tem se tornado uma questão importante para setores do movimento antiproibicionista que, cada vez mais, positivam e legitimam esse lugar de fala: “*nada sobre nós, sem nós*” – como afirma a Rede Latino Americana de Usuários e Usuárias de Drogas (Lanpud) e outras organizações e entidades de usuárixs que vêm sendo construídas e difundidas. Uso, ao longo desta dissertação de mestrado, o termo ‘usuárix’ (de crack e/ou outras substâncias) de modo a colaborar com a construção da legitimidade de tal lugar social que, do meu ponto de vista, é um dos mais relevantes para construir conhecimento sobre o crack, a *Cracolândia*, a Redução de Riscos e Danos (RRD) e os movimentos de resistência, como a *Craco Resiste* – não sem o constante apontamento que as pessoas também são diversas outras coisas além de usuárias de drogas. Como na aposta da revalorização do termo “droga”, acho importante o esforço no sentido de positivar e legitimar xs usuárixs de drogas. Esta é uma reivindicação atual de organizações antiproibicionistas¹⁶, e também uma prerrogativa da ética da RRD que xs aponta como grandes detentorxs de conhecimento sobre as substâncias, além dxs mais importantes formuladorxs e difusorxs de cuidados. Afinal, são elxs que estarão constantemente nos momentos e locais de uso para poder interferir na reprodução das práticas que reduzem os danos e os riscos dos usos de drogas.

Disputas em torno de termos e valores que circundam as questões das drogas não são de hoje. A “temperança” – termo importante para reflexões acerca da RRD por negar a

¹⁵ Determinados coletivos humanos, como na *Cracolândia* e em alguns Coletivos Antiproibicionistas, “drogas” ou “droguinha” já carregam, em alguns momentos, valorização bastante positiva.

¹⁶ Exemplos de organizações antiproibicionista que trabalham no sentido de legitimar x usuárix: a própria *Craco Resiste*, o Coletivo DAR, a Lanpud, a Marcha da Maconha e o Movimento Feminista Antiproibicionista.

abstinência –, por exemplo, foi uma virtude da alma para Platão; foi apropriada pelo cristianismo como uma das sete virtudes desenvolvidas por São Tomás de Aquino; deu nome ao movimento religioso que conseguiu a aprovação da Lei Seca nos EUA em 1919 (conhecido como movimento pela “temperança”); mas também foi mote antiproibicionista de expoentes de religiões reformadas que lançaram a “*Associação pela Verdadeira Temperança*” em 1914 (CARNEIRO, 2008, p. 74-75). Carneiro explica, ainda, como surge a noção moderadora de temperança:

A noção moderadora da temperança deriva da noção médica hipocrático-galênica da teoria dos humores, em que as temperaturas governam os temperamentos. O tempero adequado produz o temperamento equilibrado. Para isso, é preciso resistir às tentações, que são sempre solicitações sensuais da carne, especialmente a gula e a luxúria, mas também a preguiça, ou seja, os pecados, que representam o oposto das virtudes e corporificam os vícios. Para “sair da carne, permanecendo no corpo” como dizia Cassiano, é preciso domar, moderar, temperar as solicitações sensuais, mas não aboli-las. Com a abolição da tentação não haveria o mérito da resistência. (Ibid., p. 74)

Escohotado, importante referência para a história das drogas, observa que o termo usado entre os gregos, para o que chamamos de drogas, era “Phármakon”: aquilo que compreende, ao mesmo tempo, remédio e veneno (ESCOHOTADO, 1998, p. 9). A potência desse conceito grego é a possibilidade que ele abre para falar sobre as dualidades [e multiplicidades] das agências das coisas no mundo ou, segundo a preferência, as controvérsias dos “objetos sócio-técnicos” (LATOUR, 2011). Essa reflexão movida pela dualidade do “Phármakon” é significativa para esta dissertação que aposta na potência de olhar as múltiplas possibilidades das diferentes coisas em seus contextos, afinal, não só as drogas podem ser remédio e/ou veneno, dependendo de quem, onde e como são utilizadas. Do ponto de vista do cuidado uma mesma ação também pode ser experienciada como remédio ou veneno, cuidado ou agressão, dependendo de como, para quem e em que contexto foi construída. Uma mesma proposta, seja rezar, seja oferecer maconha, por exemplo, pode ser compreendida como violência ou gentileza: a depender do indivíduo, de seu momento, do contexto e de uma gama complexa de questões que se relacionam. É exatamente por isso que a Redução de Danos (RD) “trata-se de uma postura ética diante da vida, do trabalho, do cuidado” (PETUCO, 2011, s/p) e não de um conjunto de procedimentos. As diversas valorizações que uma mesma ação e/ou substância podem ter, já que são remédio e veneno ao mesmo tempo, é o maior desafio e a maior potência da prática proposta pela RRD onde, como aponta Petuco em *Redução de Danos: das técnicas à ética do cuidado*:

Redutores não decoram fórmulas prontas. Se assim fizerem, serão meros “trocadores de seringas”, mesmo que não as ofereçam em seu cotidiano. O diferencial não reside em um cardápio de estratégias, mas na capacidade de operar de modo não prescritivo, não colocando a abstinência como único objetivo. Esta Redução de

Danos de “terceira geração¹⁷” da qual falei apresenta-se como ponto de partida, compromisso ético, estético e político, e não como um guia preciso, roteiro fechado, receita de bolo, nem como uma partitura de ações sanitárias, mas como um chamado ao compromisso. Não pretendi tornar as coisas mais fáceis. O que proponho, enfim, é um compromisso. Assumi-lo não facilita em nada o trabalho: apenas o torna mais potente (PETUCO, 2014, p. 146).

A palavra “droga” tem sua origem do holandês antigo “droog”, que faz referência a “*barris de coisas secas*” (COROMINAS, 1954, p. 196; VARGAS, 2006, p.42; CEBRID, 2012). Henrique Carneiro, professor da USP especialista em história das drogas e dos alimentos, aponta a centralidade das drogas na constituição de ciclos comerciais, se referindo a elas como “*mercadorias máximas*” que consolam, anestesiavam e geram lucros, muitos lucros:

Ao menos três grandes ciclos comerciais se constituíram em torno do tráfico de drogas. O primeiro deles, o das especiarias, no século XVI, foi responsável pela era das descobertas marítimas e forjou a própria palavra droga, da denominação em holandês para os produtos secos do ultramar. O segundo, baseado na produção e no comércio do açúcar, da aguardente e do tabaco, marcou a formação do sistema colonial desde o século XVII e montou a economia atlântica, baseada no tráfico de escravos e das drogas por eles produzidas nas plantations americanas. O terceiro ciclo, o das bebidas quentes e excitantes, desde o século XVII mas, especialmente, desde o XVIII, desequilibrou a balança comercial inglesa com a Ásia, devido à crescente compra de chá, o que provocou, no século XIX, as duas guerras britânicas contra a China, chamadas de guerras do ópio, que visavam substituir os pagamentos em prata pelo chá, por pagamentos em ópio. Do início para o final do século XVIII, a Europa passou de um consumo anual de 1 para 54 milhões de quilos de café, de 1 para sete milhões de quilos de chocolate e de 500 mil quilos de chá para 20 milhões. (CARNEIRO, 2004 p.1-2)

Para situar as drogas na sociedade que as produziu parece imprescindível caracterizá-las, também, enquanto mercadorias com um potencial lucrativo gigantesco: a Ambev (AMERICA'S BEVERAGE COMPANY, 2017) é uma das maiores empresas brasileiras, com receita líquida, em 2016, de R\$ 45,6 bilhões. No mesmo ano, a indústria farmacêutica brasileira faturou R\$ 85,35 bilhões (G1, 2017) – sendo que os medicamentos que geraram mais receitas foram analgésicos e antidepressivos. E o comércio de cocaína? Não sabemos a resposta, porque, sendo proibida, tudo passa pelo mercado ilegal. Mas, com certeza, é uma quantia alta a ponto de mobilizar políticos e helicópteros – como no caso do helicóptero de um

---

¹⁷Denis Petuco em “*Mais substância para o trabalho em saúde com usuários de drogas*” (2014) aponta que o 5º Encontro Nacional de Redutores de Danos, em 2004, é o terceiro nascimento da RD porque foi aí que essa perspectiva de cuidado como ética e não como um conjunto de procedimentos foi firmada: “os redutores brasileiros nunca se limitaram às trocas de seringas ou à prevenção e o tratamento da Aids. Percebiam que eram protagonistas de uma pequena revolução: a invenção de uma nova ética do cuidado dirigido a pessoas que usam álcool e outras drogas” (PETUCO, 2014, p. 140).

deputado de Minas Gerais que foi interdito pela PF (Polícia Federal) com 450 quilos de cocaína em 2013 (BALZA, 2013)¹⁸.

Do ponto de vista do mercado dificilmente temos algo mais vantajoso que as drogas. Bens materiais geralmente têm limites, afinal, comprar uma dúzia de geladeiras é exacerbado até para alguém muito consumista; até os bens de consumo como os alimentos, que são mercadorias de consumo diário, têm um limite físico de quanto se aguenta comer. Os limites dos psicoativos, porém, são bem mais flexíveis. O tabaco é um bom exemplo: a quinta edição do Tobacco Atlas (2014) estima que 5,8 trilhões de cigarros foram consumidos em todo o mundo em 2014. Se dividirmos este número de cigarros consumidos pelos 7,2 bilhões de habitantes estimados na terra em 2014 (ou seja, incluímos todos na conta, inclusive crianças e idosos) o resultado é mais de 805 unidades per capita no ano em questão. O historiador Henrique Carneiro, que também aponta as drogas como “*fetichismo supremo*”, lembra que isso significa que elas não são supérfluas, em especial em situações de penúria extrema:

O sentido das drogas como mercadoria suprema, prezadas como substâncias do máximo valor coloca em xeque a noção aparente do supérfluo, pois a gradação de desejo que as mercadorias suscitam decorre de uma valoração subjetiva da necessidade, fenômeno que evidencia-se na descrição de Laura de Mello e Souza, no primeiro volume do História da Vida Privada no Brasil, da difícil situação do presídio do Iguatemi, no caminho de Cuiabá, na época colonial, onde, assolados pela fome, pela doença e pelos índios, num toque curioso, a lembrar que, mesmo no coração da tragédia, persiste a necessidade humana do prazer e do supérfluo, os homens ansiavam por tabaco, que não havia. Alguns descascavam os arcos de alguns poucos barris, e pitavam-nos; outros fumavam congonha, “os que tomavam tabaco em pó se viam desesperados pelo não terem”. Tal passagem mostra um fato recorrente, especialmente em situações de penúria extrema, em que drogas consolam mais do que alimentos. (CARNEIRO, 2004, p. 2-3)

O uso de substâncias para alterar a consciência acompanha a história da humanidade (ESCOHOTADO, 1998; NERY FILHO, 2009; SCHULTES & HOFMMAN, 2000; CARNEIRO, 2002; PETUCO, 2011; RAUPP, ADORNO, 2011) e, para cada coletivo, no limite para cada ser, esses usos têm sentidos diferentes, como religioso, mágico, curativo, recreativo, etc. Edward MacRae, antropólogo, professor da Universidade Federal da Bahia

¹⁸ Em 24 de novembro de 2013 a PF interceptou em Minas Gerais (MG) um helicóptero com 450 quilos de cocaína que é de uma empresa do Gustavo Perrella (deputado estadual de MG pelo partido Solidariedade, filho do senador Zezé Perrella). Horas antes da apreensão o helicóptero parou para abastecer na fazenda da família do Aécio Neves, mas nem ele e nem o Gustavo Perrella (proprietário do helicóptero) foram citados na denúncia à justiça, só foram citados e interrogados pela justiça o piloto, o copiloto e os dois carregadores que estavam no flagrante, mas mesmo eles responderam em liberdade e até hoje ninguém foi preso – algo bastante contrastante com a realidade da *Cracolândia* onde as pessoas são presas cotidianamente com poucas gramas. O dono do helicóptero, Gustavo Parrella, é secretário de futebol do atual governo federal (gestão Temer). Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/11/25/pf-apreende-450-kg-de-cocaina-em-helicoptero-da-familia-perrella.htm>>. Acesso em 18 ago 2017.

(UFBA), teve suas reflexões influenciadas pelo médico Norman Zinberg¹⁹, psiquiatra norte-americano que escreveu o livro “*Drug, set and setting*” (1984). Como MacRae é uma referência para grande parte da produção nacional sobre o assunto, esse livro é referência praticamente obrigatória para as pesquisas sobre drogas na antropologia e demais ciências sociais. Zinberg afirma que o efeito de qualquer psicoativo não depende apenas da substância, mas também do “set”, que é como o sujeito se encontra psicologicamente no momento da experiência (incluindo sua personalidade e expectativa) e o “setting”, que é o local em que o sujeito se encontra: não apenas o ambiente geográfico, mas também o sócio-cultural em que o indivíduo e a substância estão inseridos (ZINBERG, 1984; MACRAE, 1992, p. 17).

A concepção da existência dessa tríade inter-relacional composta por sujeito, substância e contexto (“Drug, set and setting”) se tornou um marco para os estudos sociais com psicoativos e para a perspectiva da Redução de Riscos e Danos (RRD). Ela tem um importante papel analítico para a complexidade da reflexão em torno dos usos. É preciso, porém, não perder de vista que essas dimensões não são estáveis ou limitadas de forma clara: elas se entrecruzam, se influenciam e se transformam reciprocamente. Nos debates entre a rede de atenção para usuárixs de álcool e outras drogas é comum a afirmação de que a ação de cada psicotrópico depende, pelo menos:

do tipo da droga, da via de administração, da quantidade da droga, do tempo e da frequência de uso, da qualidade da droga, da absorção e da eliminação da droga pelo organismo, da associação com outras drogas, do contexto social bem como das condições psicológicas e físicas do indivíduo.²⁰ (CEBRID, 2012)

Mesmo que já façam mais de 30 anos que Zinberg apontou a necessidade de situar quem, como, onde, porque, com quem, etc. quando pensamos o efeito de um psicoativo, assim como a necessidade de estarmos atentos para as múltiplas possibilidades de associações entre essas questões, esse apontamento ainda precisa ser reforçado, dado que as questões em torno do uso de drogas [ainda] colecionam comentários conservadores até entre os círculos críticos e/ou militantes da intelectualidade – como explicita a já citada dissertação de mestrado de Delmanto (2013) intitulada *Camaradas caretas: drogas e esquerda no Brasil após 1961*. A importância dos outros elementos na determinação da experiência, para além da

¹⁹MacRae confirmou no congresso da Abessup (2015) a importância e influência desse livro no seu pensamento. Ele também relatou que chegou à essa literatura através de um acaso: encontrou o livro (que é de 1984) em um sebo enquanto viajava pela Europa, o comprou e, assim, este livro e seus conceitos viraram referência para grande parte das formulações sobre drogas nas ciências sociais do Brasil.

²⁰Tal formulação é muito reproduzida (geralmente sem referência) e já tinha sido apontada em 1986 no *Drug dependence and alcohol-related problems - a manual for community health workers with guidelines for trainers*, de autoria do Grupo Consultivo da Organização Mundial de Saúde (1986).

substância, é fundamental para uma compreensão complexa do assunto em questão. O momento de vida da pessoa também é definidor da experiência: o uso de uma substância em um momento de tristeza e/ou perda levará a uma experiência distinta se comparado ao uso em um momento de alegria e/ou comemoração, mesmo que seja usada a mesma quantidade de substância, pela mesma pessoa, no mesmo lugar e com as mesmas companhias.

A experiência do primeiro *trago* em uma *pedra* de crack também pode ser vivenciada de formas muito diferentes, de acordo com relações múltiplas e complexas entre o contexto, a pessoa e a substância. Ygor Alves foi um dos pesquisadores que tornaram esta tese explícita ao optar metodologicamente por usar crack com seus sujeitos de pesquisa (ALVES, 2015), sendo que não fez mais uso depois que acabou a coleta de dados para sua pesquisa e não vivenciou a experiência da dependência. A convicção do vício no primeiro *trago*, porém, é muito compartilhada, inclusive por usuárixs que relatam [e vivem] essa experiência. É verdade, também, que grande parte dxs usuárixs de crack com quem já troquei experiências e impressões contam que fizeram uso por um tempo considerável, muitas vezes por anos, antes de se considerarem em um uso problemático – há usuárixs de crack, inclusive, que afirmam não fazer um uso problemático. Paulo Cesar Teixeira Leal, mais conhecido como Paulinho, que morou por dez anos na *Cracolândia*, fez uso de crack por dezesseis anos e está há três anos e meio sem fazer uso de drogas ilícitas, trouxe outro ponto de vista ao tecer comentários sobre esta dissertação de mestrado²¹:

No primeiro trago se percebe a dependência, se a pessoa tem uma pré-disposição. Nem todo mundo que usa necessariamente vai ser viciado. Mas aqueles que são viciados e não sabem a primeira vez que usa descobre. É meu ponto de vista como ex-usuário crônico. Eu me habituava muito facilmente com todo tipo de droga. E eu tinha resistência: se cinco pedras te mata pra mim não faz nem cócegas. O dependente é isso, tem uma resistência muito grande, suporta mais, aguenta mais o álcool. A única droga que não consegui me envolver foi a maconha. Porque ela me deixava lento, não tinha raciocínio, não pensava só queria dormir. O crack e a cocaína me deixavam rápido, foi com elas que me apaixonei e casei. Depois ela me traiu e eu me divorciei dela. Ou eu trai ela, não sei. Não rola nem um namoro de vez em quando. Cortei na essência, o álcool, a cocaína e o crack. A maconha eu já não usava. Só o tabaco eu não consigo, não consigo porque não faz tanto mal pra mim, é uma distração. (LEAL, comunicação oral, agosto de 2017)

Juízos de valor depreciativos sobre os usos de drogas, que podem colaborar para a difusão de concepções como do vício no primeiro trago, têm relação íntima, mesmo que não única, com os saberes e práticas biomédicas vigentes:

Viu-se que, genericamente, a categoria “drogas” envolve uma variedade de sentidos que apontam, de um lado, para um conjunto incrivelmente vasto e diversificado de substâncias e de modalidades de uso e, de outro, para juízos de valor, geralmente

²¹ No dia primeiro de agosto de 2017 o Paulinho passou a tarde toda tecendo contribuições para esta dissertação de mestrado. Além de autorizar o uso de seu verdadeiro nome ele se afirmou contemplado pelo capítulo 6.3.1 que contextualiza a Redução de Danos (RD) a partir de suas formulações e experiências.

depreciativos, cujos fundamentos devem ser buscados, principalmente, mas não exclusivamente, nos saberes e nas práticas biomédicas vigentes. (VARGAS, 2001, p. 82).

Maurício Fiore aponta que o predomínio biomédico resultou numa “partilha epistemológica” (FIORE, 2013, p.6), que Vargas chama de “repartição intelectual do trabalho” (2001, p. 131, 505), onde as ciências biológicas e da saúde ficariam mais restritas à reflexão sobre “*a ingestão de substâncias que agem de formas mais ou menos conhecidas no organismo humano – portanto, nessa partição, um fenômeno objetivamente bioquímico*”, enquanto às ciências sociais caberia:

(...) tudo aquilo que envolvesse (no sentido literal do termo, “estar em volta de”) o consumo de drogas, sejam os seus aspectos socioculturais, sejam as suas causas e consequências sociais imediatas, como o tráfico e a violência. Na rubrica aspectos socioculturais, inclui-se fatores relacionados ao consumo, mas não ele próprio, já que as drogas seriam um objeto sob o qual as ciências biológicas e da saúde têm a primazia epistemológica (...). (FIORE, 2013, p. 6).

A preponderância de um olhar depreciativo e mais focado nas ciências biomédicas para as drogas gerou uma reação da literatura antropológica que, por necessidade de responder a essa compreensão extremamente “naturalizante” do senso comum e dessa literatura, concentra-se, muitas vezes, em afirmar o lado “social” da questão. Nesse sentido, a diversidade das vivências existentes entre xs usuárixs da *Cracolândia* também já foi ponto importante de algumas pesquisas etnográficas, como explicitado no trecho a seguir:

Taniele Rui (2012), em sua tese de doutorado, já alertou que a apreensão das distintas experiências individuais deve ser investigada junto àquilo que faz dessa uma experiência social, ou seja, que é necessário, para bem compreender o que aí se passa, por, em íntima correlação, as diversidades individuais e as invariantes. Gomes e Adorno (2011) mostraram a partir dos casos de Vejota, Oseias e Shirley, que se há diferentes usuários de crack, há também diferentes usos do próprio espaço da *cracolândia*. Em suma, trata-se de textos e proposições complementares que nos permitem afirmar que, ainda que agrupadas em torno do consumo e comércio de crack, as pessoas não estão no local fazendo as mesmas coisas, nem com o mesmo objetivo e menos ainda consumindo a droga com semelhante intensidade. (ADORNO et al., 2014, p. 91)

Essa perspectiva, muitas vezes, se legitima por expor a multiplicidade de possibilidades de relações que as pessoas têm com o uso de crack. Selma Lima da Silva, autora de pesquisa etnográfica sobre mulheres na *Cracolândia* (SILVA, 2000), em seu doutorado reflete sobre o uso controlado de crack a partir de entrevista com diferentes usuárixs de Lisboa e de São Paulo, concluindo que:

No grupo estudado, observei a construção de estratégias/conhecimentos relativos ao modo de usar a substância de maneira a não sentir ou diminuir os efeitos adversos e indesejados, aproveitar ou intensificar os efeitos desejados; o que caracterizaria, segundo BECKER (1977), uma cultura da droga. Pelos relatos dos atores envolvidos

nesta prática, notei que existe uma diferenciação entre os usos, ou seja, existem vários usos; e o que os diferencia são características pessoais, de classe, gênero e, fundamentalmente, estarem ou não socialmente protegidos. Nessas circunstâncias, posso dizer que o limite entre o uso privado e o uso público será um peso a mais na situação de tornar-se ou não um “usuário de crack”. (SILVA, 2017, p. 196)

Mesmo as pesquisas antropológicas, porém, apontam que elementos de cunho pessoal são relatados como motivação para intensificar o uso de crack:

Diante da constância dos elementos íntimos, chamou nossa atenção esse tipo de justificativa que ancora o consumo de crack (ou sua intensificação) não em fatores sociais (ao contrário do que pensamos encontrar), mas em episódios privados e subjetivos, as consideradas dores profundas, amargores. Entretanto, como se trata de um dizer coletivo e reiterado sobre o assunto, nos ocorreu pensar que estávamos diante do processo de quando o sofrimento se torna social. (ADORNO et al, 2014, p. 94)

De fato, muitas das pessoas que vivem na *Cracolândia* relatam um “mito de origem” de sua entrada para uma vida mais desorganizada – é importante a reflexão, porém, de que “os motivos que os levaram para lá não são os mesmos que os fizeram permanecer” (RUI, 2014, p. 139). Embora usassem drogas antes, contam alguma experiência que marca o momento que o uso se torna uma questão central para a organização do cotidiano, ou mesmo um marco para a entrada dx usuárix na vida em situação de rua. Nas palavras de Sivuca, que é músico e atualmente faz uso de crack na *Cracolândia*:

A maioria está aqui por uma desilusão amorosa. Eu também. Quase tudo o dinheiro compra, com dinheiro ou pedra se compra roupa, comida, sexo, companhia... mas amor não. E amor é o motivo de muitos estarem ali, seja da família, dos filhos, da mulher (...) (Caderno de Campo, julho de 2015)

O quanto estar na *Cracolândia* usando crack se resume às “restrições sociais estruturais”, ou quanto passa por questões individuais? É verdade que quem lá vive, via de regra, teve sua vida recheada de restrições sociais estruturais, sendo a grande maioria negra e egressa do sistema prisional. Mas também é verdade que tem gente de todos os tipos, classes e cores ali, e que boa parte da população da cidade é pobre e com inúmeras restrições sociais estruturantes e, mesmo assim, a imensa maioria não vai para a *Cracolândia*. Em 1998 o Edward MacRae já aponta esta questão como uma pergunta mal formulada em seu artigo “*Abuso de drogas: problema pessoal ou social?*”:

Ao pensar em responder à pergunta acima, constatamos que ela é mal formulada por enfatizar excessivamente a dicotomia pessoal/social em relação à questão das drogas. Seria melhor pensar nesses termos como extremidades de um contínuo e não como entidades distintas. Em outras palavras, aquilo que afeta a sociedade inevitavelmente tem suas repercussões a nível individual e vice-versa. Da mesma forma que o indivíduo deve apoiar, respeitar, defender e se empenhar pelo aprimoramento da organização social da qual participa, esta também tem a responsabilidade de zelar pelo seu bem-estar, sempre cuidando de proteger a sua liberdade. (MACRAE, 1998, p. 1).

Eduardo Viveiros de Castro, no mesmo sentido de MacRae, pensando mais em redes do que em um contínuo com extremidades, sugere a multiplicidade deleuziana como a superação desta “alternativa infernal”:

A multiplicidade deleuziana é o constructo que melhor parece descrever não só as práticas contemporâneas de conhecimento antropológico como os fenômenos de que elas se ocupam. Seu efeito é, antes de tudo, liberador. Ele consiste em fazer passar uma linha de fuga por entre os dois dualismos que formam como as paredes da prisão epistemológica em que a antropologia se acha encerrada (para a própria proteção, bem entendido) desde sua inepção: Natureza e Cultura, de um lado, Indivíduo e Sociedade, do outro, os “quadros mentais últimos” da disciplina, aqueles que não podemos pensar que estão errados porque é através deles que pensamos. Não podemos? Pensamos? As coisas mudam, e com elas as possibilidades de pensamento; muda a idéia do que é pensar, e do que é pensável. O conceito de multiplicidade talvez só tenha se tornado, antropológicamente, pensável — e portanto, pensável antropológicamente — porque ingressamos em um mundo não-merológico e pós-plural, um mundo em que jamais fomos modernos: o mundo que deixou para trás, por desinteresse antes que por sublação, a alternativa infernal entre o Um e o Múltiplo, o grande dualismo que preside aos dois dualismos supramencionados, e a múltiplos outros. (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p.97)

Eduardo Vargas também reflete sobre tais questões e, no mesmo sentido de fugir desta “alternativa infernal”, aponta que o uso de drogas pode ser pensado como um ‘evento’:

E em que medida é possível e adequado considerar a ‘onda’ como um evento? É que, como todo evento, esse também tem de ser feito, vale dizer, minuciosamente fabricado e realizado; ainda como todo evento, seus resultados são imprevisíveis e, de um modo ou de outro, escapam àquilo que os condicionam e introduzem alguma surpresa, diferença ou alteração. Ainda como todo evento, a ‘onda’ é algo que passa, que se passa. E o que (se) passa com a ‘onda’ é um ‘estalo’, uma ‘alteração’ da percepção, uma ‘fruição por outros estados de percepção’, uma ‘percepção intensa’, uma ‘intensificação da percepção’, ‘uma maior intensidade de percepção da vida’, uma alteração que faz que os momentos sejam vividos ‘intensamente’, já que ‘a vida só vale a pena se for vivida intensamente’, como se ouve entre usuários.

(...)

Quem é então o senhor do ‘barato’, da ‘viagem’, da ‘onda’? O indivíduo, a sociedade, o organismo, a coisa? Nenhum deles, parece-me, pois a ‘onda’ não tem senhor nem servo, controlador ou controlado: ela ocorre ou não ocorre, ‘rola’ ou não ‘rola’. Ela é da ordem do evento. (VARGAS, 2006, p.591-592 e p. 603)

A partir de tais reflexões e com referência nas trilhas deixadas por MacRae, Gilberto Velho, Rubens Adorno, Taniele Rui, Selma Lima da Silva, Eduardo Vargas e Maurício Fiore, tento, nessa dissertação:

analisar as drogas sem restringir-me ao que seriam seus “efeitos objetivos” e o que seriam seus “significados sociais”. Substâncias existem por inteiro, desde a forma como são e aparecem no mundo como nas alterações neuroquímicas que produzem nos indivíduos. Ao assumir essa perspectiva, podemos criar um campo de discussão com as ciências biológicas e da saúde sem que seja relegado às ciências sociais os “aspectos socioculturais” do uso de drogas. Ao assumir essa perspectiva, podemos criar um campo de discussão com as ciências biológicas e da saúde sem que seja relegado às ciências sociais os “aspectos socioculturais” do uso de drogas.

Se é verdade que Becker e os estudos que seguiram a tradição plantada por ele admitiam que há um efeito objetivo das substâncias, como ataca Gomart, foi justamente mantendo esse parâmetro estável que hoje somos capazes de desconstruir

o consumo de drogas com um fato objetivo: a absorção de uma substância purificada por um humano genérico. (FIORE, 2013, p. 200)

Digo que é uma tentativa porque considero estas reflexões tão necessárias quanto difíceis e, assim como Bourgois em sua etnografia na cena do crack em Nova Iorque:

Em numerosas ocasiões me surpreendi a mim mesmo recorrendo ao estruturalismo mais rígido como método para afastar a vista das pessoas que se auto destruíram em sua luta para sobreviver. (BOURGOIS, 2015, p. 47)

2.2 Um pouco da Carreira da Cocaína

Liberdade? Eu não tenho liberdade. Eu acho que não. Eu tô preso aqui na cracolândia. (E eu não sou usuário de crack. Eu cheiro cocaína e bebo cachaça).
Tenho família, 2 filhos, casa. E resolve vir pra cá.
No trabalho também estava preso. Escutava e não podia falar.
(Ivan)²²

A carreira da cocaína começa na folha da coca. Segundo um artigo da revista brasileira de psiquiatria:

O nome coca deriva de uma palavra aimará, “khoka”, cujo o significado seria “a árvore”. Para os incas, a planta era sagrada, um presente do Deus Sol (Inti), relacionada à lenda de Manco Capac, o filho do sol, que desceu do céu sobre as águas do lago Titicaca para ensinar aos homens as artes, a agricultura e para presentear-lhes com a coca. Até a chegada dos espanhóis à América, seu uso era privilégio da nobreza Inca. No período colonial, porém, o consumo entre os índios se popularizou, apesar da oposição da igreja católica. No Norte do Brasil, também é chamada de epadu. Muitas tribos da Bacia Amazônica, na região fronteira entre Venezuela, Colômbia e Brasil, mantêm o hábito de mascar o “epadu” ou “ipadu” como forma de preparo das folhas torradas de coca misturadas com elementos alcalinos, transformadas em pó e agrupadas em pequenas bolinhas. Os homens e as mulheres mais idosos, principalmente da tribo dos Tucanos, ingerem o pó várias vezes ao dia, utilizando colheres de osso. Além do valor nutritivo, esses indígenas buscam o bem-estar e a ação euforizante que fazem parte de seus cotidianos. Esse uso está intimamente integrado à cosmovisão dessas tribos. Assim, a palavra que designa a coca, “ahpi”, também denomina leite, leite materno, via láctea, e o próprio nome da nação indígena habitada pelos índios Tucanos. (FERREIRA & MARTINI, 2011, p. 1)

O pé de coca é um arbusto de um a três metros de altura aproximadamente, resistente a pragas e possui flores brancas e frutos roxos. Suas folhas são ovais e possuem várias substâncias aromáticas, além de uma resina perfumada. É capaz de dar várias colheitas em um ano, fica ativa economicamente por quase trinta anos e começa a produzir após um ano e meio do plantio (MUAHAD, 2011, p. 468). Em um primeiro momento a coca era vista com desconfiança pelos colonizadores do novo mundo, pois era associada aos indígenas que, para eles, eram decadentes (GOOTEMBERG, 2003, p.18-20), mas em 1860 o princípio ativo da planta foi obtido por Albert Niemann que o nomeou cocaína (TOCARTO, 2016, p. 52) e, a partir de então, suas formas de uso e valorizações se diversificam.

²² Poema de Ivan escrito em “É pra mim não passar em branco” – livro do Projeto Oficinas (2016, p.101).

A cocaína, que é a substância em destaque nessa pesquisa, é um ótimo exemplo de como o efeito de uma droga depende de diversos fatores, afinal, além do uso milenar tradicional desse “*presente do Deus Sol*”, ela já foi remédio vendido em farmácia inclusive para crianças (TOCARTO, 2016, p.229-230), componente da fórmula do “Vinho Mariani”, vinho favorito do Papa Leão XIII (ESCOHOTADO, 1998, p.447), e parte da fórmula secreta de um dos maiores ícones contemporâneos do consumo: a Coca-Cola (FERREIRA; MARTINI, 2001, p.3).

Figura 2 - cocaína como drops para tratar dor de dente de crianças. Lloyd Manufacturing Co. Albany, NY. 1885.

Figura 3 – Cocaína Midy, anúncio na *Gazeta Médica* de São Paulo, 1910. Cocaína legal vendida em farmácias brasileiras para tosses, laringites e anginas.

Encontra-se no Brazil em todas as pharmacias

Tratamento das Doenças do Estomago

ELIXIR VIRENQUE

à COCAINA - PEPSINA e DIASTASE

A Cocaína alivia as dores de Estomago e actua como tónico sobre a economia geral. A Pepsina e a Diastase facilitam a digestão do bolo alimentar completo.

GASTRALGIAS | NEVROSES ESTOMACAES | FASTO | CONVALESCENÇAS
DYSPEPSIAS | VOMITOS | DIGESTOES DIFFICEIS | FRAQUEZA GERAL

PARIS, 8, Place de la Madeleine. PHARMACIA VIRENQUE, 8, Place de la Madeleine, PARIS

Figura 4 – Anúncio do Elixir Virenque em *O Brazil Médico*. Revista Semanal de Medicina e Cirurgia. Anno XII, v. 1, 1º. De janeiro de 1989. Cocaína legal vendida em farmácias para dores no estômago

NOVEMBER 12, 1892. THE ILLUSTRATED SPORTING AND DRAMATIC NEWS. 331

MARIANI WINE

TONIC AND STRENGTHENER
OF THE
ENTIRE SYSTEM,
AND
RENOVATOR
OF THE
VITAL FORCES.

Specially Prescribed in Cases of
BRAIN EXHAUSTION,
NERVOUS DEPRESSION,
SLEEPLESSNESS,
NERVOUS DEBILITY,
CONVALESCENCE,
VOICE FATIGUE.

MINIATURE MODEL OF BOTTLE.

TESTIMONIALS.

MADAME SARAH BERNHARDT says: "VIN MARIANI has always largely helped to give me strength to perform my arduous duties."

M. CHARLES GOUNOD alludes to VIN MARIANI as "the admirable wine which has so often renewed me from exhaustion."

SIR MORELL MACKENZIE writes: "I have used the MARIANI WINE for years, and consider it a valuable stimulant, particularly serviceable in the case of travellers."

DR. LEONARD CORNING, author of "Brain Exhaustion," says: "MARIANI WINE is the remedy par excellence against worry."

DR. J. G. HAMMOND says: "Nothing repairs so promptly the hurtful effects of over-indulgence on the nervous system as MARIANI WINE."

DR. M. L. ROBERTS writes that "MARIANI WINE has just bridged me over a very critical period, after unusual strain."

DR. FINCH alludes to "its power to sustain and to feed the vital forces when the system is both mentally and physically overtaxed."

DR. FLEMING found VIN MARIANI "particularly efficacious during convalescence after fever, and for the relief of general debility, especially in the aged."

DR. W. H. FLINT certifies to its use having "materially aided in the re-establishment of appetite and the restoration of nervous energy."

DR. FOWLER, after an extensive trial, found MARIANI WINE "a very valuable adjunct in the treatment of nervous exhaustion."

DR. ROBERT GUERNSEY used MARIANI WINE largely "in convalescence from fever and general nervous debility with weakness of the heart's action."

MADAME ALBANI declares VIN MARIANI to be "invaluable in vocal fatigue."

DR. LINGARD, after several trials, found VIN MARIANI "valuable in restoring impaired vitality."

M. AMBROISE THOMAS asks permission to "sing the praises of MARIANI'S EXCELLENT WINE."

Sold by all Chemists and Stores in the United Kingdom, or will be sent, carriage free, by the Wholesale Agents, upon receipt of remittance, viz: For Bottle, 4s.; Half-dozen, 22s. 6d.; Dozen, 42s.

WILCOX & CO.
239, OXFORD STREET, LONDON, W.

Mr. MARIANI holds over 2,000 unsolicited Testimonials from Physicians who recognise the value of his Preparation.

N.B.—The Public are requested to ask for "MARIANI WINE" in order to avoid the substitution of imitations often worthless, and consequently disappointing in effect.

Figura 5 - Anúncio do Vinho Mariani, publicado em *The Illustrated Sporting and Dramatic News*, em 12 de novembro de 1892 – o favorito do Papa Leão VIII

Figura 6 - Comunicado atribuído a Coca-Cola sobre sua fórmula, no final do século XIX.

Karl Koller deu o primeiro passo para a anestesia local em 1884 quando descobriu que o olho humano se tornava insensível à dor com o uso de cocaína (FERREIRA & MARTINI, 2001, p. 3). A cocaína era vendida em cristais e podia ser dissolvida em álcool ou éter, sendo que sua aplicação mais comum era por injeções subcutâneas (da sua forma aquosa), como anestesia em procedimentos cirúrgicos que envolvessem boca, olhos, nariz ou órgãos genitais (TORCATO, 2016, p. 101-102). Segundo Escohotado, até seu uso como droga anestésica, essa planta era apenas considerada nutritiva e tônica, como o café, o mate e o guaraná (ESCOHOTADO, 1998, p.448). Petuco contribui com a construção da trajetória da cocaína no material didático chamado “*Uma breve história do cuidado dirigido a pessoas que usam álcool e outras drogas*” que foi formulado para o portal de formação a distância da Senad (Secretaria Nacional sobre Drogas, vinculada ao Ministério da Justiça):

(...) A cocaína, um dos princípios ativos da coca, foi isolada (...) em 1859, por outro alemão, o químico Albert Niemann. Antes disso, não existia a cocaína como conhecemos hoje, mas apenas as folhas de coca, ou os extratos naturais, como os vinhos de coca, que eram muito populares na época. A Coca-Cola, por exemplo, lançada em 1884, continha extrato de folhas de coca em sua fórmula original (isto começa a mudar no início do século XX, mas a Coca-Cola só se torna totalmente livre do extrato de coca em 1929).

(...) Mas voltando à cocaína, ela era utilizada como anestésico, como remédio contra a depressão e, pasmem, no tratamento da dependência de álcool e morfina!

(...) Cientistas e médicos importantes, como Sigmund Freud, defenderam essas ideias. Freud usava cocaína e era um entusiasta da droga, pois, segundo ele, havia

medicamentos eficientes para contrapor estados de elevada excitação, mas nada para combater a depressão. A cocaína seria um medicamento único e, em sua visão, extremamente importante e eficiente (FREUD, 2004, p. 115). (PETUCO, 2017, p. 18-19)

Segundo Carlos Eduardo Torcato é provável que, até sua descoberta como anestésico local, os extratos de coca, por suas qualidades, tenham sido usados em fórmulas que prometiam curar tudo que a classe médica oficial detestava (2016, p. 55). O autor também aponta que “na primeira metade do século XX, a coca mascada era um elemento associado ao atraso e à degeneração indígena, enquanto a cocaína era percebida como fruto benéfico da modernidade”, mas atualmente há uma inversão dado que se “entende a folha como uma tradição respeitável e a cocaína como vício intolerável” (TORCATO, 2016, p. 151).

Diferentes procedimentos podem ser feitos para extrair a cocaína da folha de coca. Irene Batista Muakad, em seu artigo para a Faculdade de Direito da USP, apresenta três deles: o processo que é feito nos laboratórios clandestinos; o feito nos laboratórios autorizados; e, um terceiro, que a autora chama de “processo tradicional de produção de cocaína pelos camponeses bolivianos”. Exponho, a seguir, o processo que é feito nos laboratórios clandestinos por ser o processo mais provável, entre os descritos pela autora, para a mercadoria que chega à *Cracolândia*:

A extração e o refino da coca é uma operação complexa e há vários processos, uns mais simples outros mais sofisticados, sempre com o objetivo da obtenção do sulfato e do cloridrato de cocaína. A técnica empregada pelos laboratórios clandestinos consiste em colocar 150 quilos de folhas secas de coca num buraco aberto no solo para serem maceradas com querosene; posteriormente esse produto é colocado em tanques e mergulhado em ácido sulfúrico para que seus alcalóides sejam acidificados e se formem seus sais, obtendo-se assim, os sulfatos de cocaína, hygrina e outros solúveis em água. O líquido é removido e tratado com substância alcalina, como por exemplo, o carbonato de amônio e, desta maneira, é obtida a cocaína base, solúvel em solventes orgânicos e insolúvel em água. Os solventes orgânicos empregados na obtenção da cocaína são voláteis e depois de algum tempo se evaporam ficando, a cocaína, sem odor.

(...)

Essa quantidade misturada com talco ou com outros produtos é multiplicada por 8 a 12 vezes, isto é, o quilo original de sulfato base e de hidrocloreto de cocaína é transformado em até 12 quilos, que é a droga vendida ao consumidor comum, embalada em pequenos sacos plásticos, os “sacolés” ou “papelotes”. (MUKAD, 2011, p.471-472)

Fiore aponta que os agenciamentos da cocaína inalada “são bastante ambíguos e fortemente relacionados aos aparatos subjetivos de cada sujeito”, sendo que um dos elementos desta ambiguidade está relacionado à “grande variação nos ingredientes do pó branco, às vezes um pouco amarelado, de biqueira para biqueira e de um mês para outro” (FIORE, 2013, p. 86). Essa variação também está apontada na citação acima que afirma que outros produtos são misturados para multiplicar em até doze vezes a quantidade de pó branco que chegará ao

consumidor comum. Por ser uma substância proibida inexistente qualquer tipo de controle sobre a mercadoria e usa-se diversas coisas que os usuárix não têm a intenção de ingerir: geralmente alimentos (como farinha de trigo), medicamentos (como aspirina e anfetaminas), anestésicos (benzocaína, lidocaína, procaína, etc) e estimulantes (principalmente cafeína), e especula-se, que até pó de vidro ou mármore sejam usados (FIORE, 2013, p. 88). Essas misturas, que aumentam o volume do pó, são uma ampliação de danos, tanto porque o usuárix sabe que não tem nenhum tipo de garantia sobre o que está aspirando e a desconfiança derivada disso também sugere o efeito (ibid., p. 89), quanto porque fica difícil para o usuárix criar um padrão de uso para controlar a quantidade que está inalando, podendo ter complicações, e até mesmo uma overdose, quando entra em contato com uma mercadoria *mais pura* (com menos mistura) e faz uso da mesma quantidade de pó branco que está acostumado, mas que na verdade tem muito mais cocaína.

Maurício Fiore em sua tese de doutorado *Usos de drogas: substâncias, sujeitos e eventos* explora os efeitos vivenciados por seus sujeitos de pesquisa sob efeito da cocaína inalada: fala do “se sentir foda”, a caracteriza como “uma droga do estímulo, da fala e da vigília”, que tem a capacidade de dar “brilho” às noites com sensação de força e autossuficiência, sendo que o álcool é apontado como uma substância que, frequentemente, acompanha seu uso (FIORE, 2013, p. 93). É uma droga que “não altera o que se vê no mundo, mas a sensação com a qual você está no mundo” (ibid., 2013, p. 94). O autor aponta, também, que há uma diferenciação da onda do pó e do momento de seu fim – quando sensações de tristeza são recorrentemente relatadas. As experiências, segundo Fiore, mudam conforme o momento da vida do usuárix e podem ser vivenciadas de forma ambígua – lhe relataram sensações de “*se sentir bem: sou forte e bonito*”, ao mesmo tempo, de pessimismo e até sensações de perseguição e angústia (ibid., 2013, p. 94-95). Explicações sobre o efeito da cocaína calcadas quase que completamente na biomedicina também são relatadas em pesquisas acadêmicas:

A ação dessa droga no sistema nervoso central (SNC) não é totalmente conhecida, mas afirma-se que ela é um estimulante do SNC. A NE atua não só no sistema nervoso autônomo, mas também no cérebro e esses efeitos são ampliados pela cocaína, graças à capacidade que ela possui de bloquear o mecanismo que devolve a NE [norepinefrina] para o nervo, além do retorno de outros neurotransmissores para o cérebro, como é o caso da dopamina. Isso explica o fato da cocaína ser classificada como um estimulante psicomotor. Exames de EEG que gravam impulsos elétricos do cérebro demonstram que após o uso de cocaína, ocorre o aumento da atividade elétrica de partes do cerebelo, de áreas associadas à disposição, emoção e sensações de prazer bem como do sistema límbico acarretando um espasmo que lembra a epilepsia. (MUKAD, 2011, p. 473)

Os efeitos e as experiências vivenciadas por uma substância variam, também, conforme a forma de administração, mesmo que esta não seja a única variável para determinar uma experiência. A cocaína é atualmente usada, principalmente, de três formas: inalada, fumada e injetada – nessa ordem, como contou Leonel, que afirma com convicção que no Brasil se cheira muito mais do que se fuma e que o uso injetável é pouco significativo hoje em dia. Leonel, que trabalha como eletricista, mas já começou uma faculdade de jornalismo e viajou muito pelo Brasil quando caminhoneiro, já fez uso nessas três formas, sendo que hoje fuma mais do que cheira, não injeta e afirma que seu uso é controlado, dado que vai para a “balada na Craco só duas vezes por mês”:

No Brasil o que mais *rola* é cheirar, todo mundo cheira, na bolsa de valores tá cheio, no samba, nas empresas (...). Mas é bem menos visível, vai no banheiro e ninguém vê, mas quem sabe sabe, anda por aí e vê um monte de *pino*²³ no chão. Se fuma bastante também, mas incomoda mais porque tem mó cheirão, é mais difícil de esconder, a galera vai pra rua porque é mais difícil esconder... E injetar hoje quase ninguém mais injeta, na década de 80 injetava, mas o pó ficou ruim, chegou o crack, a galera pegou Aids e medo de injetar... Mas, com certeza, se cheira muito mais do que se fuma. (Caderno de Campo, agosto de 2015)

Leonel aponta elementos interessantes para reflexão, entre eles sua convicção de que o uso de cocaína na forma cheirada é algo muito difundido, mas que xs usuárixs são bem menos perceptíveis. Maurício Fiore corrobora com os apontamentos de Leonel dado que entre seus sujeitos de pesquisa “praticamente todos se consideraram consumidores eventuais” de cocaína (FIORE, 2013, p.85). O antropólogo, mais uma vez concordando com Leonel, também fala que o pó “não há cheiro, é rápido e pode ser feito em banheiros e outros locais reservados” (ibid., 2013, p.89).

Leonel assinala que os agenciamentos do crack são mais drásticos e mais difíceis de esconder²⁴. Ele anuncia que a forma injetada já é mais rara entre xs usuárixs brasileiros (NAPPO, 1996, p. 324; PETUCO, 2014, p. 141), e os motivos que levanta – a má qualidade da cocaína, a chegada do crack e o medo da Aids – são os mesmos apontados pela literatura específica (BENTES, 2016). O *Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas do Cebrid* traz outras possibilidades de formato para consumo de cocaína para além dos citados por Leonel, mas nunca ouvi relatos de *merla* ou *pasta de coca* sendo utilizadas na *Cracolândia*:

A cocaína pode chegar até o consumidor sob a forma de um sal, o cloridrato de cocaína, o “pó”, “farinha”, “neve” ou “branquinha”, que é solúvel em água e serve

²³ *Pino* é uma cápsula de plástico, que na indústria farmacêutica chama *eppendorf* e que tem sido muito usada, em São Paulo, para distribuição de cocaína (pó) no varejo. Maurício Fiore conta que, provavelmente, o pino é uma inovação trazida pelo PCC e que ajuda a não umidificar o pó (FIORE, 2013, p. 87).

²⁴ Na continuação desta conversa Leonel me disse que não é só o cheiro que o crack exala que deixa seu uso mais perceptível, mas as reflexões sobre a forma fumada, que dá nome ao território pesquisado, deixaremos para o próximo subcapítulo.

para ser aspirado (“cafungado”) ou dissolvido em água para uso intravenoso (“pelos canos”, “baque”), ou sob a forma de base, o crack, que é pouco solúvel em água, mas que se volatiliza quando aquecida e, portanto, é fumada em “cachimbos”. Também sob a forma base, a merla (mela, mel ou melado), um produto ainda sem refino e muito contaminado com as substâncias utilizadas na extração, é preparada de forma diferente do crack, mas também é fumada. Enquanto o crack ganhou popularidade em São Paulo, Brasília foi a cidade vítima da merla. De fato, pesquisas mostram que mais de 50% dos usuários de drogas da Capital Federal fazem uso de merla, e apenas 2% de crack.

Por apresentar aspecto de “pedra” no caso do crack e “pasta” no caso da merla, não podendo ser transformado em pó fino, tanto o crack como a merla não podem ser aspirados, como a cocaína pó (“farinha”), e por não serem solúveis em água também não podem ser injetados. Por outro lado, para passar do estado sólido ao de vapor quando aquecido, o crack necessita de uma temperatura relativamente baixa (95o C), o mesmo ocorrendo com a merla, ao passo que o “pó” necessita de 195o C; por esse motivo o crack e a merla podem ser fumados e o “pó” não.

Há ainda a pasta de coca, que é um produto grosseiro, obtido das primeiras fases de extração de cocaína das folhas da planta quando estas são tratadas com álcali, solvente orgânico como querosene ou gasolina, e ácido sulfúrico. Essa pasta contém muitas impurezas tóxicas e é fumada em cigarros chamados “basukos”. (CEBRID, 2012, p. 36)

A forma inalada, segundo a publicação da Senad (2017), demora cerca de quinze minutos para surtir efeito, por conta do tempo levado pela mucosa nasal para levar a substância até os vasos sanguíneos. Após sua ativação, seus efeitos são sentidos por aproximadamente 30 minutos (SENAD, 2017). Segundo Fiore e experiências da “autora” com alguns grupos focais, porém, os efeitos podem ser sentidos antes mesmo da ingestão – Fiore cita que xs usuárixs sentem “*frio na barriga*” antes mesmo do uso, basta saber da existência da droga com um amigo, ou ver a substância ser preparada para o uso (o ato de *esticar das carreiras*) que as contorções intestinais já podem ser sentidas (FIORE, 2013, p. 89-90). Esta experiência corpórea anterior ao uso pode ser compreendida como ansiedade e vivida também com o uso de outras substâncias, mas diferentes usuárixs de cocaína inalada já me relataram tal experiência como sendo característica do *pó*.

Segundo Ricardo, Micheli e Rose (todxs usuárixs de cocaína de classe média que nunca estiveram em situação de rua ou na *Cracolândia*) o efeito e o tempo de duração da *onda* variam e dependem muito da qualidade do *pó*, mas também de quem está usando e da motivação para o uso. Dizem que quando o uso é feito de forma compartilhada a *vibe* do *rolê* é definidora para o tempo que dura o efeito:

Depende da *vibe*: se a galera tá na *pegada* insana de ficar cheirando sem parar... se o *rolê* da noite é só cheirar a sensação de que já passou [o efeito] vem muito mais rápido do que quando cheirar só **faz parte** do *rolê* e não é o *rolê*. (Caderno de Campo, março de 2017)

2.3 Crack-crack-crack

Cigarro não dá brisa
Nem maconha me dá brisa;
O que dá brisa é Solidariedade.²⁵

Durante minhas vivências na *Cracolândia* obtive diferentes relatos de que o crack começou a ser feito de forma artesanal. A forma artesanal relatada é colocar a cocaína em pó em uma colher, acrescentar um pouco de bicarbonato de sódio, uma gota de água, esquentar-se a colher por baixo com um *bic*²⁶ e “*crack-crack-crack*” – esse é o barulho gerado pela alquimia e que batiza o novo psicoativo. Neste processo a cocaína em pó se transforma numa *casquinha*, o que possibilita sua ingestão de forma fumada.

Há quem aponte o surgimento industrial do crack como produto da política proibicionista (ESCOHOTADO, 1998, p. 182; PETUCO, 2011 p. 24; CALIL, 2015, p. 32). Estes autores afirmam que o crack começou a ser produzido nos EUA quando o departamento de repressão às drogas do governo dos Estados Unidos (DEA²⁷) intensificou a repressão aos produtos (especialmente éter e acetona) usados na transformação da pasta base em cocaína em pó. Desenvolveu-se, então, um processo que transforma a pasta base em *pedra* e, assim, a venda e o consumo foram garantidos, mas na forma fumada, deixando “evidente que o surgimento do crack não aconteceu por acaso, mas dentro de um contexto complexo de forças políticas” (CALIL, 2015, p. 32). Essa política do DEA de repressão e controle aos precursores químicos necessários para o refino de cocaína, que originou o crack, foi endossada e difundida pelas Nações Unidas (ESCOHOTADO, 1998, p.182; PETUCO, 2011 p. 24). Existem, também, outras teorias sobre o surgimento do crack:

Na década de 80 o mercado norte-americano ficou saturado de cocaína, uma vez que era pouco procurada em razão do seu preço elevado, cerca de US\$ 30,00 a US\$ 50,00 o grama. Assim sendo, os traficantes criaram uma outra forma de usar a cocaína, cujo preço, sendo bem mais em conta de US\$ 5,00 a US\$ 10,00, garantiria maior procura. Deram-lhe o nome de “crack”.

Sua criação se deve a uma forma de fabricação de cocaína mais grosseira, sem o devido refino que, além de caro exigia severa vigilância, pois, como suas substâncias são voláteis e têm fortes odores são facilmente detectadas pela polícia em áreas de refino. Ao contrário das demais drogas, o crack não tem a sua origem ligada a fins medicinais; ele já nasceu como uma droga para alterar o estado mental do usuário. (...) (MUKAD, 2011, p. 479-480)

²⁵ Poema apócrifo escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p. 99).

²⁶ Na *Cracolândia*, via de regra, não se fala “isqueiro”, mas *bic*, sendo que minha atenção já foi chamada algumas vezes por causa disso e, portanto, resolvi usar o termo êmico. Dois são os motivos dados para tal proibição, o primeiro é que se conta que o Isqueiro morreu na cadeia e em homenagem a essa pessoa não se fala mais seu nome em vão. O outro motivo é que *isqueirar* é uma ação negativa que remete a pessoas que estão criando confusão, tão *isqueirando o rolê*, o que pode trazer intervenções negativas, tanto das polícias, como do poder local.

²⁷ Drug Enforcement Agency (DEA).

Quando fumada ou injetada, a cocaína tem um efeito mais rápido do que quando inalada (SENAD, 2017, p. 70; CEBRID, 2012) – seja em termos do tempo que demora para *bater*, seja do tempo que dura o efeito. A literatura aponta que a forma fumada produz efeito em quinze segundos, que demora cerca de trinta minutos para passar (SENAD, 2017, p.70). Sidinei, que é um usuário de crack há mais de 8 anos, me disse que, de fato, o *pico* do efeito passa rápido, mas que as sensações de uma *tragada* duram cerca de três horas e que o tempo de efeito é relativo e depende da pessoa e do ambiente: “(...) *dura umas três horas, mas se o clima tiver tenso e pegar adrenalina passa rapidinho*” (Caderno de Campo, novembro de 2016). Amanda e André, que também são usuárixs de crack e estavam presentes no momento em que Sidinei fez essa afirmação, concordaram que a duração do efeito do crack depende do *trago*, do dia, do *corre* que precisa (ou não) ser feito, mas também da adrenalina do momento. Elxs também falaram que usam álcool para modular a experiência, nas palavras de André: “*a cachaça ajuda a segurar a onda*”. Marcel Segalla Bueno Arruda, em sua dissertação de mestrado pela Escola de Enfermagem da USP, também aponta o uso de álcool associado ao crack para redução de efeitos indesejados como a *radiação* – que o autor define como sensações de perseguição e agitação (ARRUDA, 2014 p. 86).

Uma passagem da tese de Fiore sobre a experiência com o uso do crack em comparação à da cocaína inalada, conclui com uma sensação de curta duração:

Estranhamente, sentia os efeitos da pedra acabando, mas não lembravam as sensações de quando o mesmo ocorria quando cheirava. A queda não foi exatamente abrupta depois de minutos de prazer; cessado o efeito mais forte, o crack não me fez deprimido, triste, angustiado. Não entrei em crise alguma, eu simplesmente queria fumar mais pedra. Era como se tivesse desligado qualquer senso crítico, qualquer perspectiva para além da vontade de sentir prazer fumando. Não se passou assim com todos. Um de nossos amigos, por exemplo, largava a lata na qual havia acabado de fumar e falava coisas estranhas, algo como “o bagulho é foda!”. Outro, tinha reações parecidas ao do pó, falava muito, mas os assuntos eram tão desimportantes, tão pouco atraentes, que era como se falasse para não ficar calado.
(...)

Por volta das três da manhã, voltei para casa resignado: não estava triste, não estava na *fissura*. A noite parecia ter sido mais curta, como se eu não tivesse conseguido, de fato, curtir-la, experimentá-la. Em todos os sentidos, a onda do crack foi curta, muito curta. (FIORE, 2013, p. 110-111)

Esta passagem é interessante, não só porque expressa uma pluralidade de experiências em um mesmo contexto, mas também por apontar que não foi abrupta a diminuição do efeito, que sua queda não lhe deixou deprimido, triste ou angustiado e que não houve sensação de *fissura* depois de uma noite de uso. Não há relato de crise, mesmo que haja a vontade de fumar mais *pedra*. A sensação em destaque na passagem citada é que a “onda do crack foi curta, muito curta”, elemento que pode ser significativo para pensarmos sobre a

experiência que a *Cracolândia* proporciona, dado que possibilita um alongamento por horas, dias e anos dessa *onda* que, segundo o relato, desliga outras vontades que não a de “sentir prazer fumando”. Essa sensação “curta”, somada à vontade de permanecer no prazer do uso, pode proporcionar altos gastos financeiros para usuárixs de crack e uma dinâmica, muito comum na *Cracolândia*, de ficar no uso por dias seguidos.

Thiago Calil, porém, aponta em sua dissertação de mestrado que custo-benefício do crack é vantajoso, em especial para a população de menor poder aquisitivo (CALIL, 2015, p. 32). De fato, o custo-benefício da *pedra* pode ser melhor para as pessoas que circulam na *Cracolândia*, o que não significa que ao final do dia o gasto seja pequeno, mas porque ali é possível comprar com pouco dinheiro, como um ou dois reais, uma quantidade de crack (*biricos*²⁸), que fará efeito no consumidor, ao contrário da cocaína que não se encontra à venda em doses de tão baixo valor. Além disso, uma dose pequena de cocaína, que inalada não produziria efeito, é efetiva quando fumada (MORGAN & ZIMMER, 1997, p. 134). O Paulinho, que já foi usuário de ambas as substâncias, quando questionado sobre qual uso é mais oneroso afirmou convicto que:

Usar crack é mais caro. Porque quando as pessoas falam que o crack é mais barato eu nunca identifiquei. Primeiro que o crack você consome mais do que você consome a cocaína. Uma pedra e um *papel* custam 10 reais. Um usuário de cocaína não consegue usar 30 *papel* em um dia, mas um usuário de crack usa 40 *pedras* em um dia fácil, fácil. (LEAL, comunicação oral, agosto de 2017)

Parece, porém, que mais do que uma busca pelo melhor custo-benefício, no uso do crack existe uma busca pela intensidade que pode ser correlata à que levava as pessoas a injetar cocaína – que era uma prática mais comum no Brasil antes do advento do crack, mesmo que seja “possível afirmar que a cocaína injetável nunca alcançou a proporção de usuários que o crack vem atingindo nas últimas décadas” (FIORE, 2013, p.103).

2.3.1 – Usos na *Cracolândia*

Em mais de cinco anos frequentando a *Cracolândia* só soube de duas pessoas que ainda se injetam: uma é o Cadu, que tem uma trajetória de uso de heroína que começa fora do Brasil (e será situado no subcapítulo 7.2) e outra é a Ângela, que não sei dizer o que injeta, só vi as marcas de agulha em seu braço quando ela as mostrava para outra pessoa – ela, porém, não me deu abertura para conversar sobre isto. Ambos também fumam crack. Por outro lado,

²⁸ O *birico* são lascas e pequenas doses de crack, podem ser comprados e/ou trocado no *Fluxo* em quaisquer quantidades e por quantias/coisas das mais diversas – essa possibilidade é uma das dinâmicas definidoras da singularidade da *Cracolândia* e será mais explorada no próximo capítulo.

conheci muitas pessoas que já tinham se injetado, mas que atualmente não injetam mais, mesmo que fumem *pedra*. Geralmente falam que não injetam porque não querem mesmo, porque não é mais seu *rolê*, ou, ainda, porque acham feio ou muito invasivo “enfiar uma agulha no braço”. Outro relato, também bastante reproduzido entre aqueles que chegaram a fazer uso de cocaína injetada e hoje fumam crack, é o trauma e o susto que quem injetava passou dado a “epidemia de Aids” (BENTES, 2016) – quando muitas pessoas de seus círculos sociais morreram e se infectaram, sendo que várias pessoas viraram vítimas da doença antes mesmo de saber que o compartilhamento de agulhas e/ou as relações sexuais a transmitiam. Paulinho, que também já injetou cocaína, afirmou que “fumar crack é muito mais prazeroso que injetar cocaína. Por isso tanta gente deixou de injetar para fumar” (LEAL, comunicação oral, agosto de 2017).

Eduardo Vargas sugere para xs pesquisadorxs das drogas em geral perguntas que considero essenciais para a reflexão sobre o uso de crack na *Cracolândia*:

Sugere-se que já não é mais suficiente indagar “por que as pessoas usam drogas?” e “qual o significado do uso de drogas?”, nem se contentar com as respostas que são apresentadas quando essas questões são colocadas, pois elas costumam concluir pelo “erro”, pela “falta” ou pela “fraqueza”. Propõem-se, então, outras questões: “o que ocorre em práticas como essas?”, “que experiência usuários e substâncias realizam?”. (VARGAS, 2006, p. 581)

Para pensar o uso de crack na *Cracolândia* muitos elementos devem ser levados em conta, a busca pela intensidade geralmente está presente, mas, muitas vezes, o lugar desse uso também está relacionado à potência de vida experienciada sob efeito do *trago*. Uma conversa que tive com Adriana no *Fluxo*, enquanto a ajudava a arrumar sua banquinha que expõe roupas usadas para venda, me remete à sugestão do Eduardo Vargas citada acima:

(...) perguntei pra ela se todo mundo sentia a mesma coisa quando fumava crack e ela me disse prontamente que não: “*cada um sente uma coisa!*” – começou a olhar ao redor e falou: “*olha a cara daquela, eu não fico com aquela cara*”²⁹...”. Disse, então, que a quantidade que se usa influencia muito na experiência, mas que o quanto se usa depende muito do dia e não só da pessoa:
– *Quando eu tô de boa eu fumo um birico ou outro e tá tudo bem, mas se eu tô brava, se eu tô com raiva ou alguma coisa assim, nossa, um bloco vai em minutos, dou uma paulada atrás da outra. Mas se eu saio daqui e vou lá pra casa [o hotel social do programa De Braços Abertos], eu levo duas pedras que vão durar o dia todo, porque lá em casa é assim: eu dou um traguinho, daí faço alguma coisa, me entretenho com outra, daí quando eu vou ficando um pouco cansada eu dou outro trago pra ter energia pra fazer as outras coisas da casa... E assim vai.*
Então lhe perguntei sobre a sensação, o efeito mesmo, o porque as pessoas usavam, daí ela olhou pra mim e disse:

²⁹ Algumas pessoas ficam com a cara bastante distorcida e fazendo “bicos” com a boca enquanto estão sob efeito; esse tipo de experiência não é compartilhada pela maioria dxs usuárixs, mas impressiona e muitas vezes é apontado como diferenciação pelxs mesmxxs.

– Sabe quando você tá doente, que fica muito cansado pra tudo e não consegue levantar da cama? Quando você tem alguma dor, qualquer dor... Se você der uma paulada já era! Dá uma paulada que você levanta. Uma paulada levanta qualquer um. Já vi paulada levantar gente que já tinha quase ido [morrído] e a paulada levantou. Paulada dá energia, paulada não deixa sentir dor, a paulada é... É isso, você pode tá com dor, você pode tá cansado, você pode estar com sono, dá uma paulada já era.

Adriana, como prova, contou que já chegou a ficar nove dias sem dormir. Então a perguntei se era parecido com cocaína cheirada, e ela respondeu:

– Não. O efeito é parecido, mas é muito mais intenso. O problema da cocaína é que ela te dá sede, a pedra não te dá sede, não te dá fome, não te dá frio, não te dá nada, você não precisa comer, não precisa beber, não precisa ir no banheiro, você não precisa de mais nada.

– Ah... então você vai pouco ao banheiro?

– Enquanto usa você nem vai no banheiro, se você ficar só no uso você não precisa de mais nada, só precisa da pedra. A pedra te dá sobrevida, ela te dá energia... Qualquer um levanta com a pedra, a pedra levanta qualquer um, ela te completa.

– É por isso né... a pedra é muito potente... dá muita capacidade e força.

– É isso tudo e mais um pouco, mas é porque levanta defunto da cama. (Caderno de Campo, novembro de 2016)

Esse relato de Adriana é muito relevante para pensar diversas facetas do uso do crack na *Cracolândia*. Uma primeira questão que ela levanta é que o efeito é muito diverso e varia de pessoa para pessoa, conforme o contexto (em sua casa o consumo é menor), mas também conforme o humor da pessoa – quando está tranquila fuma muito menos do que quando está com raiva. Esse relato corrobora com a tríade inter-relacional da qual fala Zinberg (1984) composta por sujeito, substância e contexto (“Drug, set and setting”), já citada anteriormente. O efeito como singular para cada pessoa (FIORE, 2013, p. 110-111) já foi apontado em diferentes conversas que tive no *Fluxo* e confirmado pelo Paulinho que afirma, ainda, que a carreira de uso (BECKER, 1977) transforma a experiência:

É totalmente diferente para as diferentes pessoas. Depende muito da personalidade da pessoa. Conheci uma menina que quando fumava ficava agachando e levantando sem parar. Aquilo me dava uma vontade de rir danada, mas respeitava a brisa dela né. Tem uns que falam pra caramba, tem uns que não fala[m] nada e fica[m] olhando no vazio. Tem gente que fica procurando coisa no chão. Conheci uma menina que ficava tirando casquinha da mão até fazer ferida. Tem várias reações. Tem gente que começa a correr, em disparada, sem parar, quando via estava lá na Paulista já. As reações são diferentes...tem pessoas que vão amadurecendo o uso e se controlando mais. Vai perdendo os tiques nervosos e essas coisas. Acho que o último grau da *pedra* é quando a pessoa não dá sinal nenhum: fuma, tá na brisa, mas ninguém consegue perceber. Isso é quando atingiu a maturidade. Meu estado normal era tá *loko*, eu não fumava mais pra ficar *loko* eu fumava pra ficar são. Quando eu não tinha ela era quando eu ficava *loko*. A *pedra*, na realidade, era meu remédio, era o que me curava como dependente químico, assim como a bebida é pro alcoólatra, o cigarro pro fumante, o crack é pra quem é viciado em crack. Vai se tornando o remédio, só que é ilegal, não é uma droga lícita, talvez um dia venha a ser, mas por enquanto... (LEAL, comunicação oral, agosto de 2017)

Quando questionei Adriana sobre a sensação vivenciada no uso, ela trouxe o *trago* como uma ingestão de energia que usufrui até mesmo em seu uso mais moderado (em casa). Essa imagem fica ainda mais forte quando ela aponta a *paulada* como solução para diversos

males, como dor, sono, cansaço, doença e que “*levanta defunto da cama*”. O Paulinho também sugere que o uso do crack impede que xs usuárixs sintam dores e evita doenças:

A droga não deixa você sentir dor, né, *velho*. Dor de cabeça, dor de estômago, dor disso, dor daquilo: não existe. Você não fica resfriado. Tem gente muito magra que não fica doente nunca. Tem muitas pessoas que têm relacionamento com pessoas com HIV que não pega HIV. Mas quando você para o bagulho fica *loko*. Tudo as dores que você não sentia você vai sentir. (LEAL, comunicação oral, agosto de 2017)

Esses relatos me remetem a uma cena que me vi na região da *Cracolândia*:

Estava caminhando na Rua dos Gusmões acompanhada de Dora [que também frequenta o *Fluxo* e usa crack] quando vimos uma mulher caída no chão, uma pessoa segurava sua cabeça e outra a xingava. Nos aproximamos, Dora chegou perguntando o que tinha acontecido e a pessoa que segurava a cabeça da mulher desmaiada disse que ela tinha caído dura, mas que não tinha sido agredida e nem nada. Dora, então, começou a pedir um cachimbo emprestado para as pessoas que estavam na calçada. Perguntei se deveríamos levar a mulher para o hospital, mas Dora me disse que a pessoa desmaiada era usuária de crack e que uma *paulada* iria levá-la. De fato, a mulher acordou com tal procedimento. Assim que voltou à consciência levou uma bronca de Dora e eu, que não entendi muita coisa, fui aconselhada a sair dali. Obedeci e sai andando assim que vi a moça acordada e respondendo. (Caderno de Campo, janeiro de 2017)

Voltando a contribuição de Adriana, ela fez uma comparação muito interessante sobre os efeitos da cocaína inalada e da fumada que corrobora a literatura já citada (SENAD, 2017, p. 70; CEBRID, 2012) porque afirma que são efeitos parecidos, mas que fumando é mais intenso. Aponta, ainda, vantagens do uso do crack: não dá sede, fome, frio ou vontade de ir ao banheiro. Se pensarmos no caso das pessoas em situação de rua, ou mesmo as que não moram na rua o tempo todo, como é o caso da Adriana, mas ficam no *Fluxo* muitas horas, às vezes vários dias, não sentir sede, fome, frio ou vontade de ir no banheiro são elementos muito vantajosos, afinal essas questões são complexas e com difícil solução para quem está ali. Esses elementos agregam um valor pragmático ao uso do crack e seus marcadores, em especial a quantidade de dias que se está *no ar* [acordodadx], são constantemente repetidos:

- Os caras falam que o corpo do ser humano aguenta até três dias, mentira! Já tô há seis! – Marcela fala sobre seus dias acordada.
- (...) Aqui o tempo passa tão rápido. E sempre é sábado. O mais difícil aqui é um dia de tédio – completa Olavo.
- Nunca vi um tédio aqui, ninguém dorme porque a gente não quer perder nada do que acontece – Marcela também sorri. (Caderno de Campo, dezembro de 2016)

Não precisar dormir é muito interessante, não só porque o quarto de hotel é dos maiores gastos entre xs usuárixs, ou porque dormir na rua – que é a alternativa possível para muitxs – além de desconfortável é comum acordar sem seus pertences que podem ser

subtraídos no tempo em que se *iverna*³⁰ [dorme]. Mas também porque as pessoas não querem perder os acontecimentos do *Fluxo*, as oportunidades que podem aparecer, as novidades, as visitas, enfim, os muitos elementos que também são importantes para que fiquem tanto por ali. Paulinho, sobre esta dinâmica de passar dias seguindo acordados, explica que isto acontece “porque você não percebe que o dia passou, você fuma o dia inteiro, daí chega à noite, fumar a noite é ainda melhor, e você vai ficando. Chegava a ficar quatro, cinco dias, daí você dorme e te roubam” (LEAL, comunicação oral, agosto de 2017). Este olhar corrobora com a declaração de Adriana de que “se você ficar só no uso você não precisa de mais nada, só precisa da pedra. A pedra te dá sobrevida, ela te dá energia (...) ela te completa” e vai, também, ao encontro do relato de Maurício Fiore sobre determinada experiência de uso de crack:

(...) Puxei e traguei a fumaça com força e ouvi as lascas de pedra estalarem. Deixei-a no meu pulmão por um tempo, algo como uns dez segundos. Expirei vagarosamente; a fumaça, ao mesmo tempo em que deixava meu corpo, fazia subir um vapor que dominava minha cabeça. Foi um prazer tão intenso que o corpo parecia levitar. Provavelmente, poucos segundos se passaram nessa sensação, mas sua intensidade é indelével na memória. Depois disso, um estado de vigília prazeroso, diferente da cocaína, quando se sente vontade de falar, de se mexer. É algo limitado, curto em todos os sentidos. Você simplesmente quer estar ali, não importa onde ou com quem. Algo como um prazer animalesco, instintivo, como um predador que é dono da situação e se basta por existir.

(...) Talvez um espectador externo qualificasse o clima como pesado. Ali, nós não tínhamos condições e nem vontade de qualificá-lo. Os efeitos da pedra preenchiam as nossas cabeças e não deixavam espaço para reflexões. Enquanto havia pedra, bastava estar ali e fumá-la, nada mais. (FIORE, 2013, p. 110)

A antropologia valoriza o aprendizado da linguagem e dos valores “nativos” porque possibilitam trocas e o acesso às lógicas, os sentidos, os sistemas classificatórios e de conhecimento presentes no contexto estudado. Na *Cracolândia* a língua majoritariamente usada é o português, porém suas expressões são compostas de formas, às vezes, distantes das usadas em outros locais de circulação e troca que eu tinha até então. É bastante comum processos de invenção de palavras e locuções, ou mesmo ressignificação de palavras já existentes. Esse movimento da transformação da língua faz com que nós rotineiramente precisemos pedir por tradução, ou mesmo traduzir algo para ativistas e/ou jornalistas menos experientes. Elementos mais cotidianos como “*cigarreiro*”³¹ são simples de serem apreendidos, afinal são muitas vezes ouvidos, além de ser a profissão, ou melhor, o *corre* de muitas pessoas com quem conversamos. Outros termos são mais controversos e polissêmicos.

³⁰ Paulinho que corrigiu a grafia afirmando que quando se dorme por dias se chama “*ivernar*” (forma aqui usada). Na pesquisa de Taniele Rui, porém, “hibernar” se remete aos dias seguidos que se passa acordado usando de crack (RUI, 2012, p. 114).

³¹ Quando alguém grita “*cigarreiro*”, isso mobiliza uma pessoa, o *cigarreiro*, que vem correndo vender/trocar cigarros por “biricos” ou moedas – ao custo de 50 centavos por 3 cigarros. O *cigarreiro* é um vendedor de cigarro no varejo (na região só se vê o uso de cigarro “Eight”, marca considerada “o melhor entre os paraguaios”).

Noia, por exemplo, pode ser usado de múltiplas formas, dependendo do contexto e lugar na frase. Segundo Fiore (2013, p. 104) “O termo *noia* serve tanto para representar a sensação provocada pelo crack como para classificar o seu consumidor contumaz”. Grande parte dxs habitantes de São Paulo consideraria qualquer usuárix de crack da *Cracolândia* um(a) *noia*. Por outro lado, a literatura antropológica já descreveu formas nativas alternativas da compreensão do que é *noia* (ADORNO, et al, 2014) e as pessoas que ali vivem, como o André, ou viveram, como o Paulinho, também apontam uma diferenciação com uma concepção massificadora:

Fala *noia* porque fica com esses tiques: pegar coisa no chão, olhar pra trás (...) *Noia* é um xingamento pro cara que usa pedra. Tem gente que não liga, mas é um xingamento: “*esse noia do caralho*”. É o cara que não tem limite pra conseguir a droga, daí ele se torna uma pessoa que ninguém confia mais, ninguém gosta nem de estar perto. Essa expressão é pra dizer que não é legal tá perto dele. A pessoa acaba perdendo crédito com esse apelido. Até com os próprios irmãos, né. Já “*eu tô na noia*” ou “*eu tô na brisa*” é a mesma coisa. (Leal, comunicação oral, agosto de 2017) (...) *noia* são aqueles que são controlados pela pedra... é assim: ou ela te controla, ou você controla ela, entende? Quem não se controla mais, quem não tem dignidade, é *noia*. Eu não sou *noia*. Tem um monte aí que não é *noia*, não dá pra boca [Cracolândia] sobreviver só de *noia*. O tempo todo que tava falando com você eu não usei, e tô com elas na mão, ó [me mostra dois *blocos*], mas eu consigo conversar, consigo me controlar, faço outras coisas, *noia* é aquilo ali ó [apontou para uma pessoa]. (André, Caderno de Campo, 2012)

Já vi o próprio André, porém, em outras situações, se afirmando como *noia*, geralmente no sentido de valorizar algum feito positivo seu, como: “*Há! Achou que eu não vinha né! Eu posso ser noia, mas tinha combinado com você não tinha? Tô aqui!*” (Caderno de Campo, junho de 2014). *Noia*, como sugere Paulinho, também pode ser um estado atribuído à experiência sob efeito do crack, um efeito específico da *pedra*. Não é um efeito que se experiencia sempre que se usa, mas muitas vezes já ouvi: “depois a gente conversa que agora tô na *noia*”. Perguntei para o Conrado o que é *noia* e ele me respondeu que é o que ele sente quando usa crack longe do *Fluxo*. Então perguntei se *noia* é a “brisa do crack” e ele me disse:

Não! Maconha dá *brisa*, crack não dá *brisa*. Pode ser gostoso, dar prazer, mas *brisa* não dá não. Maconha que dá aquela *brisa* gostosa. *Noia* já é outra coisa. Quando eu tô longe daqui e vou usar, num orelhão ou em algum lugar assim, eu dou uma *paulada* e saio na *noia*. Ou quando vai usar na casa da família, fuma rapidão no banheiro, já enfia o cachimbo na privada e entra no banho, daí dá *noia*, tipo de alguém descobrir (...) aqui [na *Cracolândia*] não tenho *noia* porque tá seguro, conheço todo mundo, sei quem tá por perto, quem tá sentado atrás de mim, sei que não vou ser preso porque tô fumando (...). (Caderno de Campo, setembro de 2012)

Como a categoria *noia*, tudo por ali é polissêmico, nenhuma regra é absoluta, nada parece binário. Como o efeito das substâncias, os significados e os efeitos dos termos, como

‘noia’, também tem a ver com o *set* e o *setting* e se relacionam, entre outras coisas, aos usos dos corpos e dos tempos. Quando perguntei para o Conrado, então, se a *noia* era ruim, se ele preferia a experiência que tinha na *Cracolândia* do que a que tem em outros lugares como no orelhão, ele respondeu que prefere usar na *Craco*, até por isso fica ali, “mas às vezes tô querendo ficar na noia, é bom também” (Caderno de Campo, setembro de 2012).

O prazer do uso apontado por Conrado, e em outros relatos citados, também aparece na pesquisa do Fiore: “Eu dei um repasse na lata: aquele bagulho fez um tum: ‘caralho, cheirar pra quê?’ (...) Sabe aquela coisa do primeiro tiro, aquela sensação” (FIORE, 2013, p.105). O prazer do crack é um elemento muito relatado na *Craco*:

- Hoje passou a limpeza de manhã. Antes era três vezes por dia, muito cansativo. Era horrível. Agora é só de manhã. Eles querem cansar a gente, mas o usuário de crack não se cansa. A brisa do crack se compara, e agora o crack não tá tão bom, a 14 orgasmos – conta Olavo sorrindo.
- Não, são mil! – a Marcela refuta. Cocaína são cem e crack mil [orgasmos]. É científico isso gente!
- Mas é gostoso – Olavo deixa claro seu ponto. Você dá uma paulada gostosa você se sente ótimo, dá prazer. Mexe com o hipotálamo.
- De adicção eu entendo: endorfina, adrenalina... o crack libera tudo – concordou Marcela.
- Fazer amor fumando crack é uma delícia – complementa Olavo. Tem que ser realmente homem pra conseguir fazer amor fumando crack. A maioria brocha. Eu adoro fazer amor fumando. Eu chego a ficar duas horas, três horas. Como eu falei: a primeira abelha rainha³² que eu fiquei foi aqui. Mas tem que saber usar. Daí se você juntar tudo isso, o prazer do crack com o sexo, é a fórmula perfeita. Por isso tantas colmeias³³ e tantas abelhas rainhas. (Caderno de Campo, dezembro de 2016)

No relato citado, vários elementos da experiência com crack são levantados, como a faceta “incansável” expressa pelo Olavo que corrobora o que Adriana já havia apontado como característica do *trago*: uma ingestão de energia que chega a “levantar defunto da cama”. Mas a discussão da quantidade de orgasmos que a *brisa* do crack proporciona, se são 14 orgasmos ou mil, ao mesmo tempo que aponta um prazer muito intenso, fala que o crack dá *brisa*, contradizendo Conrado e mostrando, mais uma vez, que as concepções e experiências sobre tal uso são controversas. Um elemento que o Olavo traz é a associação prazerosa entre o crack e a sexualidade³⁴, ele chega a afirmar que esse é o motivo de ter tantas profissionais do sexo (abelhas rainhas) e hotéis (colmeias) na *Cracolândia*. De fato, diferentes usuários homens já me relataram que estão ali, também, por um “vício por sexo”, para além do uso do crack e suas diversas interações na região. Sérgio também traz contribuições nestes sentidos:

Outra coisa que percebi usando crack é que é uma droga doce. Ela é muito prazerosa. Te dá uma sensação muito boa. Por isso é tão difícil largar o vício. Eu

³² Abelha rainha é como Olavo chama as profissionais do sexo.

³³ Colmeia é como o Olavo chama os hotéis.

³⁴ A relação do uso do crack com a sexualidade também é relatada por Bill Clegg em “*Retrato de um Viciado quando Jovem*” (2011), mas não constou entre os sujeitos pesquisados por Fiore (2013).

sempre falei isso, o crack é uma droga espiritual, é uma droga que te transporte, te tira desse plano e te coloca em outro plano. Querem ficar na brisa do crack porque é a melhor brisa que tem entre as drogas. E olha que já experimentei quase todas. Ao contrário das outras drogas que te deixa impotente o crack acentua seu libido. Tanto que depois que parei de usar eu tive que procurar ajuda médica pra entender o que estava acontecendo, porque eu não tinha mais libido. Sempre que fazia uso procurava estar em companhia feminina. Meu ritual é o crack, o motel e a mulher. Meu vício sempre foi mais caro porque era para dois. Por conta disso é tão difícil deixar de usar. É muito prazer junto. A liberdade é um prazer, a posse de uma quantidade grande de droga é um prazer. Você tá na companhia de uma pessoa que você gosta é um prazer. (Caderno de Campo, março de 2017)

A trajetória do Olavo e da Marcela e a teoria nativa (do Olavo) sobre a *Cracolândia* ser uma colmeia que gira em torno das abelhas rainhas são explicitadas no capítulo 3.4, mas enfatizar que o deslocamento para a *Cracolândia* tem, para muitxs, uma relação com o sexo pareceu importante ainda neste subcapítulo sobre o crack e seus efeitos. Tal mobilização justificada pelo sexo, possivelmente, também está relacionada com busca de companhia e relações afetivas, mas o que foi registrado até este momento é que o exercício da sexualidade e o aumento da libido, segundo diversxs usuárixs, estão relacionados com os efeitos do crack – elemento ainda pouco explorado pela bibliografia e que merece atenção em pesquisas futuras.

Essa sessão sobre usos no contexto da *Cracolândia* faz conexão com o próximo capítulo que vai abordar esta territorialidade de forma mais específica. Ao pensar sobre este lugar é importante não perder de vista que ele é o *setting* que, como visto, também é definidor da experiência que xs usuárixs vivenciam. Deixo, a seguir, um trecho de uma conversa que tive com o Olavo e a Marcela que, ao mesmo tempo que versa sobre o sexo ser algo central para usuárixs de crack deste território, serve como gancho para o próximo capítulo que reflete que a constituição da *Cracolândia* se dá, entre outras coisas, por encontros de elementos não apenas humanos – dos quais a dança, o funk, os hotéis, o sexo, o amor e os prazeres são exemplos:

– Eu estava com uma menina que dançava muito, ela dançava muito sensual - o rosto do Olavo expressa prazer enquanto relata. Ela sabe dançar sensual o funk. Daí fiquei louco por ela. Comprei uma *caixinha* [de música], dei pra ela e ela disse: “*vamo agora!*”. Daí fiquei viciado. Entrei no quarto e coloquei uma música sensual. Aquela dança: maravilha! A diversão nossa, de quem usa o crack é essa: fazer sexo. Por isso tem tanto hotel nesse pedaço. Conta aí. Tem pelo menos 10 hotéis nesse quarteirão. Um do lado do outro. E tem dia que não tem vaga. Só gente fumando crack e fazendo amor.

– Pior que é verdade, várias vezes você passa e não tem [vaga] não – Marcela concorda.

– É por isso que as mulheres usam tanto crack, mais que nós que somos homens. Essas meninas, essas abelhas rainhas... (Caderno de Campo, dezembro de 2016)

3. Situando a *Cracolândia*

Depois de um debate sobre o que são as drogas com foco sobre as experiências realizadas por usuárixs de cocaína e crack chegou o momento de fazer uma reflexão mais profunda sobre a *Cracolândia* – o território que acolheu esta pesquisa. Em um primeiro momento as controvérsias em torno das formas de nomear esta região são explicitadas, para, então, adentrar as características específicas que levam à singularidade este local que é objeto de estudos e inquietações diversas. Uma discussão territorial é feita e depois de reflexões sobre as nuances de valores e *procederes* locais, a movimentação do *Fluxo* – que é como se nomeia a principal concentração de usuárixs de crack – é evidenciada. No subcapítulo seguinte (3.2) é feita uma descrição detalhada do *Fluxo* no começo do ano de 2017, assim como de parte de suas redondezas, para proporcionar uma dimensão da magnitude e da quantidade de pessoas, coisas e relações que constituem a *Cracolândia*. Os espaços descritos já sofreram diversas transformações, o que possibilita tal descrição sem risco de prejudicar as pessoas ou sua forma de organização. Ao longo desta descrição determinada trajetória histórica, tanto do *Fluxo* quanto de seus arredores, também é abarcada.

Na sessão 3.3 é feito um debate sobre quem são as pessoas que constituem a *Cracolândia*. Uma pluralidade de perfis é visível, mas uma inegável *pretominância* é perceptível, contextualizada e refletida. É, então, apresentada uma compreensão deste território como um lugar que, de alguma forma acolhe, o “quartinho da bagunça da cidade” que recebe quem não tem muito lugar, como quem passou muito tempo institucionalizado, quem tem questões de saúde mental, quem já passou pelo sistema carcerário, deficientes diversos, estrangeirxs, foragidxs (da justiça e/ou da família), profissionais do sexo, etc. Uma pluralidade de outros perfis também é apresentado, mas não há nenhuma pretensão de esgotar ou delimitar quem cabe, ou não, ali. Por fim (subcapítulo 3.4) é apresentada uma teoria nativa sobre a constituição e a forma de funcionamento da *Cracolândia* através de uma transcrição de uma conversa que foi feita numa madrugada no *Fluxo*.

3.1 Cracolândia, Craco e/ou Fluxo – nomeações, *procederes* e deslocamentos

Encontrei de tudo na cracolândia nesses últimos meses em que frequentei intensamente o *fluxo* da Luz, na região central de São Paulo. Conheci viajantes, ex-caminhoneiros e estrangeiros. Escutei samba surgido de galão de água, lata de tinta e palma seca. Estive com mães fortes, pais desaparecidos e órfãos de família inteira. Ganhei uma pintura de presente e ouvi histórias de rir, de chorar e para pensar. Só não encontrei o crack. Vi muita gente fumando pedra em cachimbo, mas a droga demoníaca que transforma pessoas em seres sem alma, essa posso assegurar que não existe. (MELLO, 2017; Le Monde Diplomatique³⁵).

No final de 2017 completou seis anos que frequento de forma sistemática a região conhecida como *Cracolândia*, neste período o debate sobre o uso deste nome para referir ao território apareceu em uma diversidade de situações, como reportagens, pesquisas (RUI, 2014, p. 228; NASSER, 2016, p.19; MENEZES, 2016, p. 26) e até mesmo em conversas em *malocas*³⁶ na própria *Cracolândia*. Como se referir a essa região é, em si, uma controvérsia. Em um primeiro momento, pesquisadorxs e ativistas reivindicavam que não se usasse tal nome, ou o usavam entre aspas, tanto pela pertinente afirmação de que as pessoas dali têm muitas facetas para além do uso do crack, quanto por compreendê-lo como pejorativo e estigmatizante:

Desse modo, não é difícil notar que a “cracolândia” é a parte com a qual o todo (o bairro da Luz) não quer se sentir confundida, sobretudo porque ela incomoda, perturba, provoca e, de algum modo, produz e é desculpa para esse tipo de intervenção. Ela é, portanto, componente de um território em litígio, que envolve muita contenda. Por tudo isso, o uso do termo “cracolândia” é, em si mesmo, um perigo, na medida em que pode confundir todo o bairro, estigmatizá-lo e contribuir ainda mais para sua depreciação tanto material quanto simbólica. (...) esta nomeação talvez seja o maior caso de “bullying territorial” já existente no país. (RUI, 2014, p. 228)

Em um segundo momento, em especial a partir de 2015, diferentes ativistas passam a reivindicar o termo *Cracolândia* por entender que agentes com interesses higienistas querem tirar esse nome da frente para, junto com ele, tirar as pessoas com pouco poder aquisitivo do território.

O *Coletivo Sem Ternos*³⁷, um coletivo de trabalhadorxs, usuárixs e militantes que atuam na região, organizou uma roda de conversa em março de 2015 para ver o que xs

³⁵ Disponível em: MELLO, Daniel. O crack não existe. Le Monde Diplomatique. Publicado em 13 jun. 2017, disponível em <http://diplomatique.org.br/o-crack-nao-existe/>

³⁶ *Malocas* são barracos feitos com diversos materiais e que, via de regra, possuem lonas como cobertura e um colchão onde algumas das pessoas que ficam na *Cracolândia* passam grande parte do dia e da noite conversando e usando suas substâncias de preferência. É, também, o local onde muitxs dormem.

³⁷ O Coletivo Sem Ternos surge em 2014 e está contextualizado no capítulo 4.3. Página do coletivo no Facebook disponível em: <<https://www.facebook.com/semternos/?fref=ts>>. Acesso em: 18 ago 2017.

próprios “estigmatizados” achavam sobre a nomeação do local³⁸. Dentro do Coletivo não havia consenso, parte defendia, como postura política, o uso do nome *Cracolândia*, mas outra parte tinha um incômodo com tal uso. Durante a roda de conversa, a pauta não teve muita adesão ou interesse dos participantes que não eram do Coletivo organizador (NASSER, 2016, p. 20; MENEZES, 2016, p. 26). Conversei paralelamente com algumas pessoas e ficou claro que existiam as diversas posições também entre os usuáries de crack, sendo que a maioria se expressou de forma polarizada: “claro que sou contra esse nome, quem chama assim quer acabar com a gente”, “querem tirar a nossa Disneylândia, mas nas deles não posso entrar”, “aqui é Cracolândia porra! Mesmo que eles não queiram, aqui é a Cracolândia e ninguém vai conseguir mudar” (Caderno de Campo, março de 2015). Uma solução para o debate foi rapidamente proposta por um morador da região que também é usuário de crack: “Acho que chama de Fluxo e pronto” – essa posição foi consenso para os moradores da região e usuáries de crack que estavam prestando atenção na roda de conversa neste momento, o que fez com que esse assunto, que já não estava despertando muito interesse, desse espaço para outras questões e pautas. Segundo Paulinho, que viveu ali por dez anos: “sempre vai ser Cracolândia, independente do nome que derem. Vai levar alguns anos pra apagar da memória de todo mundo. Pra não ser mais chamado de Cracolândia precisa não ter mais nenhum pobre ali” (LEAL, comunicação oral, agosto de 2017). *Craco*³⁹, por sua vez, é uma abreviação de *Cracolândia* muito usada no cotidiano pelos frequentadores da região – não diferencio ao longo do texto *Craco* e *Cracolândia*.

Até 2014 não se ouvia o termo *Fluxo* para se referir a essa aglomeração de pessoas, tanto que pesquisas referências sobre a região em nenhum momento usam esse termo para nomear o território [ou parte dele] – exemplos disso é a dissertação da Selma Lima da Silva (2000), a tese de doutorado da Taniele Rui (2012), a pesquisa nominada *Etnografia da cracolândia: notas sobre uma pesquisa em território urbano* (ADORNO et al, 2014) e a dissertação de mestrado do Marcel Segalla Bueno Arruda (2014). As dissertações de mestrado de Thiago Calil (2015), de Letícia Menezes (2016), de Marina Mattar Nasser (2016) e de Deborah Fromm (2017), porém, já usam *fluxo*. Paulinho conta que:

Chamar *Fluxo* veio com o funk. Porque não era aglomerado e concentrado do jeito que é agora. A *Cracolândia*, na minha época, era forte em três lugares durante a

---

³⁸ Tanto Marina Mattar Nasser, quanto Letícia Menezes falaram sobre essa roda de conversa do *Coletivo Sem Ternos* em suas dissertações de mestrado depositadas em 2016 (NASSER, 2016, p. 20; MENEZES, 2016, p. 26), o que aponta que o debate em torno da nomeação do território é uma questão.

³⁹ Deborah Fromm também usa “Craco” para se referir ao local em sua dissertação referenciando o termo como um “apelido carinhoso utilizado por funcionários, pesquisadores e usuários que frequentam a região” (FROMM, 2017, p. 31).

noite: na Rua do Triunfo, na Guainazes (que de dia funcionavam as lojas de moto) e na Dino Bueno. Na minha época chegou a ter 2 mil pessoas. (Ibid., agosto de 2017)

Fluxo faz referência a um contexto positivo de diversão e festa, pois é o nome dado, em São Paulo, para os *bailes funk* que acontecem na rua e neles, como no *Fluxo* da *Cracolândia*, o conglomerado de pessoas é o que delimita a festa. Compreendo o *Fluxo* da *Craco* como um espaço menor em extensão do que a própria *Cracolândia*, um “pedaço” dela, se limitando, via de regra, a poucos quarteirões ou a uma (ou outra) praça. Contudo, cabe observar que Magnani, ao delimitar a categoria de “pedaço” (2002, p.23), elenca a referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento entre eles que permite saber quem é e quem não é do “pedaço”. Assim, dizer que o *Fluxo* é um “pedaço” da *Cracolândia* não significa apenas um recorte territorial, mas um adensamento de relações no e com o território. No *Fluxo*, onde as pessoas ocupam a rua com suas vidas, mas também ocupam suas vidas com determinada rua e suas infinitas interações, a concentração de pessoas se compara à de uma festa. Seria possível pensar que o *Fluxo-Funk* está para a música assim como o *Fluxo-Cracolândia* está para o crack, mas em ambos os *Fluxos* está sempre presente o ritmo do funk, assim como muita alteração de consciência induzida por diferentes substâncias. As diferenças entre esses *Fluxos* são inúmeras, porém, é possível afirmar que em ambos os casos existem elementos não-humanos (como a música e as drogas) agregando muitas pessoas, mesmo que conflitos e desagregações também aconteçam.

O *Fluxo* se caracteriza pela grande densidade de pessoas e relações, mas também pelo movimento (que será explícito no próximo subcapítulo); a *Cracolândia*, por sua vez, é mais estável na paisagem urbana. Enquanto na *Craco* é muito comum bases das polícias, assim como viaturas e pessoas fardadas ao ponto de elementos militares serem constitutivos da sua paisagem, no *Fluxo* xs usuárixs já estão mais protegidxs das investidas das polícias, sendo raro, por exemplo, que polícias ali adentrem sem que seja uma operação com um amplo contingente de pessoas armadas que, via de regra, contam com a tropa de choque⁴⁰. A coletividade, além de proporcionar vivência, trocas, solidariedade e sociabilidade, também serve como proteção, já que estão bastante expostxs ao usar substâncias ilícitas em situação de rua:

Como o uso de drogas ilícitas como o crack e a maconha se tornaram comuns na rua, raramente geram prisões, mas são desestimulados com posturas ameaçadoras e demonstrações de hostilidade da polícia. Desta forma, evita-se o uso individual de forma ostensiva, mas criam-se redutos como a ‘cracolândia’, onde o artifício de uso

⁴⁰ E/ou a IOPE (Inspetoria de Operações Especiais), que é a tropa de choque da GCM.

coletivo funciona como ritual de sociabilidade e como estratégia para se proteger do controle policial. (VARANDA, 2009)

Mesmo com esta ressalva sobre a distinção entre *Fluxo* e *Cracolândia* é importante estar atento ao fato de que, no cotidiano, estes termos não aceitem divisões ou regras rígidas e são usados “tudo junto e misturado” – como afirmou o Alcides, que está na região há nove anos, quando o questionei sobre como usar tais nomeações nesta dissertação. Uso *Cracolândia*, *Craco* e *Fluxo* ao longo desta dissertação, sendo que o *itálico*, como já mencionado, indica os termos nativos usados pelos frequentadores da região, sejam usuáries de crack, moradores, ativistas, comerciantes ou trabalhadores. Do ponto de vista do recorte etnográfico, não seria adequado utilizar “[região da] Luz”, alternativa geralmente apontada pelo poder público, porque essa referência engloba diversos outros pedaços que não fazem parte do circuito observado aqui, como o Bom Retiro e o Parque da Luz.

Uso os termos *Cracolândia*, *Craco* ou *Fluxo* para essa região específica, mas não para me referir a outros lugares de uso público de crack na cidade de São Paulo (ou de fora dela), porque acredito que sua dinâmica é muito peculiar e a generalização pode atrapalhar uma compreensão singular e complexa dessa territorialidade – que é o objetivo deste capítulo⁴¹. A *Cracolândia* tem um papel único e de destaque no circuito do crack que se deve, entre outras coisas, aos seus *procederes*, geralmente bem distintos das outras *bocas*⁴² da cidade. Segundo Marques (2009) proceder é “algo que orienta partes significativas de experiências cotidianas. Melhor dizendo, algumas junções singulares de regras e de instruções sobre condutas, em contínua transformação, verificadas em diferentes redes sociais, recebem o nome de ‘proceder’” (MARQUES, 2009, p. 24). Na cadeia, *proceder* é utilizado:

como um atributo do sujeito, ou ainda, como um substantivo. No primeiro caso se diz que um sujeito “tem proceder” ou que “não tem proceder”. No segundo caso se diz “o proceder”. Ao atribuírem ou não o “proceder” a um sujeito, as considerações dos prisioneiros referem-se à sua disposição quanto a um “respeito” específico (o modo de se pedir licença para ficar em uma determinada cela, o modo de se despedir no dia da concessão de liberdade, o modo de se portar durante os dias de visita, o

⁴¹ Paulinho, porém, questionou esta colocação. Concordou que a dinâmica da *Craco* é muito diferente das *biqueiras* de bairro, mas afirmou que existem outras *Cracolândias* em São Paulo onde a dinâmica é muito mais parecida com a *Craco* do que com as *biqueiras* de bairro – disse que existem ao menos oito *Cracolândias* na cidade e citou a região do CEAGESP como exemplo (LEAL, comunicação oral, agosto de 2017). Parece relevante saber se as pessoas que frequentam estes espaços citados pelo Paulinho os chamam de *Cracolândia* – ele não soube responder.

⁴² *Boca* é um dos nomes usados para os locais de venda de drogas ilícitas. Já ouvi diversxs usuáries se referenciando à *Craco* como uma *boca*. *Biqueira* e *lojinha* também são formas de se referir a estes comércios – já ouvi pessoas se referindo à *Cracolândia* como *biqueira*, mesmo que de forma menos recorrente do que de *boca*, mas nunca ouvi a referenciarem como *lojinha* ou *shopinho*. Segundo Paulo Malvasi “Lojinha é um dos nomes dados aos pontos de venda de drogas. Como veremos, estes são chamados também de boca ou biqueira – ou ainda de shopinho – dependendo do contexto e do local. Lojinha e shopinho são denominações mais recentes. Biqueira é termo que tem sido mais usado nas conversas entre os comerciantes – e boca o que representa os aspectos mais violentos do ‘mundo do crime’” (MALVASI, 2012, p. 79).

modo de utilização do banheiro, a higiene da cela, a higiene pessoal, a escolha de vestimentas, etc), quanto a uma “conduta” específica (na vida pregressa à prisão, nos esportes, em relação à religião, no cumprimento de acordos estabelecidos etc) e, enfim, quanto a uma “atitude” específica (para resoluções de litígios e para negociações com a administração prisional). (Ibid., p.27-28)

Na territorialidade da *Cracolândia* há *procederes* específicos que a constitui como um cenário bem diverso das outras *bocas* da cidade onde, geralmente, só o tráfico pode vender drogas, não se pode consumir crack no local da compra e existe um conjunto de “*condutas específicas*” importantes, como a de não chamar atenção. Os *procederes* diferenciados da *Cracolândia* são tão definidores de sua dinâmica, quanto de sua paisagem. Nas *lojinhas* da cidade é necessário agir com discrição, o(a) consumidor(a), normalmente, pega a mercadoria e deve, rapidamente, sair das redondezas. Usuárixs de crack chegam a ser mal tratadxs pelxs traficantes de bairro, sendo que o fato de chamarem a atenção da polícia, seja pelos seus corpos abjetos marcados pelo uso, seja porque voltam várias vezes no mesmo dia para pegar droga, é uma das reclamações dxs comerciantxs de drogas:

Ouvi inúmeras vezes de traficantes que nóia atrapalha muito a dinâmica de um ponto de venda: como nunca tem muito dinheiro, insiste em comprar uma pedra de cada vez, o que o faz ir até a biqueira e voltar muitas vezes ao longo de um mesmo dia. Apenas com sua constante movimentação já “delata” onde se compra droga. (RUI, 2012, p. 138)

Nos outros locais de venda de crack da cidade, geralmente, há a dinâmica da venda somente de *pedra inteira* (que na *Craco* chama-se *bloco*), e xs usuárixs não podem quebrá-la para comprar, vender e/ou trocar (os chamados *biricos*). O constante comércio de *biricos* na *Cracolândia* é um elemento constituinte da dinâmica do cotidiano, sendo que já presenciei *biricos* sendo trocados por um infinidade de valores: aluguel de carroça, R\$2,00, cigarro, casaco, guarda-chuva, lanche com Coca-Cola, R\$1,00, empréstimo do cachimbo, ticket do *Bom Prato*⁴³, cartão, agenda, R\$3,00, quadros, brinquedos de criança, celulares, ingresso de show, caixinha de música, livros, cachimbos dos mais variados, ursinhos de pelúcia, roupas de boa ou má qualidade, eletrônicos e tudo que se possa (ou não possa) imaginar⁴⁴. O Monge, uma pessoa sagaz e divertida que frequenta a *Craco*, descreve essa dinâmica em forma de poema⁴⁵:

O Eco

“-Cachaça... Olha a cachaça...
- Ô o bloco... Ô o bloco, chega no bloco...
- Quem tem hum Real pra vender...?
- Quem tem hum Real pra vender...?

⁴³ Restaurante popular, subsidiado pelo governo do Estado, que vende refeições a R\$1.

⁴⁴ Todos os exemplos citados foram vistos em campo.

⁴⁵ Poema do Monge escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p.79).

- O Dunha...!
- Chega no bloco...
- Chega do Hum Real...!
- Ô o cigarro... Ô o cigarro...
- Salve cigarreiro...
- Quem tem um isqueiro meia vida pra treta...?
- Salve...! Eu tenho...!
- Cadê o cachaceiro...?
- Quem tem hum Real, eu favoreço...!
- No eco da noite, sobre o relento sereno, sob as luzes de mercúrio, em meio ao nevoeiro das “fumaças”...
- Só o cansaço do sono, silencia o fluxo...
- O eco, continua... solto no ar. (MONGE, 2016)

Taniele Rui também apontou esse fenômeno em seu livro *Nas Tramas do Crack: etnografia da abjeção*:

A “Cracolândia” é, também, um lugar de negociação que favorece empreendimentos, uma “terra de oportunidades”. Trocam-se, com muita facilidade, sapatos, roupas, cigarro, alimentos, achados eletrônicos no lixo da Santa Ifigênia, materiais recicláveis. Uma vez ali e já ciente da rede de fornecedores, é possível comprar uma pedra de crack grande por dez ou quinze reais, fazer lascas dela, que, por sua vez, podem ser revendidas por um mínimo de cinquenta centavos. A grande variedade do tamanho impede que as porções sejam embaladas. Bem comumente e de maneira espontânea, pode-se fazer lascas a granel, na frente do comprador, e disputar com outras pessoas o melhor preço. Escuta-se muito: “tenho de um real”, de “cinquenta centavos”, de “dois reais” etc. Se o traficante pode ser confundido com usuário, o inverso também é verdade. (RUI, 2014, p. 257)

Enquanto nas outras *bocas* que vendem crack na cidade esse lugar do comércio de drogas é geralmente reservado para pessoas específicas estipuladas pela organização local, na *Cracolândia*, por sua vez, a moeda mais usada e valorizada é o crack, seja o *bloco* (que tem aproximadamente um centímetro quadrado de crack e é vendido a R\$10), sejam os *biricos* que, como já mencionado, tem uma infinidade de valores de troca e de uso. A vantagem de usar *biricos* como moeda fica explícita após alguns minutos ao lado de Gabi:

(...) Gabi me chamou pedindo por uma piteira. Dei piteiras e manteigas de cacau⁴⁶ e sentei ao seu lado. Ela começou a pedir meu *bic* de presente, mas desconversei. Ela tinha dois *blocos*, mas afirmou que fumava no máximo um por dia, que o outro era para fazer negócio, que o *bloco* vale muito mais que dinheiro. Um dos seus *blocos* ainda estava inteiro e o outro já estava dividido em várias lascas pequenas, parte em farelos e outra em lascas um pouco maiores, os *biricos*. Chegou uma moça, que também conheço do *Fluxo*, e foi direto para a Gabi vender o x-salada com Coca-Cola (uma lata gelada e fechada) que estavam em sua mão. Gabi prontamente pegou o lanche e lhe deu um *birico* afirmando para mim, na frente da moça, que as pessoas ali sabem que as coisas boas têm destino certo, ela mesma. A moça pegou o *birico* e seguiu observando o que havia recebido, sem questionar. Gabi, então, me disse que não come no *Bom Prato*, que prefere comer as delícias que compra ali no *Fluxo*. Gabi, depois de comer, chamou o cigarreiro [na *Craco* é só gritar “cigarrero” que

⁴⁶ A distribuição de piteiras e manteiga de cacau faz parte da estratégia de RRD adotada pelo Centro de Convivência É de Lei desde 2006. Além de evitar que a boca seja queimada (piteira) e de ajudar com a cicatrização (manteiga de cacau) são insumos que facilitam a aproximação e o diálogo com xs usuárixs de uma forma que xs mesmxs compreendam que tal abordagem não parte da abstinência, facilitando, em alguns casos, a criação de vínculos. Taniele Rui falou sobre tal abordagem em sua tese de doutorado (RUI, 2012, p. 87; 94; 201; 306) e Thiago Calil também abordou esse tema em sua dissertação de mestrado (CALIL, 2015, p. 124; 130).

alguém aparece para vender/trocar Eight vermelho] e pegou três cigarros em troca de um farelo de *pedra*. Aí chegou Simone e Gabi já foi a inquirindo se ela tinha ido trabalhar naquele dia (ela estava com o uniforme do projeto de geração de renda através da varrição das ruas). Depois da resposta afirmativa sobre o dia de trabalho, Gabi perguntou se ela queria fumar e como Simone balançou positivamente a cabeça mais uma vez, a Gabi colocou um *birico* e um pouco de *borra*⁴⁷ na mão de Simone afirmando que, como ainda era terça-feira, e o pagamento dela só chega na sexta, aquela quantidade que estava em sua mão lhe custaria R\$10 na sexta-feira – era “*pegar ou largar*”. Simone fez uma cara de triste e sem falar nada fechou a mão e saiu andando. (...) No fim a Gabi conseguiu, através de muita insistência, ficar com meu isqueiro em troca de um mais vazio. (...) Ao me despedir lhe disse que ela é muito esperta, mas ela retrucou dizendo que existe uma importante diferença entre esperta e sábia, e ela se afirmou sábia. Ao perguntar qual a diferença ela me respondeu: “*esperta é pro mal, sabedoria é dom divino*”. (Caderno de Campo, agosto de 2015)

Todas as compras que Gabi fez durante o tempo em que estive ao seu lado foram feitas com *biricos*, farelos e *borra* produzidos a partir de um só *bloco*. Não posso afirmar se ela já tinha usado deste *bloco* quando cheguei, mas quando sai ela ainda tinha muitos *biricos* feitos a partir deste mesmo *bloco* que lhe custou R\$10 e já tinha lhe rendido, ao menos, um x-salada, uma coca-cola, três cigarros e R\$10 a prazo. Os *biricos* que sobraram com certeza lhe renderam mais negociações. Só com a Simone ela já tinha garantido, para dali a três dias, seu investimento inicial no *bloco* de volta. Usar o crack como moeda, portanto, é lucrativo [na perspectiva dos usuárixs], em especial pela capacidade exponencial de ampliar seu valor de troca, que aumenta conforme a *fissura* ou possibilidades de quem tá recebendo o *birico* como pagamento – como explicitado na venda do *birico* para a Simone que pareceu não ter outra opção para conseguir seu *trago*.

Esta relação monetarizada e interesseira que Gabi constitui com a Simone não se reproduz para todas as relações que ela tem ali e nem condiz com a forma de relacionar de todas as pessoas no *Fluxo*. A afirmação de que dinheiro não é central na vida, que não é o que traz felicidade ou plenitude, por exemplo, é algo que muitas vezes ouvi na *Cracolândia*. Algumas vezes, pelas constantes afirmações neste sentido, me vi envolta em questões sobre a liberdade de consumir, assim como a liberdade de não estar dentro do consumismo – diferentes pessoas já levantaram tal reflexão que também aparece em um poema apócrifo de um(a) usuárix do *Fluxo*:

A liberdade de obter bens, produtos e serviços de consumo escraviza-nos
a todo momento aprisionando dentro de nós o legítimo eu.

⁴⁷ Borra é o que se tira do cachimbo o esquentando depois de usá-lo algumas vezes. O “cachimbo cheio” é esquentado com um isqueiro e a borra que estava presa dentro escorre para fora de forma líquida, é colocada numa superfície lisa (geralmente um papel alumínio do cigarro), onde esfria e pode ser fumado novamente no cachimbo. Há quem valorize a borra mais que a *pedra* por estar mais concentrado, mas também há quem, como a Gabi, se negue a fumá-la por ser mais tóxica e suja.

Escraviza-nos a tal ponto de conquistar a liberdade.
A liberdade de conhecer a si próprio a ponto de não se deixar escravizar por nada.⁴⁸

O Leo, que é jovem, questionador de tudo e todos, acelerado, brincalhão e está em situação de rua e usando crack há cerca de três anos, já me disse algumas vezes, corroborando com a ideia do poema acima, que “nada contesta mais o capitalismo do que viver sem dinheiro, a gente tá realmente fora do sistema, por isso incomoda tanto”. Ele, geralmente, afirma isso quando argumenta sobre o incômodo que a existência de pessoas em situação de rua, e a própria *Cracolândia*, causam. É importante salientar, porém, que isso não significa que xs usuárixs, ou a rua, não sejam “produtivos”. Na introdução do livro “Novas Faces da Vida nas Ruas” isso é demarcado de forma explícita:

As drogas, e sobretudo o crack, se tornaram, no Brasil contemporâneo, um debate que parte das ruas para tomar o espaço público, debate a um só tempo moral e político, de mercado e religioso. Debate que gera, portanto, moralidades e políticas, dinheiro e religiões. Não nos resta dúvidas, a rua é produtiva. (RUI et al, 2016, p.15)

O Montanha, o senhor carinhoso, atencioso, que morava em uma *maloca* do *Fluxo* (da Alameda Dino Bueno) e usa crack há mais de dez anos muitas vezes me diz “Te amo de graça”. Essa expressão, ao mesmo tempo que aponta para a gratuidade de seu amor, também abre espaço para a compreensão de que existem formas de amor que não são gratuitas. A *Cracolândia* é lugar do contraditório, onde várias experiências distintas acontecem ao mesmo tempo. É comum, nesse sentido, que pessoas do *Fluxo* declararem coisas como “aqui você vale o que tem, se tem crack tem amigo, se não tem nada ninguém nem te dá bom dia” – que me foi dito pela Camila (Caderno de Campo, setembro de 2015). Outro poema apócrifo do livro *É pra mim não passar em branco*, também de autoria de um(a) frequentador(a) da *Cracolândia*, corrobora com a declaração de Camila:

Noite na Craco
Se resume em vários aspectos:
Tenebrosa
Triste
Se resume a DINHEIRO.
Tem várias novinhas se prostituindo
E os novinho tá no auge
No dia seguinte: Derrame
(Quando ele acorda sem nada, te pedindo um trago)
Você vale o que tem
Bora ver.⁴⁹

Voltamos agora para uma discussão territorial. Quando alguém, que faz uso de crack ou não, se refere à *Cracolândia*, pode não estar falando do *Fluxo* com sua barulhenta dinâmica de feira e seu gigantesco conglomerado de pessoas por metro quadrado, mas estar se

⁴⁸ Poema apócrifo escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p. 100).

⁴⁹ Poema apócrifo escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p.90).

referindo a um território mais amplo, do qual o *Fluxo* é parte importantíssima e constitutiva, mas não é o todo. Uma parte considerável das pessoas que trabalham nos serviços de assistência social na *Cracolândia* sequer entra no *Fluxo*. A *Craco* não será definida [nesta dissertação] por uma limitação espacial severa, como é o caso do *Fluxo*, mesmo que sua definição esteja, de várias formas, relacionada à ele. Neste momento pode ser interessante usar as categorias formuladas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da USP⁵⁰, em especial “pedaço”, “mancha” e “pórtico”, sem perder de vista o conceito de territorialidade itinerante que Frugoli e Giaspari (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010) emprestam de Nestor Perlonger (PERLONGHER, 1987) e consolidam para o território em questão. É possível apontar o *Fluxo* como um “pedaço” porque “o fator determinante é constituído pelas relações estabelecidas entre seus membros (como resultado do manejo de símbolos e códigos), o espaço como ponto de referência é restrito, interessando mais a seus habitués. Com facilidade muda-se de ponto, quando então se leva junto o pedaço” (MAGNANI, 2002, p. 23). A *Cracolândia*, por sua vez, pode ser considerada uma “mancha”, porque:

aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos, apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários. (Ibid., 2002, p.23).

O *Fluxo* é itinerante de um modo específico que tem a ver, ao menos, com as alianças e conflitos estabelecidos, com interesses imobiliários e políticos, com o espaço e os equipamentos urbanos e com a oferta de serviços – tanto de *biqueiras* e *cigarreiros* como de programas governamentais e ONGs. Mesmo quando o *Fluxo* se move, a *Craco* permanece.

É possível olhar para o perímetro ao redor do *Fluxo*, onde estão posicionados os principais equipamentos de repressão (da PM e da GCM), como um lugar de risco para xs usuárixs que podem ser revistadx, ter coisas apreendidas e até mesmo serem presxs ao passar por esses locais – com medo de investidas policiais, muitas pessoas passam meses sem sair do *Fluxo*⁵¹. Esses espaços de transição podem ser considerados “pórticos” porque retratam lugares de passagem e, enquanto tal, lugares de perigo por onde é preciso cruzar rapidamente

⁵⁰ Para maiores informações sobre o Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da USP acesse: <http://nau.fflch.usp.br/>

⁵¹ Tal dificuldade de sair do *Fluxo* fica explícita na matéria FUJITA, Gabriela. Com voluntários de 'escudo', jovem sai da cracolândia pela 1ª vez em 4 anos. **UOL Notícias**. São Paulo. 08 fev 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/02/08/com-voluntarios-de-escudo-jovem-sai-da-cracolandia-pela-1-vez-em-4-anos.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 18 ago 2017. O “jovem voluntário”, no caso, é um ativista da *Craco Resiste*.

(MAGNANI, 2002, p. 23). Quando o *Fluxo* ficava na Rua Dino Bueno, na altura da Rua Helvétia, a calçada da sala São Paulo, a Av. Rio Branco e a Alameda Gleite eram os “pórticos”.

Os *procederes* no *Fluxo* não dizem respeito apenas ao consumo e a venda de psicoativos, mas também a ética de conduta, como não furtar e roubar em determinado perímetro. Estes *procederes* se tornam ambíguos nos “pórticos” que, por isso, também podem ser lugares de risco para quem não é do “pedaço” porque é a partir daí que não há mais “proibição” para o furto e o roubo, por exemplo. Já ouvi diferentes relatos sobre o roubo e o furto serem proibidos nas proximidades do *Fluxo*. Segundo Tico, que é usuário de crack e se intitulava *disciplina*⁵² da Rua Helvétia, essa interdição acontece porque os furtos aumentam ainda mais a forma negativa com que a *Cracolândia* e xs usuárixs são vistos, além de aumentar a presença da polícia na região e serem usados como justificativa para investidas policiais no *Fluxo*. Segundo o Montanha, que morava em uma *maloca* no *Fluxo* quando ele estava na Alameda Dino Bueno:

- A única vez que foi parado o *Fluxo* e teve uma assembleia foi pra dizer que não pode roubar na região – contou o Montanha.
- Assembleia mesmo? – perguntei.
- É, parou o *Fluxo* – respondeu. Mas só aqui mesmo não pode roubar. Passou a Rio Branco e já era. E os caras que teimaram já era também. (Caderno de Campo, dezembro de 2016)

Presenciei uma mulher que, depois de ser furtada na calçada da Sala São Paulo, saiu gritando e correndo atrás da sua bolsa e, ao contrário de acobertarem seu semelhante, dois usuários da região correram atrás de quem havia feito o furto, devolveram a bolsa da moça, pediram desculpa e prometeram dar um *esporro* no *ladrão*. Vi essa cena acompanhada de uma mulher que tinha nos furtos sua principal fonte de renda, ela havia acabado de me contar, com orgulho, sobre os 19 celulares que furtou na Virada Cultural sem machucar ninguém, mas mesmo assim ela não deixou de gritar com o sujeito que havia pego a bolsa. Olhei-a com estranhamento e ela justificou: “aqui não pode!”⁵³.

Essa *ideia*, porém, parece ser mais efetiva na proibição do furto de trabalhadorxs e pessoas que circulam na região do que entre xs próprios usuárixs de crack que, em diferentes

⁵² Disciplina é um posto que remete à pessoa que faz “*cumprir os ideais do Comando [PCC]. Mas é desejável que a existência da disciplina e dos ideais do Comando não dependam dos irmãos, que estes princípios estejam tão presentes que os demais presos não precisem recorrer aos irmãos para solucionar qualquer litígio*” (BIONDI, 2009, p. 147). Na *Cracolândia*, diferente do ambiente prisional onde a Karina Biondi fez sua pesquisa, para ser um *disciplina* como o Tico não é necessário ser integrante do PCC, mas apenas ter confiança e legitimidade no território.

⁵³ Karina Biondi (2009) também aponta esse tipo de delimitação (onde pode ou não pode furtar/roubar) nas mediações de uma favela que pesquisou.

situações, já me relataram que tiveram suas coisas furtadas, geralmente quando caem no sono depois de dias acordadxs. Porém, se alguém for pego furtando algum(a) usuárix ali, possivelmente, será cobradx e talvez até tachadx como *rato*. Ser *rato* é muito diferente de ser *ladrão*. Aderson, que nasceu na Praça da Sé porque sua mãe estava em situação de rua quando pariu, me explicou o que significa *rato*:

Rato é *coisa*⁵⁴. Aquele que rouba os iguais, vem trocar ideia e quando vai vê já tá no prejuízo, [ele] já pegou um negócio seu. Chama rato porque rato de verdade também rouba as coisas bem embaixo do nosso nariz. Um rato uma vez, rato mesmo, o bicho, roubou uma *paranga*⁵⁵ minha, nossa fiquei puto. (Caderno de Campo, outubro de 2015)

É possível pensar que existe a *ideia* de que não é *certo* roubar ali, porém, uma *ideia* não é uma lei, uma regra ou algo com sentenças prévias (BIONDI, 2009). Roubar, em si, não é necessariamente mal visto: existe quem fale com orgulho sobre ser *ladrão*⁵⁶. O que não é bem visto é roubar “ladrão”, os “da quebrada”, os “humildes”, “os que correm com a gente”, “os que estão nos ajudando”, etc. No começo de 2012, enquanto ajudava na organização do “Churrascão da gente diferenciada versão Cracolândia⁵⁷”, aconteceu um episódio que exemplifica um furto que foi motivo de orgulho para quem o realizou:

(...) Estávamos eu, o Bruno e o Sandro andando na calçada do mercadinho do Japa quando um “*gringo*”, que estava sentado na frente do mercadinho, nos dirigiu um questionamento em “*portunhol*” sobre aquilo⁵⁸ [Operação Sufoco do Kassab/Alckmin] de espalhar quem fuma crack e deixar a cidade inteira com “*cracudos*” – ele falou “*cracudos*” olhando com cara de nojo para o Sandro, que realmente fazia uso de crack. Eu, bastante incomodada com a forma que ele tinha falado e olhado, respondi em tom enfático que as pessoas, usuárix de crack ou não, precisam ser tratadas como gente, isso significava que elas deveriam poder ficar ali, ou em qualquer lugar da cidade, sem serem desrespeitadas. Ele, porém, me cortou, desdenhou o que eu disse e dirigiu a palavra ao Bruno (homem, branco e não usuário de crack), que estava mais para trás e não havia visto a cena anterior. Bruno, então, começou a conversar com o *gringo* sem perceber que eu e o Sandro estávamos muito incomodados com eles. Sandro me abraçou e me disse que resolveria isso, que pegaria a mala do *gringo* para lhe dar uma lição. Eu lhe pedi que não fazer isso, mas ele disse que devolveria depois, que seria só pela brincadeira. Sandro, então, entrou

⁵⁴ *Coisa*, segundo Biondi (2009, p. 29): “é o inimigo, usado tanto para os presos de outras facções quanto para funcionários da segurança pública. Quem não é do Crime, não é irmão, primo ou coisa, recebe a denominação de Zé Povinho”. Em São Paulo existem cadeias do PCC e cadeias de “coisa”. Dizem, na *Cracolândia*, que as cadeias do PCC são bem mais organizadas e até humanizadas do que as de *coisa* porque possuem *procederes*, como, por exemplo, não ser permitido estupro ou o uso de crack. Não fumar crack enquanto preso é algo que grande parte dxs usuárixs relatam preferir do que ir para a cadeia de *coisa*.

⁵⁵ Termo usado para designar uma trouxa de maconha.

⁵⁶ É comum, também, que usuárixs afirmem com orgulho que não roubam e nem furtam.

⁵⁷ Este *Churrascão* será contextualizado no capítulo 4.1.

⁵⁸ Ele estava se referindo à Operação Sufoco, realizada pela Prefeitura de São Paulo durante a gestão de Gilberto Kassab (na época no DEM), que consistia em oprimir o fluxo com força policial visando a acabar com a aglomeração de pessoas que definem o [e são definidas pelo] *Fluxo*. Essa operação, além de desastrosa do ponto de vista dos direitos humanos, foi desastrosa até para a opinião pública mais conservadora, dado que habitantes de bairros próximos (como Higienópolis) reclamaram que xs usuárixs de crack estavam se espalhando (inclusive para próximo de suas residências). Esta Operação é contextualizada no capítulo 4.1.

no mercadinho, deu a volta na prateleira, pegou a mala do *gringo* e saiu andando pela rua. Eu fiquei esperando com cara de boba a hora que ele ia gritar “brincadeirinha”, mas este momento nunca chegou e só reencontramos Sandro no dia seguinte. (...) Logo, quando se deu falta, o *gringo* passou correndo pela gente gritando pela mala, mas ela já tinha sumido junto com o Sandro. (Caderno de Campo, janeiro de 2012)

Sandro, muitas vezes, ao me apresentar para alguém do *Fluxo*, dizia que podia confiar em mim, que eu era *parceira* e confirmava tal afirmação⁵⁹ contando que eu já tinha até feito um roubo com ele (se referindo à passagem descrita acima). É claro que eu sempre negava e ele, então, dizia que foi ele quem roubou, que eu só tinha o ajudado. Eu continuava a negar até porque, mesmo que eu não tivesse tido prejuízo como o *gringo* teve, eu também tinha sido enganada. Ele sempre contava sobre o furto se vangloriando do computador e da máquina fotográfica que “lucrou”, mas contextualizava afirmando que havia feito aquilo porque o homem havia nos tratado muito mal – a única parte da história que eu confirmava com veemência, afinal eu também tinha ficado muito incomodada com o desrespeito do *gringo*. O furto em si, portanto, não é algo condenável ou digno de apreciação, depende de diversos fatores: o furto de *humildes* é mal visto, mas o furto em resposta ao desrespeito do *gringo* foi motivo de orgulho.

A vivência do furto do *gringo* foi importante para fortalecer vínculo com Sandro e para estreitar vínculos com as pessoas a quem ele me apresentava como sua *parceira* de um furto digno de orgulho. Algumas vezes me pareceu que, com essa apresentação, ele estava falando para seus pares que comigo podiam ter tranquilidade, que eu não julgaria seus valores. Essa impressão se fortalece com uma passagem que registrei em um caderno de campo meses depois do tal furto:

(...) Eu pedi para ele parar de ficar falando para todo mundo que eu tinha feito um furto com ele porque era mentira, mas ele me disse que ele fazer isso era bom para mim, que as pessoas perceberiam que comigo “*dá pra trocar ideia na real, sem precisar mentir*”. (Caderno de Campo, setembro de 2012)

Esse nível de honestidade na troca, que Sandro percebe que me interessa e, movido por isso, reconta inúmeras vezes o episódio do *gringo* furtado, além de ser muito significativo para o olhar etnográfico, é essencial para quem vislumbra atuar na ética da RRD pensando cuidados singulares que só podem ser exercidos com muitas conversas honestas sobre

---

⁵⁹ Coloco no passado porque Sandro não vive mais na região da *Craco*, não pertence mais ao mundo do crime e também não usa mais crack. Nos círculos atuais dele, em especial de sua família, quando vai me apresentar, a forma de demonstrar que sou de confiança é falar que eu fui importante para o processo dele de saída da *Cracolândia*. Ele nunca mais usou, para me legitimar, o caso que eu, supostamente, o ajudei a roubar, afinal os valores de seus círculos atuais são outros e ele sabe muito bem manejá-los.

vontades, potências, expectativas e limites⁶⁰. Segundo formulação coletiva de trabalhadores da área, sistematizada pelo Fórum Estadual de Redução de Danos (FERD), a RD se faz “Estabelecendo relações sem julgamentos morais – falar com cada pessoa respeitando e considerando seus valores e princípios⁶¹” (FERD, 2014, p. 34).

Minha impressão é de que os furtos na região são menos frequentes do que se imagina a partir das informações difundidas pela grande imprensa⁶² e mais frequentes do que expressa a convicção daqueles que afirmam que ali não se pode roubar ou furtar. É fato, porém, que circula uma *ideia* de que não é certo roubar ali e o *andar pelo certo*, considerando que o PCC⁶³ é a organização com maior legitimidade entre os frequentadores da *Craco*, é algo muito importante – até porque o *Comando* é considerado o lado certo da vida errada:

---

⁶⁰ Na construção de um projeto terapêutico singular é muito importante a troca honesta sobre as vontades, as potências, as expectativas e os limites da pessoa que está sendo cuidada, assim como sobre os limites do redutor(a) de danos, da instituição que ele trabalha, da família e dos grupos de convivência da pessoa que está sendo cuidada.

⁶¹ Essa citação foi tirada da p.34 da publicação do FERD que chama “Caderno do redutor e da redutora de danos” (2014).

⁶² Furtos e roubos são, muitas vezes, usados como justificativa para a violência da polícia. Um post da página da *Craco Resiste* no Facebook responde à matéria do G1 [G1 SÃO PAULO. Vídeo mostra ladrões assaltando motoristas na Cracolândia em São Paulo. 10 abr. 2017. Disponível em <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/video-mostra-ladros-assaltando-motoristas-na-cracolandia-em-sao-paulo.ghtml>] que mostra assaltos na região do centro e os associa a *Cracolândia* com a seguinte formulação: “Nos dois primeiros meses do ano foram registrados 26 mil roubos e 32 mil furtos na cidade de São Paulo. Com 256 assaltos a região, não é, evidentemente, a mais insegura da cidade, como a reportagem insinua. Criminosos existem em todos os lugares. Os erros de poucos não justificam as agressões contra muitos, como tem sido regra nas operações na Cracolândia, onde dezenas de pessoas são atingidas por gás lacrimogêneo ou balas de borracha com a justificativa de combater um crime realizado por um ou dois indivíduos” – A CRACO RESISTE. Página do Facebook. Publicação de 13 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ACracoResiste/posts/1830033523914686>>. Acesso em: 18 ago 2017.

⁶³ Segundo a dissertação de mestrado da Karina Biondi (2009), o Primeiro Comando da Capital (PCC) é “uma coletividade originada em prisões paulistas na década de 1990” (BIONDI, 2009, p. 7) e “aqueles que participam da existência do PCC costumam chamá-lo também de Comando, Partido, Quinze e Família” (BIONDI, 2009, p. 12). Para uma compreensão adequada de tal organização sugiro a leitura da dissertação de Biondi na íntegra, porque sua definição é complexa dado que, segundo a autora, se trata de uma organização transcendente que “pode estar presente mesmo onde ele está ausente, ou seja, onde não encontramos seus membros” (BIONDI, 2009, p. 34). Karina Biondi aponta, ainda, que a “criação do PCC é vista por muitos presos como o fim de um tempo no qual imperava uma guerra de todos contra todos, onde a ordem vigente era “cada um por si” e “o mais forte vence”” (BIONDI, 2009, p. 49).

Figura 7 - O lado certo da vida errada / Foto: Roberta Costa

Essa foto foi tirada na Rua Alvarenga, no bairro do Butantã e é idêntica a uma frase que também ilustrava um muro na *Cracolândia* que, por ser um lugar bastante hostil à presença de câmeras fotográficas, não permitia fazer este retrato. O prestígio do PCC é enorme na *Cracolândia*, sendo perceptível não apenas pela quantidade de “PCC’s” e “1533”⁶⁴, pichados nos muros, mas, principalmente, pela constante referência que xs usuárixs fazem ao *Comando* e às suas lógicas de funcionamento⁶⁵. Quando levamos papel e tinta para a *Craco* é comum que até mesmo as crianças, ao começarem a desenhar, façam primeiro o yin-yang⁶⁶. É importante lembrar que o PCC é uma organização complexa que desafia “não só as informações que veiculavam na mídia, mas também os modelos oferecidos pelas teorias antropológicas clássicas” (BIONDI, 2009, p.34). A pesquisadora Karina Biondi, que abordou em sua dissertação de mestrado e tese de doutorado o modo de funcionamento do PCC a partir da análise de como sua política é operacionalizada, aponta para a força transcendente da organização como parte importante para sua potência e abrangência:

É o PCC-transcendência, produzido na imanência e a ela misturada, que permite processos de desterritorialização sucessivos, concomitantes a fenômenos de desindividualização e que sustenta a existência dessa formação social sem um vínculo territorial estável, possibilitando a presença do PCC mesmo onde não encontramos seus membros (Ibid., 2009, p. 7).

⁶⁴ 1533 é a correspondência numérica para a sigla PCC (P é a décima quinta letra do alfabeto e C a terceira).

⁶⁵ A influência do PCC sobre as pessoas que vivem na *Cracolândia* é, muitas vezes, atribuída ao fato da maioria dxs usuárixs de crack dali serem oriundxs do sistema prisional onde o *Partido* tem muita força. Ao longo desses anos na região, muitas pessoas com quem tenho relações de cuidado somem por meses e depois reapareceram falando que estavam *guardadas*, ou seja, presas. Essa questão da relação da saída da cadeia com a chegada na *Craco* será abordada de forma mais profunda no capítulo 5.4.2.

⁶⁶ O yin-yang é, também, um símbolo do PCC e já ouvi que o uso desse símbolo chinês do equilíbrio representa “uma maneira de equilibrar o bem e o mal com sabedoria”.

Feita a contextualização de algumas das forças presentes ao território, inclusive a partir da transcendência do PCC, voltamos para a transcendência da própria *Cracolândia*. O *Fluxo* já mudou de endereço diversas vezes, mesmo que, conforme supramencionado, a *Cracolândia* permaneça. Em 2012, por exemplo, durante o dia os usuários se concentrava na Alameda Dino Bueno com a Rua Helvétia e durante a noite o *fervo pegava* na Rua dos Gusmões com a Rua Aurora – local que durante o dia funcionam lojas, constringendo o uso e a venda de crack. Atualmente (após maio de 2017), mesmo que seja possível comprar crack na Rua Aurora no período noturno, o *Fluxo* tem permanecido na *Praça do Cachimbo* (esquina da Rua Helvétia com a Alameda Cleveland) às 24 horas do dia. A movimentação do *Fluxo* leva em consideração diversos fatores, como o atendimento à clientela, a negociação violenta ou financeira⁶⁷ com a polícia e, também, as propostas, concepções e políticas do Estado para esse fenômeno urbano.

O *Fluxo* estava na Alameda Dino Bueno, mas com uma concentração maior de pessoas e *malocas* em frente ao terreno da antiga rodoviária (“1” nos mapas a seguir), até a inauguração do DBA em 14 de janeiro de 2014 quando houve a retirada das *malocas* (que foram batizadas pela grande imprensa como “favelinha”⁶⁸) e o *Fluxo* foi, então, para a Alameda Barão de Piracicaba (“2” nos mapas a seguir). Ele permaneceu por menos de dois meses na Alameda Barão de Piracicaba, assim que começaram as aulas nas escolas da região o *Fluxo* foi para a praça localizada na esquina da Alameda Dino Bueno com a Alameda Cleveland – posteriormente batizada de Praça do Cachimbo (“3” nos mapas a seguir).

Em 29 de abril de 2015 aconteceu uma Operação policial bastante violenta, orquestrada pelo governo do Estado (gestão de Geraldo Alckmin, do PSDB) em conjunto com a prefeitura (gestão Fernando Haddad, do PT), que transferiu o *Fluxo* da *Praça do Cachimbo* (“3” nos mapas a seguir) para a Alameda Dino Bueno com a Rua Helvétia (“4” nos mapas a seguir). Em 13 de maio de 2015 (menos de 15 dias depois de tal operação), Luciana Temer, então secretária municipal de assistência e desenvolvimento social, deu uma entrevista para a

⁶⁷ Ao longo desse período de quatro anos de trabalho de campo já ouvi diversos relatos de pagamento de subornos para a polícia. Já escutei que, para dois batalhões diferentes, pagam R\$50 mil por mês. Em outro relato me contaram que se paga cerca de R\$10 mil por semana, mas que para quem vende de forma autônoma (no varejo) a taxa é de R\$70 por dia para a polícia – esse último tipo de cobrança aos autônomos, segundo um informante, acontece em outras partes do centro de São Paulo que não na *Craco*.

⁶⁸ Notícias disponíveis em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/147829-prefeitura-antecipa-remocao-de-favelinha-da-cracolandia.shtml>> <<https://www.brasil247.com/pt/247/sp247/127031/Haddad-come%C3%A7a-a-desmontar-favela-da-Cracol%C3%A2ndia.htm>>.

TV Folha (2015) dizendo que a praça da onde o *Fluxo* foi tirado seria reformada pela Porto Seguro⁶⁹ para melhor acolher xs usuárixs. Na entrevista a secretária afirmou que:

Estamos fazendo uma praça e a ideia é ofertar para que essas pessoas fiquem em local adequado. Isso é redução de danos. A gente vai convidar o fluxo a ir para a praça.

(...)

Espalhar não é benéfico para a cidade. Com eles concentrados a gente consegue trabalhar melhor.

(...)

O mundo está mudando a forma de enfrentar a droga. Durante muito tempo se entendeu que o combate ao tráfico e ao crime organizado era a solução para a questão da droga. Hoje, acho que ninguém mais acredita nisso. De fato, não funciona. (TV Folha, 2015)

Foi nesta entrevista que Temer batizou o local como *Praça do Cachimbo* – até então eu nunca tinha ouvido tal nomeação. A promessa de que xs usuários voltariam para lá, porém, nunca foi cumprida pela gestão petista. O *Fluxo* só saiu da Alameda Dino Bueno no dia 21 de maio de 2017, com a megaoperação da prefeitura (gestão João Doria, do PSDB) em conjunto com o governo do Estado (gestão Alckmin) que anunciou o fim da *Cracolândia*, mas que, na realidade, só deslocou o *Fluxo* de lugar mais uma vez, agora para a Praça Princesa Isabel⁷⁰ (“5” nos mapas a seguir). O retorno do *Fluxo* para a Praça do Cachimbo ocorreu somente em 21 de junho de 2017, por iniciativa dxs usuárixs que saíram andando da Praça Princesa Isabel para o novo endereço (“6” nos mapas a seguir). Segundo a grande imprensa⁷¹, a ordem desta última mudança de local teria partido do tráfico. Segundo usuárixs, esta mudança aconteceu por conta de inúmeras dificuldades oferecidas pela Praça Princesa Isabel, como sua exposição, dado que o *Fluxo* ficava entre duas grandes avenidas (Rio Branco e Duque de Caxias); e a lama que a água da limpeza e da chuva criavam no local.

A ‘limpeza’ é quando a GCM chega junto com equipes de limpeza urbana ao *Fluxo*, deslocam xs usuárixs para um lugar pré-estabelecido, recolhem barracas, lonas e pertences

⁶⁹ A Porto Seguro atua em todos os ramos de seguros patrimoniais e de pessoas, que são complementados por outros negócios seguradora, é dona de 27 imóveis na região da Cracolândia, segundo levantamento do LabCidade (2017) em especial na região entre a Alameda Glete e a favela do Moinho. Possui mais de 14.000 funcionários e atua em outros países também. A empresa já se expandiu e diversificou tanto que hoje oferece até serviços de operadora de celular. Movimentos sociais ligados à *Cracolândia* e a população em situação de rua (pop-rua) compreenderam que a ação do dia 29 de abril de 2015, durante a gestão Haddad, tinha relação com a inauguração do teatro da Porto Seguro que aconteceu no dia seguinte (30). Uma manifestação intitulada “*O Drama está Fora do Teatro*”, organizada pelo *Coletivo Autônomo dos Trabalhadores Sociais* (CATSO), foi feita na inauguração deste teatro da Porto Seguro - matéria sobre este ato disponível em: <<https://ponte.org/policia-tenta-esvaziar-cracolandia-em-estreia-de-teatro/>>

⁷⁰ Notícias afirmam que mesmo com a declaração do prefeito sobre o fim da *Cracolândia* ela apenas mudou de lugar (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

⁷¹ Exemplos de notícias sobre o tráfico ter ordenado a mudança do local do *Fluxo* em 21 de junho de 2017 como: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/trafico-ordenou-saida-de-usuarios-da-nova-cracolandia-para-a-antiga-dizem-agentes-de-seguranca.ghtml> ; <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/06/23/general-do-trafico-expediu-ordem-para-cracolandia-deixar-praca-princesa-isabel-diz-voluntario.htm>

diversos, limpam o chão com uma água reutilizada para, então xs usuárixs voltarem para o local estabelecido para permanência do *Fluxo* (muitas vezes esse retorno é mediante revista e confisco de pertences que xs usuárixs carregaram consigo). A ‘limpeza’ já era compreendida como violência na gestão petista (que a inventou) quando a concentração de usuárixs ainda estava no asfalto da Alameda Dino Bueno – desde essa época ela ocorre até três vezes por dia e é um foco de violência policial que muitas vezes acabam usando bombas e armas menos letais para implementá-la. A ‘limpeza’ é relatada pela Bruxa da seguinte forma⁷²:

Essa limpeza eu sou contra. Por acaso fecham a Av. Paulista pra limpar? Nunca!
 E essa ruazinha aqui fecham. Uma alameda que tem 15, 30 metros, pra você fechar ela 3 vezes ao dia?
 Isso é uma política de combate pra não deixar fluir o consumo. Não o tráfico. O tráfico existe.
 Você vai ver agora: esse é o 1º pelotão. O IOP, força tática policial, daqui a pouco tá aqui.
 Você coloca 100 homens pra limpar uma rua?
 IOP é o choque deles. Força bruta pra lavar uma rua?
 Olha só, não parece uma guerra?
 Uma guerra, malandro, uma guerra.
 Minha irmã mora no meio dessa rua, não posso ir visitar? Vou entrar com a Bíblia da Constituição aqui, ir e vir é direito, ir e vir!
 Ela trabalha no barzinho aqui, tem que pedir permissão. Eu moro aqui há 15 anos, não desço nesse horário.
 Isso é uma ditadura. Disfarçada, mas é uma ditadura.
 No mesmo horário que estavam aqui, dentro do colégio público 3 meninas foram estupradas. Por que não vai cuidar de colégio? São 10 policiais pra cada varredor.
 Isso aqui não é limpeza. Isso aí tem veneno de rato, cloro, amoníaco. Se você deixar uma gota desse líquido cair na roupa, fica branco na hora.
 O pessoal não vai parar de ficar doente, de tossir, enquanto respirar esse gás, esses produtos químicos. Pior do que o Ajax.
 E ao mesmo tempo eles usam de estratégia pra ver quem é e quem não é.
 Daqui a pouco vão entrar pra tirar nossas crianças, nossos velhinhos.
 Os Direitos Humanos tem que acabar com essa farsa da GCM aqui.
 Porque os delitos deles foram muito graves. Enquanto os monumentos tão tudo deteriorando eles tão aqui batendo em nóia, tirando droga pra fumar. E tão se sentindo mais que a rota. Outro dia quiseram me dar um peladão no meio da rua. Eu falei: “Pode me levar pra delegacia que eu estou sofrendo um constrangimento. Vai me expor aqui, você tem dinheiro pra indenização?”. Ela me enquadrou, eu enquadrei ela. Como assim, peladão em mulher no meio da rua? Graças a Deus tenho estudo, lesada num vou ficar.
 E o quadro deles leva 2 horas, não tá certo. Chega um monte de carros, só pra sair bonito na foto. Parece até que tem ladrão de banco.
 Quando eles dizem que a GCM tem vítima do povo aqui não é vítima: é as pessoas acuadas, com medo de ver tanto sangue. Até um cachorro acuado morde.
 Eu luto pra que tenha um canto pra nossa tribo. O mundo é tão grande, será que não tem um pedacinho pra nós? Vivemos em uma democracia. Se não querem a gente aqui, determinem um lugar para nós. Somos livres. (BRUXA, 2016)

⁷² Texto da Bruxa escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p.58-59).

As movimentações do *Fluxo* pelo território são características da fluidez dessa aglomeração de pessoas que, não à toa, se autodenominam *Fluxo*. Tentamos⁷³ expor estas movimentações visualmente nos mapas a seguir, apontando seu deslocamento geográfico entre janeiro de 2014 e junho de 2017. Se é possível referenciar espacialmente os lugares por onde o *Fluxo* permaneceu neste período (“1”, “2”, “3”, “4”, “5” e “6”), a *Cracolândia*, por sua vez, é mais difícil de definir, sendo possível considerar praticamente todo o território que aparece nos mapas como parte de sua extensão:

---

⁷³ Esse mapa foi reformulado, com a ajuda do geógrafo Sandro Valeriano, a partir de um que havia feito no paint.

Fluxo em Movimento 2014 a 2017

Mapa 1 - Fluxo em movimento: 2014 a 2017

Locais de Referência

Mapa 2 - Locais de Referência

O trajeto, que está destacado em preto no mapa acima, tem seu ponto de partida no *Amarelinho*⁷⁴ – o bar que era o ponto de encontro das vigílias culturais da *Craco Resiste* nesta época. Antes de começar é importante pontuar que o *Fluxo* que será descrito não existe mais, até por isso é possível fazer sua descrição sem o risco de prejudicar as pessoas ou suas formas de organização. A dinâmica de transformações do território é tão acelerada e algumas coisas mudam tão rapidamente que o Escobar, que é ativista da *Craco Resiste*, mas já atua na *Cracolândia* há alguns anos, comentou que até mesmo a percepção da velocidade da dinâmica do território se transformou nesse janeiro de 2017:

- Ali não tem uma constância, não dá pra dizer “eu conheço a *Cracolândia*”, não dá pra dizer nunca isso... Eu sempre achei que ela mudava muito rápido, mas eu achava que o muito rápido era de três em três meses, agora eu entendi, ficando lá de madrugada, que muda o tempo todo.
- Não tem rotina, um dia nunca é igual ao outro – concordei. (Caderno de Campo, janeiro de 2017)

Na frente do *Amarelinho* fica a *Praça Cinelândia*⁷⁵ (ou Praça General Osório). Ali também já foi um dos locais de concentração do *Fluxo* de usuárixs de crack, mas em 2009, na época da Operação Limpa:

---

⁷⁴ Segundo o livro “*História da Prostituição Em São Paulo*” de Guido Fonseca (1982), este mesmo bar era um dos mais antigos pontos de prostituição da cidade.

⁷⁵ Quem batizou esta praça de Cinelândia foram os integrantes do grupo teatral O Pessoal do Faroeste. Eles são uma companhia de teatro parceira da Craco Resiste e foram responsáveis pela reforma da praça, na qual realizam diversas atividades abertas, como aulas de teatro aos sábados e debates às quintas feiras. Algumas pessoas que frequentam a *Craco* também participam dessas atividades com O Pessoal do Faroeste.

Figura 8 - *Fluxo* na Praça General Osório (ou Praça Cinelândia)

Atravessando a rua chegamos à fachada da Pinacoteca, o prédio do antigo DOPS – por isso, durante muitos anos, a *Praça Cinelândia* também foi o local de concentração do *Cordão da Mentira*⁷⁶ – uma manifestação carnavalesca que discute as heranças da ditadura ainda vividas. Na Pinacoteca já cruzamos muitas pessoas em situação de rua que se protegem embaixo da marquise do edifício. Continuando nessa calçada, em direção à Praça Júlio Prestes, passamos pela base da PM também conhecida como *ônibus big-brother* pela quantidade de câmeras que possui – uma iniciativa do programa “Crack, é possível vencer” do governo federal (gestão de Dilma Rousseff) que foi implementado na *Cracolândia* em 2014.

⁷⁶ “O Cordão da Mentira é um bloco carnavalesco de intervenção estética que, de modo bem humorado e radical, versa e canta sobre temas cruciais para uma real transformação da sociedade brasileira. Formado por sambistas, grupos de teatro, coletivos culturais e artísticos, militantes e movimentos sociais, o Cordão desfilou pela primeira vez em 2012 discutindo as heranças da ditadura em nosso cotidiano. Desde então vai para as ruas anualmente discutindo a violência de Estado e a opressão contra as classes populares no Brasil, sempre no dia 1 de abril, dia da Mentira, dia do golpe de 1964”. Para saber mais sobre o *Cordão da Mentira* acesse: <https://cordaodamentira.milharal.org/> (de onde foi tirada a citação - último acesso em 20 de agosto de 2017).

Figura 9 - Ônibus big-brother / Foto: Alice Vergueiro para a *Craco Resiste*

Já na Praça Júlio Prestes, que também já abrigou o *Fluxo*, temos a Sala São Paulo – equipamento público que abriga atrações culturais de música clássica e erudita voltadas majoritariamente para a elite econômica da cidade. Embaixo das marquises da Sala São Paulo ficava um contingente entre 20 e 50 pessoas em situação de rua que ali permaneciam e dormiam durante a noite, com exceção dos momentos de entrada e saída do público dos espetáculos ali oferecidos (quando apenas seguranças privados e carros da PM e/ou GCM ocupam tais marquises). Algumas pessoas passam a noite na própria Praça Júlio Prestes, conversando em rodinhas pelo gramado, dormindo em papelão ou colchões próximos às árvores, mas também era comum que uma ou outra barraca de acampamento esteja montada ali. Essa praça é um lugar de passagem e circulação daquelas que chegam ou saem do *Fluxo* e é também usada como banheiro⁷⁷ (em especial o lado da praça mais próximo à Alameda Cleveland, atrás de um pequeno muro). No meio da praça, além de um trilho de trem antigo, uma estátua grandiosa de um homem com uma pedra gigante está em destaque. Trata-se do engenheiro Alfredo Maia, responsável pela construção de diversas obras na região. A estátua provoca muitos comentários: diferentes usuárixs já me disseram que esta estátua é a prova de que a *Cracolândia* é o destino daquele espaço, afinal tem até um monumento à *pedra* (como

⁷⁷ Essa questão do uso do banheiro é latente quando refletimos sobre a vida das pessoas em situação de rua, não só porque não existem banheiros que possam usar, mas também, no caso, porque é condenável, moral e fisicamente, exposições públicas de partes íntimas.

comumente o crack é chamado ali). Atravessando a Alameda Cleveland chegamos à *Praça do Cachimbo*, local onde é o endereço do *Fluxo* atualmente (agosto de 2017), mas que já o havia sediado entre março de 2014 e 29 de abril de 2015 (quando Fernando Haddad ainda era prefeito).

Figura 10 – *Fluxo* na Praça do Cachimbo / Foto: de JF DIORIO/ESTADÃO⁷⁸, junho de 2017

Sempre passávamos, nesse janeiro, pela *Praça do Cachimbo* antes de virar à esquerda na Rua Helvétia. Ali já havia a concentração de algumas pessoas, cerca de 20 ou 30, várias conversavam, algumas usavam crack, outras curtiam o som que vinha das *caixinhas* tão comuns na região. Era quase impossível passar por ali sem que alguém nos chamasse ou viesse conversar. Como dito anteriormente, a Porto Seguro reformou essa praça, mas mesmo após sua “melhoria”, ela continua a alagar muito em dias de chuva. Nesta reforma fizeram o chão com tijolos de cimento encaixados que, devido sua grande utilidade, receberam até um poema do Daniel Mello (2017), que também é ativista da *Craco Resiste*:

Os tijolos de cimento foram um mistério para mim por muito tempo. Matéria-prima para suprir qualquer necessidade, apareciam do nada para construir churrasqueiras, fogões e suportes de todo o tipo. Viesse a Choque ou a guarda, voavam contra os escudos e capacetes. Até que um dia ela me mostrou como a praça do cachimbo,

⁷⁸ Foto ilustrando a matéria RESK, Felipe; CARVELHO, Marco Antônio. Cracolândia tem novo endereço: A Júlio Prestes. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 22 jun. 2017. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,cracolandia-tem-novo-endereco-a-julio-prestes,70001857017> acesso em ago 2017.

onde não se fumava mais como antigamente, estava desaparecendo. A cada paralelepípedo que sumia, avançava o pântano de urina. Buscamos o quanto pudemos carregar. Naquela noite teve pipoca em panela de pressão, com fogo de madeirite e papelão. (MELLO, 2017)

Ao lado da *Praça do Cachimbo*, já na Rua Helvétia, havia um terreno vazio utilizado pela GCM para estacionar veículos. Nesse local, depois da megaoperação do dia 21 de maio de 2017, foi instalado um contêiner anunciado pelo poder público como um CAPS-AD⁷⁹ (Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas), mas tal serviço era conhecido pelos ativistas como *CAPScômio*, porque não tinha a estrutura ou a equipe prevista de um CAPS e servia apenas como uma maneira de garantir que usuárixs fossem encaminhados para internações – algo muito contraditório para um CAPS que é uma política pública que resulta da luta antimanicomial e das formulações sobre o cuidado em liberdade.

As calçadas da Rua Helvétia, entre a Alameda Cleveland e a Alameda Dino Bueno e entre a Alameda Dino Bueno e a Alameda Barão de Piracicaba, eram povoadas de *malocas* e pessoas sentadas. É grande a exigência do corpo quando se passa horas sentadx sem encosto, então as calçadas são muito valorizadas como lugares de parada: as paredes externas dos imóveis sustentam as costas e as *malocas*. Na foto abaixo, tirada no *Circula Trans*, uma apresentação performática de transexuais que a *Craco Resiste* ajudou a organizar⁸⁰, é possível perceber essa dinâmica das *malocas* nas calçadas da Rua Helvétia:

⁷⁹ Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é um serviço de saúde que compõe a política pública de saúde mental brasileira, constituída para o cuidado em liberdade, em forma de uma rede substitutiva (modelo comunitário) em alternativa aos manicômios (modelo asilar) fruto. Um CAPS-AD (álcool e outras drogas), segundo o Portal da Saúde do Governo Federal "possuem caráter aberto e comunitário, dotados de equipes multiprofissionais e transdisciplinares, realizando atendimento a usuárixs com transtornos mentais graves e persistentes, a pessoas com sofrimento e/ou transtornos mentais em geral sem excluir aqueles decorrentes do uso de crack álcool ou outras drogas" (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

⁸⁰ O *Circula Trans* foi, primeiramente, organizado por trabalhadorxs do DBA e iria acontecer com palco e mais estrutura na Praça Júlio Prestes, mas em cima da hora veio uma ordem “de cima” que fez xs trabalhadorxs desistirem da atividade por medo de represália. Parte das performers que iam se apresentam entraram em contato com ativistas da *Craco Resiste* para que garantissemos suas apresentações, afinal as haviam ensaiado e divulgado. Organizamos para as apresentações tal apresentação na Rua Helvétia com um equipamento de som que pegamos emprestado no *Fluxo* porque o nosso, que já estava montado na rua, acabou quebrando um pouco antes das apresentações começarem.

Figura 11 - Circula Trans / Foto: Alice Vergueiro para a *Craco Resiste*

Seguindo a calçada da esquerda, logo depois desse terreno que em janeiro era vazio e em maio virou o *CAPScômio*, temos o prédio do Recomeço (visível na foto acima) e, em seguida, a tenda do mesmo programa. O prédio, que tem um bom acabamento e parece um hospital no qual até o chão é branco, contrasta com a tenda pertencente ao mesmo programa, mas não tem nenhum acabamento, parede de bloco ou cimento, sendo composta apenas pelo chão de pedra e por “paredes” de lona ou plástico. Esta tenda, que antes funcionava no terreno da antiga rodoviária (do outro lado da Alameda Dino Bueno, ainda na Rua Helvétia), não estava prevista e foi inaugurada depois do prédio porque, segundo relato de uma pessoa que nessa época trabalhava no Recomeço, assim que inauguraram o programa perceberam que a maior demanda era para usar o banheiro e, então, resolveram montar uma tenda só com banheiros (Caderno de Campo, novembro de 2014). Enquanto a tenda com banheiros estava instalada no terreno da antiga rodoviária ela constituiu uma RRD importante para xs frequentadorxs da *Craco*, depois que a tenda atravessou a rua (dezembro de 2016), segundo diferentes usuárixs do *Fluxo*, os banheiros nunca mais funcionaram.

Do outro lado da rua, praticamente em frente ao prédio do Recomeço, temos a tenda do DBA, que não é tão bem acabada quanto o prédio do Recomeço e nem tão precária quanto sua tenda com banheiros. Com um gradeado na frente, que é totalmente fechado depois das 22h, a tenda do DBA possui um pedaço coberto por uma estrutura de lona onde, durante o dia,

várias pessoas dormem em frente a uma televisão que fica sempre ligada. No pedaço descoberto existem, ao fundo, tanques de cimento para lavagem de roupas. Esse espaço também comporta uma construção (de tijolos) com uma cozinha e dois banheiros (ambos de uso exclusivo da equipe) e algumas salas de reunião. O espaço da tenda do DBA já foi um *buraco*⁸¹ onde muitos usuárixs de crack viviam até janeiro de 2012. A Operação Sufoco (que aconteceu em 2012 e é contextualizada no capítulo 3.1) teve como um de seus marcos a desocupação e destruição desse imóvel:

Figura 12 - Momento da limpeza do *buraco* / Foto: UOL, jan 2012⁸²

Esse espaço, depois de desocupado em janeiro de 2012, abrigou um Serviço de Atenção às Famílias (SASF). Um relato de campo, do dia 17 de outubro de 2012, é representativo do trabalho que, na época, era realizado no local – este relato deixa explícito o avanço no sentido do cuidado que o DBA, mesmo com suas limitações, representou:

A reunião do Fórum Intersetorial de Drogas e Direitos Humanos⁸³ (FIDDH) aconteceu, pela primeira, vez no SASF localizado onde, até a operação de janeiro desse ano, era o "buraco" que uma galera da *Cracolândia* vivia. A reunião foi

⁸¹ *Buraco* é um nome genérico para ocupações feitas em prédios abandonados que estão, geralmente, lacrados e têm como passagem para o meio externo, assim como para prédios adjacentes, buracos feitos nas paredes. Por fora fica pouco visível a ocupação, mas ao adentrar um *buraco* é impressionante a quantidade de humanos e coisas que estão em múltiplas relações do lado de dentro.

⁸² Fotografia publicada em: **Imagens da Cracolândia**. 05 jan 2012. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/fotos/imagens-da-cracol%C3%A2ndia-1326377368-slideshow/cracol%C3%A2ndia-photo-1326376584.html/photo-cracol%C3%A2ndia-photo-1326376614.html>>. Acesso em: 02 de mai 2017.

⁸³ O FIDDH é um fórum que tem a característica de ser itinerante possibilitando, assim, que xs profissionais que participam conheçam diversos serviços.

assustadora, profissionais do serviço falavam dos “noias” munidas de um preconceito estereotipado. Falavam (sem pudor, numa reunião sobre Direitos Humanos, percebe?!), como era difícil lidar com aquela situação que chamavam de “palco de atrocidades”. Citaram cenas de sexo explícito e reclamaram que xs usuárixs sujavam o jardim. Quando questionamos se davam algum tipo de assistência àquelas pessoas, que também tem suas famílias, as profissionais afirmaram categoricamente que o serviço delas é com famílias que recebem benefícios (como o bolsa família) e estão especificadas em uma lista (ou seja, não atendem xs usuárixs). Afirmaram, ainda, que os seguranças não deixavam os “noias” entrarem e que quando alguém “pesava” demais nos seguranças alguma assistente social ia até ele com o endereço do CAPS-AD. (...) O Ricardo [usuário de crack da *Cracolândia*] me disse, na semana passada, que sabe o turno do único segurança que é “gente boa” e enche sua garrafa com água da torneira. (Caderno de Campo, outubro de 2012)

Ao lado da tenda do DBA, continuando na calçada da Rua Helvétia, temos alguns hotéis/pensões, um bar com mesas de plástico e uma jukebox e um mercadinho que vende, sem que se possa entrar no estabelecimento, salgadinhos, bebidas, café, cigarros, isqueiros, velas e outros itens do tipo. Algumas pessoas se concentram na frente do bar e do mercadinho enquanto conversam e/ou bebem (café ou cachaça), sendo que neste pedaço da rua já era grande número de pessoas, inclusive no meio da rua, afinal estamos chegando onde realmente era o *Fluxo*:

Figura 13 - *Fluxo* na Dino Bueno / Foto: Joel Silva para Folhapress⁸⁴

⁸⁴ Foto de Joel Silva retirada da matéria: GRAGNANI, Juliana. Feira da droga vira impasse para programa de Doria na cracolândia. **Folha de São Paulo**. Cotidiano. 26 de abril de 2017. Disponível

Logo na entrada do *Fluxo*, como fica perceptível na foto acima, há uma concentração grande de pessoas no meio do cruzamento da Rua Dino Bueno com a Rua Helvétia – a Beatriz Falcon, que também é ativista da *Craco Resiste*, nomeou essa concentração de cortina humana. Parece importante pontuar que essa foto foi tirada durante o dia, mas que durante a noite o *Fluxo* cresce muito de tamanho, chegando a dobrar em número de pessoas. Neste cruzamento, como mostra a foto, a maioria ficava em pé, muitos em círculos conversando, alguns passavam tentando vender algo ou gritando por aquilo que procurava comprar e, às vezes, acontecia um samba embalado pelo batuque feito com os objetos que tinham em mão, como *corotes*, cones e baldes. Era um lugar de venda de frutas e diferentes alimentos que ficavam expostos em banquinhas, assim como outros tipos de coisas comercializáveis, como objetos eletrônicos, roupas e cachimbos. As frutas, geralmente, eram expostas em mesinhas improvisadas, enquanto os outros objetos eram, normalmente, expostos em cobertores e lonas no chão mesmo (no canto inferior esquerdo da foto acima é possível observar uma dessas banquinhas, apoiada em no chão, encima de uma lona azul). André, cozinheiro que gozava de particular notoriedade, costumava ficar em frente ao hotel verde de esquina, onde está pichado “vai na fé e não na sorte”, além de ter lambes com as frases: “ATENÇÃO! ISTO PODE SER UM POEMA” e “A VIDA É UM EMARANHADO DE NÓS”. Mesmo quando o André não estava ali, este era um lugar no qual normalmente havia pessoas preparando refeições, como peixe e/ou carne com legumes, feitas em panelas, latas ou grelhas aquecidas em fogo aceso no chão.

Era possível adentrar o *Fluxo* por três corredores diferentes: na calçada do lado direito, na calçada do lado esquerdo e no corredor que se forma, a partir de *bancas*, no meio da Alameda Dino Bueno. Para andar pelas calçadas era necessário estar atentx para desviar das cordas e linhas emaranhadas que seguravam as diversas lonas que constituíam a paisagem. Geralmente entrávamos pela calçada da direita, em especial quando acompanhadx de pessoas ainda pouco conhecidas no território. As pessoas que frequentavam e viviam no *Fluxo*, via de regra, ficavam no mesmo local, facilitando os encontros e nosso reconhecimento. Na calçada do lado direito tinha o maior bar do *Fluxo*, com mesas e cadeiras de madeira, onde era possível comprar, além de bebidas, lanches e refeições. No fundo desse bar tinham máquinas de jogos e um banheiro sempre entupido (como todos os banheiros dos comércios do *Fluxo*).

Continuando na calçada da direita, depois do bar grande havia uma vendinha com cigarros, bebidas e alguns petiscos como balas, pé de moleque e salgadinhos. Entre os comércios, as paredes eram povoadas por pessoas encostadas, com ou sem *malocas*. Nessa calçada, em janeiro, tinha até uma guarita de fibra de vidro. Também havia uma banquinha, feita com um tablado de madeira e sem cobertura, que era usada para a venda de bebida e cigarro, além de servir de apoio para jogos de baralho. Continuando pelo corredor, encontramos mais algumas *malocas* encostadas na parede, entre elas a do Montanha, que contava com um colchão de casal, uma estante e, geralmente, uma infinidade de pessoas. Este foi um lugar que nos acolheu muitas vezes e foi palco de inúmeras conversas e rodas de música. Ao lado da *maloca* do Montanha havia uma porta com uma escada que levava aos quartos de um dos hotéis. Andando mais alguns passos vinha mais um hotel e, a seguir, a entrada de um estacionamento que também levava a quartos que poderiam ser alugados mensalmente, por diária ou por hora. A diária desse hotel custava R\$ 20 reais – com uma multa de R\$ 5 reais por dia de atraso no pagamento. Continuando na calçada da direita, um pouco depois da *maloca* do Montanha, já estávamos na altura do Largo do Sagrado Coração de Jesus, onde o corredor do meio ficava menos fechado e, assim, muitas pessoas se espalhavam pela rua. Continuando, ainda na calçada da direita, chegávamos à *maloca* do Denis, que não possuía cobertura de lona como a do Montanha, mas era encostada no portão de ferro do espaço qual já havia sido o *Bom Prato* e ficava parcialmente coberta por sua marquise. Também frequentávamos muito essa *maloca*, que tinha um colchão de solteiro encostado no portão de ferro e um amontoado de pertences, como malas, sacolas e roupas que o Denis cobria com um pano ou uma lona dando uma aparência de maior organização. Dessa *maloca* dava para ver o relógio que ficava na entrada do hotel que funcionava no imóvel onde tinha sido o *Bom Prato*, o que era muito útil considerando que não era aconselhável ficar tirando o celular do bolso⁸⁵ para ver as horas. O *Fluxo* se estendia até a esquina da Alameda Glete, onde um depósito de materiais recicláveis funcionava por 24 horas e era o ponto de encontro dxs carroceirxs da *Craco*.

---

⁸⁵ Tirar o celular do bolso é tabu porque as pessoas que vivenciam a *Cracolândia* têm muito receio de serem fotografadas e/ou filmadas, geralmente porque estão foragidas da justiça, de alguma pessoa querida e/ou de seu/sua empregador(a).

Entrando no *Fluxo* pela calçada da esquerda havia, na esquina da Rua Helvétia com a Rua Dino Bueno, um hotel que era um ponto de concentração de ciganas(os)⁸⁶ – que ainda circulam pelo território, mas num contingente muito menor do que entre 2012 e 2014. Adentrando o *Fluxo* por essa calçada havia sempre muitas pessoas encostadas nas paredes, mas nessa calçada não haviam *malocas*. Uma vendinha de cigarros e bebidas era o primeiro estabelecimento comercial, sendo esse o local mais barato para se comprar cigarros: o maço de Eight (cigarro paraguaio mais fumado ali) custava R\$ 2. Em qualquer local do *Fluxo* era possível comprar três unidades de cigarro por 50 centavos, bastava gritar “cigarreiro” que alguém aparecia com um maço de Eight (com a possibilidade de escambo, conforme interesse dxs negociantxs). Na sequência dessa vendinha, estava uma loja de móveis e eletrodomésticos usados na qual ficavam quatro cachorros e uma senhora com quem nunca consegui estabelecer uma conversa. Depois haviam mais quatro ou cinco bares, quase todos ofereciam lanches de pão com ovo, salsicha, mortadela e/ou torresmos expostos em estufas de vidro. Nessa calçada também havia uma porta que dava para uma escada que, segundo alguns, levava ao QG do *Comando*. A seguir um hotel⁸⁷ branco e verde, com janelas viradas para o *Fluxo* – da *maloca* do Montanha ficávamos conversando sobre o que se passava em cada uma dessas janelas, ele dizia que este hotel era o *camarote*. O último bar, já na esquina com o Largo do Sagrado Coração de Jesus, era o bar do Seu Zé⁸⁸, antigo trabalhador da *Cracolândia*, que nos ofertava café e boas conversas.

Encostado no bar do Seu Zé, virando a esquina em frente ao Largo, estava o hotel da Dona Laíde. Era um hotel peculiar, não só pela forma que a dona lidava e cuidada dos beneficiários do DBA que ali moravam (que diziam a ter como mãe), mas também esteticamente, parecia um cenário de filme com muitos quadros e carpetes⁸⁹. Ele foi, no passado, moradia das freiras da igreja que fica na Alameda Gleite e leva o mesmo nome do

⁸⁶ Os homens ciganos frequentavam muito, até meados de 2014, o bar que ficava na esquina oposta do hotel verde visível na figura 13, para jogar sinuca. Este bar da sinuca foi demolido e ficava no local que virou a tenda/banheiro do Programa Recomeço.

⁸⁷ Foi nesse hotel que tentei reservar um quarto para passar a semana intensiva que ficamos na *Craco* – passagem que relato no capítulo 5.2.

⁸⁸ Seu Zé tinha uma visão bastante conservadora sobre o uso do crack e da *Cracolândia*, dizia que tinham mesmo que limpar a rua. Depois que aconteceu a megaoperação do dia 21 maio de 2017, porém, ele ajudou a organizar a manifestação dos comerciantes (que aconteceu no dia 23 de maio) que denunciaram o abuso de poder e os absurdos que havia acontecido nesta megaoperação.

⁸⁹ Até um filme foi feito sobre a Dona Laíde e seu hotel - disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=05ZEhEEINwY> Sinopse: “Hotel Laide foi um dos mais importantes hotéis sociais da política de redução de danos para os usuários de crack da maior Cracolândia da América Latina. Um incêndio o destruiu, como em um anúncio da destruição que assombraria São Paulo com a política de prisão e internação para os usuários de crack. O filme acompanha a chegada de Angélica no Hotel Laide, uma jovem mulher que viveu na rua dos 7 aos 23 anos. Na casa, a esperavam d. Laide, Brenda e Maria Paula. Mais do que uma história de sobrevivência, o filme é agora o testemunho sobre a urgência da resistência da política de redução de danos para os usuários de crack.”

Largo Coração de Jesus. Foi na frente do hotel da Dona Laíde, usando a energia do mesmo, que fizemos as sessões do *Cine Resistência* – atividade cultural da *Craco Resiste* que aconteceu todas as quintas feiras de janeiro de 2017. O Largo do Sagrado Coração de Jesus, que fica logo em frente ao hotel da Dona Laíde, é atualmente uma praça cercada por grades, com uma base da PM e duas quadras. Essa base da PM impossibilitava que xs usuárixs usassem as quadras ou a praça, mas não impedia que muitxs, várixs fumando crack, ficassem na rua entre o hotel e a praça; era comum ver pessoas em situação de rua encostadas na grade da base fumando seus cachimbos.

É importante dizer que esses estabelecimentos comerciais pelos quais a descrição passou não surgiram com a vinda do *Fluxo* para a Alameda Dino Bueno, tanto os hotéis quanto bares já existiam como comércios do território antes da concentração de uxuárixs ser ali. A adaptação dos comércios ao *Fluxo* foi melhor que sua adaptação à megaoperação do dia 21 de maio de 2017, quando muitos desses estabelecimentos foram lacrados e emparedados. Grande parte dxs comerciantes foi impedida de retirar suas coisas de dentro dos locais e têm tido grande dificuldade para garantir a subsistência de suas famílias⁹⁰, pois não foram autorizados a reabrir suas portas, nem indenizados pela prefeitura pela perda de seus produtos e equipamentos. No dia 23 de maio de 2017 os comerciantes e moradores do local fizeram um protesto⁹¹ contra os abusos da megaoperação que chegou a derrubar uma parede que caiu em cima de pessoas que tomavam banho e dormiam⁹² em um dos hotéis que não havia sido lacrado.

Evitávamos entrar no *Fluxo* pelo corredor central por sentir como mais invasivo na nossa relação com xs vendedorxs de ilícitos que ali se concentravam, até porque quem passava por ali, a priori, queria comprar algo, o que não era o nosso caso. Passávamos pelas bancas do meio quando tínhamos algo específico para fazer, como procurar alguém que ali ficava, ou por insistência de algum(a) usuárix. Algumas pessoas nos levavam ao corredor

⁹⁰ Uma das comerciantes ficou numa situação tão precária que pensar o cuidado com ela foi pauta em uma das reuniões da *Craco Resiste* para que, além do apoio jurídico de intermediação com a defensoria pública, a gente tentasse fazer um acompanhamento psicológico e formular propostas de cuidado. Ela passou a fazer uso de remédios psiquiátricos dado as consequência da megaoperação do dia 21 de maio de 2017 em seu comércio e sua vida – ela chegou a ter dificuldade para alimentar seus filhos.

⁹¹ Matéria sobre esse protesto: PAULO, Paula Paiva. Moradores e comerciantes da luz protestam contra ações na Cracolândia. **G1 São Paulo**. 24 mai 2017. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/moradores-e-comerciantes-da-luz-protestam-contras-acoas-na-cracolandia.ghtml> Acesso em ago. 2017.

⁹² G1 SP. Três ficam feridos após prefeitura demolir muro. **G1 São Paulo**. 23 mai. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/desabamento-fere-pessoas-na-cracolandia.ghtml>; SANTIAGO, Tatiana; MACHADO, Livia. Justiça proíbe remoções compulsórias e demolições de prédios habitados na Cracolândia. **G1 São Paulo**. 24 mai. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/justica-proibe-remocoes-compulsorias-e-demolicoes-de-predios-habitados-na-cracolandia.ghtml>

central para nos mostrar como era ou nos apresentar alguém – sabiam que era um lugar que circulamos relativamente pouco e, às vezes, insistiam em nos levar, talvez porque achavam que a gente tinha curiosidade em conhecer esse pedaço. Esse corredor central era composto por bancas sempre cobertas por lonas ou tendas que não deixavam que o local fosse visível de cima, sendo que o próprio corredor era coberto por lonas e cobertores presos entre as *bancas*. Elas eram, muitas vezes, fechadas nas laterais e quase sempre fechadas na parte de trás, de modo que das calçadas nem sempre era possível ver o movimento do corredor central. Atrás de cada mesa ficava, geralmente, de uma a três pessoas, e os produtos ofertados variavam de *banca* para *banca*, mas, via de regra, tinham *pedras* de crack já cortadas e expostas em pratos fundos. Algumas bancas também vendiam maconha, *pinos* de cocaína e lança-perfume. Passei por esse corredor inúmeras vezes e nunca vi armas, nem brancas e nem de fogo, como foi noticiado em diferentes veículos de comunicação⁹³. Um estúdio de tatuagem também funcionou, por um tempo, em uma dessas *bancas*. Em grande parte delas havia uma *caixinha* de som, das mais variadas cores e tamanhos, geralmente tocando funk. Cheguei a ver, em mais de uma banca, luzes coloridas que me remeteram a festas de música eletrônica. Quando este corredor chegava à altura do Largo do Sagrado Coração de Jesus deixava de ser tão fechado e sua continuação era feita com *banquinhas* com menos estrutura (geralmente em caixas ou no chão e sem cobertura de lona). Estas *banquinhas* vendiam mercadorias lícitas, como cachimbos, isqueiros, *corote*, roupas, sapatos e eletrônicos.

Na Alameda Dino Bueno, entre o Largo do Sagrado Coração de Jesus e a Alameda Glete, a concentração de *bancas* e *banquinhas* ia diminuindo e aumentava a concentração de *malocas*, churrasqueiras improvisadas e rodas de pessoas. Na *Cracolândia*, via de regra, não se usa (ou não se têm) celulares, o que torna a dinâmica de interações interpessoais bastante distintas do resto da cidade, sendo um espaço bastante barulhento, não só pelas centenas de conversas concomitantes e as músicas vindas de inúmeras *caixinhas*, mas pela dinâmica de gritar o que se está vendendo e o que se está querendo. Na frente dos bares e das *caixinhas* de som também é comum pessoas dançando e, às vezes, esses locais eram chamados de *pista* – remetendo às pistas de dança de boates.

---

⁹³ Exemplo: “Traficante desfila armas pesadas na Cracolândia no SPTV Segunda Edição”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UhdvcqEU1H8>

3.3 Quem são as pessoas que constituem a *Cracolândia*?

Mas quem são essas as pessoas que dançam, fumam, conversam, compram, vendem e, portanto, constituem a *Cracolândia*? Assim como José Miguel Nieto Olivar em *Sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina*, tento olhar para as pessoas da *Craco*:

em toda sua “singularidade e positividade” (Rago, 2008), policiando-me em qualquer tentativa de “epistemologia negativa” ou de comparação por igualação (Strathern, 2006). Não é meu desejo cristalizar suas vozes em uma “explicação científica” e coesa das narrativas (Velho, 1995), nem congelar todas as possíveis interpretações e “reconfigurações” (Ricoeur, 1994). Só escolhi um viés dos muitos possíveis. (Olivar, 2011, p.90)

Pistas importantes para responder a questão que nomeia este capítulo apareceram numa reunião que aconteceu no dia 10 de dezembro de 2016 e juntou cerca de quinze trabalhadoras e ativistas da *Cracolândia* com o intuito de construir coletivamente formulações para esta dissertação de mestrado (esta reunião está contextualizada e debatida no capítulo 5.2):

– (...) A partir da escuta você vai identificando: quem são esses sujeitos? Aqui virou um centro de acolhimento de todos os descartáveis da sociedade. De todos, independente se é preto, branco, andino...não importa. Eu acho que tem que falar de políticas para meu povo preto, como diz meu filho da *pretominância*. (...) O menino ou a menina chegam aos 18 anos na Fundação Casa ou num abrigo, então a função do Estado acabou, e agora? Pra onde ele vai? – contribui Agostinha⁹⁴, que é enfermeira do DBA e há anos trabalha na *Cracolândia*.

– Tem uma comparação que gosto muito, que minha mulher faz: a *Cracolândia* é o quartinho de bagunça da cidade, onde tudo que não coube em outro lugar acaba ficando lá. Vai entuchando: bota a escada, bota a coleção da [Enciclopédia] Barsa que não serve mais e vai entuchando o quartinho da bagunça. Porque na periferia o que acontece na *Cracolândia* não é tolerado, daí os caras são expulsos e o único lugar que acolhe as pessoas é lá. É um lugar de acolhimento também, né! – completa Rica⁹⁵, que é gerente de um dos hotéis do DBA e tem uma longa trajetória de trabalhos na área social.

– É uma mega contradição! – continua Agostinha. Vou contar do meu vizinho. Ele tá até preso. Ele consome crack a não sei quantos anos, por alguns ele conseguiu manter uma relação mais organizada com o uso, mas teve um momento que ele não conseguiu conciliar com outras coisas da vida, aí desandou. Depois já estava se sentindo empoderado porque de usuário passou a trabalhar, trabalhava na *biqueira*

⁹⁴ Agostinha Oliveira é enfermeira do DBA e foi devidamente contextualizada na matéria “A *Cracolândia* é o chão dos sem chão. E eu cuido dos pés que pisam ali”, produzida pela Gabriela Moncau para o Observatório de Drogas e Direitos Humanos Vozes da Rua, disponível em: <http://edelei.org/post/143-ldquoA-Cracolandia-e-o-chao-dos-sem-chao.-E-eu-cuido-dos-pes-que-pisam-alirdquo,-conta-enfermeira>

⁹⁵ Ricardo Paes Carvalho, ou Rica, fez quatro anos de Ciências Sociais, mas graduou-se em Jornalismo e é pós-graduado em jornalismo social pela PUC-SP. Rica trabalha na área social há 18 anos, destaco sua atuação no Projeto Travessia; como Diretor de Divisão da FEBEM (Complexo Franco da Rocha); no Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CRECA) Bixiga; na ABONG e Secretaria dos Direitos Humanos; no Moinho da Luz; no Projeto Cidadania Rodante nas Ruas (SMDHSP/Coordenação Álcool e Drogas – Programa São Paulo de Braços Abertos) e seu atual emprego como gerente do Hotel social New Luz 2 (Programa Braços Abertos).

(...). Daí teve um dia que ele veio para o centro porque conseguiu um *trampo* de pintor aqui (...) quando eu passei na porta de casa ele me disse: “*Nossa! A senhora trabalha no paraíso! O lugar mais maravilhoso do mundo! Hipócrita é quem gosta da coisa falar que ali não é o paraíso! A variedade, fartura, a abundância: aqueles pratos, aqueles pedaços desse tamanho...*”. Ele falava de um jeito... Aí essa semana um menino veio e me disse: “*a senhora acha que eu estou triste por estar aqui? Aqui eu encontrei felicidade. Eu sou feliz! Você acorda, tem com quem conversar. Se não tem o que comer o outro tá lá comendo um pedaço de carne e divide com você. Conversa, brinca... Tem as treta e tudo, mas aqui é lugar que a gente é feliz, quando você tá nos outros lugares ninguém nem te enxerga, você ser sozinho é muito triste, aqui as pessoas recebem a gente*”. Se você for fazer narrativas nesse contexto tem milhares, aqui também acolhe.

– (...) para mim, quando estava trabalhando aqui, era muito forte no sentido da militância, porque estar trabalhando num lugar que fica quem foi excluído tem a ver com estar com uma crítica sobre qual é esse sistema – Nina⁹⁶, que trabalhou na *Craco* pelo *Projeto Oficinas*, intervém no debate. A gente sabe que tudo que tá rolando é muito cruel: o mundo do trabalho, o capitalismo e tal. Então trabalhar com os excluídos dos excluídos tem a ver com falar “*esse sistema é uma merda mesmo, eu tô trabalhando com tudo isso porque esse sistema é uma merda*”. Eu não sou excluída porque eu tive mais sorte, mas é uma merda mesmo assim. (...)

– Aí você vai pegando contradição, porque, por exemplo, minha filha mais nova fala “*eu não vou pra faculdade, eu não tenho que fazer o que o sistema quer*”, aí eu falo pra ela que talvez seja exatamente isso que o sistema quer, mais uma preta periférica que não vai ocupar esse espaço. Então, quando esse usuário trouxe que ali é uma **faculdade de experiências de vida**, realmente, se quiser se debruçar em buscar uma compreensão para o que está acontecendo com a humanidade você encontra as respostas estão tudo ali. Quando a Roberta traz essa pergunta, se a *Cracolândia* deve existir, é uma voadora com os dois pés no peito. Porque, com toda essa contradição, é um lugar que acolhe. Onde vai ser esse espaço de acolhimento? Inclusive de ser protegido pela própria polícia – Agostinha continua sua contribuição com o debate.

– Mas, nesse ponto você não acha que deveria assumir de uma vez uma cena de uso no *Fluxo*? Porque fica na metade e não assume de vez? Põe banheiro público, põe bebedouro... – questiona Rica.

– Uma sala de uso seguro – alguém complementa.

– Não, pode ser até aberto, ali na rua mesmo, mas dar condições para uma cena de uso, assumir isso – o Rica conclui.

(...)

– (...) A maioria não tem casa? Porque tem tantos homens perdidos nessa cidade?

(...) – Agostinha questiona.

– E tanta mulher mãe solteira, né? – complementa a Nina.

– Mas porque tem tantos homens? – pergunto.

– Não sei, indagação. Você pega o povo que é expulso do campo, que veio em busca de trabalho e não conseguiu nada... – Agostinha começa a responder.

– E tem a questão dos egressos do sistema prisional – Rica complementa.

(...)

(transcrição do debate de 10 de dezembro de 2016)

As contribuições deste debate do dia 10 de dezembro são valiosas para pensar sobre a *Cracolândia* e as pessoas que a constituem. No começo de sua intervenção a Agostinha aponta para a pluralidade de pessoas que vivenciam a *Craco*, mas ao mesmo tempo fala da sua inegável *pretominância*. Reconhecer a pluralidade de perfis é importante para que

⁹⁶Nina Nussenzweig Hotimsky é arte-educadora, sanfoneira e atriz. Licenciada em Educação Artística com Habilitação Plena em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Professora do curso técnico de Teatro na ETEC de Artes. Trabalhou como atriz no grupo Coletivo de Galochas. Desde 2012 é atriz e acordeonista da Companhia da Revista. Trabalhou como oficineira no Projeto Oficinas (parceria da Secretaria dos Direitos Humanos com o CEDECA Interlagos) nos anos de 2014 a 2016. Foi oficineira no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas da Brasilândia entre 2012 e 2013.

caminhos complexos sejam pensados para essa realidade que se constitui de pessoas singulares em suas trajetórias, sonhos, dificuldades e possibilidades. O que não significa negar a *pretominância* da *Craco*, que é fruto de uma sociedade racista onde xs negrxs são maioria na *Cracolândia*, nos índices de desemprego, de pobreza e nas mortes. Para Silvio, que entre diversas outras facetas, é frequentador da *Cracolândia* e usuário de *pedra*, a escravidão ainda é presente e os crimes que acontecem são sua consequência⁹⁷:

Escravidão

Se você faz uma coisa contra a sua vontade e sem ser remunerado por isso, já se torna Escravidão.

As ondas de crime que acontecem hoje por aí são fruto dessa escravidão.

Hoje ainda existe escravidão, mas é mascarada, escondida. A princesa Isabel, quando assinou a Lei Áurea, foi convencida por seu “assessor de imprensa” (na época não existia isso, mas era o puxa-saco dela). Disse pra ela que já estava ficando feio pro mundo todo e ela precisava passar como uma boa princesa pra História. Assim foi assinada a Lei Áurea no Brasil. Mas quando os escravos foram libertos não deram a eles trabalho, terra, educação – ou seja, uma forma melhor de progredir socialmente.

Por isso hoje em dia a escravidão ainda é presente. (SILVIO, 2016)

Juliana Paula, que é psicóloga e ativista da *Craco Resiste*, em seu artigo intitulado “*Vamos deixar um massacre virar lenda? O destino dos corpos pretos da Cracolândia*”⁹⁸, também fala de racismo quando aponta a faceta preta dos corpos da *Craco* que, segundo a autora, estão em extrema vulnerabilidade, encarcerados, mas na resistência:

É de negação em negação que o racismo se perpetua no Brasil. Vivemos como se racistas não fôssemos, racistas são os outros. Como se a esmagadora maioria dos corpos encarcerados não fosse preta, como se a maioria das pessoas pobres e miseráveis não fosse preta, como se a maioria das pessoas fazendo uso pesado de drogas e em situação de extrema vulnerabilidade não fosse também preta. O único destino que se dá a esses corpos, como nos tempos da escravidão, é a exploração sem limites e, para aqueles que se recusam a ser produtivos, os que não se permitem ser explorados, o cárcere, a internação ou a morte.

O mundo em que eu existo como mulher preta não preparou uma realidade para mim; Ele me nega, me exclui, me marginaliza; Me fere e também me mata. Apaga minha memória e reescreve minha história, porque para ele eu sou nada. Mas ele não faz isso às claras, ele não diz para mim, mulher preta, que me despreza. Ele não diz para as pessoas, que são a Cracolândia, que ele não quer ter que olhar para elas. Não quer sentir seus cheiros, nem lidar com seus problemas complexos.

(...) A maior garantia que tenho de que não pararemos é histórica: o povo preto nunca deixou de lutar e resistir, desde que o primeiro maldito navio negreiro chegou a essa terra. Mas como eu disse, a história é nossa e o levante do povo preto tá aí nas periferias, nas comunidades quilombolas, nos terreiros, nas rodas de capoeira, nas universidades, nos movimentos sociais. E na Craco, porque a Craco resiste. (PAULA, 2017)

⁹⁷ Poema de Silvio escrito em “*É pra mim não passar em branco*” – livro do Projeto Oficinas (2016, p.166).

⁹⁸ Artigo publicado pela Geledés. A Geledés é um instituto direcionado à mulher negra fundado em 1988. O artigo citado está disponível em: <https://www.geledes.org.br/vamos-deixar-um-massacre-virar-lenda-o-destino-dos-corpos-pretos-da-cracolandia/#gs.y4ZI1Kc>

Nas madrugadas que passamos no *Fluxo* foi intrigante a diferença de perfil entre as pessoas que moram e/ou vivem o cotidiano da *Cracolândia* em comparação com as pessoas que chegam à noite para a balada. No período noturno chegam pessoas com um maior poder aquisitivo em comparação àquelas que passam o tempo todo ali, várixs entre xs visitantes tem um trabalho ou uma fonte de renda fora dali e vão para o *Fluxo* esporadicamente; grande parte tem menos marcas de sofrimentos sociais no corpo e quem é usuárix de crack também tem o corpo, via de regra, menos marcado pelo uso em comparação àquelxs que permanecem constantemente no *Fluxo*. Até mesmo a *pretominância* diminui no período noturno quando centenas de pessoas chegavam para curtir e depois [na maioria das vezes] ir embora: mais uma vez, como aponta Juliana Paula, quanto maior a vulnerabilidade, mais negrxs. Mesmo entre as pessoas que se mantêm mais constantemente no *Fluxo* têm quem não faça uso de crack, mas tive a impressão que entre xs visitantes há um contingente maior de pessoas que não fazem o uso de *pedra*: conheci mais pessoas que fazem uso apenas de álcool e/ou cocaína inalada entre as que mantêm uma presença casual, do que entre quem permanece ali mais constantemente. Via de regra xs visitante, no período que ali permanecem, usam um número maior de *pedras* do que a maioria que ali mora ou que permanece mais constantemente no *Fluxo* – até porque quem trabalha fora geralmente tem um maior poder aquisitivo.

Para além do necessário apontamento sobre a *pretominância* da *Cracolândia*, outro elemento que aparece na contribuição da Agostinha é a evasão do campo e a falta de possibilidades como um dos elementos que constitui essa população masculina nas ruas da cidade – argumento que corrobora com a dissertação “*Cracolândia muito além do crack*” que aponta que:

Nesse contexto de marginalização, alguns grupos especialmente desprotegidos se destacam. Entre eles está o dos migrantes pobres. A tônica é recorrente na história da busca, nos grandes centros urbanos, de melhores condições de vida e de proteção social. Percebe-se a influência de migrantes na Cracolândia buscando a invisibilidade que o território propicia já que representa contexto marginal aos interesses burgueses. Também é território desejável porque fica próximo aos pontos de chegada, além de reunir uma série de instituições sociais do terceiro setor e executores de políticas públicas, esperançosamente reconhecidas como possibilidades de remediar situações de extrema miséria e de doença. (ARRUDA, 2014, p. 119)

Ainda no debate do dia 10 de dezembro Agostinha sugere, e o Rica corrobora, com a compreensão da *Craco* como um lugar de acolhimento para aquelxs que não cabem em outros espaços da cidade, em especial para quem passou sua juventude institucionalizada – os

exemplos usados foram abrigos e a Fundação Casa. Nesta mesma conversa o Escobar⁹⁹ chegou a comentar como já reencontrou na *Craco* muitos jovens com quem trabalhava na Fundação Casa.

A vida das pessoas que se encontram na *Cracolândia*, muitas vezes, passa por ciclos que giram em torno da rua e instituições, como: abrigo - rua - Fundação Casa - rua - albergue - Centro de Detenção Provisória (CDP) - hospital de custódia - comunidade terapêutica - rua - cadeia - *Cracolândia* - comunidade terapêutica - CAPS - prisão - rua - prisão - *Cracolândia*... Diversas pessoas entram e saem de circuitos como esse em diferentes momentos da vida, sendo comum a observação e a declaração de que “na Cracolândia o tempo todo tem gente chegando e saindo”. Rui e Mallart escreveram sobre estes trânsitos a partir da descrição de seis trajetórias pessoais que expõem “conexões discursivas, práticas e arquitetônicas entre unidades de encarceramento para adolescentes e adultos, entre dispositivos de controle e de tratamento, entre os serviços de repressão e de atenção” (MALLART & RUI, 2015, p. 7) – três das seis trajetórias expostas passam pela Cracolândia. Para dar conta analiticamente das “ressonâncias e das transversalidades que atravessam e aproximam, como que costurando, esses distintos territórios urbanos” (Ibid., p. 2) os autores propõe, então, uma “produção etnográfica transversal” que reconstrua trajetórias de personagens que deixem perceptíveis as várias ressonâncias entre distintos territórios urbanos e sirvam como guias urbanos, mas também apontam como essencial a produção de pesquisas que lancem um olhar sobre os territórios que estas trajetórias vão enlaçando, com o objetivo de flagrar, produzir e complexificar cenários etnográficos mais amplos (Ibid., p. 12). Esta dissertação, por sua vez, tenta contribuir com o cenário que tange a *Cracolândia*.

As pessoas que ficam na *Craco*, mas não cresceram no centro, vão para a região central da cidade, frequentemente, por algum motivo que fez com que suas ruas, com todas as suas dificuldades, pareçam mais interessante do que os outros lugares que vêm como possibilidade de existência. Às vezes esta escolha se dá porque ali há uma gramática e/ou *procederes* familiares com outros locais que circulou: pode ser familiar à sua quebrada, pode ser familiar às instituições pelas quais passou. Algumas pessoas já me relataram que é mais

---

⁹⁹ Raphael Escobar é formado em artes visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e pós graduando em Estudos Brasileiros: sociedade, educação e cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política. Nos anos de 2008 e 2009 trabalhou com as periferias de Cotia (pelo Projeto Arquimedes) e Jabaquara (pela Associação Evangélica Beneficente), propondo oficinas de desenho, pintura e graffiti. De 2009 à 2012 trabalhou na Fundação CASA (antiga FEBEM) pelo projeto "educação com arte" do CENPEC. De 2012 à 2015 trabalhou no Projeto Quixote. Em 2014 e 2015 trabalhou como educador social de direitos humanos pelo Projeto Oficinas do Cedeca Interlagos, nos territórios da Cracolândia, e do centro de Acolhida Zaki Narchi.

fácil ficar ali porque sabem “se portar”, conhecem os *procederes* e assim não são discriminadas. Da mesma forma, é comum pessoas da *Craco* se negarem a circular em outros lugares que afirmam não saber como se comportar, ou mesmo porque declaram que não estão com a vestimenta adequada¹⁰⁰. Para alguns a sua forma de existência no momento, como fazer uso de crack por dias seguidos sem dormir, por exemplo, não caiba na sua *quebrada* – aquilo que Rica se referencia quando aponta que “o que acontece na Cracolândia na periferia não é tolerado”:

havia unanimidade em proferir que no *centro* era mais difícil parar de usar crack porque era mais fácil conseguir dinheiro. E que na *periferia* eles se cuidavam mais, porque era mais complicado aparecer *sujo, feio, muito magro*, já que os traficantes e os moradores “*pegam muito no pé*” e tem “*sempre alguém te chamando de volta à realidade*”. (RUI, 2014, p. 271)

Também por isso a *Cracolândia* é considerada a “periferia da periferia”, como algumas vezes foi dito no debate citado acima – o livro “Nas Tramas do Crack” também já registrou tal definição para este território (Ibid., 2014, p. 27). Vários usuáries relatam que saíram dos bairros onde foram criados porque preferem usar crack longe dos olhares de conhecidos e familiares e, assim, não deixá-los tristes, envergonhados ou decepcionados. Ouve-se muitos relatos de gente escondida, não só da justiça/polícias, mas também de pessoas queridas e/ou de suas/seus empregadores. O centro de São Paulo, em especial um *Fluxo* com centenas de pessoas, é interessante para determinada forma de anonimato e é exatamente por isso uma dos *procederes* que os usuáries mais reforçam é o fato de não poder filmar ou fotografar ali – muitas pessoas já nos relataram, por exemplo, que perderam seus empregos porque foram vistas em alguma reportagem sobre a *Cracolândia*¹⁰¹.

Uma característica que salta aos olhos ao refletir sobre os frequentadores da *Cracolândia* é a questão da saúde mental. Muitas pessoas que ali estão têm, perceptivelmente, questões sérias neste sentido – com análises de profissionais da área seriam diagnosticados com transtornos mentais. Não há dados para esta afirmação que em Campo é facilmente visível, inclusive no discurso dos nativos que chegam a sugerir que esta é uma das sérias questões do território. Durante uma vigília do final do ano de 2017 o André, que é usuário de crack e morador da *Cracolândia*, ao saber que havia uma psiquiatra entre os ativistas apresentou uma moça loira que afirma ouvir muitas vozes e tem sérias dificuldades para

¹⁰⁰ Também por isso o fato de mais de dez pessoas usuárias de crack e frequentadoras da *Cracolândia* estarem presentes na defesa desta dissertação de mestrado – que aconteceu no prédio do IEB/USP – foi um evento que muito me orgulhou e me impressionou. *Procederes* comuns à este tipo de evento, como só os integrantes da banca e a pessoa que está defendendo terem direito a fala, não foram respeitados pelos usuáries que subverteram as lógicas prescritas e, por exemplo, interviram em todas as pronunciações que aconteceram nesta defesa.

¹⁰¹ Algumas das fotografias usadas ao longo desta dissertação, que foram tiradas para a página da *Craco Resiste*, demandaram muita negociação e demonstram um longo processo de conquista de confiança.

manter diálogos. Ele disse que tenta cuidar dela, mas como é usuário precisa se cuidar e não pode dar atenção o tempo todo. Disse que se preocupa porque ela anda muito sozinha – o que ele considera um fator de risco na *Craco*. Xs militantes que a observavam ficaram muito incomodadxs quando um dos GCMs que estava conduzindo a limpeza falou algo no ouvido dela que claramente a incomodou e a fez ficar gritando com o profissional da “segurança pública” até que a limpeza se encerrasse. Questões de saúde mental podem colocar as pessoas em risco em vários sentidos, no caso de mulheres a questão do assédio – não apenas por parte dos usuários, como é perceptível no relato em questão – é uma das circunstâncias que preocupa. Mesmo assim, porém, muitas pessoas com questões deste tipo, várias delas sem que sejam usuárias de crack, vão para [e permanecem na] *Cracolândia*.

Esta também é uma angústia de muitxs profissionais que ali atuam, não apenas no sentido de que há um déficit de formação e preparação para lidar com estas questões, mas também porque as pessoas mais debilitadas neste sentido têm dificuldades para conseguir acessar coisas simples, como, por exemplo, a sopa por terem que entrar na fila. E muitas das pessoas que ficam na *Craco* e têm questões de saúde mental, como dito, não são usuárias de crack – talvez a questão central seja, mais uma vez, a capacidade de acolhimento do território da qual fala a Agostinha. Ou talvez seja, também, a dificuldade que os outros espaços de convívio na cidade têm para acolher pessoas com estes tipos de transtornos. Tem um senhor, que usarei como exemplo, que algumas vezes aparece e fica pela *Cracolândia* até que alguém, geralmente um(a) usuárix, o leva de volta para a casa (ele tem um crachá com o endereço que pede, em caso de encontrarem ele pela rua, que o levem de volta para sua casa). Eu já conversei com este senhor e ele, que visivelmente possui sérias questões de saúde mental, demonstra gostar da *Cracolândia* porque “aqui falam comigo”, “você está falando comigo”, “acho que tenho amigos”. Ele não quis que eu o levasse para casa, quando sugeri ele afirmou, depois de gritar coisas que não compreendi, que quando ficasse com fome pediria para alguém que o levaria. Um morador da *Craco*, que estava perto quando conversávamos, disse que eu poderia ficar tranquila que aquele senhor “vira e mexe aparece por aqui, ele mora aqui perto... quando quer ir embora ele enche o saco e alguém sempre leva”. O usuário também afirmou que o senhor não usa crack, que “nem tem capacidade pra isso” (Caderno de Campo, dezembro de 2016).

Outro elemento facilmente perceptível é que a maioria das pessoas que vivem na *Cracolândia* já passou pelo cárcere. Segundo a pesquisa¹⁰² do DBA coordenada por Taniele Rui, mais de 66% dos beneficiários do programa são egressos do sistema prisional (RUI. T.; FIORE, M.; TÓFOLI, L.F., 2016, p. 35). Conheci algumas pessoas que sequer usavam crack, mas que foram pra *Cracolândia* assim que saíram da cadeia porque ali é um local de encontro com “pares” com quem compartilham experiências, valores, *procederes*, assim como a linguagem do cárcere paulista. Quando conheci o Roco, por exemplo, fazia menos de 48 horas que ele estava em “liberdade”, depois de quase trinta anos preso. Ele, que não era usuário de crack, dizia-me que não queria ficar ali, que queria “aprender a viver”, encontrar os filhos, mas que ali tinha sido o único lugar que havia conseguido um casaco e um prato de comida – ambos doados por um usuário de crack em situação de rua.

A primeira vez que Roco foi preso, desses quase trinta anos de cárcere, ele havia roubado uma carteira em frente a rodoviária antiga, exatamente onde estávamos. Disse ter feito o furto porque não conseguia levar dinheiro há alguns dias para sua casa. Fugiu algumas vezes e cometeu outros furtos como foragido ou em momentos de *saidinhas*¹⁰³ – das quais nunca voltava por conta própria. Dizia que depois de ter sua primeira *passagem* nunca mais conseguiu um emprego formal e então, como não via alternativa, voltava a furtar e voltava a ser preso. Sua pena sempre foi aumentando e, além das reincidências, contou que brigava muito na cadeia. Como sabia que seria preso novamente, em especial quando estava foragido, se sentia impelido a cometer roubos para poder contá-los aos seus pares quando voltasse ao cárcere. Foi preso pela primeira vez aos 19 anos. No dia em que o conheci, ele tinha 59. Roco repetia constantemente que precisava “aprender a viver” agora que estava “livre”, mas angustiado dizia que não sabia como fazer isso.

A questão do cárcere é central para entender o perfil das pessoas que frequentam a *Craco* não só porque a maioria das pessoas que estão na *Cracolândia* já passou pelo sistema

¹⁰² “Pesquisa preliminar de avaliação do Programa ‘De Braços Abertos’” feita pela Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPd), coordenada pela Taniele Rui e financiada pela Open Society. Esta pesquisa está disponível em: https://docs.google.com/document/d/1YWOj6-AVw0BkkgrLuL_IQMisHNYDXx5l6rnZd1Y1C3k/edit#

Os “beneficiários do programa”, que foram entrevistados na pesquisa citada não têm, necessariamente, o mesmo perfil das demais pessoas que vivem na *Cracolândia*. Minha impressão é que a taxa de egressos do sistema prisional deve ser maior entre as pessoas que não são beneficiárias deste programa. Por outro lado, porém, há trabalhadores do DBA que afirmam que quem já tinha passado pela experiência do cárcere tinha uma melhor adaptação ao programa porque, por exemplo, são mais organizados e têm mais disciplina.

¹⁰³ *Saidinha* é quando a pessoa encarcerada tem o direito de sair, de ficar alguns dias fora, para depois regressar ao presídio e terminar de cumprir sua pena. Elas geralmente acontecem em festividades como o Dia das Mães e o Natal. Muitas pessoas vão para a *Craco* em sua *saidinha* porque ali é um lugar que podem fazer coisas que têm vontade e estão privadas na cadeia – como sexo, convívio, amizades, *corres* e o próprio uso de crack – e também porque caso decidam por não voltar é um lugar, a priori, interessante para se esconder.

prisional e relata essa experiência como muito sofrida e com diversas consequências negativas para suas vidas – como os preconceitos, estigmas e dificuldades de entrada no mercado de trabalho – mas também porque é comum o relato desse período como uma sensação triste de perda de vida e até mesmo como a porta de entrada para o mundo do crime e/ou para uma vida *desandada* (seja em relação ao uso de crack, seja em relação aos vínculos familiares, ou mesmo em relação à vida em situação de rua).

Muitas pessoas relatam um “mito de origem” para sua entrada para a vida em situação de rua ou para o uso mais prejudicial de *pedra*, normalmente privações, algum grande sofrimento e/ou perda, violência, abuso, abandono, traição – sendo que um período no cárcere é propenso para grande parte destas vivências dolorosas. É relativamente comum, entre homens, o relato de que saíram de casa para conseguir algo de comer para a família e tiveram vergonha de voltar mais um dia sem nada. Há quem faça o movimento de ir para a rua ainda quando criança, várixs outrxs o fazem já jovens ou adultxs. Henrique, por exemplo, saiu de casa aos oito anos porque não aguentava mais ser espancado por sua mãe, conta que “na minha última surra minha mãe me deixou numa salmoura depois de me encher de porrada”; já André largou a família e foi para a Craco porque bateu o carro da empresa causando um acidente que matou todas as pessoas que estavam no veículo e seus colegas de trabalho passaram a chamá-lo de assassino depois do acidente. Outrxs foram expulsxs de suas casas e, muitas vezes, de suas *quebradas*, porque passaram de algum limite que pode ser desde uma sexualidade diferente da vontade de seus familiares e/ou amigxs, até furtos a própria família ou a vizinhança.

E existe uma infinidade de estórias e sujeitos singulares que passam por ali. Denise, no texto abaixo que foi publicado no livro “*É pra mim não passar em branco*”, conta sobre sua própria singularidade, sobre xs personagens que vivem na *Craco* e sobre a tristeza que sente. Ela também relata que o crack acalma, que não define a personalidade e a essência das pessoas e que ter perdido a guarda do seu filho (por ter sido presa com uma *pedra*) é o principal motivo para seu atual uso de crack¹⁰⁴:

Tá vendo aquele prédio branco? Vim morar nele em 1968, com um ano de idade. Quer dizer: eu sou daqui. Sou a raiz. Vi toda a mudança. Eu sou personagem do cenário (aqui tem personagens: a Mônica, o Cebolinha, o Cascão). E tem vulgos bem apropriados: o meu é hippie.

Eu fiquei muito tempo ausente. Ausente, quero dizer: no mundo do crack. O crack só entrou na minha vida em 1992. Cresci com pessoas que viraram médicos, traficantes, policiais... conheço todo mundo.

¹⁰⁴ Poema de Denise escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p. 48-49).

Me arrependo de ter saído do Bairral. É uma clínica, fui me internar lá pelo CRATOD. Optei pelo Bairral porque queria cuidar dos meus dentes. “Acabei de fazer um check up geral na situação”, como diz o Raul.

Adoro Raul Seixas.

Pra mim o crack é um anestésico. Não sou viciada. Fumo porque sinto tristeza. Me acalma.

O Raul dizia uma frase:

“Que pena que não sou burro Não sofreria tanto”.

Quando a gente tem conhecimento, vê as coisas e traz sofrimento.

Outra frase boa, é de um filme ou um livro:

“A expectativa da morte é pior do que a morte em si”.

Li um livro fantástico, “Verônica decide morrer”.

Ela toma um monte de remédios, o médico ironiza ela. “Tentasse melhor!

Você comprometeu seu coração, vai morrer em sete dias”.

“Então não fui tão incompetente assim”.

E a mentalidade dela foi mudando dia-a-dia.

Chegou o sétimo dia e ela não morreu.

Quem planta tomate não colhe limão.

Acredito em 2 leis: a da gravidade e a da causa e efeito.

Sou Kardecista, espírita. Beethoven é imortal, todos o conhecem. Tem pessoas que nascem e mudam o mundo. Jesus Cristo, é antes e depois de Cristo. Ele dividiu uma era. Mandela, Einstein, mudaram o mundo.

Tem pessoas que vieram pra ajudar, e outras pra destruir. Eu quero ajudar, eu quero fazer a diferença. A minha imagem como ser humano é muito importante pra mim.

Ser humano, respeito. Não vou fazer pra você o que não quero que façam pra mim.

“Se você soubesse o verdadeiro valor da água lavaria a calçada com whisky 12 anos”. Eu quero que meu filho beba água!

O crack não diz qual a personalidade da pessoa. Cada pessoa tem uma essência. Mozart compôs uma sinfonia com sete anos.

Eu tive dois filhos. Um aos 18 e o outro aos 40 - 22 anos de diferença entre ambos.

Quando eu tava grávida do pequenininho o de 22 faleceu. Eu não bati a nave porque estava grávida. E o pequenininho, eu dobrei - o amor que eu sinto por ele é dobrado - o do mais novo e o que faleceu.

E agora eu perdi o de 6. Agora ele tem 6, a última vez que eu vi ele ele tinha 3. O principal motivo é de eu estar fumando crack. Eu encontrei o pai, agora eu quero encontrar meu filho. Eu quero que meu filho saiba que ele não foi abandonado por mim.

Eu fui presa com 1 pedra, na Apa. O Denarc me levou, fiquei 45 dias presa. Deixei meu filho com a babá, que ele adorava. A babá é homossexual, não pode ter filhos, transfere amor pras crianças.

A minha mãe me abandonou quando eu tinha um ano de idade, isso faz uma diferença na vida da pessoa. Eu não abandonei meu filho. Avisei que estava presa, ele está com o pai. Ele ficou me esperando chegar.

Quando saí da cadeia falei com o pai do meu filho, ele disse que eu abandonei meu filho. Eu não abandonei, eu fui presa.

Eu quero fazer almoço de família, dar ovo de páscoa. Quero levar meu filho no circo e no teatro. No parquinho. Eu quero meu filho, quero fazer parte da vida do meu filho.

(DENISE, 2016)

O aglomerado de pessoas que define o *Fluxo* é constituído por relações de proximidade em uma rede que se estabelece em diferentes níveis de pertencimento com o território, com a vida em situação de rua, com as pessoas dali, com o uso de drogas e com a própria *Cracolândia* (suas dinâmicas, instituições e profissionais). Existem aqueles que já

fazem parte da segunda ou terceira geração de nascidxs e crescidxs nas ruas e suas respectivas instituições. Conheci um senhor que vivia perguntando para as pessoas de onde elas eram para depois responder, com um tom de orgulho: “*eu sou da rua mesmo*” – sua mãe havia dado à luz na calçada. O *Fluxo* pode ocupar um lugar entre a casa e a rua, seja para quem mora ali e o tem como residência, seja para quem só vai dar uma passada e depois [de alguns minutos, horas, dias, meses ou anos] volta para casa. Sua abrangência física é pequena, geralmente se limita a uma rua ou uma praça, mas são de grande densidade as relações ali constituídas, sejam entre os humanos e as coisas que caracterizam o espaço (como as carroças, os cachimbos e o crack), seja nas relações entre as pessoas dali, não só porque passam muito tempo convivendo, mas também porque muitas relações já vêm de anos e ali se fortalecem. Algumas dessas relações foram constituídas já no centro de São Paulo, entre pessoas que cresceram, se tornaram adultas e têm muitas de suas referências sobre o que é viver construídas por aquelas ruas.

É comum, também, que a *Craco* proporcione reencontros entre pessoas que já se conheciam em seus bairros de origem ou mesmo entre familiares que vão se (re)encontrar e, às vezes, até se conhecer ali. Por duas vezes acompanhei o caso de pessoas, usuárias de crack, que tinham conhecido seu pai biológico na *Cracolândia*. Um dos casos não acompanhei muito de perto, só fiquei sabendo pelo relato da filha que (re)conheceu seu pai por uma história que ele contou quando jogavam baralho juntxs e ainda não sabiam do parentesco. O outro foi com o Lima, uma pessoa muito próxima a mim, das primeiras pessoas do *Fluxo* que fiquei amiga. Comecei a achá-lo estranho, perguntei o que havia acontecido, mas ele nada me contou, porém a Andréia, sua esposa na época, veio me contar que ele havia reencontrado sua filha ali e que agora ela também vivia no *Fluxo*, mas ele não estava sabendo lidar muito bem, tinham perdido contato quando ela ainda era uma criança e, por isso, Lima andava tão estranho e quieto. Esse reencontro desencadeou um processo longo e contraditório, ao mesmo tempo que pai e filha tinham a possibilidade de se conhecer, trocar experiências e aprendizados, ambos estavam com vergonha dx outrx por estarem em situação de rua e fumando *pedra* na *Cracolândia*. Andréia e eu, porém, ficamos amigas da Regina, filha do Lima e, assim, pai e filha passaram a ficar cada vez mais próximxs, ela passou a chamá-lo de pai e a Andréia o pressionava para se portar enquanto um. Foi interessante ver o que Andréia considerava os devidos *procederes* de um pai ali: passavam por apresentá-la para seus amigos

como sua filha, mas também a ajudá-la financeiramente, inclusive no uso de crack, para que ela não recorresse à prostituição.

O acolhimento que muitos relatam vivenciar na *Cracolândia* corrobora com a percepção de que ali também vivem e circulam pessoas que, possivelmente, têm dificuldades de aceitação e adaptação em diferentes lugares. Cadeirantes, pessoas com variadas deficiências físicas, cegos, idosos, pessoas com uma diversidade de questões relacionadas à saúde mental, estrangeirxs, foragidxs, ex-presidiárixs e profissionais do sexo circulam e convivem na *Craco* numa proporção muito maior que em outros lugares da cidade que conheço e frequento. Os encontros e o acolhimento que a *Cracolândia* proporciona parecem apontar em direção contrária à determinada ideia “exclusão social”, sendo que, talvez, algumas pessoas estejam exatamente fugindo disto quando ali chegam. Agostinha, no debate citado acima, traz a fala de um menino que ali reside e aponta que a *Cracolândia* é o lugar onde, diferente dos outros, ele é visto, tem com quem conversar, trocar, brincar, onde ele se diz feliz em contraste com a tristeza experienciada na solidão de outros lugares. Segundo o relato da enfermeira, para o menino a *Craco* é o oposto de determinada definição de exclusão: “a exclusão significa, então, o não encontrar nenhum lugar social, o não pertencimento a nenhum topos social, uma existência limitada à sobrevivência singular diária” (ESCOREL, 1999, p. 81). Outras definições mais complexas de exclusão, porém, são possíveis – como a definição usada por Taniele Rui em sua tese de doutorado:

Exclusão aqui é principalmente um “*problema teórico*” (Zaluar, 1997), isto é, termo derivado de toda uma longa tradição dos estudos de sistemas simbólicos que percebem que qualquer classificação produz a exclusão. Ou seja, exclusão é, portanto, um traço constitutivo da própria classificação. Como já mostrou Alba Zaluar (1997), há diferenças, mas também correlações (ambas nem sempre claras), entre isso e o “*problema prático-político*” da exclusão como uma manifestação de injustiça, que se revela quando pessoas são sistematicamente excluídas dos chamados “*direitos de cidadania*”, isto é, dos serviços, benesses e garantias oferecidos pelo Estado. (RUI, 2012, p. 9)

A *Craco* é definida, por alguns de seus residentes, mas também no universo acadêmico (RUI; MALLART, 2015, *Le Monde Diplomatique*), como um ímã com uma força de atração muito grande, que torna difícil a saída. Algumas pessoas chegam a relatar inveja dxs trabalhadorxs e militantes, que conseguem entrar e sair. Serginho, um usuário de crack que habita a região desde a década de 1990, relata existem vários tipos de paranoia e chama uma delas de “cu de burro”, que é quando x usuárix não se sente segurx fora do *Fluxo* e acredita que algo muito ruim vai acontecer caso evada aquele espaço. Esta força de atração é o principal motivo pelo qual a Rita defende que a *Cracolândia* deve acabar:

não pode ser fácil usar e ali é muito fácil usar e fica muito difícil de sair; é um lugar que atrai as pessoas e elas não conseguem ir embora (...) é como as crack-houses [em

Londres], por ser um ambiente entre pares, cria[-se] uma esfera que você não consegue se desvencilhar. (Rita, comunicação oral, maio de 2017)

Rita é uma jovem universitária com quem convivo há anos em diferentes espaços e nunca imaginei que havia feito uso de crack e morado por um tempo na *Cracolândia*¹⁰⁵. Ela contou que fez uso de crack em Londres e depois no Rio de Janeiro, mas que foi para a *Craco* quando viu uma matéria na televisão e ficou motivada pela abundância. Contou que “o poder centralizador ali é o crack, que quando ele acaba tudo muda, a pessoa que era sua amiga e estava fumando com você pode querer te matar”. Ela relatou muitas passagens sofridas enquanto lá estava, como quando foi para o que chamou de “tribunal do crime” e, como sentença, foi estuprada¹⁰⁶, inclusive com sexo anal, por dois homens – ela afirmou, diferentes vezes, que defende o fim da *Cracolândia* por uma questão de gênero. Rita defendeu a internação compulsória, ao menos para as mulheres que são violentadas, e a prisão que, na sua experiência, foi um momento importante de reflexão e ressignificação da vida¹⁰⁷. Ela disse concordar com a *Craco Resiste* apenas no sentido de que não existe uma resposta pronta para a questão e por discordar politicamente do Doria, mas o elemento magnético da *Craco* era sempre reafirmado como uma questão central para ela ser contrária ao movimento e a existência da *Cracolândia*: “também sou contrária a ação higienista do Doria, mas ali é um labirinto de perdição e sofrimento que, acabando fisicamente, facilita para as pessoas conseguirem se desprender.” (Rita, comunicação oral, maio de 2017)

Como acusa a paranoia “*cú de burro*” e as declarações da Rita, a força magnética deste território é realmente grande e pode ser sentida mesmo por quem não usa crack – geralmente não é nada fácil ir embora, sair do *Fluxo*. Esta dificuldade parece ter relação, também, com a forma que o tempo passa dentro do *Fluxo*. O tempo no *Fluxo* pode ser regido pela duração da *onda* (VARGAS, 2006) de uma *paulada* no cachimbo de crack, pela duração das histórias nas quais se imerge, pelas demandas que surgem e/ou pelos *corres* que parecem urgentes – entre

¹⁰⁵ Além da Rita outras três pessoas que fazem parte dos meus círculos sociais, depois de maior exposição da *Craco Resiste* na internet, entraram em contato comigo para contar que já fizeram uso de crack e estiveram por um tempo na *Cracolândia*. Em todos os casos eu não imaginava que a *Cracolândia* e o crack faziam parte de suas trajetórias, as pessoas demoraram um tempo para deixar claro que haviam feito uso e tiveram reações distintas em relação ao movimento: enquanto a Rita atacou e criticou publicamente as postagens da *Craco Resiste*, o Lucas, outro exemplo, veio disponibilizar sua ajuda para o movimento, mas colocou a condição de não ir para o território. Todxs se dispuseram a ajudar com esta dissertação de mestrado, cada um de uma forma.

¹⁰⁶ Rita contou que também foi estuprada por traficantes em Londres e por policiais em São Paulo.

¹⁰⁷ Afirmou que a internação compulsória não funciona porque não é uma só vez que faz a diferença, mas um processo. Contou que, na sua trajetória, uma internação involuntária foi importante para saber o que era “estar bem”, mas que só parou de usar quando chegou acidentalmente em uma comunidade do Santo Daime e entrou para a religião - ela sugeriu diversas vezes que o uso do crack tem, também, uma dimensão espiritual.

outras infinitas possibilidades. Muitas pessoas relatam se perder neste tempo peculiar que alimenta a permanência em um fluxo de demandas e *corres* que nunca acabam. Parece não haver um “cronos, uma linha ordenada de acontecimentos” (RODRIGUES & PEZIM, 2011, p. 27), mas que o funcionamento do *Fluxo* acontece mais em “Kairós, termo que designa, para a antiguidade grega, o tempo oportuno, o bom momento para decidir e agir” (Ibid., p.34). “Aión, que para a mesma antiguidade remete ao tempo indefinido, ao jorro imanente do próprio tempo” (Ibid., p.34) também se faz presente ali. O fato é que o *Fluxo* faz com que muitas pessoas, inclusive as que não usam crack, percam a noção do tempo mensurável em minutos, horas, dias e meses. Esta intensidade vertiginosa dos tempos do *Fluxo*, o tempo do presente perpétuo que nomeia de “Amanhã é domingo” esta dissertação, é contraditório e incompatível com a demarcação cronológica das operações policiais e dos projetos da prefeitura, do estado e do governo federal – também por isso estes são tão ineficientes. Todavia, o tempo vertiginoso e kairótico do *Fluxo* e dos *tragos*, o cronograma das políticas públicas e projetos da sociedade civil, justapõem-se em diferentes durações que se costuram no tempo de vida dos usuárixs, tornando-se referências para suas experiências.

Além de ser difícil ir embora porque a vivência pode estar interessante e/ou divertida, ou porque se combinou algo que demande esperar alguém, também é comum acontecer algum incidente que obrigue a ficar um tempo além do programado, como quando acontece, no caso dxs ativistas, algum evento envolvendo violência policial, ou mesmo algum atendimento urgente, como alguém convulsionando que necessita de cuidado imediato. É corriqueiro que as pessoas com quem criamos vínculos de amizade comecem a contar aquela história interessante, que sempre quisemos saber, bem na hora que estamos indo embora, só para ficarmos mais um pouco. É verdade, porém, que muitxs usuárixs conseguem transitar com maior facilidade, várixs vão só “*curtir a balada*” pela noite e depois vão embora – como o Olavo explicita no diálogo abaixo:

- Cabeça a mil. Deixou a família lá fora. O crack é tão poderoso e tão forte que toma conta da nossa vida 100%, não tem 99% – Olavo afirma empolgado..
- Mas não tem ninguém que consegue 20%? – pergunto.
- Tem sim – ele responde. Tem quem consegue. Essas abelhas operárias¹⁰⁸ vem a cada 20 dias, 2 semanas. Trabalham, roubam... Existe usuário, usuário abusivo, usuário adicto... (Caderno de Campo, dezembro de 2016)

Essa declaração sobre as *abelhas operárias*, ou seja, sobre quem trabalha fora e frequenta esporadicamente a *Craco*, aponta para a existência de muitas formas de se relacionar com o crack e com o território. É intrigante perceber, porém, que mesmo o Olavo reproduziu, no primeiro momento, uma radicalização sobre o poder do crack quando afirma

¹⁰⁸ Para saber mais sobre esta teoria nativa sobre o *Fluxo* ver o próximo subcapítulo.

que não tem 99% – aquilo que Fiore chamou de “agenciamento ciumento, que se impunha à totalidade” (2013, p. 107). Essas *abelhas operárias* (também chamadas de *visitantes*), ainda segundo o Olavo, são fundamentais para que o dinheiro (pólen) chegue na *Cracolândia* (colmeia), afinal este dinheiro que vem de fora é essencial para a sobrevivência de diferentes pessoas ali, como ele, mas também para a sobrevivência da própria *Craco* (Olavo, comunicação oral, dezembro de 2016). A chegada de muitos *visitantes*, na maioria homens, é perceptível ao cair da noite, por volta das 19h/20h. É corriqueiro que o número de pessoas no *Fluxo* ao menos dobre durante a noite e vai diminuindo ao longo da madrugada – muitas pessoas vão embora antes que o transporte público pare de circular, outras vão para os hotéis. É comum ver, pela manhã, *visitantes* da noite anterior, mas são poucos se comparado ao período noturno. Aos finais de semana é ainda maior o volume de pessoas que chegam para a *balada*. Segundo uma trabalhadora da área da saúde da região a estimativa com que sua instituição trabalha é que durante o dia circulava uma média de 600 pessoas e durante a noite cerca de duas mil (relatos referentes à quando o *Fluxo* ainda estava na Alameda Dino Bueno).

No período próximo ao primeiro, quinto e décimo dia de cada mês (dias de pagamento) o *Fluxo* aumenta muito em número de frequentadores¹⁰⁹. É comum o relato de que é difícil ficar sem usar crack quando têm dinheiro em mãos. Já conversei com mais de uma pessoa que trabalha o mês inteiro e quando recebe o salário segue para a *Craco* para passar um final de semana, ou alguns dias, “*torrando todo dinheiro em pedra*”. Quando o dinheiro acaba, voltam para suas casas e para o trabalho, esperando o próximo pagamento para voltar ao uso. Carlos, uma pessoa que fica no *Fluxo* apenas alguns dias após seu pagamento e depois volta a sua rotina fora dele, quando questionado sobre a validade de trabalhar o mês todo para fumar *pedra* em apenas um final de semana me respondeu: “*você não entende, pra poder fumar pedra até cansar até vale a pena trabalhar o mês todo*”.

A potência de acolhimento da *Cracolândia* é uma faceta importante para reflexão, afinal o fato de que ela acolhe não significa que viver ali é, necessariamente, bom, mas aponta que outras possibilidades para “refugiados urbanos” são ainda piores. A utilização deste termo para o público em questão não é recente, tanto que em 2005 o Projeto Quixote criou uma base para atendimento na região da *Cracolândia* que tinha este nome e, segundo a dissertação de mestrado de Ramos defendida no instituto de psicologia da USP:

¹⁰⁹ Rui já havia observado, em uma cena de uso de crack em Campinas, que a circulação de usuárixs “aumenta na segunda semana do mês (quando há mais movimentação de dinheiro, por causa dos pagamentos)” e sugere que “mesmo o mercado de drogas acompanha o tempo da produção e da remuneração do trabalho regular” (2014, p.148)

Tal nomeação não foi despropositada. Ao contrário disso, a equipe, na elaboração do plano de trabalho viu-se envolvida com a reflexão sobre a aplicabilidade do termo ‘Refugiados Urbanos’ para caracterizar a condição das crianças e adolescentes em situação de rua no centro da capital, equiparando-a a dos exilados e refugiados de guerra, enquanto pessoas que vêm-se obrigadas a fugir de situações de violência, privação e insegurança e a romper com seus vínculos territoriais, familiares e comunitários. Migram para campos de refúgio que, no caso daquelas crianças e adolescentes, foram vislumbrados nas ruas do centro da cidade. (RAMOS, 2011, p. 20)

Nina Hotimsky, no debate do dia 10 de dezembro citado no começo deste subcapítulo, falou que quando se trabalha com “*os excluídos dos excluídos*” é importante ter uma “*crítica sobre qual é esse sistema*”, assim como reconhecer a crueldade do mundo do trabalho. A experiência na *Cracolândia* relatada a seguir também aponta neste sentido:

(...) fomos em direção à fogueira que estava entre os barracos e em cima dos entulhos que sobraram da demolição¹¹⁰ - a noite já estava começando. Estava frio, a fogueira trazia conforto, além de nos colocar em meio a um bom papo (...). Um usuário, que tinha começado o curso de filosofia na Unicamp, falava sobre Nietzsche e outro interpretava o filósofo com o instrumental de quem havia nascido na rua - estava um debate muito interessante. Mesmo que todos estivessem portando cachimbos, eram poucos os que estavam fumando naquele momento. André, que também participava da conversa, aproximou-se de mim com ar de quem quer contar um segredo. Logo começou a me contar, de forma reservada, sobre sua vida. Contou sobre o sofrimento de sua infância miserável “*nos cafundós da zona sul*”, na “*periferia da quebrada*” (...). Ao final de sua estória chegou a seguinte conclusão: “*e vou te falar uma coisa, se eu fosse muito, mas muito bem sucedido de onde eu vim, eu estaria pegando três horas de busão para ir tramar dez horas todo dia como caixa de supermercado pra, no fim do expediente, pegar mais três horas de busão, chegar em casa e assistir novela com uma mulher reclamando que ganho pouco....eu tô muito melhor aqui trocando ideia com você!*” (Caderno de Campo, dezembro de 2013)

Este relato é ainda mais impressionante para quem conhece as experiências nada fáceis que a *Cracolândia* proporciona, como ficar exposto à chuva, ao sol, à constante violência policial, a todo tipo de sujeira, à imprensa corporativa atuando na ampliação do seu estigma, além de ter que enfrentar os múltiplos olhares de reprovação e/ou curiosidade. Mas o relato citado mostra que, para André, mesmo a “vida de sucesso” que a “sociedade” espera dele, parece ser menos interessante do que a experiência vivida ali. É importante salientar, porém, que também já ouvi o mesmo André se lamentando da sua condição de usuário de crack em situação de rua – isso geralmente aconteceu em outras ocasiões menos agradáveis do que vivemos nesse dia da fogueira, como em um dia de chuva que ele não havia conseguido fazer seu *corre* e acabou brigando com sua esposa por causa de um *trago*. Mas seria possível

¹¹⁰ Essa cena aconteceu no lugar onde hoje em dia ficam estacionados dezenas de carros da Guarda Civil Metropolitana (GCM) e a tenda do Recomeço, na esquina da Rua Helvétia com a Dino Bueno. Nessa época, as construções que ali ficavam haviam acabado de ser demolidas e havia muito entulho junto aos barracos que haviam sido improvisados no terreno – foi o momento no qual os melhores barracos foram construídos, alguns até possuíam televisão.

argumentar que todo mundo, mesmo quem não está em situação de rua, passa pela experiência de lamentar a própria vida em dias ruins e igualmente celebrá-la em dias bons. Outro lado, porém, é que existem muitas pessoas que aceitam e vivem o desafio dessa vida que o André abandonou e que apontou como sofrida porque, entre outros motivos, é em grande parte preenchida por horas de trabalho alienado e de transporte público lotado. Gabrielle, uma mulher trans, que é filha de uma juíza aposentada e que frequenta a *Craco* há alguns anos, fala que o ódio que aquele território gera tem a ver com o *recalque* e a inveja que as pessoas que aceitam essa vida de *Zé povinho* têm de quem tem a coragem de sair do sistema e ficar ali usando droga e se divertindo – já ouvi, também, alguns ativistas falando coisas semelhantes sobre o ódio que GCMs e outras pessoas têm da *Cracolândia*.

O que está sendo apontado aqui, no entanto, não é de que a vida na *Cracolândia* é satisfatória, razoável ou algo do gênero, mas que o “sistema” sobre o qual a Nina, o André e a Gabrielle falaram é tão cruel e excludente que produz tanta falta de sentido na vida das pessoas que esse lugar, mesmo com todas suas dificuldades, é habitado por muitxs. Edcarlos, que é muitas outras coisas além de frequentador da *Craco* e usuário de *pedra*, também expressa no livro “*É pra mim não passar em branco*” a crueldade do mundo do trabalho¹¹¹

Às vezes você não está psicologicamente pronto para o mundo do trabalho.
Mas às vezes o mundo do trabalho é que está errado:
agressivo, explorador, cheio de maus tratos e discriminação.
Mandam embora muito fácil, como se a pessoa fosse descartável. (EDCARLOS, 2016)

Ao olhar a complexidade das questões que envolvem a estada na *Cracolândia* em suas diversas facetas, é necessário olhar para a pluralidade de motivações que levam as pessoas e as coisas, que a constituem, a estarem ali. Não é possível abordar todas as facetas porque existem:

Diferentes usuários de crack e (...) diferentes usos também do próprio espaço da “*cracolândia*”. Ainda que agrupadas em torno do consumo e comércio de crack, é preciso ter claro que as pessoas não estão ali fazendo as mesmas coisas, nem com o mesmo objetivo e menos ainda consumindo a droga com a mesma intensidade. (RUI, 2014, p. 253)

Tamanha complexidade passa, também, pela compreensão de que retirar a *pedra* da vida de alguém, por si só, não deixa sua vida necessariamente melhor, porque as múltiplas faltas, de moradia a sentidos de vida, continuarão presentes. Mesmo se fosse possível sumir com todo o crack da *Cracolândia*, ainda assim, ela não deixaria de existir, porque, como

¹¹¹ Poema de Edcarlos escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p. 196).

afirmou Escobar no debate que aconteceu no dia 10 de dezembro de 2016 em prol da produção desta dissertação de mestrado:

– O problema da *Cracolândia* nunca foi o crack, mas ter muito preto pobre favelado no centro de São Paulo. (...) Se for pensar historicamente a *Cracolândia* existe antes de existir o crack, era a boca do lixo. Já tinha a prostituição, a boemia e tal. O crack só chega em 85. O *Fluxo* já esteve em 8 lugares, que seria uma *Cracolândia* expandida que vai do metrô Luz até a praça do homem com a brita [Praça Júlio Prestes]¹¹². (transcrição, dezembro de 2016)

3.4 As abelhas rainhas da Cracolândia: uma teoria nativa

Nem tudo que você vê é o que é.
A única coisa que é o que é é o coqueiro.
A 1ª árvore da esquerda é um anjo com uma Bíblia na mão e uma garça na outra mão.
A 2ª árvore tem um anjo tocando saxofone.
A outra árvore, bananeira, é um anjo arcanjo (anjo de seis asas).
As pedras da cachoeira são rostos.
As montanhas é uma mulher dando a luz.
E o céu tem alguém vendo: um rosto.
A letra japonesa é felicidade.
É isso.
(Carlos)¹¹³

A seguir está compartilhado um relato de campo que acredito contribuir para compreensão da *Cracolândia*. O seu conteúdo foi coletado com a gravação em áudio de uma conversa que o Olavo, a Marcela e eu tivemos em uma *maloca* da *Cracolândia*, numa madrugada de dezembro de 2016. Exponho esse relato quase que na íntegra, pois assim é contemplada sua complexidade e seu fluxo, sua força narrativa e sua riqueza de detalhes. Há elementos e inquietações que esta conversa traz que já foram analisados nesta dissertação, alguns são questionados e analisados ao final da transcrição, outros demandarão muito trabalho a posteriori:

Eram três da manhã, de terça para quarta-feira, em uma noite quente de dezembro e a *Cracolândia* estava efervescente. Entre risadas, funks, discussões, encontros, prazeres, dores e luzes de isqueiros acendendo e apagando, centenas de pessoas, talvez milhares, davam vida para a Alameda Dino Bueno que destoava do silêncio da madrugada no resto cidade. Como canta Mc Cauex “*São Paulo a noite o mundo se divide em dois*”¹¹⁴. E ali no meio estávamos nós, dentro da ilustre *maloca* do Olavo. Eu, Olavo e Marcela conversávamos. Os dois têm em comum o uso do crack, é verdade, mas a caminhada e os motivos para chegar naquele lugar, assim como neste uso, são bastante diferentes. Aceitaram que eu gravasse nossa conversa, mas “*deixa ele discreto*”, Olavo se referiu ao gravador que, em seguida, apoiou em sua coxa esquerda:

¹¹² Para melhor contextualização histórica sobre a região da *Cracolândia*, que não está nesse território por acaso: Calil (2016), Arruda (2014) e Mosqueira (2007).

¹¹³ Poema de Carlos escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p.40).

¹¹⁴ Disponível no vídeo “*As novas guerras da nova luz*” (2017), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hN_yIpgwMhw>. Acesso em: 18 ago 2017.

– Certo dia estava na Rua Apa, tem uma boca de crack lá, e conheci uma abelha rainha, mas eu não sabia que ela era abelha rainha – Olavo alisa sua barba ao contar sua história. – Ela era dona da *boca* e eu era *contenção* da *boca*. Ela começou a me pedir pra comprar coisa pra ela, comprar lanche pra ela, trocar dinheiro. Daí ela chegou pra mim e falou: vamos tomar um banho? Aquilo pra mim foi uma surpresa, pensei: essa menina é ousada! Daquele dia em diante (...) era que nem tampa e panela. Nos apegamos de uma forma e nos tornamos cúmplices. Ela sentiu um prazer que nunca tinha sentido. Sentiu o prazer real mesmo do orgasmo. Ela ficou chorando. Eu fiquei preocupado, né? Pensei: será que machuquei ela? Será que fiz alguma coisa de errado? Perguntei o que foi que aconteceu, daí ela falou assim pra mim: “*you made something with me that I never felt with a man and not in anything, with you I had a real orgasm.*” Fiquei feliz, sabe? Até que deu errado. Tivemos que sair da [Rua] Apa, tiveram que colocar outro gerente [no lugar dela]. Daí eu vim com ela aqui pra *Cracolândia*. Chegamos aqui, [mas] ela não teve coragem de falar que era garota de programa aqui. Houve situações muito vexatórias. Eu bati nela, ela veio pra cima e bateu em mim...

Daí eu comecei a observar situações aqui dentro. Como essas meninas usam tanto crack, tanta droga, três ou quatro vezes mais que os homens. E tem uma questão financeira. Pensei: caramba, mas elas arrumam dinheiro como? Comecei a observar que elas recebem esse dinheiro para sustentar elas e o cafetão fazendo programa. Daí comecei a comparar com uma colmeia de abelhas. A inspiração veio quando eu vi uma abelha rainha e uma zangão brigando, ele pedindo dinheiro a ela, aquela briga, nesse momento veio uma abelha voando e pousou no meu braço, assim veio a inspiração e, então, eu pensei: vou escrever sobre isso! Realmente passei a ver cada uma dessas meninas que se prostituí para poder tirar sua sobrevivência como abelhas rainhas. As pessoas que vem aqui fazer programa são as abelhas operárias, que trazem o dinheiro que é o pólen. Assim elas podem comprar o mel, que é o crack, pagar o hotel, a comida, que compartilham com seu companheiro, que são os zangões. Nenhuma dessas abelhas rainhas quer perder esse zangão. A minha abelha rainha não quer me perder. As meninas que sentam aqui não querem me perder... perder o que? A segurança, o carinho, tem que ter um sentido. Podem perder tudo menos eu. A segurança, um alguém pra ter carinho, amor, um cara bom de cama... Tem que ter alguém, algum sentido. Porque só na droga não tem sentido, é muito frio, precisam de alguém pra desabafar.

– De fato você é o zangão, gira um monte de gente em torno daqui, em torno de você, tudo zunindo uma pá de coisa – concordo com sua auto-definição.

– Aqui é a *maloca* do Olavo. O dia inteiro passam várias pessoas, à noite vou até às 4h da manhã. Catador de papel, mendigo, empresário, profissionais liberais... Independente da sua posição social e poder econômico essas pessoas gostam do crack, o crack une essas pessoas. E como estou há um bom tempo aqui eu aconselho essas pessoas. Essas abelhas operárias vêm buscando prazer. Como sabem que minha colmeia é frequentada por muitas mulheres que me consideram, eles vêm aqui. Essas pessoas vêm e me perguntam se tem alguma abelha rainha que esteja disponível. Uma pessoa que...

[alguém o interrompe para pedir cigarro e o anfitrião lhe pergunta: quer que eu chame o cigareiro?]

– Então eu faço essas gentilezas – Olavo continua a alisar sua barba branca e asseada. Não cobro nada de ninguém, tenho ética, tenho respeito. Com isso, como eu não perco nada... é que eu não sou bonzinho, mas eu gosto de ajudar. Eu tenho um raciocínio que é seguinte: quem não nasce pra servir não serve pra viver. Minha mãe sempre dizia isso. Cara, é tão bom ser um ser humano, é tão gostoso abraçar, sentir, sem interesse. Eu dou amor, eu dou carinho. Eu gosto do sorriso da pessoa, cuidar da pessoa com dificuldade. Não sou perfeito, não sou bonzinho, mas gosto de ajudar. O crack é uma droga fria, as pessoas se tornam egoístas. Você dá um bom dia pra uma pessoa que acabou de acordar e a pessoa pede um trago. Um dos motivos das pessoas que estão aqui...

[novamente alguém o interrompe]

– Eu não fumo em outro cachimbo que não seja o *bolinha*¹¹⁵ – Olavo explica, depois de emprestar outro cachimbo, que não o *bolinha*, este é apenas para seu uso e de sua abelha rainha.

– Por quê? – questino.

– O cachimbo *bolinha* bem fechado, ele carbura tudo direitinho – explica. Eu congelei meu coração pra outros amores. Não quero envolvimento com pessoas que usam crack. É um relacionamento muito tumultuado. Outro dia eu meditando nessa situação: eu estava meio masoquista, sentido dó de mim mesmo, autopiedade... A dor do amor é terrível, não tem remédio. Falei assim: aqui tem muitas mulheres, aqui na *Cracolândia*. Então resolvi o seguinte: vou entregar o bem querer que eu tenho por essa menina para todas as mulheres da *Cracolândia* que me procurarem. (...) Aconteceu isso. Eu resolvi congelar meu coração para essas abelhas que são tão doces, sensíveis e carentes, como eu. Tão necessitadas. Necessitadas de um abraço, um carinho, uma atenção. Respeito, bom humor e escutar elas. É isso que as mulheres gostam. A receita é: respeito, carinho e escutá-las.

(...)

– Tem os frangos. Frango porque dá pra depenar. A pena dele é a grana, o dinheiro. Aquele que vem bem vestido, com celular. Eles são muito fundamentais para nós aqui. Eles que trazem a grana. Eu sobrevivo deles. Eu não concordo com lesar eles, roubar. Senão eles não vêm mais na minha *maloca*. Não trazem mais dinheiro. Ah, eu trato eles com educação, com respeito. Pegar a confiança deles. Quanto mais eles vierem na minha *maloca* melhor. Tem gente que usa e abusa, pega até a cueca deles. Mas eu não, senão não voltam mais na minha *maloca*. Tem gente que fala: “*pô Olavo, você não tira a bunda dessa maloca e sempre tá fumando, come bem, veste bem, qual seu segredo?*” O segredo é tratar as pessoas com educação e respeito. Essa é a receita básica: respeito, carinho, educação e atenção. E com isso eu conquisto eles. Tem um fulano que vem aqui todo dia e pelo menos três *pedras* ele me dá. Pede pra eu abrir a mão e coloca [as] *pedras* na minha mão. Eu não deixo ninguém roubar ele.

Voltando às abelhas rainhas... Comecei a meditar, ver alguns livros e vi que na colmeia quem manda são as abelhas rainhas. Apesar de saber de toda safadeza, toda falcatura, desse comportamento anormal... nós somos todos frangos também. Quer[emos] mostrar que tem[os] droga e que tem[os] dinheiro. O *top* daqui é o seguinte: viu uma mulher com uma *caixinha* na mão, uma garrafa de vinho gelado e um maçarico¹¹⁶ pendurado: *estourou!* É verdade que no outro dia [ela] vende a *caixinha* [e] vende o maçarico.

– Essa noite passada dormi uma hora depois de seis dias [acordada] e acordei com um cachimbo na boca e [alguém] dizendo “*vai, vai, vai*” – Marcela, que há pouco tinha entrado tropeçando na *maloca*, adentra a conversa.

– Não pode, tem que comer! – Olavo aconselha.

– Olha pra quem fala! Sou gorda de bondade, não como nada! Já fumei assim, já acordei assim... e fiquei mal – Marcela gesticula bastante enquanto fala.

– Hoje eu faço e falo pra eles: quer me acordar com droga? Eu gosto de droga, mas tem que tomar um café primeiro – Olavo, que também está fumando *crack*, responde com uma calma que contrasta.

– Eu comecei a tomar anfetamina com 12 anos por causa de peso – conta Marcela sobre como começou seu uso de drogas.

– Eu vejo aqui como uma colmeia e essas janelas como casulos – Olavo retoma o assunto anterior apontando para o hotel branco e verde à nossa frente onde em cada janela (casulo) acontecia uma cena diferente – Quem traz as abelhas operárias são as abelhas rainhas. Na verdade, se não tivesse essas meninas aqui não era tão cheio. Porque elas que trazem. A beleza delas, o carinho, a sensibilidade delas. A compreensão. A maioria são sacanas mesmo. Se malandro der bofeira elas roubam mesmo. Como tô aqui há muito tempo já sei quem é quem. Daí os caras vêm aqui arrumados e me perguntam se eu conheço alguém de confiança. Eles já foram tão

¹¹⁵ O cachimbo *bolinha* é um cachimbo onde o recipiente que recebe a cinza e o crack é redondo, feito com a *bolinha* retirada de portões de ferro. Um dos cachimbos que estão no logo da *Craco Resiste* o representa.

¹¹⁶ Maçarico é um isqueiro que a chama é forte e acende em qualquer circunstância, até de ponta cabeça, o que é muito útil para acender os cachimbos usados para consumo de crack.

roubados e me perguntam se eu conheço alguma menina que não vai [lhes] roubar. Daí eu falo [para elas] que se tiver[em] algum *progresso*, se conseguir[em] ganhar algum dinheiro, pra me chamar, né. Alguns já me criticaram falando que sou isso ou aquilo. Eu vejo como uma forma de ajudar elas. Se eu ver que o cara não é boa praça [eu] não deixo. Engraçado são os casamentos daqui. Já casei com uma menina que durou meia noite e meio dia. Eu, às vezes, solto algumas letras na multidão. Por exemplo, às vezes eu falo pra menina “*não vai que é furada*”, e elas vão. Sabe como é, o ser humano é teimoso demais. Daí quando volta chorando eu solto aquela do Tim Maia: “*eu bem que te avisei ei*”. Falei que não vai que é *fria*, que é *gelada*, mas ela vai, daí eu canto. Tem uma música do R7 que diz “*aproveita que a mamadeira tá cheia*”: canto isso quando aparece algum frango.

– Eu *estourei* outro dia, paguei uma diária e fumamos muito. Todo mundo olha pra mim como um pedaço de carne. Não tô falando você – Marcela conta animada – *Estourei e pen!*

– Somos tão amigos, eu e ela, que ela sabe! – sorri Olavo para Marcela.

– Daí eu *estourei* e pensei: vou fazer o quê? Se eu for fumar sozinha vou ouvir vozes, daí chamei ele [o Olavo] pra fumar comigo. Se não ia ficar lá sozinha? – explicou Marcela.

– As abelhas operárias vêm a semana inteira – Olavo retoma. Segunda passada eu fiquei surpreso com a quantidade de abelhas operárias. Muita gente, aqueles meus melhores clientes. A mamadeira encheu e derramou. Até abusei da mamadeira. Acabou eu cedendo crack pra eles. Tem um cara que ganha 2500 [reais] por mês, tá aposentado. Daí ele pede um *birico* e me dá 50 reais. Daí eu favoreço um cigarro, uma cachaça.

(...)

[Lucas chega na *maloca* e nos oferece um relógio de bolso]

– Na *Cracolândia* aparece cada *fita*. Não é réplica, é original – comenta Olavo enquanto analisa o relógio. Pode ver pela fechadura dele. Se fosse *badarosca* perdia fácil [a fechadura].

[Ele devolve o relógio pro Lucas agradecendo: “*hoje não*”.]

– As abelhas rainhas e as abelhas operárias querem fazer sexo – o Olavo sorri. O cara tá fumando e quer fazer o quê? Sexo. As letras de funk é lavagem cerebral. Toda hora que tá ali fumando vêm as abelhas rainhas e começam a dançar. O funk é uma dança muito sensual. Daí o cara faz um corre, arranja 40 reais, 50 reais e quer fazer um programa de qualquer jeito. Aqui o tempo passa tão rápido... E sempre é sábado. O mais difícil aqui é um dia de tédio.

– Nunca vi um tédio aqui – concorda Marcela.

– Às vezes a gente só vê o final, a explosão, mas o que aconteceu para aquela situação acontecer ninguém viu. Tá bom por hoje ou quer mais? Tem a questão do mundo espiritual.

– O que você fazia antes da vida, antes de morar nesse barraco? – Marcela pergunta.

– Eu casei em 1984 – ele responde – Minha pequena queria muito fazer um curso de modelagem, confecção. Eu tenho uma casa aqui do lado.

– Essa aliança é com ela? – pergunto.

– Não, essa aliança eu coloquei de gaiato. Em tantos anos de casado nunca usei aliança. Minha outra filha fez faculdade na FAAP. Daí temos uma confecção aqui no Bom Retiro. Toda minha família é envolvida nessa confecção. Ela presta serviço *freelance* pra algumas lojas. Ela é uma profissional completa. Por causa do crack e do meu comportamento deixei tudo. Tenho muitos filhos, dois na faculdade. O crack me separou da minha família. Mas me dou muito bem com eles. Visito eles sempre, todo domingo vou lá. Dia dos pais é uma choradeira danada. Um é pai. Sou avô de três netos. Eu tenho uma família perfeita. Infelizmente o crack me separou da minha família. E o fato de eu ser muito mulherengo. Meu pai com 72 anos fez um filho. É de família. Eu tô aqui porque eu gosto. Adoro! Eu vim pra *Cracolândia*, morar aqui na boca, pra fumar crack. Não vim fazer amizade, não vim casar. É um prazer falar sobre as abelhas rainhas. Aprendi muito aqui, tô aprendendo muito. E tem o lado espiritual, as entidades... Já fui agraciado com o batismo do espírito santo.

- Tem muita gente daqui que me fala que com o crack acessa o espiritual – comentei.
- Aqui são três encruzilhadas – pontua o Olavo. Aqui é um lugar [que] eu comparo com a filial do inferno. Uma filial do inferno na terra. Já marquei até o horário que abre o portal do inferno.
- Qual sua religião? – pergunta Marcela.
- Sou cristão.
- (...)
- Aqui é um lugar protegido? – pergunto.
- Com certeza, ninguém tá fumando aqui pensando em polícia – Olavo aponta ao seu redor – Até porque tem que ser suicida pra um policial entrar aqui. Uma coisa que o usuário de crack não tem é medo.
- Eu tô com medo da polícia entrar! – exclamei.
- O que tem na sua mão? É um gravador! Nossa não sabia que eu [es]tava sendo gravada! Tô me sentindo uma noia importante! – Marcela grita fazendo com que o Olavo e eu gesticulemos sinais pedindo discrição.
- Às 3h da manhã na *maloca* do Olavo! – situo a gravação.
- **Não se pode deixar um verdadeiro tesouro cultural sem ser divulgado** – o Olavo justifica.
- O usuário, principalmente de crack, é visto pela sociedade como se deixasse de ser um ser humano, mas a gente não deixou de ser ser humano. A gente tem sentimento o tempo todo – Marcela até mudou a postura para falar.
- O que tem de gente chorando aqui, não tem quem não fale. Esses dias uma menina veio me dizer que estava sentindo um vazio por dentro. A alma do ser humano é complexa. Aquilo que eu disse: precisa de carinho pra entender essas pessoas. O que é esse vazio? É um começo de depressão – o Olavo explica.
- Nas mansões também têm esse vazio. As pessoas preenchem com remédio. Onde tá cheio hoje? Farmácia! Porque tá tudo em crise, só tem gente na farmácia e na *Cracolândia*! Remédio pra acordar, remédio pra dormir, remédio pra emagrecer... – Marcela parece exausta.
- Quando eu assumi o crack eu tirei um peso das costas, velho – o Olavo relata em tom de confissão. Eu vou comer, vou vestir e vou assumir. Com o crack. Como eu disse: quem não serve pra servir não serve pra viver. Minha vocação é a prestação de serviço para os usuários. Aqui na nossa *maloca* tem um carinho, uma atenção, uma assistência. Quem vai pensar nisso? Eu pensei porque sou usuário há muitos anos. Eu vi essa necessidade de chegar na *Cracolândia* e ser bem recebido, ter uma atenção.
- Quantas vezes eu cheguei e fui recebida: “*nossa, quanto tempo! Como você tá?*”. As pessoas gostam da gente! – Marcela exemplifica o carinho sobre o qual Olavo falava – As pessoas que a gente viu morrer, foram presas, eu por exemplo.
- O que ela queria quando chegou aqui era ficar e fumar o crack, de boa, não queria ninguém apontando na [sua] cara e julgando – conta o Olavo sobre a chegada da Marcela na *Craco*.
- É uma droga do demônio, mas também é de Deus – pontua Marcela. Pode parecer um absurdo o que eu vou falar agora, mas tudo vem de Deus. Quando eu vou fazer um corre, vou roubar ou fazer alguma coisa eu peço a Deus, peço uma ajuda: “*Deus, eu preciso de ajuda, eu preciso usar uma droga, preciso de ajuda*”. Que nem agora, eu tô há seis dias *no ar*. Eu sou da burguesia. Sou filha única criada pelos meus avós. Minha mãe quebrou meu nariz por causa de maconha. Eu nunca deixei de amar minha mãe. Mãe é mãe. Quantas vezes já liguei pra ela me tremendo daqui. Tipo quando eu caí aqui dentro do *Fluxo* [foi] o Cabelo que segurou minha cabeça e me colocou num táxi. Existem pessoas humanas aqui.
- Mas existem pessoas não humanas? O que você acha que tem de bom e [de] ruim aqui? – pergunto.
- Ruim é a *noia*, o desleixo, o abandono, as pessoas não comerem, não se importarem com elas mesmas – explica Marcela.
- E o bom? – pergunto mantendo o diálogo.
- Pra uma pessoa que vem *de berço* não é a melhor coisa dormir na rua. O melhor é a liberdade, você pode ser o que você quiser – ela conta.
- Pode mesmo? – questiono.

– Pode! – ela afirma ainda animada, mas logo desanima – Mas eu me importo com o que as pessoas falam. No mundo ideal não existiria a *Cracolândia*. No mundo ideal não existiria droga, nem crack e nem polícia. A maconha, por exemplo, é uma erva natural que é uma delícia! Não sei como você é magra! Não lembro a última vez que eu comi e eu não emagreço!

[Ouvimos uma voz ao fundo que diz: “*eu vou te matar!*” e o Olavo explica que quem grita pegou seu marido com outra]

– Eu casei hoje e não sei nem quem é! – Marcela conta sem nenhum brilho nos olhos.

– Você casou hoje? – pergunto.

– Casar é tipo estar junto – ela explica.

– Ele te pediu em casamento?

– Pediu! Sei lá, rolou a química, não sei se tô carente, sei lá. Tô sentindo falta de casa – respondeu sem animação.

– Você não pode voltar pra casa?

– Não quero voltar. Eu tava fumando um beck, tava cheirando pó. Eu gosto, não quero parar. Eu tenho mais de 30 internações. Já vieram me buscar à força, colete a prova de bala. A força não funciona nada. Passei 36 dias trancada numa detenção, sozinha num quatinho. Às 19h da noite me davam um colchão e às 7h tiravam. 2 meses em voto de silêncio. Isso é tortura. Me entopem de remédio e eu saio pesando mais de 100 quilos.

– Isso é uma super questão pra você né... – me referi ao tema da estética.

– Não é só a questão do peso. Vaidade é uma coisa. Eu perdi a virgindade e fui estuprada. Depois, mais uma vez na Heliópolis. Depois, dois anos e meio, não sei mais o tempo, fui estuprada por 7 caras. Eu só pedia pra morrer – Marcela explica, já muito emocionada, que seu uso de drogas vai muito além de uma questão estética.

– Me sinto honrada de você tá dividindo isso comigo, pode ser importante falar sobre isso, esse mundo é muito escroto com as mulheres... – falo enquanto me aproximo dela.

– Eu tava saindo da faculdade, tava bêbada, só queria buscar um *pino* de farinha, eu tinha 10 reais. Esse mundo meu, calça [da] Diesel, da Daslu, o meu cabelo tem que tá o tempo todo com chapinha, minha unha feita perfeitamente, não posso ter um cravo no rosto, tenho que pesar 50 quilos, cansa, cansa... é faculdade, trabalho, academia, é muita coisa – ela chora ao questionar as violências deste mundo.

– Tudo bem, não é o que ninguém quer, não temos que aceitar o que impõem pra gente, você é muito forte, mó linda – lhe abraço e enxugo suas lágrimas sem saber o que falar.

– Essa semana eu tava dormindo lá na praça e um amigo me perguntou qual é meu sonho. Eu não tenho sonho. Ele me disse pra gente fazer um filho. Eu não tenho a menor vontade de colocar uma criança num mundo desses – Marcela conta depois de um tempo em silêncio enquanto me abraçava forte.

– Eu fiquei internada três meses. Ela nunca me ligou, eram as regras da clínica, ela disse que eu só ia servir com regras – desabafa sobre sua mãe.

– É ser humano, tem sentimento! – Olavo, que há um tempo participava em outra conversa, fala apontando para a Marcela.

– Tem gente que fala que sou uma patricinha recalcada que não quer voltar pra casa. Eu não quero ficar trancada numa clínica. Não quero saber que meu vô trai minha vó – a voz da Marcela ainda está muito tremida, mas o choro parece ter cessado.

– Tá bravo que eu te xinguei? Eu não gosto que você brigue com a Renata. Eu sou mulher também – Uma mulher entra no meio da conversa para falar com o Olavo sobre uma discussão que tiveram.

[O marido da Marcela chega e falo para ele que ela tá precisando de atenção, de carinho...]

– Tá chorando por que princesa? – o marido pergunta em tom embriagado.

– Tô conversando! – Marcela responde quase ríspida.

– Parabéns, você casou com uma mulher maravilhosa! – eu falo pra ele.

– Obrigada! Vocês fumam? – ele me pergunta.

– Não! – Marcela grita e encerra o assunto. (Caderno de Campo, dezembro de 2016)

O primeiro elemento que chama a atenção no relato do Olavo é o “*orgasmo verdadeiro*” que ele teria proporcionado à dona da *boca* da Rua Apa na primeira relação sexual que tiveram e que, a partir de então, os tornou cúmplices, “*que nem tampa e panela*”, até o momento que ele compreendeu que ela era uma *abelha rainha* (ou seja, uma profissional do sexo) o que gerou muitas brigas até que ele resolveu “*congelar seu coração para outros amores*”. O artigo “*Banquetes de Homens: Sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina*” conta que as profissionais do sexo pesquisadas faziam uma diferenciação sobre as relações de trabalho – que sequer eram nomeadas de sexo e que não poderiam envolver prazer para elas – e as relações, aí sim sexuais, que travavam com seus maridos (que poderiam ser apenas malandros, mas também poderiam ser/se tornar cafetões):

Levar uma mulher [profissional do sexo] ao orgasmo dessa maneira tinha um altíssimo valor simbólico, anunciando o fracasso ou a fragilidade da corporificação esposa/trabalhadora, da solidez da perspectiva amalgamada mulher/marido/família (...) (OLIVAR, 2011a, p.96)

Este artigo, além de confirmar o valor simbólico do orgasmo relatado por Olavo, também pode indicar um caminho que ele percorreu no processo conturbado de entender a prostituição feminina na *Cracolândia* que possivelmente o tenha colocado neste lugar de marido/cafetão ou, ao menos, de marido/malandro (ou, ainda, *zangão* – como Olavo nomeia). A descrição de Olavo, assim como a convivência de anos que tenho com ele, porém, o coloca em um lugar muito mais complexo de trocas do que cabe ao cafetão: ele troca muitas coisas e conhecimentos para além daqueles que se referem às *abelhas rainhas*. É fácil observar o Olavo exercendo no seu cotidiano aquilo que chama de “saber servir”. Sempre tem *abelhas operárias* em sua *maloca* a quem ele presta serviços variados: proporciona um local confortável para o convívio e os usos (com colchão e cobertura que protege do sol e da chuva, além de boas conversas e companhias), geralmente vai buscar o crack para xs visitantes porque afirma conhecer xs melhores fornecedorxs, espanta os *noias* que ficam pedindo *tragos* sem oferecer nada em troca, proporciona os apetrechos para uso de crack (como cachimbo, cinza e isqueiro), chama o *cigarreiro* quando necessário, entre outras coisas dignas de um bom anfitrião – e de maneiras mais ou menos explícitas cobra pelos seus serviços. Em troca de seus serviços de acolhimento e segurança, além de fazer o consumo de *pedra* junto com [e na conta d] a *abelha operária*, ele recebe tudo que garante sua sobrevivência e seus consumos – seja colchão, cobertor, roupa, crack, cigarro, diária de hotel, dinheiro (coisas que já vi ele receber em troca de sua prestação de serviços e capacidade de acolhimento).

Na transcrição que conduz este capítulo, porém, o Olavo conta sobre uma briga entre uma *abelha rainha* e um *zangão* que pedia dinheiro a ela – o que me remete a outro artigo de José Miguel Nieto Olivar:

Esses homens, de quem se dizia que “eram homens de verdade”, comandavam inteiramente o negócio a partir da manipulação muito eficaz da dialética da ameaça/segurança. O discurso básico, numa simplória redução nos limites do artigo, é que para elas trabalharem tranqüilas, devido a um suposto complexo de violência que as ameaçava (a polícia, os clientes, as colegas-feras-selvagens), precisava-se a presença vigilante de um homem de absoluta confiança. O que não se dizia é que o principal vetor de violência eram eles mesmos (...) (OLIVAR, 2011b, p.3)

Não acredito que o principal vetor de violência para as profissionais do sexo da *Cracolândia* sejam seus *zangões*, mas é inegável que eles sejam, também, um vetor. Mesmo Olavo afirmando na transcrição que entregou o seu bem querer “para todas as mulheres da *Cracolândia*”, desde que o conheço sempre soube que Angélica, com quem tem uma relação recheada de ciúmes e carinho, é sua única esposa. Angélica é mãe de cinco filhos (de casamentos anteriores), tem formação universitária e trabalhou em muitos lugares antes de ir morar com Olavo na *Craco* – onde, entre outras coisas, ela usa crack e trabalha como profissional do sexo. Uma vez vi Olavo batendo em Angélica e, depois disto, nós três já tivemos muitas conversas sobre violência contra mulher ao ponto de lxs me garantirem que ele não bate mais nela. Por outro lado, o próprio Olavo (no relato transcrito) se coloca no lugar de mediador entre *abelhas rainhas* e *abelhas operárias* e, ao mesmo tempo, de provedor de segurança para ambos. Se no contexto da prostituição em Porto alegre nos anos 80 – que foi o Campo de pesquisa de Olivar – o perigo para as profissionais do sexo era a violência da polícia, dos clientes e das “*colegas-feras-selvagens*”, quais são os riscos da prostituição na *Cracolândia*?

Pode ser interessante refletir que tipo de pessoa, com quais tipos de fantasias sexuais, pode ir à procura das profissionais do sexo que estão na *Craco*. Sem dúvida é diverso, mas já ouvi muitos relatos sobre os propósitos escatológicos e/ou violentos que alguns dos clientes têm ao ir até a *Cracolândia* para fazer programa. Todo o processo de estigmatização que marca xs usuárixs de crack como zumbis com [supostamente] pouco discernimento ou vontade própria, também podem influenciar nas fantasias e desejos das pessoas que procuram as usuárias para fazer sexo. O conceito de testemunho como as histórias que as mulheres não contam, mas a mostram no corpo e na conduta (Das, 2011), é útil para expressar como tais fatos me foram relatados. Tais relatos, independente de ocorrerem de forma mais ou menos verbalizada, sempre aconteceram em meio a muita vergonha e sofrimento, afinal tais

sentimentos são intensamente vividos por essas profissionais que, diferente de zumbis, realmente sentem e sofrem quando são violentadas e/ou desrespeitadas.

A prostituição segundo pessoas que vivem na *Craco*, é uma fonte de renda bastante “comum”¹¹⁷ e, realmente, muitas pessoas que acesso são (ou já foram) profissionais do sexo. A maioria dxs usuárixs, porém, afirmam nunca ter trabalhado nesse ramo. Muitas pessoas, inclusive algumas que fazem [ou já o fizeram] programa, e até mesmo o Olavo que talvez agencie *abelhas rainhas*, demonstram questões morais com relação a esse tipo de geração de renda. Abaixo uma passagem de um dia no Campo parece corroborar neste sentido:

(...) a Ana chegou correndo, me abraçou fortemente e me agradeceu muito: “*Consegui! Muito obrigada, você foi muito importante, eu consegui*”. Eu, depois de comemorar e pular junto dela, passei a tentar entender em que eu lhe tinha ajudado. Ela não me falava direito, disse que as conversas que tínhamos tido lhe deram força, e me mostrava como estava mais bonita e limpa. E ela realmente parecia mais organizada, seja fisicamente como fazia questão de mostrar, mas também mentalmente. Ela estava feliz como nunca a tinha visto. Depois de um tempo fui entender, nas entrelinhas, que ela havia deixado de se prostituir e tinha começado a trabalhar para o tráfico, o que, da perspectiva dela, era muito menos errado [moralmente], além de lhe fazer muito menos mal em diversos sentidos. (...) (Caderno de Campo, agosto de 2014)

O trabalho como profissional do sexo, porém, por mais que seja muito prejudicial para Ana, não é, necessariamente, menos arriscado do que trabalhar para o tráfico: os riscos são diferentes. Trabalhando no comércio de crack, ela pode ser presa e ficar por anos *guardada* – o que aconteceu a sua filha quando fez a mesma mudança laboral que a mãe, mas, infelizmente, foi presa poucos meses depois, deixando menos evidente que tal virada na carreira era positiva, como tinha parecido naquele momento que Ana me contou, feliz, sobre sua melhora da vida.

É importante apontar que a própria situação da prostituição na *Cracolândia* também é vivenciada de formas muito plurais. Já conversei com uma moça que tinha chego à *Craco* havia duas semanas e estava em êxtase com a vida que encontrara ali. Ela já usava crack e trabalhava como profissional do sexo há alguns anos, mas seu ponto era em frente a uma *balada* na zona sul, onde, para garantir seu sustento, precisava esconder seu uso, coisa que não aconteceu mais desde que chegara na *Cracolândia*: “(...) Tô me deliciando! Porque não descobri esse lugar antes? Desde que cheguei não falta cliente, pedra ou diversão e nesse calor sempre tomo um banho gostoso depois [me falou isso sorrindo e mostrando seus cabelos molhados]” (Caderno de Campo, março de 2014)¹¹⁸. A possibilidade de parar de esconder o

¹¹⁷ Esse “comum” é bastante vago e pode ser levado em conta no sentido de ser uma proporção maior do que existe de profissionais do sexo entre a média da população feminina e masculina do resto da cidade.

¹¹⁸ Nunca mais a encontrei para saber se perspectiva da vida ali continuara a mesma com a agência do tempo entrando em jogo.

uso de crack pareceu muito gratificante para esta moça. Este elemento se repete na transcrição feita na *maloca* do Olavo: tanto na sua afirmação de que assumir seu uso de crack foi tirar um peso das costas, quanto no relato que ele faz sobre a chegada da Marcela à *Craco*.

Alex, que além de usuário de crack é um músico que já esteve em destaque em determinados circuitos culturais da cidade, tem outra experiência com as profissionais do sexo da região:

(...) Quando perguntei o custo de um programa ali ele primeiro me respondeu que custava R\$5 ou R\$10. Depois de enfatizar que ele não gosta muito desse tipo de sexo, afirmou que quando ele sobe para o hotel com alguém ele não paga o programa:

– Olha ali: um hotel, dois hotéis, três hotéis [enquanto falava os apontava em nossa volta], qualquer um deles é R\$15 meia hora. Você sobe com a mina, fuma umas pedras e dá uma. Quando eu subo, eu falo pra mina: “você vai usar o que eu for usar, comer o que eu for comer, beber o que eu for beber, vai ficar lá comigo, mas eu não pago nada não, tem que ser para curtir, sexo eu não pago não” (...) (Caderno de Campo, julho de 2015)

Este relato do Alex também aponta outra explicação para a afirmação do Olavo de que “as mulheres usam muito mais crack que os homens”: parece que além dos recursos financeiros que o sexo profissionalizado proporciona, também há um pagamento em crack que pode ser consumido, como sugere Alex, durante o programa. Ele também dá peso para a quantidade de hotéis na conformação do espaço do *Fluxo*; elemento que também aparece na transcrição da conversa que tivemos na *maloca* do Olavo que conduz este capítulo. Muitos destes hotéis estão na região desde quando ela sediava a rodoviária da cidade, outros, porém, são espaços adaptados para servirem como “hotéis de viração” – como são chamados aqueles cuja renda principal vem do aluguel por curtos períodos para programas e/ou consumo de drogas. Como já apontado em capítulo anterior (sessão 2.3.1) o sexo faz parte da experiência do uso de crack para diferentes pessoas, diversxs usuárixs, como Olavo e Paulinho, relatam que a experiência do uso do crack está atrelada a prazeres sexuais e que a *Cracolândia* é um local propício para essa comunhão. Isto também é reafirmado quando Olavo sugere que “se não tivesse essas meninas [profissionais do sexo] aqui não era tão cheio. Porque elas que trazem. A beleza delas, o carinho, a sensibilidade delas. A compreensão.”

“Abelhas operárias” caracteriza um espectro amplo de pessoas que frequentam a *Cracolândia*, mas Olavo aponta, ainda, subdivisões dentro desta categoria. *Frango* é uma delas. *Frangos* são visitantes que ostentam bens materiais que acabam aguçando interesses, assim como relações interesseiras, até que são depenados. Mais incomum do que a definição feita deste “tipo” é a reflexão que Olavo faz quando afirma que “nós somos todos frangos

também. Quer[emos] mostrar que tem[os] droga e que tem[os] dinheiro”. E, segundo a continuação de sua declaração, este lugar não vale apenas para homens, vale também para mulheres que buscam “estourar”, ou seja, possuir um vinho gelado, um maçarico e uma *caixinha*. Esse lugar da ostentação é condizente com a atual lógica capitalista que rege não só a *Cracolândia*, mas muitos dos valores e das relações sociais para além dela – inclusive o Rap ostentação e o Funk ostentação que estão em voga há alguns anos e fazem muito sucesso na *Craco* –, o que significa, também, que ali se reproduz modos de ser e valores sociais dominantes. Talvez o mais interessante mesmo seja o fato que a reflexão “somos todos frangos” seja excepcional e xs usuárixs mais cotidianos e xs moradorxs da *Craco*, assim como Olavo, ironizem constantemente os *frangos*; *frango* é xingamento. Talvez estes questionamentos e ironias sobre o lugar da ostentação, do dinheiro e do consumismo seja uma faceta da resistência da *Cracolândia*. Algumas reflexões neste sentido já foram feitas (no capítulo 3.1) a partir de algumas declarações que apontam a vida na *Craco* como questionadora do sistema, como uma possibilidade de viver sem dinheiro; mesmo que o contraditório esteja sempre presente, que a ostentação seja algo desejado e tenham usuárixs que afirmem que na *Cracolândia* você vale o que você tem.

Outro elemento que a transcrição da conversa que tivemos na *maloca* do Olavo traz a tona é a dinâmica dos casamentos na *Craco* que, segundo ele mesmo, são engraçados e podem durar menos de um ou dois dias. Marcela também relatou que tinha casado a pouco com alguém que ela nem sabe quem é. Ali, via de regra, não existe todo um processo gradativo de *ficar*, se enrolar, namorar pra só depois de algum tempo se casar – muitas pessoas começam a se relacionar e passar a reivindicar lugar de casadas (com as diversas consequências que isso acarreta), depois de poucos dias (às vezes horas) juntas. E não são poucas as consequências de estar casadx:

(...) Fui conversar com o Alex¹¹⁹ sobre o grande incomodo que me causa alguns *procederes* dali – como, por exemplo, o que proíbe as mulheres casadas de conversarem de frente com outro homem que não seja seu marido. Para a minha surpresa, porém, mesmo ele, que é um dos “nativos” com uma trajetória social e posicionamentos políticos mais parecidos com os meus¹²⁰, defendeu veementemente tais *procederes* afirmando que eles são muito importantes para o funcionamento do cotidiano. Ele argumentou que eu precisava entender que ali tem “*um monte de ladrão armado, com pedra e um monte de problema na cabeça*”:
– *Os caras já são psicopatas, já são foda, aí ele chega e vê sua mulher conversando com um cara que pode tá encostando nela...imagina quanta treta isso já não deu aqui! Se o cara for muito gente boa, muito sangue frio, ele vai chegar pro outro e*

¹¹⁹ Os nomes foram trocados para preservar as pessoas.

¹²⁰ Alex era músico de uma artista famoso antes de ser usuário de crack, circulou em diferentes considerados “alternativos” e apresenta discursos e reflexões mais progressistas que a média dxs usuárixs da *Craco*. Até por isso fui conversar com ele sobre estes *procederes*, mas para este assunto até mesmo ele se mostrou bem distante da minha visão.

vai falar “qual é meu irmão? Tá alisando minha mulher? Sai fora, dá marcha e vaza”. Isso se o cara for muito cabeça fria. Se o cara for mais ou menos vai chegar dando uma muqueta... essa regra aí resolve várias tretas, a galera fica muito mais de boa.

Alex, então, começou a defender outro *proceder* que eu nem conhecia:

– *Imagina deixar o cara ficar agachado de perna aberta com o saco balançando ali na frente da mulher dos outros.*

– *Cara, você tá querendo regulamentar o saco do cara dentro da calça dele? Deixa o saco dele em paz!* – eu respondi inconformada.

– *Não dá, é deselegante! É um proceder... Mas também... tem mulher aqui que fica gritando “periquita pra treta” batendo na xoxota enquanto anda pelo Fluxo (...)* (Caderno de campo, julho de 2015)

Os *procederes* defendidos pelo Alex são bastante parecidos com os dos presídios organizados pelo PCC em dia de visita, onde não se pode olhar uma mulher no olho ou falar com ela de frente por respeito ao seu familiar preso – já ouvi diferentes relatos que esses *procederes* da Craco são oriundos dessa tradição prisional.

Para as dinâmicas dos casamentos fazerem mais sentido algumas especificidades do contexto precisam ser explicitadas. Segundo o censo¹²¹ (2015) da população em situação de rua na cidade de São Paulo, do total de 15.905 pessoas em tal situação, 13.046 (82,0%) são homens, 2.326 (14,6%) são mulheres e 533 (3,4%) não identificados. Ao serem questionados sobre tal desproporção entre os gêneros, pessoas em situação de rua me esboçaram explicações que passaram tanto pela afirmação que o risco para mulheres na rua, em especial o risco de violência sexual, é muito maior que para homens – o que afasta muitas mulheres da possibilidade dessa vivência. Também houve quem apontasse como fator de proteção contra a situação de rua a maior facilidade que a mulher tem para ser acolhida por famílias (mesmo que não seja a sua de origem) que, com menos receio do que se têm com homens, as colocam para trabalhar como domésticas dentro de suas casas, muitas vezes chegando a deixar que elas morem em suas residências. A maior responsabilidade social que as mulheres têm com xs filhxs também foi um elemento citado, segundo Amanda: “É mais difícil para a mulher largar os filhos pra trás, eu mesma só deixei a vida de Zé Povinho quando os meus meninos já [es]tavam crescidos e podiam se virar”.

Independente dos motivos, o fato de ter muito menos mulheres em situação de rua às colocam em um lugar muitas vezes dito como valorizado – como afirma Bia: “ter mulher aqui é luxo, tá super valorizado, por isso é caro mesmo, não pode deixar [a esposa] na fissura, se

¹²¹ O censo de 2015 está disponível em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/observatorio_social/2015/censo/FIP_E_smads_CENSO_2015_coletivafinal.pdf (último acesso em 13/01/2016). Esses números são questionados pela população em situação de rua e alguns pesquisadores que afirmam que o número total é maior, mas a proporção entre mulheres e homens, que é o que está em questão nesse momento, pode ser levada em conta.

não ela vai conseguir pedra com outro (...)”. Ter uma companheira é algo importante e valorizado não apenas para quem está em situação de rua, mas a escassez de mulheres nessa situação, de alguma forma, amplia esse valor. Mulheres e homens já me relataram que as relações conjugais ali partem do pressuposto de que o marido precisa prover os gastos da esposa, em especial o do crack, para manter seu casamento. Já ouvi diferentes homens falando que não se casam por causa disso, que já é muito caro se sustentar e, por isso, não querem ficar fazendo *corre* pra sustentar *pedra* e hotel de outra. Afonso depois que se casou ficou um tempo sumido e, quando o encontrei, ele me disse: “tenho que fazer mó corre agora, quando era só eu pegava hotel a cada cinco dias, agora a Déia quer dormir em cama todo dia, tá foda, só fico na correria...” Bia, que fez a afirmação citada sobre a importância do esposo garantir o sustento, porém, é casada há três anos com a mesma pessoa que também vive na *Craco* e, quase sempre, a vejo trabalhando para garantir seu sustento: às vezes em banquinhas que monta na rua para vender roupas usadas, outras vezes com reciclagem e até já vi ela ajudando na venda de crack a varejo, mas nunca a vi ou ouvi relato dela trabalhando como profissional do sexo – mesmo que, algumas vezes, ela ameace o André com essa possibilidade caso ele não consiga o *trago* dela. Na maioria dos casamentos que acompanho, como é o caso da Bia, é raro que o homem em situação de rua realmente sustente todos os gastos de sua esposa.

Enquanto a escassez de mulheres amplifica o “valor” de se ter uma esposa, o alto grau de violência e assédio que as mulheres estão expostas também é apontado como um ampliador da importância de, para elas, estar casada. Os próprios *procederes* que valem para as mulheres casadas, como não poder conversar de frente com outro homem, inegavelmente rígidas e opressores, já me foram apontadas, por elas próprias, como fatores de proteção (além de também valerem para seus maridos, o que elas, via de regra, acham ótimo). Eu mesma, quando questionada, muitas vezes respondo que sou casada, afinal isso resolve várias questões que podem ser muito incômodas quando as interações são pautadas pelo interesse sexual. Mesmo falando que sou casada, faço questão de cumprimentar todos com beijos no rosto e conversar de frente – o que já gerou diversos desconfortos e debates. É verdade, porém, que os *procederes* são bem menos rígidos para mim que visivelmente sou de fora.

O cotidiano dos casamentos é plural, variam conforme as pessoas e também se transformam conforme o dia, a fissura, a quantidade de *pedra* disponível ou mesmo a TPM e demais questões que afetam qualquer relação. Mas esses casamentos, mesmo que em intensidades e formas diferentes, geralmente passam por momentos de violência. É muito comum que mulheres estejam com hematomas típicos de violência doméstica, e que os diálogos entre os casais, mesmo que no espaço público [ou na minha frente], sejam regados

por discursos violentos com constantes ameaças de violência física (por parte de ambos os lados). É importante se atentar, porém, que essa forma de discurso é bastante recorrente no local para além das relações conjugais, sendo que entre amigos e/ou amigas também é utilizada essa forma de diálogo que, geralmente, fica apenas na ameaça. Entre os casais, porém, muitas vezes sai da ameaça e chega à violência física.

No começo da minha experiência no território cheguei a sugerir para diferentes mulheres que elas não deveriam ficar com homens que lhe batessem, mas percebi ao longo do tempo que tal intervenção era infrutífera e, muitas vezes, encerrava o diálogo sobre o tema. Em diversas conversas coloquei, no diálogo com minhas interlocutoras, um discurso que acabava por apontar a mulher como vítima, algumas concordavam, mas outras, ao perceberem que eu as estava colocando em um lugar de vítima em relação a seus companheiros, não aceitavam, mesmo que meu argumento estivesse em torno da violência física¹²². Aí percebi na prática, na vivência do Campo, a importância das críticas incisivas à vitimização feitas pelos estudos que partem do conceito de gênero, principalmente nos estudos que têm como referência o sistema de justiça (DEBERT e GREGORI, 2008, p.167). Para aprofundar no assunto¹²³ tive que pensar outras formas, sempre singulares e condizentes não só com a história de vida da interlocutora, mas também com o momento pelo qual estava passando, para desenrolar a conversa e tratar com maior “naturalidade” os debates sobre violência conjugal. Esse movimento possibilitou que minhas interlocutoras relatassem cada vez mais sobre suas relações, me levando (acredito) um pouco mais para perto desse complexo universo de relações onde a violência parece ocupar um lugar de destaque. Certa vez a Juliana, quando falava sobre sua relação com Rick, reclamava que ela não se sentia amada ou olhada por ele. Para exemplificar a falta de cuidado, porém, ela contou o que tinha acontecido no dia anterior, quando ele a viu conversando sentada na frente do Renato e “*não fez nada*”. Ao longo da conversa fui entender que o que Rick deveria ter feito era ter batido nela e no Renato, porque, de alguma forma, isso seria, para Ju, uma demonstração de atenção e afeto. Seu testemunho foi dando isso a entender, mas quando coloquei em palavras “você queria que ele tivesse te batido?”, ela negou, disse que “claro que não queria apanhar, só queria que ele

---

¹²² Já cheguei a dar aulas escondidas de capoeira para Tess que, nunca tendo topado o lugar de vítima, queria era aprender a se defender de seu companheiro nos momentos que ele estivesse agressivo. As aulas foram escondidas porque seu companheiro não queria que ela aprendesse tal arte afirmando que o motivo para ser contrário era que ela usaria seus aprendizados contra ele.

¹²³ Esse movimento foi importante para a etnografia, mas foi movido, especialmente, pelo intuito de pensar formas de cuidado dentro da ética da RR, segundo a qual é essencial respeitar o momento e os valores da pessoa que estamos pensando o cuidado sem julgamentos morais ou apontamento do que é certo ou errado para o outro.

se importasse”. Esse exemplo, além de complexificar o lugar que a violência parece ocupar em diferentes relações conjugais heterossexuais monogâmicas na *Cracolândia*, também parece coadunar com o que Veena Das compreende por violência que se infiltra nas relações correntes, ao ponto de não poder ser expelida para “fora”:

A formação do sujeito como sujeito com gênero é então moldada através de transações complexas entre a violência como momento originário e a violência que se infiltra nas relações correntes e se torna uma espécie de atmosfera que não pode ser expelida para “fora”. (DAS, 2011, p.7)

O último elemento que quero destacar da transcrição feita a partir da conversa que tivemos na maloca do Olavo é a afirmação da Marcela de que “Nas mansões também têm esse vazio. As pessoas preenchem com remédio. Onde tá cheio hoje? Farmácia! Porque tá tudo em crise, só tem gente na farmácia e na Cracolândia!”. Como já exposto no segundo capítulo, as drogas chegam a ser consideradas “mercadorias máximas” (CARNEIRO, 2004) por serem muito eficazes para o acúmulo de capital, mas Marcela tem razão quando afirma que em tempos de crise, tensões e sofrimentos psíquicos elas são ainda mais procuradas, inclusive porque são instrumentos eficientes no combate ao sofrimento e na busca de alegria – seja o álcool, o crack ou a fluoxetina. Estas substâncias têm efeitos e preços (sociais e econômicos) distintos, mas segundo o historiador Henrique Carneiro¹²⁴:

O maior número de usuários e dependentes de drogas na sociedade contemporânea são os consumidores de produtos da indústria farmacêutica. As drogas de farmácia também têm usos variados, que podem ser benéficos ou nocivos, equilibrados ou abusivos. Uma parte dos consumidores faz uso abusivo. Cerca de um terço das intoxicações que ocorrem no país, por exemplo, são devidas a drogas da indústria farmacêutica, numa proporção muito maior do que as que ocorrem por causa do uso abusivo de substâncias ilícitas.

Artigo do jornalista Ruy Castro, na *Folha de S.Paulo* (28/12/09), lembrou, a propósito da morte da atriz Brittany Murphy, que muitos outros artistas sofreram, assim como ela, do uso excessivo de remédios legais que os levaram a morte. Foram citados Carmem Miranda, Marilyn Monroe, Judy Garland, Elvis Presley e Michael Jackson.

¹²⁴ CARNEIRO, H. “Drogas: muito além da hipocrisia” – Disponível em: <https://outraspalavras.net/posts/drogas-muito-alem-da-hipocrisia/>

4. Entrando em Campo e no *Fluxo* das Resistências

Fica difícil para a sociedade
 Ajudar as pessoas, ou melhor
 Os viciados, fica fácil para
 As autoridades crescer
 Ou melhor enricar
 Com tudo isso.
 (Tato)¹²⁵

No final de 2016 surge a *Craco Resiste*. Segundo Daniel Mello, que também é ativista da *Craco Resiste*:

A mobilização foi uma reação ao discurso agressivo do então eleito prefeito João Doria, que se materializou em bombas e balas de borracha. Desde janeiro, vimos a violência da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana contra os frequentadores e moradores do *fluxo* se intensificar. As agressões sempre existiram. Há anos os braços armados da prefeitura e governo estadual são responsáveis por bater e humilhar aquelas pessoas. Mas, a partir do momento que isso foi declarado como um projeto da gestão municipal, os episódios extremos aumentaram. Tudo virou motivo para pancadaria generalizada. O roubo de um celular, a apreensão de uma cadeira, tudo acabava em gás lacrimogêneo, cacetadas e tiros, de munição menos letal ou não. (MELLO, Le Monde Diplomatique, 2017)

Este movimento social que foi uma reação ao discurso agressivo do prefeito João Doria em um momento de grande polarização política, transformou o *Fluxo* desta pesquisa, assim como suas formulações sobre a *Cracolândia*. As densidades das relações se ampliaram muito quando se tornaram cotidianas, assim como suas possibilidades se multiplicaram quando os vínculos deixaram de ser de trabalho – também por isso o começo do ano de 2017 é o período mais relatado nesta dissertação, mesmo que o trabalho de campo aconteça desde 2012. A *Craco Resiste*, a despeito de sua origem relativamente recente, teve ampla repercussão, sendo citada pelo prefeito de São Paulo em várias entrevistas. É evidente, contudo, que ela, além de uma reação à determinada conjuntura política, é parte de uma trajetória de movimentos que a articulação *Luz Livre*, a ONG *É de Lei* e o *Coletivo Sem Ternos* – que serão apresentados neste capítulo – foram essenciais em suas concepções, práticas, vínculos e entendimentos. As experiências de outros agentes do território também são constitutivas das concepções e práticas da *Craco Resiste*, como do Consultório de Rua do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD) III da Sé, do Projeto Quixote, da Casa Rodante, do Projeto Vocacional, do Projeto Oficinas, entre outros, mas serão aqui apresentadas as iniciativas que a pesquisadora participou e, portanto, tem maior familiaridade. Este capítulo, por consequência, evidencia a entrada desta pesquisa em Campo e o caminho

¹²⁵ Poema de Tato escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p. 139).

trilhado neste território a partir dos grupos com os quais a pesquisadora teve oportunidade de atuar de diferentes formas na *Cracolândia* e, assim, aprender sobre ela, sobre as relações, as resistências e a construção coletiva.

4.1 *Luz Livre* – chegando na *Craco*

Quando nossos governantes vão tomar vergonha na cara?
Essa quadra toda aqui é da Porto Seguro.
Quando ela quiser, derruba tudo aqui. Vai demolir tudo aqui e fazer uma obra. A
prefeitura devia acabar com tudo, ou construir um lugar pra gente fumar.
Pra uma criança passar e não ver a gente fumando.
Os governantes devem tomar vergonha na cara, antes que a bomba exploda.
(Luís)¹²⁶

Em janeiro de 2012 cheguei à região conhecida como *Cracolândia* para colaborar com a construção do movimento *Luz Livre*¹²⁷ – uma articulação de movimentos sociais e Coletivos que se constituiu em oposição à Operação Sufoco. Esta Operação foi orquestrada pela prefeitura (gestão do Gilberto Kassab) e pelo governo do Estado (gestão do Geraldo Alckmin), teve seu início no dia 03 de janeiro de 2012 e tinha o objetivo [nada novo] de acabar com a *Cracolândia*. A dissertação de mestrado de Tais Magalhães, *A gestão do conflito na construção da cidade contemporânea: a experiência paulista*, reconstruiu os acontecimentos em torno desta Operação. Segundo a autora:

Em suma, tanto a “Operação Sufoco” quanto outras intervenções semelhantes - como a Operação Saturação e as UPPs - são marcadas por uma atuação violenta e abusiva da polícia, reunindo denúncias as mais diversas sobre atos discriminatórios, agressões físicas e violações de direitos humanos, como a entrada em residências sem mandado judicial e revistas vexatórias. Além disso, suas ditas “ações sociais” na maioria das vezes são pouco efetivas e mal saem do papel. (MAGALHÃES, 2015, p. 47)

Deborah Fromm, em sua dissertação de mestrado intitulada *O “fim da Cracolândia”: etnografia de uma aporia urbana*, conta que:

No dia 3 de janeiro de 2012, os principais jornais nacionais e paulistas noticiavam a realização novamente de uma grande operação policial (com um contingente policial ainda maior que o das anteriores) na região da chamada Cracolândia, situada no bairro de Campos Eliseos. Segundo reportagem da Folha de São Paulo, “PM diz que vai desmontar o tráfico na cracolândia em um mês”. Novamente com a promessa de “acabar com a Cracolândia” através de uma estratégia militar de combate ao tráfico, teve início mais uma intervenção policial na região, a chamada Operação Sufoco, a qual ficou mesmo conhecida como “Dor e Sofrimento”. Apenas nos dois primeiros dias da Operação Sufoco, 196 pessoas foram presas segundo dados do Departamento de Narcóticos da Polícia Civil de São Paulo (Denarc). Sendo que um terço desse total alegou estar em situação de rua. Em uma semana de ação policial os números

¹²⁶ Poema do Luís escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p.102).

¹²⁷ O site da Luz Livre ainda está disponível em: <<https://luzlivre.wordpress.com/2012/01/>> Acesso em: 02 mai de 2017.

indicavam cerca de 250 pessoas presas e quase 200 internações. Os números são reveladores do enfoque da intervenção militar na criminalização e repressão a pequenos vendedores de drogas, ao que parece ignorando a fácil substituição dos mesmos no interior do mercado da droga na região. A aposta no combate militarizado ao pequeno tráfico tem sido, há mais de uma década, a principal estratégia policial e não tem surtido efeito no que tange ao impedimento da chegada da droga no local. (FROMM, 2017, pp. 43-44)

Divulgada pela Prefeitura como a primeira fase do Plano de Ação Integrada Centro legal, a Operação Sufoco prometia, só para a região da *Craco*, a permanência de 287 policiais, com apoio de 117 carros, 26 motos, além de bicicletas, cavalos, cachorros e um helicóptero Águia¹²⁸ (MAGALHÃES, 2015, p. 40).

Figura 14 - Operação Dor e Sofrimento / Foto: IG, 2012¹²⁹

Nas palavras do então coordenador de Políticas sobre Drogas da Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania, Luiz Alberto Chaves de Oliveira¹³⁰:

A falta da droga e a dificuldade de fixação vão fazer com que as pessoas busquem o tratamento. Como é que você consegue levar o usuário a se tratar? Não é pela razão, é pelo sofrimento. Quem busca ajuda não suporta mais aquela situação. Dor e o sofrimento fazem a pessoa pedir ajuda. (IG, 2012)

Essa declaração fez com que a Operação Sufoco passasse a ser referenciada como “Dor e Sofrimento”, tanto por meios de comunicação quanto por movimentos sociais. O nome

¹²⁸Informação retirada da matéria Imagens da Cracolândia, disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/fotos/imagens-da-cracol%C3%A2ndia-1326377368-slideshow/cracol%C3%A2ndia-photo-1326376584.html/photo-cracol%C3%A2ndia-photo-1326376584.html>> Acesso em: 02 mai 2017.

¹²⁹Imagem retirada da matéria (onde não consta crédito do fotógrafo): IG. São Paulo usa “dor e sofrimento” para acabar com Cracolândia. **IG Último Segundo**. 05 jan. 2012. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/sao-paulo-usa-dor-e-sofrimento-para-acabar-com-cracolandia/n1597517392487.html>> Acesso em: 02 mai. 2017.

¹³⁰Declaração retirada da matéria: IG. São Paulo usa “dor e sofrimento” para acabar com Cracolândia. **IG Último Segundo**. 05 jan. 2012. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/sao-paulo-usa-dor-e-sofrimento-para-acabar-com-cracolandia/n1597517392487.html> (último acesso em 02 de maio de 2017). Tal declaração também foi publicada no dia 05 de janeiro de 2012 pelo jornal O Estado de São Paulo com o título “Governador quer acabar com a “Cracolândia” pela estratégia da ‘dor e sofrimento’” (MAGALHÃES, 2015, p. 38)

do movimento *Luz Livre* faz referência e resistência ao projeto “Nova Luz” que estava por trás, ou melhor, à frente da Operação Sufoco:

A partir de 2005, a já conhecida “cracolândia” passa às manchetes de jornais em função do Projeto Nova Luz, intervenção urbanística que previa a demolição de uma vasta área do bairro da Luz e a construção de equipamentos culturais e incentivos fiscais para as empresas que lá se instalassem, de forma a potencializar o poder de atração de novos investimentos, empresas e moradores de classes médias e altas. Para além das polêmicas que giraram em torno da aprovação do projeto - como a falta de consulta e participação da população local no processo de sua elaboração, a inobservância de planos específicos para a ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) que estava contida no perímetro do projeto, a aprovação da Lei de Concessão Urbanística, que delega a prerrogativa de desapropriação da prefeitura para a iniciativa privada como forma de acelerar a implementação do projeto, entre outras - em nenhum ponto do projeto é mencionada a questão dos usuários de crack e da população em situação de rua, propondo a intervenção como “apenas” um projeto urbanístico. Ressalta-se o apenas entre aspas, pois como argumenta Nakano (2012), é característico de projetos de “revitalização” ou “requalificação” urbana se colocarem apenas como intervenções arquitetônicas e urbanísticas, como se elas não intervissem também em questões sociais em torno desses espaços. Essa separação entre forma e espaço urbano e questões sociais não é neutra e, segundo o autor, opera um mecanismo ideológico de legitimação de outros processos sociais, como a expulsão e limpeza de tudo e de todos que não se adequam a esse novo momento de recuperação e revitalização. Ou seja, é partindo-se do pressuposto que o espaço urbano é produto de processos sociais, que é possível entender os sentidos políticos, econômicos e culturais dos territórios urbanos e das políticas a eles voltados. (MAGALHÃES, 2015, p.25-6)

O Coletivo DAR¹³¹ foi um dos coletivos que constituiu essa articulação e o fez por defender o fim da guerra às drogas¹³² (CARNEIRO, 2002; DELMANTO, 2013) e das violências que esta política de guerra impõe a usuárixs e comerciantes de substâncias ainda ilícitas. A *Luz Livre* foi uma primeira resistência, de movimentos sociais e ativistas, que teve grande visibilidade e conseguiu articular muitos coletivos, entidades e pessoas contrárias à repressão policial na região da *Cracolândia*. O site¹³³ da *Luz Livre* conta com a assinatura de 26 organizações e um manifesto¹³⁴ que começa com a crítica à internação compulsória, tanto em seu caráter violento quanto em seu caráter massivo, passa por uma crítica à própria guerra às drogas que “mais uma vez é usada como pretexto para ataques estatais à população pobre, jovem e negra” e denuncia que o discurso do cuidado está sendo usado para aplicar uma política que não serve aos interesses da maioria da população, mas serve para o lucro de

¹³¹ O Coletivo DAR é um coletivo antiproibicionista que defende a legalização de todas as drogas e tem uma diversidade de atuações nesse sentido: faz parte da organização da Marcha da Maconha, faz atividades de formação em escolas públicas e bairros periféricos, participa de debates, organiza manifestações e lutas contrárias à violência do Estado e formula sobre a política de drogas. Acesse o site do coletivo em: <http://coletivodar.org> (último acesso em 28 de março de 2017)

¹³² O termo “Guerra às Drogas” foi forjado pelo governo Nixon (presidente norte americano) e diz respeito à política que está, com contradições, em vigor em grande parte do mundo ocidental até hoje.

¹³³ Os coletivos que assinam a articulação *Luz Livre* estão disponíveis em: <https://luzlivre.wordpress.com/entidades-que-assinam-o-manifesto/> (último acesso em 13 de junho de 2017)

¹³⁴ O manifesto da *Luz Livre* pode ser acessado em: <https://luzlivre.wordpress.com/manifesto-contra-internacao-compulsoria/> (último acesso em 13 de junho de 2017)

empresários aliados dos governos, ou seja, mais uma forma de repassar dinheiro público para a iniciativa privada. Este manifesto da *Luz Livre* também afirma que a autonomia das pessoas em situação de rua deve ser respeitada, que elas respondem por si próprias e, neste sentido, repudia as políticas repressivas afirmando que não há solução imediata para o problema da dependência. Por fim este manifesto aponta algumas das reivindicações dessa articulação:

Reivindicamos educação e saúde públicas de qualidade e moradia digna para a população não precisar morar nas ruas. Reivindicamos tratamento público e gratuito humanizado aos dependentes de substâncias psicoativas, por meio de mais investimento na rede de assistência social e saúde, fortalecendo os CAPS e adotando ações de redução de danos como políticas públicas.
Por dignidade à população de rua, nos colocamos também em luta e dizemos não à internação compulsória. (LUZ LIVRE, 2012)

Um marco da Operação Dor e Sofrimento foi desocupar e limpar o *buraco*¹³⁵ da Rua Helvétia, onde viviam muitas pessoas da *Cracolândia*. Até hoje se conta no *Fluxo* que as polícias mataram¹³⁶ pessoas para conseguir desocupá-lo:

Figura 15 - Momento da limpeza do *buraco* / Foto: UOL, jan 2012¹³⁷

¹³⁵ O local onde ficava esse buraco é, atualmente, a tenda do De Braços Abertos (DBA).

¹³⁶ Apesar de não existirem registros oficiais ou denúncias da imprensa, esta narrativa, muitas vezes reafirmada, revela o nível de violência da ação e o medo provocado na população frequentadora do local. Este tipo de narrativa também transparece o medo de muitos ali de que poderiam morrer sem que ninguém se desse conta.

¹³⁷ Foto retiradas da matéria Imagens da Cracolândia: <https://br.noticias.yahoo.com/fotos/imagens-da-cracol%C3%A2ndia-1326377368-slideshow/cracol%C3%A2ndia-photo-1326376584.html/photo-cracol%C3%A2ndia-photo-1326376614.html> (último acesso em 02 de maio de 2017)

Buraco é um nome genérico para ocupações feitas em prédios abandonados que estão, geralmente, lacrados e têm buracos feitos nas paredes como passagem para o meio externo, assim como para prédios adjacentes. Por fora fica pouco visível a ocupação, mas ao adentrar um *buraco* é impressionante a quantidade de humanos e coisas que estão em múltiplas relações do lado de dentro. No dia seguinte à limpeza registrada na foto acima foi a minha primeira¹³⁸ vez na *Cracolândia*. Passei para conhecer a região antes de ir para a reunião da *Luz Livre*. Cheguei a Rua Helvétia pela Praça Júlio Prestes e dois policiais militares (PM's) estavam vigiando o *buraco* para que xs usuárixs não adentrassem. Eu, porém, pude entrar sem nenhum questionamento. Estava do lado de dentro, observando os desenhos, os objetos, os escritos nas paredes, pensando em tudo que já havia acontecido ali e tirando algumas fotos quando um dos policiais entrou e veio falar comigo.

Figura 16 - Buraco na primeira incursão da "autora" na *Craco*, jan. 2012 / Foto: Roberta Costa

Fiquei com medo do policial e devo ter demonstrado isso em minha expressão, porque ele se aproximou dizendo que eu não precisava ter medo dele. Ao se aproximar perguntou: “Você é contra o que fizeram com os usuários?”. Eu respondi que sim com a cabeça e ele disse que também achava ruim, que ia só espalhar o problema. É possível que, então, eu tenha feito uma cara mais amigável, porque ele começou a me contar que estava estudando para “sair da corporação” e que aquela violência com xs usuárixs, que para ele são pessoas doentes, tinha lhe confirmado que deveria mesmo sair da PM (Caderno de Campo,

¹³⁸ Na realidade, já havia ido à *Cracolândia*, anos antes, com um ex-companheiro que teve uma relação com o crack complexa e singular – como sempre são as relações dxs usuárixs com as diversas substâncias. Esse dia, porém, foi a primeira vez que fui à *Cracolândia* de forma mais crítica, reflexiva e organizada.

janeiro de 2012). Mesmo assim continuei receosa, não fiquei conversando com o policial, fui embora com a alegação de que estava atrasada para uma reunião¹³⁹.

Esta reunião da *Luz Livre* tinha como pauta principal a organização de uma manifestação contrária à Operação Dor e Sofrimento. Estávamos na tradicional dinâmica de reuniões de movimentos sociais: inscrições, tempo de fala, ordem de inscritos, fala um de cada vez... Nisso chegaram, atrasados, dois agentes redutores do Centro de Convivência É de Lei¹⁴⁰ acompanhados do Paulinho¹⁴¹ que, na época, morava na *Cracolândia*. Paulinho queria falar, o inscreveram, mas atrás de algumas pessoas que já estavam inscritas. Ele não conseguiu esperar. Com um andar elegante e performático se dirigiu ao centro da roda falando que ali estávamos relatando em terceira pessoa o que ele estava vivendo na pele. Enquanto andava, mostrava algumas marcas da Operação Sufoco em seu corpo e, assim, ganhou o direito à fala sem questionamentos dos demais presentes. No momento que ganhou a atenção de toda a reunião abriu sua mão direita, que tinha alguns *biricos*, dizendo que havia levado crack para termos propriedade sobre o que estávamos falando. Tentou entregar os *biricos* para duas pessoas que não quiseram pegar, até que um terceiro os pegou na mão e os ficou olhando de forma curiosa. Paulinho contou algumas das atrocidades que os policiais estavam fazendo com xs usuárixs: motos subindo agressivamente em cima das calçadas para não deixar as pessoas em paz, atropelamentos, tiros de borracha, bombas e muitas marcas de violência que seu corpo testemunhava. Falou que considerava tortura a dinâmica que não deixava as pessoas em situação de rua sentar ou parar – dinâmica que foi chamada de “procissão do crack”¹⁴², pela grande imprensa. Disse que a ideia de fazer uma manifestação tinha boa intenção, mas

¹³⁹ Trouxe esta passagem porque a contradição, inclusive na forma híbrida que os aliados e os inimigos se apresentam na *Craco*, é algo que acompanhou minhas reflexões durante toda a pesquisa, desde esse primeiro dia. Esse policial, inclusive, era amigo do Claudinho – que na época era usuário de crack e morava na *Cracolândia*. Um dia eu estava fazendo trabalho de Campo e esse policial me cumprimentou de longe, eu fingi que não vi para não cumprimentar um PM na frente dxs usuárixs que eu visava confiança, mas quando olhei de novo o Claudinho estava conversando de forma muito amigável com o policial. Depois perguntei para o Claudinho e ele me disse que eles são amigos há anos, eles tinham se conhecido no interior, na cidade que cresceram juntos.

¹⁴⁰ O Centro de Convivência É de Lei é uma ONG que atua com RRD desde 1998 e segundo seu estatuto é uma associação de usuários de drogas que pensa o cuidado para usuários de drogas. O É de Lei será melhor contextualizado no próximo subcapítulo. Para conhecer o site da instituição acesse: <http://edelei.org/home/>

¹⁴¹ Este Paulinho é o mesmo que ajudou na revisão de conteúdo desta dissertação e está várias vezes citado. Ele será melhor situado no subcapítulo 6.3.1

¹⁴² Para exemplificar coloco o link para duas matérias que usam esse termo, a primeira de 08 de janeiro de 2012 e a segunda de 05 de março do mesmo ano: 1) CARDOSO, William. PM escolta “procissão do crack” no 1º. Fim de semana de ocupação no centro. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 08 jan. 2012. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,pm-escolta-procissao-do-crack-no-1-fim-de-semana-de-ocupacao-do-centro,820171> 2) MANSO, Bruno Paes. “Procissão do crack” migra para a nova Luz. **O Estado de São Paulo**, 05 a. 2012. Disponível em <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,procissao-do-crack-migra-para-a-nova-luz-imp-,844027> (último acesso em 04/05 de 2017)

não daria certo porque xs usuárixs não iriam até a Praça da Sé – lugar que estava sendo apontado para a concentração do ato. Ele sugeriu, então, que a manifestação fosse um churrasco com samba, lá mesmo na *Craco*, porque assim teríamos muita participação, afinal é algo que xs usuárixs de crack já fazem no seu cotidiano. Todxs na reunião concordaram com a proposta do Paulinho e um Grupo de Trabalho (GT) foi formado para organizar o churrasco. Alguém sugeriu que essa manifestação chamasse “*Churrascão da Gente Diferenciada versão Cracolândia*”, fazendo referência ao “*Churrascão da gente Diferenciada*” que acontecera em Higienópolis – organizado após moradores da região, que é habitada por uma elite econômica, se declararam contra a construção de uma estação do metrô em seu bairro argumentando que traria “gente diferenciada” para a região¹⁴³.

Esta intervenção do Paulinho na reunião da *Luz Livre* parece um marco para as formas de atuação que os movimentos de resistência passaram a utilizar no território. Ele trouxe elementos que atualmente são centrais no discurso dxs ativistas da *Craco Resiste*: assinalou que a manifestação, apesar de bem intencionada, só daria certo caso xs usuárixs participassem, apostou em uma manifestação no próprio território e com atividades que já acontecem no cotidiano ali, no caso churrasco e samba. O protagonismo do Paulinho, enquanto uma pessoa que na época vivia na *Cracolândia* e usava crack, também é um elemento que a *Craco Resiste* tem no discurso sobre sua gênese.

Esse GT de organização do *Churrascão* foi para a *Cracolândia* quatro vezes para organizar a atividade, pedir licença, tentar doações e pensar como aconteceria no dia – o processo de construção conjunta com usuárixs também é um elemento constitutivo do atual discurso da *Craco Resiste* sobre suas práticas. Depois de receber autorização verbal daquele que nos foi apresentado pelo Paulinho como o responsável do PCC ali, organizamos uma comissão de segurança¹⁴⁴ composta, em sua maioria, por usuárixs de crack. Mesmo compreendendo a questão transcendente do PCC (BIONDI, 2009), diria que quem autorizou o *Churrascão* possivelmente não fosse alguém reconhecido pelo PCC, ou *batizado* (MALVASI, 2012, p.79) – xs usuárixs diriam que não era alguém “realmente do *Comando*”. Ativistas da *Craco Resiste*, atualmente, afirmam a seguinte formulação a respeito das pessoas serem ou

---

¹⁴³ Matéria sobre este “Churrascão da Gente Diferenciada” em Higienópolis com uma foto dos manifestantes colocando espetinhos para assar no fogo aceso em uma catraca no meio da rua. R7. Churrascão da gente diferenciada tem mais de 50 mil confirmados, mas poucos comparecem. **R7 Notícias**. São Paulo. 14 mai. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/-churrascao-da-gente-diferenciada-tem-mais-de-50-mil-confirmados-mas-so-150-aparecem-20110514.html> (último acesso em 02 de maio de 2017)

¹⁴⁴ Comissão de segurança que faz parte da organização de grande parte das manifestações que acontecem em São Paulo, ela é responsável por tentar que tudo dê certo e que não haja problema com a polícia. No caso de confronto policial esta comissão age no sentido de cuidar e proteger os manifestantes, seja pensando em rotas de fuga, seja com primeiros socorros ou mesmo com advogados.

não irmão: “quem não fala nada e tem postura pode ser, mas quem fica falando que é do PCC geralmente não é”. Esta autorização, porém, foi importante no sentido de avisar as lideranças locais sobre a manifestação/Churrascão, assim como para nos tranquilizar no sentido de não estar entrando na casa dos outros sem pedir licença.

A manifestação/churrasco foi considerada um sucesso pelos ativistas, contou com cobertura da imprensa¹⁴⁵ e muita participação dxs usuárixs – coisas que até então não havia acontecido na região:

¹⁴⁵ Algumas matérias sobre esse Churrascão: CAPRIGLIONE, Laura. Churrascão reúne craqueiros e ativistas contra ação da PM. **Folha de São Paulo**. Cotidiano. 15 jan. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/20138-churrascão-reune-craqueiros-e-ativistas-contra-acao-da-pm.shtml>; CHEMIZON, Cheren (img.). Grupos realizam “churrascão na Cracolândia” contra a operação da Polícia Militar. **UOL Notícias**. 14 jan. 2012. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/album/120114churrascocracolandia_album.htm; “Churrascão de gente diferenciada” na Cracolândia acontece hoje. **Folha de São Paulo**. 14 jan. 2012. Disponível em <http://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/01/1034405-churrascão-de-gente-diferenciada-na-cracolandia-acontece-hoje.shtml>; Ig SÃO PAULO. Grupo Organiza Churrascão de gente diferenciada na Cracolândia. **Último Segundo**. São Paulo. 10 jan 2012. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/grupo-organiza-churrascão-de-gente-diferenciada-na-cracolandia/n1597564064146.html>; LIMA, José Carlos. Imagens do churrascão da gente diferenciada na Cracolândia. **Jornal GGN**. 15 jan. 2012. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/blog/jose-carlos-lima/imagens-do-churrascão-da-gente-diferenciada-na-cracolandia>; GOMES, Michelle. Churrascão de gente diferenciada na Cracolândia. **Rede TVT**. https://www.youtube.com/watch?v=S4_ht-8e1KI; CASTRO, L. Churrascão de gente diferenciada na Cracolândia. **Tevevermelho**. <https://www.youtube.com/watch?v=juIL8h6lvns> (últimos acessos em 10/04/2017)

Figura 17 - Churrascão da Gente Diferenciada / Fotos: Keren Chernizon para UOL ¹⁴⁶

A participação neste processo de organização do *Churrascão da Gente Diferenciada versão Cracolândia* foi central para que esta pesquisa se tornasse um horizonte. Tamanha alteridade me envolveu, era um espaço diferente de tudo que eu conhecia até então. Refletir sobre este encantamento é importante, inclusive, para pensar sobre as resistências e movimentos que, hoje, mobilizam tanta gente em torno da *Cracolândia*. Este sentimento, sem dúvida, tem relação com a potência de vida que vemos e vivemos nesse espaço povoado de tantas interações apaixonadas – como as entre pessoas, coisas, substâncias, doenças, energias e entidades. Na tentativa de exemplificar o encantamento que senti e me fez permanecer na *Cracolândia* desde então opto por colocar, na íntegra, o relato ¹⁴⁷ de Elaine Alves sobre sua primeira vez no *Fluxo*:

Pessoal, eu não acho que seja ideal começar essa fala pedindo desculpas, mas nesse caso acho que não consigo não fazê-lo. Quero pedir desculpas se resvalar nesse momento em qualquer fala leviana, superficial, ou se minhas palavras estiverem ainda muito carregadas de emoção. E preciso compartilhar o que senti, e sim, vai cheio de emoção, não vai ter jeito. Estive no sábado no evento d'As Bahias e a Cozinha Mineira¹⁴⁸, na Craco. Preciso dizer que me considero sensível a essa causa e que achava já ter suficiente bagagem para poder opinar, achava já entender minimamente a dimensão dessa questão. Não só por ler, me informar, mas porque

¹⁴⁶ Essas fotos podem ser encontradas em https://noticias.uol.com.br/album/120114churrascocracolandia_album.htm (último acesso em 05 de maio de 2017)

¹⁴⁷ Elaine publicou esse relato na página do facebook da *Craco Resiste* no dia 10 de abril de 2017. Anos se passaram, o movimento de resistência já era outro (não mais o *Luz Livre*, mas sim a *Craco Resiste*), mas me parece que a experiência impactou Elaine de forma parecida com o que aconteceu comigo em 2012.

¹⁴⁸ As Bahias e a Cozinha Mineira é uma banda contemporânea de MPB/rock que tem como mote as formas de expressão das mulheres. No dia 08 de abril de 2017 elas fizeram um show na Rua Helvétia (onde se localiza o *Fluxo da Cracolândia*) como parte da vigília cultural de resistência organizada pela *Craco Resiste*. O evento, com fotos do dia: A *Craco Resiste* convida: As Bahias e a Cozinha Mineira no *Fluxo*! Evento de Facebook organizado por A *Craco Resiste*. 08 abr. 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/events/1896157627333006/?active_tab=discussion (último acesso em 13 de junho de 2017)

também vivi muitos anos da minha vida na periferia, já vi corpo no escadão, já vi a polícia agir de forma truculenta no bairro onde morava, já vi crianças cheirando cola, já desci e subi morros sentindo o cheiro do esgoto a céu aberto no córrego lá do lado de baixo da viela. Mas o que acontece – e isso muda tudo – é que eu nunca tinha estado na Cracolândia. Então, não, eu não entendia nada, absolutamente nada do que é essa questão. E talvez toda a minha impressão de conhecimento da causa não passasse de arrogância. É assombroso perceber a potência da vida, que resiste e se desdobra e continua, teimosa que é, sob qualquer condição. Aquelas pessoas ali – cada uma delas, um universo – não eram um amontoado de seres humanos que sofriam as agruras de uma das mais duras e rudes e sofridas condições de vida. Não! Cada uma delas já teve seus sonhos, seus amores, suas rotinas, suas dores, suas alegrias. Cada uma delas tem um nome. Cada uma delas. E hoje sim, vivem sob uma das condições mais miseráveis e sofridas da vida. Mas sabe o quê? Há nelas espaço para vida. Me doeu de ver como a vida teimava em brilhar naqueles corpos cansados. Me doeu porque só ali eu percebi o quanto a vida é potente. Fui invadida por uma alegria dolorida pra caralho. E quanto àquela linda pessoa – meu Deus, como tentei e tentei lembrar depois o nome dela, mas esqueci – que foi anunciada por uma das cantoras da banda como “uma talentosa e linda atriz” e foi convidada a vir nos presentear com sua dança, enquanto a banda tocava? A beleza indizível que atravessava aquele corpo sofrido, nos gestos das mãos, na graciosidade dos movimentos de braços, pernas, quadris, pescoço. Era tão encantador e tão profundamente belo, a vida brilhando, brilhando, brilhando numa alegria teimosa. Talvez ela estivesse com fome, talvez fizesse muito tempo que não tomava banho, talvez sentisse alguma dor, mas sua dança hipnótica e arrebatadora espalhava beleza em toda a Helvétia! Ah, meu Deus. Hécate, Hécuba, Medéia, Helena, e muitos mitos da maior força ancestral e feminina que atravessavam aquele corpo inteiro num raio de luz e acertavam o meu coração em cheio, como uma flecha. E eu só não implorei para que me desse um abraço, porque senti uma vergonha imensa das minhas lágrimas, dos meus soluços, da minha condição de quem observa e acho que ia desmoronar inteira se me unisse com ela naquela dança de deusa! Então – há a vida, misteriosa, crua e profunda. A pulsão de morte jamais será mais forte que a pulsão de vida. E o trabalho que vocês fazem, organizadores da Craco Resiste, é um dos mais fundamentais que eu já vivenciei. A percepção que vocês têm de que não há nada mais potente que a vida e que esta deve ser preservada, celebrada e respeitada é a beleza em estado puro. Eu agradeço. Inclusive por nos fazer perceber que a arte é união, grito, vida, resistência, luta contínua. Continuemos. Estamos juntos. Estamos juntos. (ALVES, 2017)

Figura 18 - As Bahias e a Cozinha Mineira no *Fluxo* / Foto: Daniel Mello para a *Craco Resiste*

O encantamento pulsante nas vidas da *Craco* é um estandarte desta dissertação, até porque é algo muito marcado no discurso da *Craco Resiste* que aposta nas atividades culturais, como a descrita pela Elaine, não só como forma de quebrar estigmas e sensibilizar pessoas que transformam seu discurso cotidiano sobre o que é a *Cracolândia* e xs usuárixs, mas que também, muitas vezes, acabam se aproximando da militância e da construção coletiva das resistências. Esse encantamento, sem dúvida, também é um elemento importante para levar tantas pessoas, e daí não só xs ativistas, mas também xs usuárixs de crack, à região. Mas se, como disse Elaine, “a pulsão de morte jamais será mais forte que a pulsão de vida”, é fato escancarado que a pulsão de morte também habita ali.

A psiquiatra Natalia Timerman, em sua dissertação feita a partir das experiências que teve trabalhando em um hospital penitenciário, se questionou “porquê, quase incompreensível, de eu na maioria das vezes gostar de estar ali, de acordar nas manhãs disposta a rumar para lá” (TIMERMAN, 2014, p. 87). Esse questionamento também é importante porque, mesmo sabendo e reafirmando que não são apenas horrores que forjam a *Cracolândia*, é inegável que eles estão presentes, seja na forma da miséria, seja na violência interna e externa. O que a dissertação da Natalia Timerman aponta, porém, é que esse horror também pode ser fator de atração:

O horror também deslumbra: desloca a luz, atrai de forma desconcertante porque, desde todos os tempos, também é do homem, mesmo que sombra. E atrai. O homem se vê magnetizado pelo feio, pelo terrível, pelo trágico; não fosse isso, não haveria

tantos programas televisivos em que isso é o mote, não nos sentiríamos impelidos a ler as notícias sensacionalistas que nos oferecem dia a dia nos jornais, o trânsito não ficaria tão mais lento pelas pessoas reduzirem a velocidade para ver quando acontecesse um acidente na rua. Há um encontro entre o terrível e o belo: ambos são inacessíveis, paralisantes e fulminantes (ANDERS, 1969, p. 62). (Ibid., p. 88)

Depois do *Churrascão* e antes das experiências junto à equipe do Centro de Convivência É de Lei (que serão descritas no próximo subcapítulo) voltei duas vezes à *Cracolândia* para visitar a Angélica – capoeirista, lésbica, negra, mãe, moradora da região e usuária de crack que eu havia criado vínculos e amizade no processo de preparação da manifestação/churrasco. O encantamento pela pulsão de vida e o deslumbre causado pelo horror, possivelmente, foram fatores que me fizeram voltar à *Craco* e me fazem estar lá desde então, mas não são os únicos. A vitória da *Luz Livre* também foi um elemento importante no meu deslumbre e vínculo com a região e suas resistências, afinal esta articulação triunfou não apenas por ter conseguido agregar dezenas de Coletivos e movimento sociais em torno dessa pauta (numa magnitude inédita), mas porque, de alguma forma, contribuiu para que as práticas mais violentas da Operação Dor e Sofrimento não acontecessem mais – ao menos de forma escancarada e justificada em discurso pelos governantes – e fortaleceu a efetividade dos direitos constitucionais de ir, vir e permanecer para as pessoas e o *Fluxo* (direitos que estão “garantidos” pelo quinto capítulo da constituição de 1988). A articulação *Luz Livre* contribuiu para que o *Fluxo* da *Cracolândia* permanecesse no território porque conseguiu fazer um debate público em torno da pauta, sendo que o *Churrascão da Gente Diferenciada* escancarou que a proibição de ir, vir e permanecer era para determinadas pessoas, afinal o churrasco/manifestação foi amplamente divulgado, contou com grande participação e não foi reprimido ou violentado pela polícia. Outro elemento importante para este êxito foi um habeas corpus preventivo que foi concedido, por intermédio da Defensoria Pública, ao Cadu (personagem importante para a *Craco Resiste* que é apresentado no capítulo 7.2) que passou a ter um documento que lhe garantia o direito de ir, vir e permanecer – direito que ele e outrxs passaram a reivindicar como coletivos. É inegável, porém, que a resistência e persistência dos corpos abjetos (RUI, 2014) que ali permaneceram, apesar de tamanha violência, talvez seja o elemento central para a *Cracolândia* resistir.

O sucesso desta articulação talvez também seja seu principal fator de desarticulação, afinal em pouco tempo a *Luz Livre* parou de se reunir e de existir com uma atuação no território. A relevância das vitórias da *Luz Livre*, porém, também reside na consolidação uma forma de protesto por meio da ocupação divertida e pública daquele espaço – que foi o que o

Churrascão da Gente Diferenciada versão *Cracolândia* fez. A formulação e consolidação deste tipo de protesto é essencial na constituição da *Craco Resiste*, mas também está bastante presente nas ações do *Coletivo Sem Ternos* e outras iniciativas no território. José, que é muitas outras coisas além de frequentador da *Craco* e usuário de *pedra*, fala da potência desse tipo de manifestação em um poema sobre o *Blocolândia* – o bloco de Carnaval da *Cracolândia*:

Como ser subversivo no Carnaval de Rua?
Apesar de estarmos excluídos,
nos divertimos,
com toda a opressão vigente,
consequimos demonstrar que somos gente.
A ocupação do espaço, sobretudo das ruas da Nova Luz, é uma simples forma de demonstrar o efeito colateral do processo de marginalização.
Uma vez que as grandes empresas ligadas com o poder público tem a capacidade de promover a higienização – limpeza social. A segregação existe, a especulação imobiliária potencializa a desigualdade social, mas o povo tá na rua, a sua resistência grita e o carnaval faz a melodiar uma festa em forma de protesto desde o samba enredo fantasiado da diversidade emblemática da luta de classe até o termo cair nos lodos.
O último a sair que apague a luz porque afinal de contas tudo vira cinzas.
E o carnaval passa mas não acaba, como a tristeza que de vez em quando cadência sorri no escuro que quase não mostra sua clareza. O silêncio toma conta das ruas pela noite sem deixar que o medo traga o sono mantendo a alienação impedindo os sonhos e possíveis estratégias para uma real felicidade e manifestação de uma alegria com conteúdo, objetivo e finalidade. (JOSÉ, 2016)¹⁴⁹

4.2 O É de Lei e a permanência em Campo

Para não abrir mão da experiência na *Cracolândia* fui trabalhar no Centro de Convivência É de Lei, onde permaneci por cerca de quatro anos, do começo de 2012 a fevereiro de 2016. Algumas semanas depois do *Churrascão* eu soube que uma das trabalhadoras do É de Lei tinha saído da ONG e, com a equipe desfalcada, eles teriam que fechar o Centro de Convivência às quartas-feiras. Apresentei-me para trabalhar no Centro de Convivência de forma voluntária¹⁵⁰ e fui incorporada à equipe, recebendo um valor simbólico pelo trabalho.

¹⁴⁹ Poema de José escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p.40).

¹⁵⁰ Apresentei-me para trabalhar como voluntária por compreender que minha atuação na *Cracolândia* é parte de minha militância e da minha pesquisa. Quando fiz a conversa para entrar na ONG explicitiei este lugar, mas foi-me afirmado que lhes era importante pagar ao menos uma ajuda de custo, mesmo que um valor simbólico, porque a experiência da ONG com voluntários era ruim, mas disseram, na ocasião, que ali eram todos militantes, que isso era o central. Fui demitida, quatro anos depois, com a afirmação “o É de Lei não vai ser um coletivo anarquista autônomo”, quando questioneei, junto à outras trabalhadoras da ONG, as estruturas hierárquicas da instituição. Acredito que o trabalho da Redução de Riscos e Danos precisa de muita militância para exercer sua

O Centro de Convivência É de Lei é uma ONG que, desde 1998, trabalha na perspectiva da Redução de Riscos e Danos (RRD) sociais e à saúde associados ao uso de drogas. Em seu estatuto é uma associação de usuárixs de drogas que pensa o cuidado para o uso de drogas – perspectiva que corrobora com a formulação e potência da RRD, afinal essa perspectiva de cuidado parte da premissa que são xs usuárixs xs maiores especialistas sobre os usos e contextos e, assim sendo, são potencialmente xs mais qualificadxs para pensar e implementar propostas de cuidado para seus usos:

os PRDs [Programas de Redução de Danos] consideram que a ida aos cenários de uso implica em admitir e reconhecer que a mesma rede de solidariedade e constrangimento componente do consumo de drogas pode ser igualmente eficiente na disseminação de informações à saúde e na desaprovação dos comportamentos arriscados. (RUI, 2014, p.102)

O trabalho da ONG foi feito, no início, por [e com] Usuárixs de Drogas Injetáveis (UDIs) que acessavam outrxs UDIs em contexto de festas. Pela dificuldade de manter o contato com as pessoas acessadas decidiu-se por montar um Centro de Convivência¹⁵¹ próximo à Galeria do Rock porque ali, nesta época, era um espaço de encontro dxs UDIs, o que possibilitava a manutenção do diálogo com xs acessadxs, além de, com o tempo, se tornar um lugar de referência para xs mesmxs. Esse Centro de Convivência funciona até hoje, mas vem sempre se adaptando à conjuntura e ao contexto, como às transformações nas formas de uso, no perfil dxs usuárixs, ou mesmo nas formas de financiamento.

Junto com a redemocratização uma epidemia, a princípio silenciosa, se propagou por segmentos sociais no Brasil. Em 1982 foi diagnosticado o primeiro caso de Aids em São Paulo, em 1985 criou-se o Programa Nacional DST/Aids, sendo que de 1980 até 2012 o Brasil teve 656.701 casos registrados (BENTES, 2016, p.345). O compartilhamento de seringas para injetar cocaína foi um dos grandes responsáveis pela disseminação do vírus que “forçou o poder público a adotar a política de redução de danos como elemento central para a atenção a essa população de UDIs, reconhecendo que a alteração do comportamento de alto risco é a única maneira efetiva de prevenir a transmissão de HIV” (Ibid., 2016, p.346).

Neste contexto histórico o É de Lei foi idealizado (em 1998), inicialmente vinculado ao NEPAIDS – Núcleo de Estudos para Prevenção da AIDS, do Instituto de Psicologia da

---

potência e a primazia da estrutura hierárquica limita tal atuação. No entanto, é importante afirmar que o É de Lei, ainda mais se tratando de uma ONG, cumpre um importante papel nas disputas acerca da RDD e desenvolve um trabalho implicado e qualificado na região da *Cracolândia*. Agradeço muito as experiências, aprendizados e amizades que ganhei no tempo em que lá estive.

¹⁵¹ Centro de convivência já é uma política pública da assistência social, mas na época que o É de Lei foi concebido era algo muito novo.

USP. A “epidemia de Aids” virou uma questão para a sociedade brasileira e uma série de produções inovadoras de conhecimento, que até hoje embasam a RRD no país, foram desenvolvidas neste período. Denis Petuco fez um material didático para a Senad onde conta, em forma de diálogo ficcional entre uma trabalhadora de um CAPS e uma usuária do serviço, sobre o começo da RD no Brasil e sua constituição como ética de cuidado:

– Não foi nada fácil. O pioneirismo coube à cidade de Santos, que à época era uma das cidades do continente com o maior número de casos de Aids por habitantes, muitos dos quais relacionados ao compartilhamento de seringas entre usuários de drogas injetáveis. (...)

– Então, a RD se inicia no Brasil em 1989, em Santos?

– Sim e não. Do ponto de vista político, esse é o ano zero para o movimento que acaba se constituindo em torno da RD, no Brasil; mas a experiência, de fato, precisou esperar um pouco mais. Assim como em outros lugares do mundo, a RD enfrentou resistências no Brasil, e o Ministério Público paulista considerou que ensinar usuários de drogas a higienizar seus instrumentos de uso (sim, os santistas nem pretendiam ofertar seringas num primeiro momento) era crime análogo ao tráfico de drogas. Os gestores foram processados, e o programa foi interrompido antes mesmo de iniciar.

(...)

– Inicialmente, alguns abnegados aceitaram o desafio de sustentar as trocas de seringas de modo clandestino. Os redutores de danos iam a campo com um habeas corpus preventivo no bolso, enquanto Maurides Ribeiro, um advogado extremamente importante para essa história, ficava de plantão ao lado do telefone, preparado para qualquer eventualidade, como ter de tirar um trabalhador de saúde da cadeia.

(...)

– O primeiro lugar a realizar tais ações sem precisar se esconder foi Salvador, porque as ações foram ligadas a um projeto de extensão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Nesse ambiente acadêmico, as ações, ainda que polêmicas, conseguiram se sustentar, diferente do que ocorreu com as iniciativas tocadas por uma prefeitura municipal (caso de Santos). A partir daí, as trocas de seringas se expandiram pelo Brasil. Em 1999, é criada a Associação Brasileira de Redutores de Danos (ABORDA) com a finalidade de articular os agentes, que, naquele momento, já se espalhavam por cerca de 400 cidades.

(...)

– As trocas de seringas demoraram muito para serem implantadas no Brasil. Muito mesmo. Teve muito usuário de droga injetável que acabou se infectando e morrendo de aids e hepatites, mortes que poderiam ter sido evitadas. Quando as ações finalmente tiveram início, o uso de drogas injetáveis já estava chegando ao fim. Em algumas cidades antes, em outras depois, paulatinamente os usuários começavam a substituir a cocaína injetável pelo crack. Durante alguns anos, as caixas coletoras de seringas ainda voltavam cheias a cada saída de campo efetivada pelos redutores de danos, mas com o tempo elas começaram a ficar mais e mais vazias. Isso obviamente começou a instigar discussões, que chegaram ao clímax no 5º Encontro Nacional de Redutores de Danos, realizado em Campo Grande, em 2005. Lá, algumas pessoas, principalmente gestores e pesquisadores da área, defendiam a ideia de que os dias da RD brasileira estavam contados, e que seria o momento de começar a pensar no fim das ações. A reação por parte dos redutores de danos presentes ao encontro foi contundente: para eles, era óbvio que as práticas de campo, que o trabalho concreto levado a cabo todos os dias e todas as noites, em dezenas e dezenas de cidades brasileiras, jamais havia se limitado às trocas de seringas. O que os redutores de danos faziam era promoção de saúde e cidadania junto a usuários de drogas em situação de extrema vulnerabilidade social. Além disso, a RD brasileira também tinha inventado todo um modo de operar o trabalho de campo, sustentado diretamente nos territórios de uso de drogas, como nunca antes havia sido feito no Brasil. Por tudo isso, esses verdadeiros heróis da Saúde Coletiva diziam que não

havia nenhuma razão para que a experiência brasileira com RD chegasse ao fim. Afinal, a RD brasileira não se constituía em um mero cardápio de procedimentos, mas em uma ética do cuidado.

(...)

– Mas, o que seria então esta ética do cuidado preconizada pela RD?

– Dito de modo muito simples, talvez a gente pudesse definir assim: sempre que aceitamos o desafio de construir, junto com o usuário, estratégias de cuidado que não colocam a abstinência como único objetivo, de alguma maneira, estamos fazendo RD. (PETUCO, 2017, p.52)

Com o surgimento do crack, no final da década de 80, a forma fumada tornou-se uma via de administração muito mais recorrente do que a forma injetável (NAPPO, 1996, p.324; PETUCO, 2014, p. 141) e teve, como uma consequência no Brasil, o enfraquecimento das políticas de RRD. Isto porque o financiamento vinha, principalmente, do combate ao HIV/Aids. Dado que o compartilhamento do cachimbo não é um fator tão determinante na transmissão de HIV/Aids como o compartilhamento de seringa, xs usuárixs de drogas deixaram de fazer parte do segmento prioritário para o combate à Aids, de modo que as políticas de RD ficaram com apoio reduzido. Grande parte das ONG's que surgiram na mesma época que o É de Lei para trabalhar com RD fecharam. Parte considerável do financiamento do É de Lei no período que trabalhei na ONG, porém, ainda vinha das políticas para DST/Aids. Praticamente todos os projetos da ONG, no período de 2012 a 2016, contavam com uma parte que argumentava que xs usuárixs de drogas em situação de rua/vulnerabilidade deveriam continuar sendo um segmento prioritário para o combate de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), seja porque é comum que relações sexuais ocorram sem preservativos, seja por causa das feridas abertas – como nos lábios que são expostos a cachimbos quentes – serem portas de entrada para a transmissão de doenças. No trabalho de campo na *Cracolândia*, os redutores de danos do É de Lei distribuem manteiga de cacau com calêndula (que é cicatrizante) e piteiras para serem usadas na ponta do cachimbo e evitar as queimaduras. Tais práticas são justificadas, e financiadas, por serem formas de prevenir a transmissão de doenças como hepatites, mas no cotidiano se mostram especialmente eficientes para iniciar uma conversa e um vínculo com usuárixs deixando explícito que a concepção de quem está fazendo a abordagem não prega a abstinência. O doutorado de Andrea Domanico, que é uma das fundadoras do É de Lei, parte de uma análise da implantação de cinco projetos-piloto de RD no Brasil e, então, faz um importante debate sobre o “pânico moral” e a “ditadura dos projetos”:

além da noção de “ditadura dos projetos” que permitiu, em nossa análise, articular as determinações de natureza estrutural e conjuntural que configuram as relações entre o Estado e as organizações executoras da redução de danos para

usuários de crack e a realidade de implantação dos projetos-piloto, utilizaremos o conceito de “pânico moral” na perspectiva de iluminar os elementos de natureza sociocultural presentes na realidade empírica dos projetos analisados. (DOMANICO, 2006, p.189)

O “pânico moral” registrado por Domânico em 2006 continua fazendo que o crack seja tratado como a “bola da vez” (MENEZES, 2016, p.122), mesmo que seja controverso se há ou não uma “epidemia de crack” – há estudos sérios que apontam que esta epidemia não existe (BENTES, 2016, p.348). Manchetes da grande imprensa reforçam o pânico moral (DOMANICO, 2006, p.23) e como ninguém tem respostas para lidar com essa questão que foi apontada pela Deborah Fromm como uma “aporia urbana, isto é, algo insolúvel ou de difícil solução” (FROMM, 2017, p.21), a RRD tem voltado a ocupar o debate público como alternativa real de cuidado. O É de Lei ocupa um lugar de destaque neste debate porque conseguiu, com muito esforço militante, se manter em funcionamento mesmo com as dificuldades financeiras que acabaram com grande parte dos projetos contemporâneos a ele.

Por inúmeros motivos, a entrada em campo é um desafio, tanto que é um tema sempre debatido nas etnografias, sendo que ter a *Cracolândia* como Campo de pesquisa torna o desafio ainda mais latente. O É de Lei, além de manter o Centro de Convivência de portas abertas das 14h às 18h cinco¹⁵² dias na semana, faz um trabalho de acesso a usuárixs em contextos de uso. A ONG tem uma ótima entrada na *Cracolândia*, não à toa que muitos dos antropólogxs e pesquisadorxs contemporâneos que pesquisaram este território a elegeram como sua forma de entrada em Campo. Taniele Rui, Rubens Adorno, Heitor Frugoli, Bruno Gomes, Paulo Malvazi, Maria da Penha Vasconcellos, Lucianne Raupp, Andrea Domanico, Selma Lima, Rodrigo Vaz, Thiago Calil, entre outrxs, são exemplos de pesquisadorxs que tiveram o É de Lei como forma de entrar na *Craco*. Essa atração pelo É de Lei como via de acesso à *Cracolândia* é devida à perceptível diferença de sua atuação em relação à outrxs profissionais que, em alguns casos, são chamadx de “*urubus*” pelxs usuárixs de crack – por ficarem ao redor do *Fluxo* e não no meio dele. A prática de cuidado da RRD tem na construção de vínculos de proximidade com xs usuárixs uma questão central e por isto é comum ver xs redutorxs do É de Lei sentadxs no chão, trocando ideias e fumando cigarros junto com xs usuárixs. Esta postura de proximidade, que é ótima para a etnografia, faz parte da gênese da RRD que acredita que, assim como as pessoas são singulares, os cuidados também devem ser pensados individualmente e dentro de um processo singular que é construído junto com a pessoa e, por isso, o vínculo é essencial. É muito interessante observar

¹⁵² Raona Martins, que trabalha no É de Lei, ao ler este texto *no prelo*, me informou que atualmente o Centro de Convivência fica aberto apenas três vezes por semana (Martins, comunicação oral, agosto de 2017).

as diversas percepções que xs usuárixs da Craco têm da abordagem do É de Lei, que passa desde um “bando de maconheiro que arranhou um trampo de boa”, até “enviados de Deus” ou mesmo “aqueles que pensam como usuário” (definições ouvidas em Campo).

As práticas dos agentes da assistência social e saúde também são reconhecidas como possibilidade de cuidado, mas o trabalho dx redutor(a) de danos é frequentemente reconhecido como mais próximo da perspectiva dxs usuárixs. Anderson, que reside na *Cracolândia* há cinco anos, definiu o trabalho dxs redutores do é de Lei de uma forma que deixou a equipe muito orgulhosa. Ele nos ajudava a distribuir piteiras e manteiga de cacau quando um amigo seu perguntou quem éramos, se “do curativo” ou “do albergue”. Anderson respondeu: “(...) os do albergue são aqueles de colete verde [assistência social], os do curativo são do colete azul [programa saúde da família], esse é o pessoal que tenta pensar que nem usuário, o que a gente pensaria” (Caderno de Campo, junho de 2014). Esta proximidade e relação de confiança que xs profissionais têm com xs usuárixs se transfere, em alguma medida, para a instituição, e por isso ela é vista como uma boa forma de entrada em Campo. Mas, se xs pesquisadorxs se utilizam do vínculo dxs profissionais para sua entrada na *Cracolândia*, ser x profissional, quem realmente constitui o vínculo, faz diferença em algumas questões.

A necessidade de mediação entre xs pesquisadorxs e uma instituição e/ou pessoa(s) com vínculos no território diminuiu muito depois da entrada de serviços na região voltados especificamente para a população usuária de crack, que teve como marco o Programa De Braços Abertos, no início de 2014. O período de 2014 a 2017 foi o de maior concentração de serviços e trabalhadorxs na região tornando possível, e até tranquilo, ir à *Cracolândia* sem a necessidade de uma entrada mediada (isto valeu até 2017 quando o sucateamento e fechamento dos serviços reverteu tal facilidade). Porém, um antropólogo da USP em trabalho de Campo para sua iniciação científica (em 2015), teve seu Campo ali findado quando um usuário levou sua mochila, seu celular e seu tênis, o alertando para não voltar mais. Isso não é uma situação comum, mas, nos últimos anos, mesmo depois que a *Craco* ficou mais “penetrável” e diversas pessoas passaram a frequentá-la, não apenas pesquisadorxs sérixs, mas também diversos veículos de comunicação, algumas violências contra pesquisadorxs e jornalistas aconteceram. Depois da ampliação da rede de atenção no território eu passei a ouvir questionamentos, por parte de diferentes usuárixs, de que elxs estariam sendo usadxs pelxs pesquisadorxs e pelas ONG’s. Mais de uma vez ouvi dizerem que estão “ganhando em

cima da gente”, que “recebem uma puta grana [sejam xs pesquisadorxs para estudar, ou as ONG’s para prestar serviços] e quase nada chega pra gente”, “(...) se eles recebem R\$10 mil, eles gastam nem mil em marmita pra gente e ficam com o resto para eles (...)” (Cadernos de Campo, maio de 2015). E essa conta faz sentido, mesmo que as cifras, na realidade, sejam maiores.

O É de Lei continua fazendo seu trabalho, resistindo e existindo. Há uma orientação contra hegemônica e contestadora no discurso e na atuação da ONG, mas não existe uma homogeneidade de posturas e concepções políticas entre as pessoas que ali trabalham e se dedicam ao cotidiano: há quem, antes de entrar para o É de Lei, nunca tinha atuado em movimentos políticos; quem tem na sua carreira profissional e as reflexões daí derivadas o centro de sua atuação; há pessoas que se identificam com o anarquismo e atuam em movimentos autônomos; pessoas que fazem parte de movimentos mais ligados à institucionalidade de tradição petista; e pessoas mais ligados à contracultura e/ou à Nova Era (cf. MAGNANI, 2000) – é incontestável, também, que as pessoas e suas atuações são constituídas de diversos outros elementos além dos expostos e que mesmo estes são complexos e se borram.

Alonso e Mische (2016), em análise sobre as manifestações de Junho de 2013 que tomaram as ruas por todo o Brasil, distinguem três formas de ativismo que podem ser interessantes para pensar o perfil do É de Lei e, posteriormente, o perfil da *Craco Resiste*. Segundo as autoras, entre outros elementos, o repertório socialista possui formas de organização mais institucionalizadas, hierárquicas, centralizadas, com grande comprometimento e visibilidade para lideranças; enquanto o repertório autonomista, que pode ser considerado uma atualização das formas de protesto dos anarquistas, rejeitam lideranças e autoridades centralizadas, são pouco institucionalizados e combinam atuações não violentas com ações diretas de confronto (ALONSO E MISCHÉ, 2016) – não apresento o repertório patriótico por considerá-lo de menor influência nas organizações em questão. É possível afirmar que o É de Lei é mais contestador e menos hierarquizado que a grande maioria dos serviços que atendem a população que vive na *Cracolândia*, mas não há dúvida que o É de Lei é mais institucionalizado e hierarquizado se comparado à *Craco Resiste* que, ao menos no discurso, afirma-se um movimento autônomo, nega as lideranças, as autoridades e a institucionalidade.

A pluralidade entre xs trabalhadores do É de Lei reverbera em uma atuação híbrida e em relações diferentes entre xs trabalhadores da ONG e a *Craco Resiste*: há desde trabalhadorxs do É de Lei que fazem parte da *Craco Resiste* até outrxs que criticam o

movimento o chamando de irresponsável e inconsequente (críticas que foram feitas, inclusive, para pessoas ligadas ao poder municipal/gestão Doria). Xs trabalhadorxs do É de Lei que atuam na *Cracolândia* geralmente fazem parte da *Craco Resiste* ou, ao menos, são mais empáticos a ela, principalmente se em comparação àquelxs que atuam em âmbitos mais burocráticos da instituição e/ou da institucionalidade. Assim como os Nuer no clássico estudo de Evans-Pritchard, porém, há uma unidade na guerra contra segmentos maiores (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 154) e mesmo as pessoas do É de Lei mais críticas à *Craco Resiste* chegam a participar de manifestações, iniciativas e articulações políticas organizadas por [e/ou conjuntas com] este movimento em momentos em que a violência na *Cracolândia* está em maior evidência – como aconteceu em maio de 2017 com a megaoperação da prefeitura e do governo do Estado que prometia acabar com a *Cracolândia*.

4.3 Coletivo Sem Ternos – *Mumunha* para Resistir

Por que tem de ser assim?
Discriminação daqui,
Discriminação dali.
E você tentando ser honesto depois de tanto sofrimento na sua vida.
Catando o lixo da sociedade pra vender como material reciclável.
E mesmo assim as pessoas não acreditam que você é merecedor de uma oportunidade:
fazer um exame, entrar no projeto Braços Abertos.
O ser humano perdoa sete vezes sete mas uma hora explode.
Todo mundo tem direito a ter uma água, uma alimentação, uma moradia.
Gostamos de trabalhar, mas ninguém dá oportunidade.
Você vai pedir ajuda, você é humilhado, sendo que você tem capacidade de fazer mal.
Mas você não quer, você tá na humildade.
Uma andorinha sozinha não faz verão¹⁵³.

Após ser demitida do É de Lei, no começo de 2016, continuei a frequentar a região como integrante do *Coletivo Sem Ternos*, um coletivo de militantes, usuárixs e trabalhadorxs da região fundado em 2014, enquanto eu ainda trabalhava na ONG. A *Cracolândia*, nesse momento, era um palco vivo da disputa entre o programa Recomeço (governo do Estado/PSDB) e o programa o DBA (prefeitura/PT), localizados um em frente ao outro, na Rua Helvétia. O Programa Recomeço é calcado no discurso médico dominante e o foco de sua atuação está na abstinência e, supostamente, na argumentação farmacológica das “*hard sciences*”; enquanto o programa da Prefeitura se baseia, a priori, na discussão em torno do

¹⁵³ Poema apócrifo escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p.40-41).

contexto e singularidades do sujeito, ancoradas, em princípio, nas “*soft sciences*”, que fundamenta a perspectiva da RRD. Esta disputa poderia ser compreendida como uma separação do debate público em torno das atuais questões das drogas em dois polos opostos: um que foca sua atenção na substância, e o outro que foca no “set” e no “setting” (ZINBERG, 1984; MACRAE, 1992, p. 17) – talvez fosse possível chamar esta separação de “partilha epistemológica” (FIORE, 2013, p.6), de “repartição intelectual do trabalho” (VARGAS, 2001, p. 31 e 505) ou, ainda, como a moderna separação entre natureza e cultura (LATOUR, 1994). No cotidiano, porém, ambos atuam de forma híbrida, mesmo que eles se mantenham afastados e diversos um do outro em suas condutas, propostas e declarações públicas. Letícia Menezes em sua dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP-USP) faz uma análise etnográfica dos dois programas (assim como do programa “Crack é possível vencer” do governo federal) e também aponta que na prática há elementos comuns entre eles – ela cita o higienismo, por exemplo, como uma faceta compartilhada pelos três programas (MENEZES, 2016, p. 123).

No cotidiano da *Craco* não existem apenas duas posições: ambos os programas atuam com práticas que são, a priori, da dimensão teórica do outro, afinal, há necessidade de responder às questões da realidade que, enquanto tal, são absolutamente híbridas e complexas. O programa Recomeço (do Governo do Estado/PSDB) que é pautado na abstinência, proporcionava diversas oficinas na *Craco*, como a da *Bateria Coração Valente*¹⁵⁴, que eram realizadas na rua e não possuíam exigência de abstinência ou mesmo de sobriedade. Também foi o único serviço que proporcionou banheiro no território (mesmo que de forma limitada¹⁵⁵), um elemento básico para contenção dos riscos e danos de quem vive ou circula ali. A exigência de banheiros foi apontada, inclusive, como resistência na dissertação de mestrado da Letícia Menezes (2016, p. 130). O DBA (da Prefeitura/PT), por outro lado, foi quem

---

¹⁵⁴ Essa é a bateria da *Blocolândia* – bloco de carnaval da *Cracolândia*. Este bloco foi idealizado pelo Projeto Oficinas e, desde o início, é realizado com a ajuda do Coletivo *Sem Ternos*, além de outxs trabalhadorxs e usuárixs da região. O primeiro desfile da *Blocolândia* foi em 2015 e dado o sucesso de participação de usuárixs e trabalhadorxs o Programa Recomeço comprou instrumentos e contratou um trabalhador que organiza os ensaios da bateria que, então, foi batizada *Bateria Coração Valente*.

¹⁵⁵ Pouco tempo depois que o programa Recomeço inaugurou seu prédio na Rua Helvétia (2014) eles providenciaram tendas com banheiros químicos em um terreno próximo ao prédio (terreno da antiga rodoviária) dado que a maior procura no prédio era, de longe, para usar o banheiro (comunicação oral com uma trabalhadora do Recomeço, agosto de 2014). Esses banheiros funcionaram até dezembro de 2016. Com o início das obras para um condomínio habitacional no terreno da antiga rodoviária, onde ficavam as tendas com os banheiros do Recomeço, esses (supostamente) mudaram para o outro lado da rua, mas segundo usuárixs eles nunca mais funcionaram devidamente, estavam sempre entupidos e sem manutenção. Em maio, até mesmo esses banheiros foram desativados.

difundiu¹⁵⁶ a RD, que a maioria dxs paulistas até então nunca tinham ouvido falar, o que é muito importante para que outras possibilidades de cuidado (para além da internação) sejam vislumbradas por mais pessoas¹⁵⁷. Este programa, porém, em sentido contrário à ética da RRD que tem um questionamento histórico ao uso da força policial para lidar com usos problemáticos de drogas, era composto pela GCM¹⁵⁸ que, três vezes ao dia, “limpava” a rua onde ficam xs usuárixs, tratando como lixo as pessoas e seus pertences, deixando permanentemente molhado o chão do *Fluxo* – ampliando os problemas de pessoas que, ou adaptavam seus corpos e permaneciam agachadas¹⁵⁹ muitas horas por dia, ou ficavam sempre molhadas. Essa gestão municipal, também em sentido contrário à RRD, proporcionou muitas ações violentas da GCM contra xs usuárixs, como no dia 29 de abril de 2015 quando colocou xs próprixs trabalhadorxs do DBA numa situação muito ruim (expressa pelo choro inconformado de muitxs profissionais no dia) quando xs pressionou para que usassem dos vínculos constituídos em prol desta Operação violenta¹⁶⁰.

¹⁵⁶ Quando o DBA se tornou uma importante propaganda política da prefeitura a RD passou a ser incrivelmente mais conhecida, tornando-se muito mais fácil encontrar pessoas que já ouviram falar e/ou sabem alguma coisa sobre essa abordagem. Do ponto de vista da transformação do paradigma do cuidado me parece que essa foi uma das maiores contribuições do programa.

¹⁵⁷ É verdade, porém, que Taniele Rui já apresenta a “*ampliação da discussão sobre a redução de danos no país*” (Rui, 2014, p.27) como um dos acontecimentos que sucederam no processo dos seus sete anos de pesquisa na área até a publicação de seu livro em 2014 – em 2014 o DBA estava começando.

¹⁵⁸ O fato da GCM estar dentro do programa facilitou quando o prefeito João Doria quis desmantelá-lo e pode contar com a ajuda da GCM, que tinha diversas informações internas ao programa da prefeitura, como os residentes de cada hotel. O DBA chegou a ser coordenado extra-oficialmente por um PM reformado, o Capitão Renato Gomes Lopes da Silva, que era da “Guarda Pessoal do Haddad” - matérias que citam o Capitão Renato: COLETIVO DAR. Mudança no comando do programa Braços Abertos: sai capitão da PM, entra ex-secretário que reprimiu camelôs e ocupações. **Coletivo DAR**. 11 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://coletivodar.org/mudanca-no-comando-do-programa-bracos-abertos-sai-capitao-da-pm-entra-ex-secretario-que-reprimiu-camelos-e-ocupacoes/>> ; ONG CENTRO DE CONVIVÊNCIA É DE LEI. Vão descer o braço: prefeitura confirma repressão iminente na Cracolândia. **Coletivo DAR**. 22 de dezembro de 2014. Disponível em <http://coletivodar.org/vao-descer-o-braco-prefeitura-confirma-repressao-iminente-na-cracolandia/>. Acesso em agosto de 2017.

¹⁵⁹ Eu faço capoeira desde os três anos de idade e, nesse sentido, tenho meu corpo bastante adaptado para ficar agachada. Me impressionei, muitas vezes, com pessoas que vivem na *Craco* e conseguem ficar agachadas muito mais tempo que eu, que além da capoeira, tenho outra estrutura de alimentação, descanso e prática de atividade física que, supostamente, colocar-me-ia em vantagem em tal esforço. Tal incômodo me levou, diversas vezes, a reflexões em torno a potência e força desses corpos, mas infelizmente não vou conseguir abordar esse tema nesta dissertação.

¹⁶⁰ Foi doloroso e difícil para [alguns] trabalhadorxs lidar com a exigência de que os vínculos fossem usados em prol de uma operação violenta e malvista pelxs usuárixs porque isto possibilita que as pessoas de quem cuidam pudessem parar de acreditar que xs profissionais estão ali para ajudá-las, podendo colocar em risco os vínculos e a segurança de quem trabalha ali no cotidiano. O mal-estar entre xs trabalhadorxs do DBA foi tamanho que no dia seguinte à Operação o próprio Prefeito Fernando Haddad foi colocado no viva voz do celular de uma das coordenadoras do programa para fazer um discurso para a reunião *dos trios* – como chamava a reunião entre trabalhadorxs do DBA da saúde, da assistência social e do trabalho. Nesta ligação ele agradeceu a atuação e a coragem dxs trabalhadorxs e afirmou que, às vezes, é necessário que ações como acontecida no dia anterior aconteçam para que o trabalho desenvolvido no território seja possível. Esta ligação do Prefeito deixou parte dxs

Se os próprios programas, que são pensados por gestores convictos de determinado lado da disputa, são híbridos, xs trabalhadorxs *da ponta*¹⁶¹, que trabalham com menor fidelidade às instituições e menores salários que os gestores, são ainda mais plurais e diversos. Não é difícil encontrar trabalhadorxs do DBA que defendem a internação compulsória ou mesmo o uso da força policial no *Fluxo* – prática que a RRD repudia. Também é bastante comum encontrar trabalhadorxs do Recomeço que apostam na RD e na construção conjunta com usuárixs com quem constroem vínculos e afetos. Também é comum que essxs trabalhadorxs, que precisam pagar seus custos de vida, circulem entre os programas que, constantemente, demitem e contratam. Um grande trunfo do Coletivo *Sem Ternos* foi perceber a diferença entre quem implementa as políticas *na ponta*, profissionais “que muitas vezes iam contra o discurso institucional dos Programas” (MENEZES, 2016, p.130) e quem formula as políticas no gabinete. Este Coletivo, que foi referenciado em pesquisas acadêmicas como “os ativistas mais engajados na Cracolândia” (NASSER, 2016, p.20), segundo Letícia Menezes é:

(...) um grupo formado em 2014 por trabalhadores da “Cracolândia” que começaram a se reunir para discutir e tirar ações conjuntas sobre as questões do território. Este coletivo apresenta uma potencialidade única, pois une trabalhadores que, mesmo de serviços diferentes – e por vezes até “rivals” – estão em contato com a mesma realidade e dificuldades: “O Coletivo Sem Ternos tem como objetivo permitir a troca entre os trabalhadores e entre os trabalhadores e usuários, da região chamada de Cracolândia. Surgimos de uma articulação de rede que visa a ação conjunta no território na perspectiva da Redução de Danos¹⁶²”. (2016, p. 118)

Essa heterogeneidade, da qual fala Letícia, é parte constitutiva do *Sem Ternos* e de sua potência. O recorte “na perspectiva da Redução de Danos” é fundamental para a força e combatividade dessa articulação de rede tão plural e, ao mesmo tempo, tão alinhada. Este é o recorte que define quem é chamado, ou não, para as reuniões do Coletivo – independente do programa ou uniforme que use, só não cabe os “de terno”¹⁶³.

Em abril de 2015, por pressão das chefias, em especial do DBA que empregava muitos dxs ativistas que construíam o Coletivo, o *Sem Ternos* fez um documento chamado

---

trabalhadorxs muito incomodadxs, mas outra parte ficou feliz com seu esforço (Caderno de Campo, maio de 2015).

¹⁶¹ O termo “da ponta”, ou “trabalhadores da ponta”, é muito usado entre diversos profissionais da *Cracolândia* no sentido de se identificarem com outros agentes, independente se da assistência, da saúde, do trabalho, dos direitos humanos, etc. Alguns grupos ativistas, como o *Coletivo Sem Ternos*, se organizam a partir dessa categoria e, segundo Marina Mattar S. Nasser (2016, p.60): “não foram poucas as ocasiões em que presenciei esse termo ser acionado com um sentido de unidade em oposição aos “outros” que não sabem nada acerca do trabalho realizado no cotidiano, que impedem muitas de suas ações, entre outras afirmações. Uma oposição entre cargos posicionados hierarquicamente no estado que está imbricada na noção de “ponta”.”

¹⁶² O trecho citado entre aspas pela autora se refere à página do Facebook do coletivo: https://www.facebook.com/pg/semternos/about/?ref=page_internal (último acesso em 10 de junho de 2017)

¹⁶³ Quando foi pensado o nome *Sem Ternos* para o coletivo a motivação era uma demarcação com os engravatados da Porto Seguro, mas refletindo agora, a posteriori, tenho mais apreço pelo nome ao considerar que ele se pauta, também, na diferenciação entre aqueles que estão na ponta e aqueles que estão nos gabinetes.

“Quem somos e o que pretendemos”, que visava esclarecer sua atuação e propostas. Esse documento, encaminhado para as coordenações do DBA e para quem mais questionasse a atuação do *Sem Ternos*, aponta o diagnóstico do momento pelo qual o território da *Cracolândia* passava como ponto de partida para a articulação de diferentes atores, sejam eles de Projetos da Prefeitura ou do Estado, estudantes ou voluntários, no sentido de uma articulação de rede:

Nos últimos anos, a região chamada de Cracolândia recebeu um enorme e variado número de equipes de abordagem. Voluntários, trabalhadores da prefeitura e do Estado, estudantes e até mesmo instituições religiosas debruçaram-se, ainda que de diferentes formas, sobre a inquietante vulnerabilidade do local. Essa multiplicidade de atores, apesar de ampliar a assistência ao usuário, incentivou uma profunda desarticulação de rede, centralizada na disputa pelo atendimento e na dificuldade de reunir tantos agentes. A partir desse momento torna-se comum não saber do trabalho do outro e o máximo que se consegue é reunir todos os profissionais de um determinado serviço ou segmento. (SEM TERNOS, 2015, p. 1)

O Projeto Oficinas (do CEDECA Interlagos em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura de São Paulo) e os profissionais do Projeto Vocacional (da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo) fizeram este diagnóstico porque precisavam propor algo para atuar nesse território, que já era atendido por diversos projetos com o mesmo público alvo, mas que não conversavam entre si e sequer sabiam as atuações ali existentes. A fábula hindu sobre os cegos que encontraram um elefante e não conseguiam ter noção ou acordo sobre o todo, porque cada um sentia apenas uma parte, era a imagem mais apropriada para a rede de atenção às pessoas da *Craco* que havia crescido de forma abrupta e descoordenada nesse período. Colocar essa rede para conversar é uma das propostas do *Sem Ternos* para o território que foi exitosa, “não só por possibilitar a articulação de rede no sentido dos trabalhadores se conhecerem e saberem de suas respectivas atuações, mas também na proposição de intervenções” (Ibid., 2015, p. 1).

Quando comecei a trabalhar na *Craco* como redutora de danos em 2012, pelo É de Lei, dificilmente encontrávamos algum(a) outro(a) trabalhador(a) no território, salvo missionários religiosos, em especial da Cristolândia¹⁶⁴. O CAPS AD III da Sé, assim como o Projeto Quixote¹⁶⁵ e o PRD do SAE faziam idas à *Cracolândia*, mas, como as do É de Lei,

¹⁶⁴ A Cristolândia é um aparelho da igreja batista na região que trabalha com xs usuárixs de crack, numa perspectiva religiosa e salvacionista, onde xs usuárixs têm acesso à alimentação, banho e roupa (depois de ver o culto) e podem ser internados de forma voluntária. Para maiores informações sobre a Cristolândia indico a leitura de *Deus e o Diabo na Terra do Crack: uma etnografia da “cosmopolítica”* (FROMM, 2014).

¹⁶⁵ O Projeto Quixote foi fundado em 1996 a partir de um grupo de educadores sociais que fizeram um curso no Programa de Atendimento a Dependentes do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (PROAD) para lidar com o uso de crack pelas crianças que atendia e vislumbrou a necessidade de criar um

eram esporádicas, o que tornava difícil o encontro. Serviço específico de atenção à população em situação de rua, ou mesmo para usuárixs de drogas, não existiam naquele território, mesmo que ele já estivesse habitado, há anos, por centenas de pessoas que se enquadram nesses perfis¹⁶⁶. No espaço onde hoje funciona a tenda do DBA, que antes era o *buraco* desocupado pela Operação Sufoco, havia um Serviço de Atenção às Famílias (SASF) – mas as assistentes sociais desse serviço afirmavam categoricamente que não estavam ali para atender pessoas da *Cracolândia* e davam declarações estigmatizantes sobre as mesmas¹⁶⁷. Na Rua Dino Bueno, em frente ao *Fluxo*, havia um Centro de Atenção ao Trabalhador (CAT), mas nunca vi outra pessoa entrando no serviço além do Thika, minha dupla de campo, quando fomos perguntar o que eles faziam e a pessoa que estava sentada atrás da mesa nos disseram que “*nada*” porque xs trabalhadorxs, que eram o foco do serviço, tinham medo de chegar ali por causa dxs usuárixs de crack. Ficou claro que, para esses serviços, as pessoas da *Cracolândia* não eram nem trabalhadoras e nem “famílias” – mesmo que, na realidade, elas sejam ambas, além de diversas outras coisas. É comum, em contraponto, ouvir no *Fluxo* as pessoas se chamarem de *Família*, pela manhã a saudação mais escutada é “*bom dia, família*”. Quando a *Craco Resiste* fica sabendo com alguma antecedência e vai alertar xs usuárixs sobre a possibilidade de ação policial no *Fluxo* muitxs afirmam que não vão sair, mesmo correndo risco de se machucar, porque sua família está ali. A importância da “reprodução de estruturas familiares” na rua já foi ressaltada em “Viração” (GREGORI, 2000, P. 130), mas além da “família de rua” é comum família sanguínea na *Cracolândia* (como já exposto no capítulo 3.3). “*Na Craco também tem família*” foi a frase sugerida por seus frequentadores para a faixa

---

serviço mais adaptado às suas necessidades. “O Projeto Quixote apostou na arte, na educação e na saúde como formas de aproximação e vínculo com estes jovens. A partir disso, nasceram oficinas artísticas e estratégias clínicas e sociais, onde criatividade, afeto e expressão caminham sempre juntos” – estas e outras informações estão disponíveis em: PROJETO QUIXOTE. O projeto. **Projeto Quixote:** Uma outra história. S.d. Disponível em: <http://www.projetoquixote.org.br/o-que-e/o-projeto/>. Acesso em agosto de 2017.

¹⁶⁶ O único serviço que já existia e pode, de alguma forma, ser compreendido nesse sentido, era o Serviço de Atenção Especializada em DST/Aids Campos Elíseos (SAE), mas seu atendimento era bastante específico e, nessa época quando não tínhamos outras opções no território, chegamos a arranjar uma briga para que o Ricardo, um usuário do *Fluxo* que tinha levado uma facada, fosse atendido pelo médico do SAE. Nesse dia, depois de muito bate-boca, conseguimos colocar o Ricardo na sala do médico e que o serviço chamasse o SAMU (ambulância pública), porque nossa experiência mostra que quando nós chamamos, especialmente em se tratando de pessoas em situação de rua, o SAMU não chega. O SAE também conta com uma equipe de prevenção através do Projeto de RD (PRD) que é muito avançado na constituição de vínculos e cuidado com as pessoas da *Craco* e tem profissionais muito sérixs e engajadxs em suas práticas compondo, inclusive, articulações de resistência como o Coletivo *Sem Ternos* e a *Craco Resiste*. Apesar de todos esses avanços o PRD, porém, se mantém com pouca visibilidade e pouca capacidade de atuação (talvez por isso não o encontrássemos nesse período). Isso é devido ao vínculo precário que xs redutorxs de danos da equipe têm com o trabalho e com a instituição, posto que são voluntárixs com baixa remuneração e pequena carga horária (essa sugestão de texto sobre o PRD foi feita por uma trabalhadora dele).

¹⁶⁷ O capítulo 3.1 explicita tais declarações e uma melhor descrição do trabalho feito por esse SASF.

de frente do ato da *Craco Resiste* que aconteceu em 26 de maio de 2017 contra a megaoperação policial que havia acontecido no dia 21:

Figura 19 - Ato *Craco Resiste* / Foto: Marcel Segalla Bueno Arruda, maio de 2017

Se no período anterior a 2014 não havia serviços específicos para a população da *Cracolândia* nesse território, depois, como mostra o diagnóstico que gerou o *Sem Ternos*, a quantidade de trabalhadorxs e projetos se multiplicaram rapidamente. Esta ampliação, que fez parte do diagnóstico para constituição do Coletivo *Sem Ternos*, também é um elemento importante para pensar a ampliação dos ativismos na região e a própria formação da *Craco Resiste*. O documento que explicita a atuação do *Sem Ternos* também explicita essa pluralidade de atuações na *Craco* quando cita quem participa (ou já participou) de suas reuniões e ações:

Trata-se de um grupo que formula e executa suas ações de forma conjunta e horizontal e que conta ou já contou com a participação de usuários, representantes do Projeto Oficinas, Projeto Vocacional, Cidadania nas Ruas, SEAS Santa Cecília, trabalhadores, estagiários e voluntários da tenda do DBA (Instituto CECAP Plantarte e Missão Urbana Brasil), CAPS AD Prates, CAPS AD Sé, Projeto Recomeço- Unidade Helvétia, Ong É de Lei, Ação Educativa, PRD-SAE Campos Elísios, Museu da Energia de São Paulo e estudiosos da região. As ações que são públicas agregam mais trabalhadores e usuários além daqueles citados acima e muitas vezes contam, também, com a participação dos moradores do bairro e de artistas convidados. (SEM TERNOS, 2015, p. 2)

Este texto foi feito em abril de 2015 em resposta à questionamentos e pressões que parte dxs militantes do *Sem Ternos* estavam recebendo de suas chefias e, assim sendo, é uma resposta para legitimar sua atuação e funcionamento. O fim deste documento traz uma cronologia das atividades que o Coletivo tinha desenvolvido até esse momento – dia da pipa, sarau da consciência negra, bloco de natal, pré-carnaval, roda de conversa, além do apoio ao carnaval e ao ato ao não silenciamento de vidas e mortes de crianças e adolescentes do centro –, expressa os motivos do empenho para explicar sua atuação (deixando implícito que há

ameaça por parte das chefias) e utiliza de princípios legalistas para afirmar que sua atuação não é nada além daquilo preconizado em princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), da Rede de Atenção Psico Social (RAPS), do Sistema Único da Assistência Social (SUAS) e da própria RD:

Esse esforço de deixar nosso trabalho o mais claro possível é porque queremos continuá-lo, pois estamos convencidos de que esta articulação soma para o cuidado das pessoas em vulnerabilidade da região. Vale dizer que todas estas ações estão alinhadas com os conceitos de articulação de rede, território e cuidado compartilhado, bem como com os princípios:

- Do SUS, que por meio da RAPS define o protagonismo enquanto “atividades que fomentam a participação dos usuários, (...) a apropriação e a defesa de direitos, e a criação de formas associativas de organização”;

- Do SUAS, que “incentiva o controle e monitoramento de seus equipamentos praticado pelos usuários dos serviços”;

- Da Redução de Danos, que não fala só de danos que um certo jeito de usar drogas pode causar, mas também dos danos gerados pelo contexto sociocultural e político em que a gente vive e que consiste em uma ética do cuidado que presa pela construção conjunta, não só entre trabalhadores, mas também entre os atendidos.

Entendendo que o exercício desses princípios é função dos trabalhadores e direito dos usuários, pretendemos dar continuidade às atividades do Coletivo, quais sejam, reuniões mensais para formulação e planejamento das ações, também mensais, que se intercalarão entre as rodas de conversa e outras intervenções de viés mais lúdico. (Ibid., p. 4)

Este documento deixa evidente que o *Sem Ternos* é uma articulação de rede que se legitima por princípios preconizados por políticas públicas e, inclusive por isso, suas reuniões acontecem, via de regra, em horário de trabalho. Muitos projetos com financiamento público – como o Oficinas, o Vocacional e o É de Lei – justificavam parte de seu orçamento com o trabalho de articulação de rede e as ações que foram feitas pelo Coletivo. É fato, porém, que a amplitude da atuação do *Sem Ternos* só é possível porque muitas das pessoas que construíram e constroem o *Sem Ternos* o fazem com uma dedicação, um afinho e uma carga horária muito maior do que a relação meramente de trabalho possibilitaria.

Essas “intervenções com viés mais lúdico”, que são parte importante das atividades desenvolvidas pelo *Sem Ternos* e estão citadas na nota do Coletivo, são formuladas pelo Projeto Oficinas, no documento “Sistematização do saber adquirido a partir da experiência de trabalho”, como “resistência brincante”:

Outra maneira de responder a estas violências é por meio da brincadeira. Nossa prática nos permitiu formular o conceito da resistência brincante. Se por um lado é importante a utilização de estratégias de enfrentamento, também é fundamental poder operar mudanças por vias que gerem menos reações. É nesse sentido que a brincadeira aparece como resistência, pois favorece a transformação do espaço e das relações de forma descontraída, mas não por isso menos potente. As oficinas têm papel fundamental neste contexto, viabilizando o direito ao lazer: as atividades propostas permitem a ocupação da rua, a transgressão de regras opressoras e a desconstrução de engessamentos, propiciando relações pautadas da diversão e na convivência não hierárquica. (PROJETO OFICINAS, 2016, p. 28)

Esta “resistência brincante” também é central na forma de atuação da *Craco Resiste* e foi a partir dessas experiências e aprendizados consolidados junto ao Coletivo *Sem Ternos* que a *Craco Resiste* constituiu as atividades culturais como uma das suas principais estratégias – mesmo que a formulação e a prática desse tipo de resistência não sejam exclusivas do Projeto Oficinas e/ou do Coletivo *Sem Ternos*¹⁶⁸, foram das experiências com esses grupos que tais práticas foram apreendidas e reproduzidas. E a potência desse tipo de intervenção “com viés mais lúdico” não está somente no direito ao lazer, na transgressão e na desconstrução de engessamentos que outras formas de relação proporcionam, mas também na disputa da sociedade, elemento que é central na atuação de todos esses Coletivos:

Trabalhar com direitos humanos em contextos de vulnerabilidade social não é trabalhar apenas com a população em situação de rua e seus direitos violados, mas também com a sociedade, que por meio das ideias que sustenta e dos preconceitos que reforça, favorece toda a invisibilidade e a marginalização da população em questão e justifica toda a sorte de violências cotidianas, seja em nome de uma sociedade que precisa ser protegida, ou até mesmo em nome do bem do próprio usuário. É a sociedade que precisa ler o poema da Tais, ouvir a história do Carlão, ver o desenho do Cícero, a foto da Valéria, a dança e o samba do Richard. É a sociedade que precisa reconhecer a arte e a crítica que tem na rua, para desconstruir os estigmas que criou. (Ibid., 2016, p. 27-28)

Esse ‘trabalho com a sociedade’ citado na sistematização do Projeto Oficinas é o próprio ativismo (também chamado de militância), que é parte essencial do agir na perspectiva da RRD e é constitutivo do *Sem Ternos* e da *Craco Resiste*. O livro do Fórum Estadual de Redução de Danos (FERD), ao refletir sobre “o conceito e o modo de fazer” RD afirma que:

fazer RD não é só trabalhar com o indivíduo, é também transformar a sociedade – há um tipo de militância nas nossas práticas quando entendemos que o problema do sofrimento de quem consome drogas não está somente no indivíduo, mas na forma como a sociedade se organiza, como ele é percebido e quais as possibilidades que existem concretamente (FERD, 2014, p. 92).

Talvez por isso o contorno “na perspectiva da Redução de Danos”, independente da instituição que a pessoa trabalhe, seja eficiente para a seleção de quem é chamadx para as reuniões do *Sem Ternos*. Também por isso não é fortuito quando Taniele Rui relata que

¹⁶⁸ O Projeto Quixote e a Casa Rodante, por exemplo, são outros Coletivos que atuam na Cracolândia e compartilham dessa prática. A Casa Rodante também faz parte do Sem Ternos e tem uma responsabilidade grande com o que o Rica, um de seus integrantes, chamou de “uso da arte como Redução de Danos na Cracolândia” - os lambes que são muito visíveis na região e cumprem um importante papel político de demarcação, por exemplo, foram produzidos e colados por eles. Para maiores informações sobre a Casa Rodante acesse: Casa Rodante. Página de Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/rodante.luz/about/?ref=page_internal (último acesso em 20 de agosto de 2017).

reduutorxs de danos se questionam se a RD é uma política de saúde ou um movimento social (Rui, 2014, p.52)

Algumas das reuniões do *Sem Ternos*, porém, foram pautadas por uma angústia em definir a forma e o lugar do Coletivo. Seria uma articulação de rede? O documento citado acima aponta neste sentido, assim como a lista de presença de “atividades externas/articulação de rede” do Programa Recomeço, que muitas vezes passava pela reunião para justificar a presença dxs trabalhadorxs deste serviço. Ou seria um Coletivo de militantes? Neste caso poderia, por exemplo, reunir-se fora do horário de trabalho e ter posturas ainda mais combativas e de menos diálogo com partes da burocracia que, muitas vezes, demandam bastante. É verdade, porém, que o *Sem Ternos* nunca deixou de ter posturas combativas e de enfrentamento com políticas avaliadas como problemáticas, a ponto de certos representantes da Prefeitura (gestão Haddad) afirmarem que a Secretaria Municipal de DH e Cidadania estava financiando sua própria oposição quando o *Sem Ternos* encabeçou o processo feito para devolução das carroças que haviam sido apreendidas na ação do dia 29 de abril de 2015 – processo que demandou muito enfrentamento com esta secretaria¹⁶⁹. As reuniões do *Sem Ternos* para pensar “*quem somos*”, via de regra, chegam à conclusão que é potente poder ocupar um lugar híbrido, que ao mesmo tempo é uma articulação de rede que organiza festas e eventos no território que, comumente, são bem vistas e importantes para os diferentes serviços, mas que também possa fazer enfrentamentos que xs trabalhadorxs acreditam necessários, mas não poderiam levar adiante sozinxs. É comum ativistas do Coletivo afirmarem que a própria definição do *Sem Ternos* depende de quem pergunta: para xs usuárixs da *Craco* são aquelxs que se movimentam contra as ações violentas do poder público e que conseguiram devolver as carroças apreendidas; e para os gestores, as chefias e os financiadores dos projetos é uma articulação de rede que segue os princípios preconizados pelo SUS, RAPS, SUAS e a RD – sendo que ambas são definições fidedignas do que é o *Sem Ternos*.

Ao longo de anos de atuação algumas pessoas desse Coletivo começaram a usar o conceito de *mumunha*¹⁷⁰ para falar deste jogo de cintura que xs ativistas têm para legitimar as diferentes intervenções e lugares que ocupam, seja para xs usuárixs de crack e frequentadorxs do território, seja para o poder público e as diferentes chefias. Uma das coisas mais

¹⁶⁹ O mini documentário (com seis minutos) sobre a devolução das carroças está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IOUOL_1AhVU

¹⁷⁰ *Mumunha* para o Wikcionário (dicionário livre) é manha (habilidade, destreza e astúcia) e artimanha (artifício, astúcia). Esse termo chegou ao Coletivo por ser uma habilidade essencial para a Capoeira Angola que se refere ao jogo de cintura necessário na roda e na vida.

interessantes desse debate é que ele expõe que o Estado não é um ente monolítico, mas está atravessado por uma série de lógicas e agentes que desestabilizam definições de estatal, público, comum, privado, civil, popular, etc. A *mumunha* tem a ver com isso: jogar com definições e posições de modo tático.

O Coletivo *Sem Ternos* é uma articulação sólida que continua a atuar na região da *Cracolândia*, mesmo que xs trabalhadorxs que o compõe estejam sofrendo com inúmeras ameaças e inseguranças em relação ao seu trabalho e as orientações (muitas vezes abruptas e contraditórias) sobre como devem atuar – elementos que, atualmente (2017), assombram grande maioria dxs trabalhadores do território e dificulta a atuação do Coletivo. Apesar da conjuntura complexa e muito sofrida para xs trabalhadorxs da região, o Coletivo *Sem Ternos* tem mantido suas ações. Um exemplo é a festa julina (2017) que, a despeito da pressão contrária de instituições do território (que além de não ajudarem, chegaram a impedir a participação seus/suas profissionais), aconteceu e garantiu uma “resistência brincante” que “foi bonita demais, sô” – com afirmou Renato (que é usuário de crack e morador da *Cracolândia*):

Figura 20 - Festa Julina na *Craco* (2017) / Foto: Alice Vergueiro

O *Sem Ternos* é, também, um aliado muito importante para a *Craco Resiste*, sendo absolutamente essencial para seu surgimento e (re)existência, assim como para suas formulações e formas de atuação no território – também por isso que era essencial sua contextualização.

5. Os [des]caminhos da dissertação

Este capítulo é dividido em duas partes. Na primeira, que chama “Seguindo o *Fluxo*”, um processo de construção desta dissertação é exposto e alguns caminhos metodológicos são apresentados, inclusive os que levaram a pesquisadora passar uma semana ininterrupta na *Cracolândia* para coleta de dados. A preparação junto a moradores da *Craco* para esta permanência intensiva no *Fluxo* é salientada e com ela algumas facetas da própria *Cracolândia*, assim como das relações e valores de suas/seus moradorxs, evidenciadas. Se a primeira parte deste capítulo (5.1) apresenta o cronograma de reuniões que foram chamadas durante esta semana intensiva na *Craco* para produção coletiva de conhecimento para esta pesquisa, na segunda parte (5.2) uma das reuniões, a que aconteceu no dia 10 de dezembro de 2016, é reconstituída de forma mais ampla e complexa pela compreensão que ela foi um marco para a constituição do movimento *A Craco Resiste* e de alguns de seus princípios de atuação.

A segunda parte deste capítulo é nominada “A *Cracolândia* deve (re)Existir?” porque este foi o questionamento que deu o tom desta reunião do dia 10 de dezembro e que levou a um debate amplo sobre o que seria necessário para que a *Craco* não precisasse (re)existir e, ao fim, impulsionou a constituição do movimento chamado “A *Craco Resiste*”. Debates sobre a intersecção entre o trabalho a pesquisa e a militância, que foram feitos nesta mesma reunião, também são apresentados e com ele o vínculo – categoria importante para a RRD – é sublinhado como essencial para o cuidado e como elemento que vai em direção oposta a uma pretensa neutralidade. O debate sobre o que seria necessário para que a *Cracolândia* não precisasse (re)existir esboça um contexto mais amplo para a existência deste território, tocando na questão do déficit de moradia, na falta de equipamentos urbanos de convívio, na expansão prisional e na seletividade das forças de segurança pública, além da criminalização das drogas e suas/seus usuárixs. Esses tópicos surgem no debate não apenas como condicionantes para a existência da *Cracolândia*, como também como fatores a serem eliminados para que ela deixe de existir e a resistência deixe de ser necessária.

5.1 Seguindo o *Fluxo*

Nos primeiros passos, acreditei que era o próprio poeta, guiado por Virgílio pelos círculos de tormento do submundo. A mente nublada pelas ilusões mefíticas que emergem em alta definição do plasma. Não demorei para lembrar que o inferno, se existe, é governado pelo Moloch de farda, siamês do Belzebu de armani.

Ali, talvez, eu estivesse encontrado os imortais de Borges. Alienados do próprio corpo, imersos nas grandes meditações do mundo. Nada disso explicava, porém, o funk percorrendo as calçadas em uma caixa de som desgovernada cintilando em neon rosa. A transmutação da matéria ordinária em cachimbos únicos para dois dias, convertidos em cigarros que voltavam ao estado original de embriaguês como cachaça.

Os livros podiam explicar a cidade inteira: os rios enterrados, as avenidas de velocidade mortífera liberada e os espelhos escondendo torres de dinheiro. Aquelas quatro ruas, no entanto, não cabiam nas minhas abstrações literárias.

(MELLO, 2017)

Disposta ao deslocamento de ideias e provocações corporais lancei-me às experiências que o campo me trazia. Ali fiquei por dias, meses, anos... Vivi muitas coisas, sempre com um olhar etnográfico e constantemente pensando o que poderia se tornar minha questão de pesquisa. Sempre soube que haviam dados colhidos que não seriam usados, afinal, como afirma Strathern em “O gênero da dádiva”, é importante preservar a sensação de trabalho parcial:

É importante também que restem mais dados do que os tratados por meus interesses específicos, de maneira a preservar uma sensação de trabalho parcial. As etnografias são as construções analíticas de acadêmicos; os povos que eles estudam não o são. É parte do exercício antropológico reconhecer quanto a criatividade desses povos é maior do que aquilo que pode ser compreendido por qualquer análise singular. (2009, p.12)

Nesse processo sempre estive formulando questões e reflexões, seja para participar da disputa pública em torno da política de drogas, seja para contribuir nos debates, aulas públicas e rodas de conversa que ajudei a organizar ou que estive como convidada. Mas estava muito mais envolvida nas vivências que as experiências na *Craco* me traziam do que com qualquer processo mais amplo de formulação teórica sobre o tema. Fui vivendo e relatando, com a certeza de que teria muito material para análise posterior. A psiquiatra Natalia Timerman, em sua dissertação de mestrado com orientação fenomenológica, fala dessa abertura para a pesquisa acontecer:

É, então, a partir de um incômodo que se inicia: o incômodo de ainda não haver caminho, e de não se saber, a cada passo que constrói um trilhar, para que fim a direção em que estamos indo nos vai levar. “Todo questionamento é uma procura. Toda procura retira do procurado sua direção prévia.” (HEIDEGGER, 1988, p. 30) Há que se sustentar no incômodo; aguentar a “demora” do acontecer, “manter-se perguntando por mais tempo, até que as respostas surjam do que vem ao nosso

encontro; é preciso aguentar permanecer no aberto, mesmo que se sinta pressionado a encerrar logo o assunto.” (CLINI, 2010, p. 9)

Estar nesta abertura desnuda não significa estar alheia à existência de teorias como forma de se acercar das coisas, mas sim saber que nenhuma teoria previamente formulada é capaz de dar conta de forma suficiente e definitiva de algo como uma pessoa e a maneira como ela vive o que vive, esteja ela presa, “em liberdade”, sadia ou adoecida. (TIMERMAN, 2014, p. 52)

Sempre estive muito atenta às questões que a *Cracolândia* me trazia, até porque encarava de forma rigorosa o que aprendi em aulas de antropologia sobre a potência do trabalho de Campo para apontar as principais questões das pesquisas. Vivía a *Craco* e fazia os respectivos relatos no Caderno de Campo, sem saber de antemão qual era a minha questão, o que estava querendo pesquisar, ou mesmo meu foco dentro do universo de possibilidades que a *Cracolândia* mobiliza. A quantidade de material e de relatos de Campo, que inicialmente via como positivo, acabou se tornando uma dificuldade para o recorte da pesquisa. Optei, então, por abordar diversos temas no texto da qualificação: a proibição, a gentrificação, a história do território, o cuidado, o lixo, a multiplicidade dos *corres*, a RRD, a entrada em campo, a insegurança causada pela segurança pública, a proteção gerada pelo vínculo e pelo risco, o complexo lugar do “certo”, as identidades, a dependência, a internação, o tráfico, a religiosidade, o estigma internalizado e as relações de gênero.

Todos os dias, depois das minhas vivências na *Craco*, escrevia um relato com tudo que tinha acontecido. Esses registros eram meu principal material de pesquisa. Porém, no final de 2016, os discos rígidos do meu computador queimaram e acabei perdendo grande parte das anotações que acumulei em mais de quatro anos de trabalho de Campo. Para contornar esse problema decidi passar uma semana ininterrupta na *Cracolândia*, fazendo trabalho de Campo e os respectivos relatos, de forma intensiva.

Antes de fazer esse intensivo de uma semana na *Craco* fiz diversas incursões no Campo para negociar esta estadia. Convidei várias pessoas que vivem na *Cracolândia* para participar ativamente da construção desta dissertação de mestrado, usuárixs de crack, moradorxs de rua, carroceirxs, trabalhadorxs e vendedorxs se comprometeram a me ajudar de diferentes formas: cuidando de mim nessa semana; informando e pedindo autorização para o “PCC”, enquanto poder local, para eu estar ali para escrever um livro (como minha dissertação foi compreendida ali); fazendo companhia e participando das atividades que eu propusesse. Alguns externalizaram, ainda, a vontade de escrever “o livro” junto comigo. Duas pessoas diferentes, a San e o Tito, ambxs usuárixs de crack, me disseram que me ajudariam e cuidariam de mim nessa semana intensiva de Campo, que seria seguro, mas a condição que

colocaram era eu não fumar crack. A San me fez prometer que eu não usaria *pedra* durante esse período porque, segundo ela, só assim a minha estadia seria segura:

se você fumar pedra no *Fluxo* ninguém vai mais te respeitar. Se quiser mesmo fumar, eu não aconselho, mas se quiser mesmo vem fumar comigo, no hotel. Vamos nos divertir. Mas porque sou sua amiga tô falando pra você não fumar no *Fluxo*. Promete? (Caderno de Campo, novembro de 2016)

Compreendi que o fato de ser vista como usuária me deixaria mais vulnerável e propensa a violências – o que sugere que o estigma sobre xs usuárixs de crack também está internalizado e é reproduzido pelas próprias pessoas que usam e vivem na *Craco*. Prometi, tanto para a San quanto para o Tito, que não iria fumar *pedra*, até porque não considero esta experimentação essencial para a pesquisa. O efeito que iria conhecer nesta experiência psicoativa, caso fosse fazer uso de crack como método de pesquisa, seria muito diferente dos vividos pelas pessoas da *Cracolândia* quando fumam crack. Afinal, como já visto, o efeito de qualquer droga não é definido somente pela substância, mas também por relações complexas entre contexto, a pessoa e os sentidos/motivações para o uso – a tríade inter-relacional de Zinberg (1984) já citada. Além disso, há a influência da carreira de uso (BECKER, 1977) que no meu caso, ainda mais se induzida como método de pesquisa, seria bem distante das carreiras que as pessoas que conheci na *Craco* compartilham.

O uso de maconha, por outro lado, apareceu como sugestão de método para minha inserção nessa uma semana intensiva de Campo. O Renatinho, que também se comprometeu a me ajudar com o “livro”, sugeriu um método para criar empatia e não levantar desconfianças: “chega, senta em alguma rodinha, coloca um beck¹⁷¹, troca ideia e fica de olho no movimento e nas conversas” (Caderno de Campo, novembro de 2016). Essa, segundo ele, seria a melhor maneira para conviver ali e ver de tudo para poder escrever – e era, exatamente, o que estávamos fazendo quando ele me sugeriu tal proceder. Ele, porém, não costuma fumar maconha no Fluxo: “eu não posso ficar fumando maconha porque fico muito chapado e acabo perdendo dinheiro. O que eu posso vender sou capaz de dar de presente... aqui eu tenho que ficar ligado” – assim que disse isso deu um *trago* no cachimbo porque o crack, segundo ele, ajuda a ficar esperto e cortar a *leseira* da maconha (Caderno de Campo, novembro de 2016).

Convidei o Raphael Escobar para passar essa semana intensiva na *Cracolândia* comigo. É comum, entre os ativistas da *Craco Resiste*, a afirmação de que a *Cracolândia* é feita de bons encontros, Escobar é um desses casos. Vários elementos me levaram a decidir

---

¹⁷¹ Termo êmico para um cigarro de maconha.

que não ficaria essa semana sozinha, mas questões relacionadas à violência contra mulher e o assédio foram centrais. Escobar é artista plástico, nos conhecemos construindo o *Coletivo Sem Ternos* quando ele ainda trabalhava no Projeto Oficinas e eu no *É de Lei*. Abaixo está a divulgação de sua última exposição e uma foto da mesma que foi, em grande parte, composta a partir de experiências que tivemos juntxs ao longo desses anos de atuação coletiva na *Cracolândia*:

Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, Ateliê 397 apresentam:

Jaime Lauriano e Raphael Escobar

À NOITE, O MUNDO SE DIVIDE EM DOIS

ABERTURA

sábado | 08/07 | a partir das 14h
rua gonzaga duque, 148
vila pompeia, são paulo - SP
55 11 3865 2220

Ateliê397
www.ateli397.com

Figura 21 - Exposição “A noite, o mundo se divide em dois” (2017) / Foto: Raphael Escobar

Na preparação de nossa estadia no território, depois de muitas pessoas dali terem gostado da ideia e se comprometido a ajudar, resolvi reservar um hotel para podermos dormir e guardar nossas coisas durante esses dias. O Boina, que também é um usuário de crack e estava disposto a me ajudar com o “livro”, queria que durante esta semana nós dormíssemos em uma barraca na rua, as chamadas *malocas*. Segundo ele é na madrugada que as coisas acontecem e tínhamos que estar ali para ver. Concordei em ficar pela madrugada no *Fluxo*, mas disse que reservaria um hotel para dormir durante o dia, depois que o sol nascesse. Ele até concordou que poderia ser confortável, mas fez uma cara como se fosse frescura.

Depois de uma reunião do *Coletivo Sem Ternos* fui com a Tamara¹⁷², que também é do Coletivo, tentar reservar um quarto de hotel. Conversamos primeiro, por insistência dela, com a Dona Laíde, a dona do hotel no Largo do Sagrado Coração de Jesus. Ali, porém, todos os quartos estavam lotados, afinal esse era um dos hotéis sociais do DBA. Fomos, então, tentar o hotel branco e verde que fica na Rua Dino Bueno e era bem no meio do *Fluxo*. Subimos as escadas que adentram o hotel e, na recepção, um homem com cerca de 30 anos nos recebeu. Disse que queríamos um quarto com banheiro para passar uma semana. Ele nos

¹⁷² Tamara Neder Collier é assistente social do SAE Campos Elíseos (Serviço de Atendimento Especializado em DST-Aids), coordena o Programa de Redução de Danos (PRD) deste serviço e também constrói o *Sem Ternos* e a *Craco Resiste* – ela é melhor contextualizada no capítulo 7.1.

mostrou o último do corredor do primeiro andar, o único com banheiro. Todos os quartos tinham a janela virada para o *Fluxo*. O quarto que nos mostrou era triangular, contava com um beliche quebrado com um colchão de solteiro na parte de baixo e um colchão de casal no chão. O banheiro era pequeno, o box estava quebrado e sujo, mas com uma boa faxina seria perfeito para nós. A diária custava R\$65 e já estávamos negociando um desconto quando ele entendeu que não ficaríamos hospedadas já naquele dia – o que lhe pareceu muito estranho e o fez ligar para alguém pedindo para que essa pessoa fosse conversar conosco. Após isso ele não respondeu mais nenhuma das nossas perguntas, apenas nos disse que a dona do hotel viria conversar conosco.

O clima, que até então estava amigável, ficou tenso. A tensão aumentou quando ouvimos o barulho de alguém subindo as escadas e gritando: “espero que seja importante porque eu não almocei ainda”. Era a dona do hotel. Ela nos media com olhar desconfiado e logo que chegou à nossa frente nos perguntou o que queríamos ali. Sorrindo expliquei que a gente “é dos direitos humanos”, que estávamos muito preocupadas com as declarações da nova gestão municipal sobre a *Cracolândia*, que trabalhamos na região há muito tempo, que temos muitos amigos ali e que iríamos ficar uma semana no *Fluxo* escrevendo um livro junto com usuárixs para questionar a violência policial e defender a liberdade das pessoas dali. Ela foi, ao longo da nossa conversa, mudando sua fisionomia para algo mais simpático, mas nos perguntava constantemente se “tínhamos autorização” e quem tinha nos autorizado a ficar ali. Falamos os nomes de algumas pessoas que conhecemos do *Fluxo*, mas a cara dela demonstrava que desconhecia qualquer uma de nossas referências. A dona do hotel nos disse, algumas vezes, de forma categórica “vocês primeiro resolvem essa parte burocrática da autorização que daí eu reservo o quarto para vocês sem problema” (Caderno de Campo, novembro de 2016).

Tivemos a impressão de que a autorização deveria vir do “PCC local” quando perguntei se era autorização *dos irmão*¹⁷³ e ela respondeu afirmativamente com a cabeça. A dona do hotel nos disse que assim que a saíssemos alguém viria perguntar o que estávamos fazendo ali, falou que “foi com a nossa cara” e ia explicar, mas que sem a autorização, que ela insistia em chamar de “burocracia”, não podia deixar a gente se hospedar. Ela também nos advertiu que não tinha controle ou responsabilidade com o que acontecia dentro de seu hotel, que se ficássemos ali ela não ia garantir ou se preocupar com a nossa segurança. Ao descer as escadas eu já estava convencida que este hotel era tão bem localizado e que suas janelas –

---

¹⁷³ *Irmão* é um termo êmico para referenciar os membros do PCC.

viradas para o *Fluxo* – nos dariam tamanha visão que nos deixaria em risco e poderia trazer desconfiança das nossas reais intenções.

Em meio a essa preparação para a estadia de uma semana no *Fluxo*, Fábio Mallart, pesquisador referência no debate em torno do cárcere e da gestão dos corpos considerados indesejáveis e perigosos, entrou em contato comigo contando que tinha feito a primeira parte de seu campo na *Craco* em 2015 e que agora estava voltando. Fomos juntos para a *Cracolândia* em novembro de 2016 e ele fez comentários interessantes sobre a mudança do território. Como eu acompanhei mais de perto tais mudanças foi interessante ver a percepção de contraste de quem havia passado algum tempo distante. Chamou a atenção do pesquisador a quantidade de construções que haviam sido demolidas, o aumento da quantidade de pessoas no *Fluxo* e a transformação na forma de comercializar o crack. Antes esse comércio era feito de forma muito menos explícita: quando eu comecei a frequentar a *Cracolândia*, em 2012, a venda de crack era feita por pessoas, geralmente cobertas com cobertores, que chegavam gritando “olha o bloco”, eram cercadas por diversos compradores e rapidamente já estavam “sem flagrante”. No final de 2016 o comércio de crack e outras substâncias como maconha, cocaína e lança perfume, era feito em banquinhas expostas em um corredor com diferentes vendedores, por onde os usuários passavam e escolhiam o que iriam consumir. Nessa passagem pela *Craco*, Mallart me apresentou o Rico, dono de um dos hotéis que compõe o *Fluxo*. Falei com Rico sobre minha intenção de ficar uma semana no *Fluxo* para fazer meu mestrado e ele disse que poderíamos ficar no hotel dele sem sequer pagar a hospedagem. Falou que eu seria sua convidada. Eu disse que poderia pagar, mas como ele insistiu que fosse de graça, concordei agradecendo muito (Caderno de Campo, novembro de 2016).

Consideramos que essa parte de hospedagem estava resolvida, mas alguns dias antes da nossa imersão eu estava conversando com outro pesquisador, que também fez sua dissertação de mestrado sobre a *Cracolândia*¹⁷⁴, e ele me alertou para a possibilidade de ser um risco ficar no hotel do Rico, ainda mais sem pagar pela hospedagem. Ele comentou sobre o carro do Rico e afirmou que, provavelmente, ele era envolvido com algo ilegal. Para reforçar o argumento, que parecia motivado por uma relação de preocupação e cuidado, o pesquisador disse que o Rico poderia trabalhar com tráfico de órgãos. Depois deste argumento, mesmo que em tom hipotético, a sua sugestão de que não era razoável nos hospedarmos ali foi acatada. Essa conjectura sobre o Rico explicita a potência imaginativa

---

¹⁷⁴ Esse pesquisador, ao ler uma versão preliminar deste texto, pediu para que eu escrevesse essa passagem de um jeito que lhe preservasse.

que a *Cracolândia* proporciona e os medos que especulações sem embasamento concreto podem criar até mesmo entre pessoas que têm um olhar crítico às visões estigmatizantes do local, dxs frequentadorxs e dxs usuárixs – como é o caso deste pesquisador. Hoje, que já tive maior proximidade e convivência com o Rico, acredito improvável que ele seja traficante de órgãos e que, de fato, a oferta dele para nossa hospedagem tenha sido motivada por algo além da intenção de nos ajudar.

Mesmo sem hospedagem garantida continuamos com nossos planos para a semana de imersão que aconteceu do dia 11 ao 17 de dezembro de 2016. Em conversa com o Escobar sobre nossa estadia, pensamos em, durante esse período, chamar encontros para conversar sobre a *Craco* e produzir conhecimentos coletivos – afinal a produção coletiva é uma das concepções que nos juntou. Convidamos trabalhadorxs, usuárixs e pesquisadorxs para estar nesses dias conosco, explicamos que estas atividades fariam parte da coleta de dados para esta dissertação de mestrado e falamos sobre a potência da produção coletiva de conhecimento. Nos convites também contamos que a proposta metodológica de passar uma semana na *Cracolândia* tinha relação com a perda de parte significativa dos Cadernos de Campo que fundamentavam esta dissertação. Os convites feitos por e-mail e facebook¹⁷⁵ contavam, da seguinte forma, como seriam esses encontros para produção coletiva de conhecimento:

Primeiro encontro coletivo: 10/12/16 (sábado), às 16h20, na Cia Mungunzá¹⁷⁶ de Teatro (pertinho do metrô luz; endereço abaixo). Nesse dia vamos conversar sobre as intersecções entre o trabalho, a pesquisa e a militância na *Craco*. Esse será o único dos três debates que não será feito no *fluxo*, até porque será nosso primeiro dia lá e tem a possibilidade de ficar estranho chegar com pessoas diferentes já no primeiro dia. Será uma reunião bastante definidora dos rumos da pesquisa e bastante aberta para sugestões e críticas de vocês para nossos rumos e posturas nos dias seguintes. Também será uma reunião antiproibicionista com uso de drogas liberado.

Segundo encontro coletivo: 13/12/16 (terça) na Rua Helvétia, na altura da Rua Dino Bueno (na entrada do *fluxo*, onde o projeto oficinas montava sua mesinha). A partir das 14h vamos estar com tintas, cartazes, telas e o que mais aparecer no sentido de produzir “arte” ali. Ao longo dessas produções vamos conversando, em especial com xs usuárixs de crack, sobre a **Redução de Danos e a Arte serem uma proteção/cuidado para as pessoas dali, ou se são instrumentos para gentrificação**. Às 18h vamos fazer uma conversa mais coletiva sobre isso com as pessoas que estiverem por lá e a fim desse papo.

Terceiro encontro coletivo: 15/12/16 (quinta), a partir das 16h20, na Rua Helvétia, 124 (na frente das tendas/banheiros do Recomeço¹⁷⁷). Primeiro faremos

¹⁷⁵ O evento no facebook, que chamava “Coletivando na Craco” e convidada às pessoas para participarem dessas atividades, pode ser acessado em: <https://www.facebook.com/events/1152365781543456/> (último acesso em 02 de maio de 2017)

¹⁷⁶ A Cia. Mungunzá de Teatro nasce em 2008 com a junção de atores/artistas apropriados de múltiplas linguagens que queriam (re)pensar o panorama da arte/teatro contemporâneo no Brasil. Suas pesquisas abarcam três vertentes: a estética contemporânea, a encenação como dramaturgia e o ato performático como atuação (Cia. Mungunzá de Teatro, 2017 - fonte: <http://www.ciamungunza.com.br/historico>). A partir deste tripé nascem os elementos que vão constituir uma narrativa que, a partir do final de 2016, passa a ser atravessada pela atuação no território da *Cracolândia*. Atualmente há integrantes da companhia compondo também a *Craco Resiste*.

¹⁷⁷ Que na época estava localizado no terreno da antiga rodoviária.

conversas paralelas com quem chegar junto, em especial usuárixs, sobre **as diferenças, problemas e potências dos dois programas** (DBA e Recomeço), com foco nas necessidades do território, sempre pensando sobre as **ameaças que o futuro prefeito representa**. Também pensaremos se seria possível acabar com a Cracolândia e se **faz sentido defender a Craco**. Às 18h vamos fazer uma conversa mais coletiva sobre isso com as pessoas que estiverem por lá e a fim desse papo.

17/12: churras de fechamento da semana a partir das 14h20

Estes espaços foram importantes, não só para as reflexões desta dissertação, mas também para impulsionar a resistência que aconteceu em 2017 na *Cracolândia*. Nenhum dos encontros aconteceu como tínhamos imaginado, eles foram se transformando conforme a realidade nos transformava. A reunião do dia 10 de dezembro foi um marco para constituição da *Craco Resiste* – e por isto ela é foco do próximo subcapítulo. Esta reunião também foi importante para definirmos onde ficaríamos hospedados nessa semana intensiva na *Cracolândia* – que começava no dia seguinte¹⁷⁸. Estava presente, nessa atividade, a Celi Cavallari, que é psicóloga, conselheira da Rede Nacional de Redução de Danos e Direitos Humanos¹⁷⁹ (Reduc) e membra da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas¹⁸⁰ (Abramd) e, ao fim da reunião, ela me disse que havia falado com o Paulo Faria da Cia. de Teatro Faroeste¹⁸¹ numa festa da Plataforma Brasileira de Política de Drogas¹⁸² e ele havia disponibilizado a hospedaria do teatro para a gente ficar durante nossa semana de imersão. A hospedaria, além de segura para dormir, é perto o suficiente do *Fluxo* para que a gente não saísse da nossa proposta, afinal está dentro da ‘Mancha’ (MAGNANI, 2002) *Cracolândia* – fica a cerca de três quarteirões do *Fluxo*. Ficar na hospedaria do Pessoal do Faroeste foi muito importante, não apenas pela segurança que os outros hotéis que tentamos não passaram, mas também porque essa hospedagem nos aproximou deste grupo de teatro que já tinha um trabalho consistente no território e se tornou um importante aliado para a *Craco Resiste*.

¹⁷⁸ A sorte é um elemento não humano reconhecido, pelos ativistas da *Craco Resiste*, como um importante trunfo do Coletivo.

¹⁷⁹ Para saber mais sobre a Reduc acessar: REDUC – Rede Brasileira de Redução de Danos. Página do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/REDUC-Rede-Brasileira-de-Redu%C3%A7%C3%A3o-de-Danos-e-Direitos-Humanos-508427252562225/> (último acesso em 2 de maio de 2017)

¹⁸⁰ Para saber mais sobre a Abramd acesse: ABRAMD. Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas. **ABRAMD. Ciência e Diversidade**. Website. Disponível em: <http://abramd.org/> (último acesso em 2 de maio de 2017)

¹⁸¹ Para saber mais sobre a Cia. de Teatro Faroeste acessar: **Pessoal do Faroeste**. Website. Disponível em: <https://www.pessoaldofaroeste.com.br/> É interessante lembrar que o Pessoal do Faroeste e o próprio Paulo Faria também apoiaram o “*Churrascão da gente diferenciada versão Cracolândia*”, em janeiro de 2012.

¹⁸² Para saber mais sobre a Plataforma Brasileira de Política de Drogas acesse: PBPD. **Plataforma Brasileira de Política sobre Drogas**. Website. 2016. Disponível em: <http://pbpd.org.br/> (último acesso em 2 de maio de 2017)

5.2 A Cracolândia deve (re)Existir? (10 de dezembro de 2016)

Na ação do 29 de abril [de 2015] teve a reunião dos *funça* com o Haddad¹⁸³ e o *mano* falou pro Haddad: “o seu prefeito, não adianta, não importa o que você faça, a Cracolândia nunca vai acabar!” (Escobar, comunicação oral, 10 de dezembro de 2016)

Foi no encontro do dia 10 de dezembro que demos os primeiros passos para aquilo que foi se tornando a *Craco Resiste*. Foi nesta reunião que surgiu o nome deste Coletivo. Ela, como já mencionado, foi chamada na intenção da produção coletiva de conhecimento para esta dissertação, mas acabou tendo como foco a produção de mobilização e resistência contra as violências que estavam prometidas para o começo de 2017. Contou com cerca de quinze pessoas, sendo a maioria já ativista e mais da metade trabalhadorxs da região.

Nas incursões preparatórias para a semana intensiva que ficamos na *Cracolândia* algumas pessoas que nela vivem ou que a frequentam manifestaram preocupação com a violência que o recém-eleito João Doria havia prometido para o ano seguinte e apontaram a necessidade da organização de algo em resistência. Quando as pessoas do *Fluxo* sugeriram que organizássemos uma resistência eu dizia que não faria sentido fazer algo **para** elxs, mas se caso construíssemos algo **junto** poderia ter bastante força. No sentido desta demanda formulada por usuárixs de *pedra*, mas também das questões que o Escobar e eu estávamos levantando em nossas conversas, transformamos um pouco a pauta da reunião do dia 10, que foi apresentada da seguinte forma:

– (...) pensei algumas coisas para a gente debater. Dividi em três pautas, mas é bem aberto pra gente conversar e ser do jeito que acontecer. A primeira seria sobre as intersecções entre o trabalho, a pesquisa e a militância. Pra gente pensar se têm coisas da nossa atuação na *Craco* que são só trabalho de redutor, algo que seja só pesquisa, ou só militância... para mim essas facetas se misturam bastante e quero pensar junto com vocês como isso funciona. A segunda pauta seria sobre a existência da *Cracolândia*: tá todo mundo desesperado porque o Doria falou que vai acabar com a *Cracolândia*, a gente se incomoda, fala que não vai deixar, mas será que a gente tem que proteger a *Cracolândia*? – abri a reunião.

– E quem tem que proteger quem ali né! – o Rica comenta.

– Sim! – concordei com o Rica. E será que a *Cracolândia* tem que existir? Como que é isso? Como não é? Trouxe algumas perguntas para a gente pensar: É bom ou ruim que a *Cracolândia* exista? No mundo ideal ela existiria? Existiria como? O que precisaria acontecer para que ela não precisasse existir? O que pode ser feito para ela melhorar, para reduzir os danos, considerado que ela existe, partindo desse pressuposto. E, por fim, a última pauta seria a gente pensar em possíveis resistências. O cara [Doria] falou, e todo mundo tá falando, já [es]tão acontecendo algumas mobilizações, enfim... pensar se existe alguma coisa que a gente pode fazer, se existe algum tipo de articulação que possa sair daqui: tem alguma resistência

¹⁸³ Essa reunião também foi relatada pela Deborah Fromm em sua dissertação de mestrado (2017, p. 17): “Alexandre de Moraes, o prefeito e um dos disciplinas discutiam no interior do espaço do Programa Recomeço”. Alexandre de Moraes foi secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo do governo Alckmin de dezembro de 2014 até 2016.

possível? De uma forma ou outra esse espaço articula um monte de coisas e pessoas, também por isso essa pauta. (transcrição do áudio do dia 10 de dezembro de 2017)

O debate sobre as intersecções entre o trabalho, a pesquisa e a militância na *Craco* apareceu nesta reunião porque era uma questão importante, naquele momento, para esta pesquisa. O título do texto para a banca de qualificação desta pesquisa foi: *Cracolândia: olhares de uma redutora de danos*, mas Taniele Rui (que é co-orientadora desta dissertação de mestrado), em conversa posterior à qualificação, sugeriu que fosse feito uma reflexão sobre essa tripla posição que já estava presente na pesquisa, mesmo sem aparecer no título da qualificação. Reproduzo, a seguir, as falas mais pertinentes nesta pauta e a conclusão que, a partir do debate coletivo, foi formulada pelo Leôncio¹⁸⁴. Vários debates poderiam ser levantados a partir da discussão, mas a questão que caberá neste momento é a possibilidade de debater o vínculo como uma categoria empírica importante na RRD:

– Ter essas diferentes circulações [trabalho, pesquisa e militância] é proteção ali – comento a partir do que estava sendo debatido. Ser trabalhador, pesquisador ou militante depende de quem pergunta, pra GCM falo que sou pesquisadora, para o usuário desconfiado falo que sou militante que participou do resgate das carroças, mas quando fui tirar foto do bracelete da GCM escrito “RD” disse que “também trabalho no projeto”.

(...)

– A pergunta não deve ser sobre separar, mas o quanto é útil juntar essas três dimensões. Ao juntá-las a gente cria vínculos muito mais profundos, que têm laços de confiança muito mais fortes, mas que conseqüentemente cria mais demanda, dá mais trabalho – aponta a Nina.

– Cada uma é ferramenta da outra, a militância é ferramenta da pesquisa, a pesquisa é ferramenta da militância, o trabalho ferramenta da pesquisa: aí [es]tá a potência – Rica contribui.

(...)

– A gente tá separando aqui essas três questões, mas no momento que a gente entende o processo de fato essa separação perde um tanto o sentido. A partir do momento que a gente faz um atendimento verdadeiro de fato, a gente não [es]tá falando de mais nada disso, a gente [es]tá falando de relação verdadeiramente humana, de vínculo – Leoncio começa a concluir.

– Exatamente! – alguém concorda verbalmente e muitos concordam com seus corpos e rostos que sorriem e/ou balançam para cima e para baixo.

– Daí a gente supera, não tá mais falando de serviço e nem nada, tá falando de vínculo de fato. E o termo referência é uma tentativa de institucionalizar esse contato humano, que acaba se focalizando em algumas pessoas porque são poucos os atores que se entregam para o trabalho no sentido de estar nesse lugar, de conseguir manter relações verdadeiramente humanas. E isso extrapola o trabalho que a gente faz aqui, [é visível] em qualquer UBS da cidade, um professor com um aluno, ou qualquer outra instituição que o governo opera... porque as pessoas têm dificuldade de operar relações humanas na própria vida delas, já está num casamento ruim, têm questões com os filhos e já chega muito esgotado do trabalho e não quer estar nesse lugar, às vezes não quer estar na própria vida dela, na casa dela, fazendo o trabalho dela, quer estar em outro lugar. Daí a gente abre uma ferida social muito

¹⁸⁴ Leôncio R. S. Nascimento é estudante de psicologia, compõe o Coletivo *Sem Ternos*, é articulador de redes no Centro de Convivência É de Lei e trabalha em assessoria na captação e análise de dados em projetos de análise de redes com consultores autônomos.

grande que eu nem consigo tocar, [só] consigo apontar para ela – conclui Leôncio e todxs parecem contempladxs. (transcrição do áudio do dia 10 de dezembro de 2017)

No debate o sentido e a utilidade da separação entre esses três lugares – trabalho, pesquisa e militância – é questionado. O texto desta dissertação também tem dificuldade com esta distinção. Esse lugar híbrido e mutável é apontado como potente neste debate do dia 10, não apenas porque possibilita uma proteção dado a capacidade de circulação entre esses lugares conforme x intelector(a), mas também porque essa mobilidade é vista como útil para a criação de vínculos. O professor Dr. José Ricardo Mesquita Ayres da FMUSP (Faculdade de Medicina da USP) em “Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde” (2009), corroborando com que disse Leôncio, aponta a importância do vínculo ao indicar o que é necessário pensar, conhecer e fazer para melhorar a saúde e a qualidade de vida das pessoas atendidas¹⁸⁵:

Garantir, na medida do possível, o vínculo dos pacientes com os mesmos profissionais da equipe ao longo de seu seguimento, procurando, inclusive, favorecer que estes mesmos profissionais acompanhem os jovens, ou pelo menos tenham algum tipo de contato com eles, nos diferentes espaços de atendimento da mesma instituição – ambulatório, hospital-dia, enfermaria. (AYRES, 2009, p. 259)

É importante identificar os vínculos mais significativos para os pacientes e utilizá-los como referência para o planejamento das intervenções. Em um caso pode ser o médico, em outro a psicóloga, em outra a enfermeira, etc. (AYRES, 2009, p. 261)

O ‘vínculo’, que também é muito citado por Ayres como algo central para o cuidado integral, é um termo muito usado para formulação de projetos terapêuticos singulares dentro da ética da RRD. Taniele Rui indica, em sua pesquisa com redutorxs de danos, que o “vínculo é descrito a partir de uma linguagem política fortemente fundamentada no respeito aos direitos humanos” (RUI, 2012, p. 31). Thiago Calil, por sua vez, sugere que “A partir do vínculo construído, é possível estabelecer diálogos com as pessoas que usam crack e desenvolver estratégias de cuidado e insumos de prevenção para minimizar riscos e estimular o autocuidado” (CALIL, 2015, p. 123). O autor salienta, ainda, o vínculo como elemento definidor da prática da Redução de Riscos e Danos (RRD):

(...) reconheço a RRD como uma prática que não possui uma receita prescritiva, é singular, e só pode ser pensada a partir da criação de vínculos e compreensão do contexto de vida do interlocutor, com os modos de compreenderem a si e a seu mundo e com seus modos de agir e interagir (Ayres, 2004). (Ibid., 2015, p. 132)

Nesse debate do dia 10, aproximando a lógica do vínculo com a da militância, algumas pessoas trouxeram que ser militante acaba tendo como consequência mais trabalho, mas, ao mesmo tempo, uma maior parceria e compreensão dxs atendidxs. Mais trabalho

¹⁸⁵ Nesta passagem ele está refletindo mais especificamente sobre o cuidado com jovens que vivem com HIV/Aids.

porque algumas pessoas decidem por conta própria quem será seu/sua profissional de referência (geralmente aquele com melhor vínculo) e chegam a esperar por ele para qualquer questão que tenha que ser resolvida, de tirar um documento a ir ao pronto socorro. Por outro lado, esse tipo de relação gera uma proximidade e, com ela, uma maior compreensão com as dificuldades do cuidador(a): no debate alguém contou que chegou um dia de ressaca ao trabalho e seus vínculos garantiram um acolhimento por parte dos usuários do serviço que cuidaram para que não tivesse “bagunça ou barulho” naquele dia, além de lhe reservarem um local para seu descanso. Esse tipo de troca condiz com a ética da RRD e aponta a potência da compreensão e do respeito pelo momento que a outra pessoa está passando.

Rui Gutierrez, que faz parte dos Médicos Sem Fronteiras (MSF) e já esteve em diferentes zonas de conflitos, de diversos territórios indígenas a diferentes Estados em guerra (como a Somália), depois de conhecer a *Cracolândia* acompanhado de duas ativistas da *Craco Resiste*, no intuito de vislumbrar possibilidades dos MSF ajudarem com a resistência, escreveu-me uma carta¹⁸⁶ onde tece algumas reflexões. Ele expressa diferenças na forma que ativistas da *Craco Resiste* e os MSF constroem suas relações e traz elementos interessantes, como a concepção de distância que a lógica médico-paciente herda do consultório em oposição à uma relação que nomeia de amizade – mas que aqui aproximo da lógica do vínculo proposto pela RRD – que senti na forma de atuação do Coletivo na *Cracolândia*:

A relação que você (e o pessoal da Craco Resiste) têm com os moradores de rua é muito particular. Há um esforço por parte de vocês (provedores) para criarem um senso de identidade com aquela comunidade (beneficiários). No trabalho que faço com MSF a tendência é exatamente o oposto: distanciar provedores e beneficiários. Existem vários motivos para adotar esta postura: (1) em zonas de conflito, uma identificação muito forte com qualquer dos grupos (seja um conflito “justo” ou uma opressão de um grupo sobre outro) fere os princípios de neutralidade e imparcialidade da organização. (2) Por tratar-se de conflitos muito dinâmicos, criar um senso de identidade com um dos grupos nos torna imediatamente alvo do grupo oposto, trazendo riscos aos membros da organização. Acho que isso acontece com vocês, se considerar que a polícia está de um lado e o morador de rua de outro. Quando me contou a maneira agressiva como a polícia tende a tratar a Craco Resiste ficou claro que isso acontece com vocês também (cuidado). (3) MSF é uma organização médica e há algo herdado do consultório; a relação médico-paciente é estendida para relação ONG beneficiários – preconizamos uma relação próxima, mas não chega a ser uma amizade, é sempre profissional. (GUTIERREZ, 2017)

---

¹⁸⁶ Agradeço muito ao Rui pelas trocas de aprendizados e impressões que tivemos nesse período em que ele estava no Brasil, assim como pelo cuidado e atenção que teve conosco ao mandar essa carta que nos sugere um protocolo de segurança no sentido de nosso cuidado em Campo. Foi impressionante para os militantes da *Craco Resiste* que participaram dessa troca com o ativista dos MSF a constante aproximação que ele fazia da *Craco* com os lugares em guerra que ele já havia estado, sugerindo constantemente que, mesmo com toda sua experiência, tinha ficado receoso com a realidade onde atuamos.

Uma das diferenças entre a *Craco Resiste* e os MSF é que o Coletivo que atua na *Cracolândia* não tem nenhuma intenção neutra ou imparcial – se a constituição de vínculos com xs usuárixs aparece como uma questão central para o cuidado proposto pela RRD, em nenhum momento redutorxs e/ou ativistas se propõe à criação de vínculos com policiais, por exemplo. É comum a compreensão de que na *Cracolândia* as pessoas são sempre identificadas com um lado e xs redutorxs [assim como xs militantes] buscam que xs usuárixs xs compreendam como aliadxs, como alguém que se possa confiar para possibilitar que o cuidado seja construído de forma conjunta – que é o que a RRD prega:

um usuário colocou as coisas em seus devidos lugares. Enquanto conversávamos com essa guarda, ele passou e nos repreendeu: “*nós é que somos seus amigos. De que lado estão, afinal?*”. Tal fala torna possível pensar que trata-se de um tipo de interação que supõe um conhecimento do cotidiano e às vezes revela formas de aproximação sem, contudo, implicar um relacionamento amistoso. A mesma fala também diz que, uma vez estando ali, tais personagens não podem ser vistos na sua complexidade e sim pelo que eles representam: um guarda civil não é um profissional de saúde, e isso, disse o usuário, precisa ficar claro. Segundo ele, há que se escolher um lado. (RUI, 2014, p.232 e 233)

A preocupação do médico, portanto, condiz com a realidade, sendo comum que xs policiais do território (sejam GCM’s ou PM’s) ameacem ativistas da *Craco Resiste*, afirmando coisas do tipo “cuidado que aqui a bala não é de borracha”, façam revistas violentas e em uma ocasião chegaram a levar um ativista para dentro de um estacionamento e o espancaram a ponto de ele ir para o hospital. Esses riscos são conhecidos e debatidos coletivamente e a preocupação de que militantes, em especial identificados com camisetas, não estejam sozinxs no território são constantemente reafirmadas nas reuniões do Coletivo. Isso é possível porque a *Craco Resiste* se nega a uma pretensa neutralidade. A escolha de um lado, o lado dxs usuárixs, já delimitada nesta reunião do dia 10 de dezembro de 2016, também é constantemente reafirmada. Um dos alicerces da *Craco Resiste* é ser contra a violência de Estado e, portanto, determinado enfrentamento das suas forças coercitivas é um dos pontos de sua atuação.

Ainda na reunião do dia 10 de dezembro, depois do debate sobre as intersecções entre o trabalho, a pesquisa e a militância, sugeri que entrássemos na próxima pauta prevista para nossa formulação coletiva – a sugestão já virou debate:

– Vou tentar fazer um corte para a gente tentar entrar no próximo tema (...) Na conjuntura atual, com o Doria falando que vai acabar com a *Cracolândia* e tal, eu queria pensar com vocês: 1) a gente deve proteger a *Cracolândia*? 2) A *Cracolândia* deve existir? Primeiro isso.

– Posso continuar fazendo pergunta? A *Cracolândia* é só o *Fluxo*? – o Léo Akio¹⁸⁷ pergunta.

(...)

– (...) Quando a Roberta trás essa pergunta se a *Cracolândia* deve existir é uma voadora com os dois pés no peito. Porque, com toda essa contradição, é um lugar que acolhe. Onde vai ser esse espaço de acolhimento? Inclusive de ser protegido pela própria polícia – Agostinha nos questiona.

– Mas, nesse ponto você não acha que deveria assumir de uma vez uma cena de uso no *Fluxo*? Porque fica na metade e não assume de vez? Põe banheiro público, põe bebedouro... – sugere o Rica.

– Uma sala de uso seguro – Celi complementa.

– Não, pode ser até aberto, ali na rua mesmo, mas dar condições para uma cena de uso, assumir isso – o Rica conclui.

(...)

– Eu [es]tava conversando com a Robertinha e ela falando que a gente tinha que pensar uma resistência para a *Cracolândia*, proteger a *Cracolândia* e isso e aquilo, porque a *Cracolândia* é resistência e não deixa de ser, concordo..., mas convenhamos, no mundo ideal a *Cracolândia* não existiria – Escobar polemiza.

– Mas o que não existiria? – questiono.

– A droga não existiria? – Rica complementa o questionamento.

– A questão não é droga, a questão é estar em situação de rua – sugere a Nina.

(...)

– O problema da *Cracolândia* nunca foi o crack, mas muito preto pobre favelado no centro de São Paulo numa área que tem possibilidade de dar muito dinheiro – complementa Escobar.

– A especulação imobiliária comendo solta e a galera lá – concorda Nina.

(...)

– Na verdade a gente tem que defender os DH, não a *Cracolândia*. Porque primeiro que ela não vai acabar e a gente sabe disso, entra gestão e sai gestão. Quando se vem com esse discurso da guerra às drogas, que é o que o Doria está propondo, que ele vai acabar com a *Cracolândia*, a gente sabe que ele não vai propor algo mais humanizado. Quem passou pela Operação Sufoco [2012] sabe o que vai ser feito. E isso é política, enfim... é lógico que quando a gente fala em defender a *Cracolândia* a gente sabe que, por um lado, como não defender e por outro como defender. O que a gente tem que fazer é defender os direitos – Aline¹⁸⁸ complementa.

– Agora, eu não subestimo [a possibilidade da *Craco* acabar]. Eu fiquei de quarta a domingo da semana passada sem vim, daí quando voltei um usuário tinha comentado que eles seriam deslocados daquela região para a Praça Princesa Isabel porque a Porto Seguro comprou tudo e quer aquele espaço. Aí ontem quando eu vim andando pela [Av.] Rio Branco na esquina com a [Rua] Helvétia já tinha um segurança da Porto Seguro. Daí eu cheguei no território e fiquei tentando entender o que tinha mudado: tiraram a tenda do Recomeço que tinham os banheiros [do terreno da antiga rodoviária] e colocaram tapume em tudo – Agostinha entra mais uma vez para o debate.

– Falaram que vai ser um prédio, moradia comunitária, sei lá... – o Rica complementa sobre a transformação no terreno da antiga rodoviária.

– A declaração do secretário de habitação pro jornal foi tipo “*não conseguimos resolver a questão da Cracolândia com cultura, vamos tentar com moradia*”¹⁸⁹ – alguém comentou.

¹⁸⁷ Leo Akio é integrante da Cia. de Teatro Mungunzá que sediou este encontro do dia 10 de dezembro. Para maiores informações sobre a Mungunzá acesse: <http://www.ciamungunza.com.br/>. Como o capítulo 3 desta dissertação tentou responder à questão proposta pelo Leo, neste momento os outros debates terão maior peso.

¹⁸⁸ Aline Mossmann é psicóloga, especialista em Saúde da Família. Foi pesquisadora do Laboratório de Estudos Sobre Preconceito do IPUSP, trabalhou no Centro de Acolhida e Centro de Convivência do Complexo Prates e atualmente está no Núcleo Apoio à Saúde da Família.

¹⁸⁹ A frase na realidade foi “Os equipamentos culturais, como a Sala São Paulo, ajudaram a revitalizar o centro, mas eles já cumpriram seu papel. Acho que só moradia vai resolver a nossa questão a partir de agora” – in

(...)

– Quando eu e o Escô sentamos para conversar ele me perguntou o que eu estava pensando para o mestrado e eu disse da minha questão sobre a proteção que no limite era pensar numa proteção para a *Cracolândia*, daí ele me perguntou: “*mas será que a gente tem que proteger a Craco?*”. Daí eu pensei: “*nossa, verdade!*” – compartilho com xs presentes como tinha surgido aquela pauta. Então começamos a conversar sobre o que seria necessário acontecer no mundo, na conjuntura e na política para que não fosse necessário a *Cracolândia* existir. Eu tenho a impressão que pelo menos duas coisas precisariam ser resolvidas para que a gente não precise mais defender que a *Cracolândia* exista: a primeira seria o fim da guerra às drogas. Legaliza tudo, daí a gente começa a conversar de outro lugar, pode começar a pensar outros espaços de uso e outras formas de uso; e a segunda seria resolver o déficit de moradia e convivência. Eu conseguiria não defender a existência da *Cracolândia* caso legalizasse tudo, resolvesse o problema de moradia e tivesse espaços de convivência, possibilidade de vida, trocas e encontros.

(...)

– E tem a questão dos egressos do sistema prisional – Rica complementa.
 – A questão carcerária é importantíssima de se discutir para pensar a não existência da *Cracolândia*... – Escobar concorda.
 – Isso, o fim do cárcere! – também concordo.
 – Todo mundo ali saiu da cadeia! – algumas pessoas começam a tecer comentários nesse sentido.

(...)

– Segundo pesquisas 70% é egresso do sistema prisional – Rica contribui.
 – É pra isso que serve pesquisa né, que bom que alguém pesquisou, mas qualquer um que passa por lá sabe que a maioria tem *passagem* [pelo sistema prisional] – comenta Nina.

(...)

– Se resolver a questão carcerária isso aqui acaba. A questão carcerária tem um peso muito grande, para homem e para mulher – concorda Agostinha.
 – Quando eu trabalhava na Febem eu falava isso: a gente pode deixar a Febem um brinco, linda, maravilhosa, funcionando tudo, mas e depois? O que o moleque vai fazer quando sair daqui? – complementou o Rica.
 – Vem pra *Craco*! Já encontrei um monte dos meninos com quem eu trabalhava na Fundação Casa – concordou o Escobar. E a maioria foi preso por tráfico. (transcrição, 10 de dezembro de 2016)

A partir da pergunta do Léo Akio entramos em uma conversa sobre o que é a *Cracolândia* e sobre quem são esses sujeitos que ali vivem e frequentam (que o capítulo 3 já tentou dar conta). A conversa caminhou para muitos lugares, mas a compreensão compartilhada com maior afinho e consenso foi que a *Craco* é um local que acolhe xs “refugiadx urbanas”, que é o “quartinho da bagunça da cidade, onde tudo que não coube em outro lugar acaba ficando”, que usuárix de substâncias ilícitas, ex-presidiárix e pessoas com diversos sofrimentos sociais e pessoais a elegem como parte de sua existência porque, de alguma forma, sentem-se acolhidas ali. A Agostinha exemplificou tal acolhimento dxs excluídos com o caso de uma das pessoas que conheceu no *Fluxo*:

Tinha uma travesti, ela já morreu, mas ela falava que enquanto ela estava lá na Augusta e era uma travesti super bonita [ela] foi pra Europa e mais isso, aquilo outro e tudo bem. Agora o silicone caiu, as pernas encheram de varizes (...) tá

contaminada com hepatite, com HIV, onde ia ser acolhida? (...) (transcrição, 10 de dezembro de 2016)

Depois do debate sobre o que é a *Cracolândia* para esse coletivo plural de pessoas que, cada uma ao seu jeito, constituiu relações profundas com esse território, entramos na reflexão sobre se ela existiria, ou não, no “mundo ideal”. Movida por essa questão já perguntei para diferentes pessoas no *Fluxo* se na “sociedade ideal” a *Cracolândia* continuaria (r)existindo. A resposta, praticamente unânime entre as pessoas questionadas, foi que ela existiria em qualquer forma de organização social que “vai existir de qualquer jeito”. Passei a questionar xs usuárixs se caso tivessem casa, renda, assistência, etc., elxs ainda iriam para a *Craco* fumar pedra e, quando a resposta não foi apenas “viria”, ou “claro, ninguém quer fumar sozinho, dá mais noia”, foi “já tive isso tudo e tô aqui”. É importante, porém, não ter ingenuidade ao analisar a predominância das declarações em um mesmo sentido dado que as perguntas foram respondidas por pessoas que se sentem parte da *Cracolândia* em um contexto que ela está sob ameaça do poder público e foram feitas por alguém com uma camiseta escrita “*A Craco Resiste*” – mas as deixo indicadas como algo interessante para outras pesquisas e movimentos se debruçarem.

O **fim do cárcere**, a **legalização das drogas**, o fim do **déficit de moradia** e a constituição de **espaços de convívio** e **acolhimento** na cidade foram os elementos apontados como centrais para que a *Craco* não precise mais existir e resistir. A questão do cárcere aparece como um elemento central para a existência da *Cracolândia*. Não é novidade que a maioria das pessoas que estão na *Cracolândia* já passou pelo sistema prisional¹⁹⁰ e que o cárcere tem um potencial gigantesco de piorar a situação das pessoas que por ele passam. Como exposto no capítulo 3, é comum o relato de um “mito de origem” para a vida em situação de rua e/ou para o uso problemático de crack e a passagem pelo sistema prisional é um dos marcos mais citado pelas pessoas que vivem na *Cracolândia* como elemento central para uma guinada [negativa] em suas vidas. O fim do cárcere é uma reivindicação do

---

¹⁹⁰ Segundo a “Pesquisa preliminar de avaliação do Programa ‘De Braços Abertos’” feita pela Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD), coordenada pela Taniele Rui e financiada pela Open Society, 66% dxs beneficiárixs do programa “já foi preso” (RUI. T.; FIORE, M.; TÓFOLI, L.F., 2016, p. 35) – esta pesquisa que foi citada no debate transcrito. É Possível que entre xs usuárixs que não fizeram parte do programa da prefeitura essa porcentagem seja até maior. Esta pesquisa está disponível em: https://docs.google.com/document/d/1YWOj6-AVw0BkkgrLuL_IQMisHNyDXx5l6mZd1Y1C3k/edit#

movimento abolicionista penal, sendo que a juíza aposentada Maria Lúcia Karam¹⁹¹ aponta alguns dos motivos para isso em uma entrevista¹⁹² concedida ao Coletivo DAR:

A força ideológica da enganosa publicidade do sistema penal cria a falsa crença que faz com que o controle social, fundado na intervenção do sistema penal, apareça como a única forma de enfrentamento de situações negativas ou condutas conflituosas. Na realidade, porém, as leis penais não protegem nada nem ninguém; não evitam a realização das condutas que por elas criminalizadas são etiquetadas como crimes. Servem apenas para assegurar a atuação do enganoso, violento, danoso e doloroso poder punitivo.

A intervenção do sistema penal, além de provocar danos e dores, é sempre inútil, é sempre tardia, chegando sempre somente depois que o evento indesejável já ocorreu. Essa inútil, tardia, violenta, danosa e dolorosa intervenção do sistema penal deve ser substituída por mecanismos formais e informais de controle (exercido por organismos como a família, a escola, as igrejas, os clubes, as associações, sistemas de saúde e assistência social, leis e aparatos judiciários civis e administrativos) que possam efetivamente regular a vida em comum e evitar ao máximo a produção de situações negativas ou condutas conflituosas no convívio entre as pessoas.

Naturalmente, um convívio mais saudável e menos produtor de conflitos passa pela garantia de respeito e bem-estar para todos os indivíduos. Energias e investimentos desperdiçados com a ilusória e nefasta segurança máxima de prisões devem ser substituídos por energias e investimentos voltados para garantir alimentação saudável, habitação confortável, escolas de boa qualidade, trabalho satisfatoriamente remunerado, lazer, cultura, enfim, dignidade para todas as pessoas.

Os danos e as dores produzidos pelo sistema penal revelam a total falta de racionalidade da idéia de punição. Qual a racionalidade de se retribuir um sofrimento causado pela conduta criminalizada com outro sofrimento provocado pela pena? Se se pretende evitar ou, ao menos reduzir, as condutas negativas, os acontecimentos desagradáveis e causadores de sofrimentos, por que insistir na produção de mais sofrimento com a imposição da pena? O sistema penal não alivia as dores de quem sofre perdas causadas por condutas danosas e violentas, ou mesmo cruéis, praticadas por indivíduos que eventualmente desrespeitam e agredem seus semelhantes. Ao contrário. O sistema penal manipula essas dores para viabilizar e buscar a legitimação do exercício do ainda mais violento, danoso e doloroso poder punitivo. Manipulando o sofrimento de indivíduos atingidos por seus semelhantes, incentiva o sentimento de vingança. Desejos de vingança não trazem paz de espírito. Desejos de vingança acabam sendo autodestrutivos. O sistema penal manipula sofrimentos para perpetuá-los e para criar novos sofrimentos. (KARAM, 2010)

No Brasil mais de 500 mil pessoas estão encarceradas – em números absolutos perdemos apenas para os EUA, China e Rússia (BOITEUX, 2015, p. 2)¹⁹³. A pesquisa “Tráfico e Constituição” (que faz parte da série “Pensando o Direito” e foi publicada pelo Ministério da Justiça) demonstra que o sistema penal é seletivo, sendo que sessenta por cento dos condenados por tráfico são varejistas (vendem/possuem pequenas quantidades de drogas) e são presos sozinhos e desarmados. A mesma pesquisa demonstra que a oferta e o consumo de drogas continuam sem nenhuma alteração mesmo com a prisão de multidões, sendo que o

¹⁹¹ Ex-defensora pública e juíza aposentada no Rio de Janeiro, Maria Lúcia Karam é uma das principais expoentes teóricas do antiproibicionismo brasileiro. Ativista do abolicionismo penal, Karam inspirou o nome do Coletivo DAR (acesse: <http://coletivodar.org>).

¹⁹² Disponível em: <http://coletivodar.org/entrevista-especial-de-aniversario-maria-lucia-karam/>

¹⁹³ Matéria publicada na Folha de São Paulo em dezembro de 2017 anunciou que: “Brasil ultrapassa Rússia e agora tem 3ª maior população carcerária do mundo”. (BARBON, Julia; TUROLLO JR., Reynaldo. 08 dez. 2017). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/12/1941685-brasil-ultrapassa-russia-e-agora-tem-3-maior-populacao-carceraria-do-mundo.shtml> Acesso em 23 dez 2017.

tráfico é a segunda maior causa de prisões no Brasil (BOITEUX; WIECKO, 2009, p. 121). Se a proibição das drogas é ineficiente para diminuir o consumo e a oferta, ela tem grande eficiência em atrapalhar no cuidado e aumentar os danos e os riscos dos usos.

Enquanto as drogas forem proibidas é provável que o maior risco que se corre ao usá-las é o de ser preso pelas polícias. Segundo a Lei de Drogas de 2006 (Lei nº 11.343/06 em vigor) a distinção entre traficante ou usuárix fica a cargo dos [preconceitos dos] agentes da lei, como aponta o artigo *Usuário ou traficante? A seletividade penal na nova lei de drogas* de Nara Borgo Cypriano Machado:

Para diferenciar esse sujeito tão perigoso [o traficante] do usuário de drogas, a Lei 11.343/06, no artigo 28, parágrafo 2º, dispõe que o juiz deverá considerar a natureza e a quantidade da substância apreendida, o local e as condições em que se desenvolveu a ação, as circunstâncias sociais e pessoais, bem como a conduta e os antecedentes do agente.

Prevendo a lei que o local e as condições sociais determinam a diferença entre usuários e traficantes, o Estado, amparado pela lei, não tem dúvidas de que são as populações mais pobres as responsáveis pelo tráfico de drogas no Brasil, o que demonstra que tal norma é seletiva (seletividade primária).

Neste sentido, se uma pessoa da classe média (circunstâncias sociais), num bairro também de classe média (local), for encontrada com determinada quantidade de droga, poderá ser mais facilmente identificada como usuário (e, portanto, não será submetida à prisão) do que um pobre, com a mesma quantidade de droga, em seu bairro carente. Neste exemplo, confirma-se a seletividade secundária. (2010, p. 1108)

A seletividade da atual lei de drogas, assim como os danos e dores causados pelo sistema penal citados por Karam, já seriam suficientes para explicar o porquê grande parte dos projetos de RRD debatem e reivindicam alternativas políticas no sentido da legalização das drogas. Mas a proibição das drogas tem, ainda, outros pontos que atrapalham o cuidado e ampliam os riscos e os danos dos usos. Um deles é sua influência na própria experiência do uso, não apenas por ser um elemento determinante do ambiente social e cultural, mas também por interferir na expectativa que o sujeito tem sobre a substância. A sensação de perseguição, por exemplo, é muito relatada na experiência de psicoativos diversos, sensação esta que, provavelmente, seria menos afluída em um contexto de legalização. Esse é outro bom argumento para a mudança na política de drogas: a legalização seria uma ótima redução de danos, dado que grande parte das “bad trips” estão relacionadas com o medo de ser pego pela polícia – medo que faz sentido dado que, como já dito, ser preso que é dos maiores riscos quando se usa psicoativos ilícitos. A proibição também é muito cruel para as reflexões individuais e coletivas por dificultar a difusão de informações confiáveis sobre os efeitos e riscos das diferentes drogas.

A legalização das drogas possibilitaria que a qualidade das mesmas fosse averiguada antes do uso, sendo que a adulteração também já foi apontada nesta dissertação (no capítulo 2) como uma ampliação de danos para usuárixs. O desconhecimento do que é consumido também dificulta as formulações de prevenção e cuidado. Com a legalização das drogas uma diversidade de novas formas de cuidado e de RRD poderiam ser formuladas, seja para as que fazem um uso problemático, mas também para usos que não atrapalham o cotidiano, mas que poderiam ser feitos de formas menos prejudiciais.

A legalização das drogas também traria consequências interessantes na atuação das polícias na repressão dos espaços de uso público, como no caso da *Cracolândia*. As pessoas na *Craco*, muitas vezes, são presas com duas ou três *pedras*. Com a legalização estariam mais empoderadas de seu direito ao próprio corpo, possibilitando outras formas de resistência. Do ponto de vista da RRD, além da diminuição dos danos causados pelo cárcere, seria possível, por exemplo, usar maconha no tratamento de usuárixs problemáticxs de crack e outras substâncias. Em “Therapeutic Use of Cannabis by Crack Addicts in Brazil” (LABIGALLINI JR; RODRIGUES; SILVEIRA, 1999), que traz os resultados de um estudo observacional com usuárixs de crack, a potência do uso terapêutico da maconha fica explícita: 68% dxs usuárixs tiveram remissão completa do uso do crack com três meses de uso de cannabis, sendo que destes, depois de um ano, 100% tinha abandonado também o uso da maconha. Muitas pessoas que usam crack já me relataram que se valem da maconha para diminuir o uso da *pedra*, outras disseram que a quantidade de maconha que estão fumando é um indicativo de como estão: quando conseguem fumar mais maconha é porque estão em um melhor momento, ficam mais tranquilas e, conseqüentemente, usam menos crack. Há alguns anos fazemos panfletagens da Marcha da Maconha no *Fluxo* da *Cracolândia* e, geralmente, algum(a) usuárix sugere que uma das vantagens da legalização seria o Estado oferecer maconha como incentivo para redução de seus usos de crack e álcool.

A legalização do crack também contribuiria muito, inclusive com a possibilidade de fim da *Cracolândia* porque xs usuárixs não precisariam ter medo de circular por outros locais da cidade – não teriam a *nóia* do “cú de burro” (já citada no capítulo 3) que traz a sensação, não sem motivo, de que sair do *Fluxo* é algo muito arriscado. A própria distribuição de substâncias – de preferência com uma maior qualidade e com propostas de construção conjunta para um uso menos prejudicial e mais cuidado – seria algo interessante e poderia ser pensado a partir da experiência do bar “público” no Canadá (que é melhor relatada no próximo capítulo). Essa experiência, porém, já poderia ser reproduzida antes da legalização das drogas ainda proibidas, com a construção de políticas de distribuição de álcool de melhor

qualidade para alcoolistas em situação de rua que, via de regra, tomam *corote* – uma cachaça feita com um álcool péssimo para consumo humano.

A perspectiva de espaços de uso seguro, que foi citada no debate deste dia 10 de dezembro de 2016, pode ser pensada, também, no sentido da constituição de espaços de convivência – que foi um dos elementos levantados como essencial para que a *Cracolândia* não precise mais (r)existir. A ideia de espaços de uso seguro é muito ventilada entre xs ativistas da RRD no Brasil, mas a defesa da necessidade de salas de uso no contexto brasileiro, porém, pode ser arriscada, ainda mais se for pensada sem uma reflexão sobre a singularidade dos casos e dos contextos. Nos lugares que existem sala de uso seguro essas são, via de regra, pensadas para usuárixs de heroína, que é uma substância que leva a experiências mais introspectivas e individuais, seja durante a ingestão, seja durante o efeito – xs usuárixs dificilmente se levantam das cadeiras durante toda a *viagem*. O sentido de acompanhar o uso de heroína tem muita relação com o risco de overdose, para qual existe um antídoto, o “naloxone¹⁹⁴” que, caso aplicado na hora, salva a vida da pessoa que, se estivesse usando fora deste contexto protegido, poderia falecer. Na cultura de uso de crack, porém, além do efeito ser muito mais rápido, não existe risco de overdose, portanto é preciso pensar direito em qual seria o sentido desse acompanhamento. Uma sala [fechada] de uso de uma substância fumada com cheiro muito forte, como é o caso do crack, também não parece apazível e pode ampliar a *noia*. Mas mesmo se for um espaço aberto, como uma praça ou algo de gênero, é arriscado que essa política signifique um retrocesso de possibilidades para xs usuárixs e não um avanço como imaginam aqueles que a defendem, pois pode delimitar onde está “liberado” o uso, podendo servir para criminalizá-lo nos lugares onde atualmente a *pedra* é usada. Se não for construída de forma cuidadosa, os espaços de uso de crack podem significar uma diminuição, e não ampliação, de possibilidades para xs usuárixs – provavelmente foi por isso que o Rica apontou no debate que deveria assumir a rua como espaço de uso e não uma sala.

Pensar espaços de convivência, porém, vai muito além da reflexão sobre espaços para uso seguro de crack. Esta consideração remete à reflexão feita no capítulo 3.3 sobre a falta de sentido na vida e o fato da *Cracolândia* ser um espaço que acolhe xs “excluídxs dos excluídxs”, aquelxs que talvez sejam xs mais necessitados de espaços para convivência e

---

¹⁹⁴ Naloxone (medicamento antagonista de opiáceos) para evitar a overdose por heroína (causa frequente de óbito nessa população), procedimento que ainda enfrenta resistências, mas vem salvando vidas em todo o mundo, determinando uma redução drástica da morbimortalidade por overdose em diversos contextos (DIAS ET AL., 2014, p.152).

pertencimento, mesmo que não sejam xs únicos. Na região da *Cracolândia*, por exemplo, as únicas quadras poliesportivas ficam no Largo do Sagrado Coração de Jesus – que tem uma base da PM dentro que pede documento para as pessoas na entrada, em especial as com “corpos abjetos” (RUI, 2012). Daniel Mello, em seu artigo para a *Le Mond Diplomatique* (2017), fala sobre a receptividade que as atividades culturais da *Craco Resiste* tiveram no *Fluxo*, apontando para a falta de espaços de acolhimento na cidade, assim como o trauma do cárcere como constitutivo da dificuldade de sair da *Cracolândia*:

Gostaram da banda, assim como curtiram a oficina de tambores, as rodas de samba, a capoeira e o Velozes e Furiosos 8. Era fácil perceber que estavam de braços abertos para toda a oportunidade de contato com algo que fosse além do oferecido por aqueles quatro quarteirões. A prática comprovando os experimentos do neurocientista Carl Hart, segundo os quais não é o crack que produz as cracolândias. Os aglomerados de usuários de drogas são um sintoma da incapacidade da nossa sociedade de acolher todas as pessoas. Isso fica ainda mais claro quando encontramos vários que nem fumam pedra, apenas bebem ou têm diagnósticos de transtornos mentais. São ainda mais frequentes, maioria, melhor dizendo, os ex-presidiários. Pessoas que muitas vezes chegaram ao crime pela quase absoluta falta de horizontes, mas que, após uma temporada na masmorra, querem a máxima distância de tudo que signifique risco de uma outra temporada atrás das grades. (MELLO, 2017)

Entre os elementos citados na conversa que aconteceu no dia 10 de dezembro como essenciais para que a *Cracolândia* não precise mais (re)existir, faltou abordar a questão da moradia, que é uma questão ampla, complexa e que mobiliza diversos movimentos e pesquisas específicas. Segundo o censo¹⁹⁵ da população em situação de rua realizado em 2015 temos, pelo menos¹⁹⁶, 15.905 pessoas em situação de rua na cidade. Este número já é grande o suficiente para pontuar a dimensão do problema, mas é importante levar em conta, ainda, as diversas pessoas que moram em condições precárias ou que constroem ocupações de prédios e movimentos sociais de moradia e, assim, constituem suas casas, mas em espaços de constante disputa – como é o caso da ocupação Mauá¹⁹⁷, que está dentro do território da *Cracolândia* e

¹⁹⁵ FIPE; SMADS. **Censo da população em situação de rua em São Paulo**. 2015. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/observatorio_social/2015/censo/FIPE_smads_CENSO_2015_coletivafinal.pdf

¹⁹⁶ Pelo menos porque a forma pela qual os dados foram obtidos, segundo relato pessoal de um dos pesquisadores que participou da coleta de dados, eles são questionáveis – tanto pelos horários escolhidos para realizarem as contagens, quanto por questões de forma, aspectos que não vou conseguir aprofundar aqui. Outro elemento que sugere que hoje esse número é maior é a própria progressão que esse senso de 2015 aponta (de 2000 para a frente) e a “crise” que se instaurou no território nacional e segundo diversas pessoas que vivem nas ruas aumentou o muito o número de seus residentes.

¹⁹⁷ Uma ameaça de reintegração de posse da Ocupação Mauá veio à tona com a gestão do João Doria: o juiz Carlos Eduardo Borges Fantacini, da 26ª Vara, determinou a reintegração de posse do imóvel com “reiterada autorização para arrombamento e emprego de força policial...”. Na Ocupação Mauá “Há dez anos seus moradores organizam constantes mutirões para a limpeza, reforma e conservação da habitação. O local é abrigo e convivência de quase 300 famílias de trabalhadores e trabalhadoras de baixa renda que encontraram, na ocupação, uma alternativa para o aluguel cada vez mais alto e as dificuldades de moradia nas distantes periferias da capital”. A ocupação já sofreu uma ameaça de reintegração de posse em 2012, mas em 2013, o ex-prefeito

vem sofrendo um processo sistemático de violências e ameaças. Sem a pretensão de me aprofundar no debate sobre moradia por considerá-lo essencial ao ponto de exigir diversas outras pesquisas, o reafirmo como um elemento central, não só porque foi indicado como um dos quesitos que precisam ser resolvidos para que a *Cracolândia* não precise mais (r)existir, mas também porque está sendo uma aposta do poder público no sentido de higienizar a região. Como aludido no debate do dia 10, a proposta de construção de um condomínio de prédios no terreno da antiga rodoviária é a nova investida do poder público para tentar resolver essa “aporia urbana” (FROMM, 2017) que é a *Cracolândia* e que a “cultura” não foi capaz de solucionar. Tanto a fala do secretário de Habitação do Governo do Estado que foi lembrada no debate, como o projeto¹⁹⁸ para o terreno da antiga rodoviária, vão nesse sentido:

Fernando Haddad (PT-SP) publicou um decreto de interesse social sob o prédio e, em abril de 2014, foi feito o depósito de R\$ 11 milhões para a compra do edifício. Em 24 de junho de 2017 aconteceu um grande evento cultural batizado de “Okupa Mauá Okupa”, no pátio comunitário da ocupação, em resistência à desocupação – ver MENON, Isabella. Ocupação Mauá promove evento cultural contra reintegração de posse. **Folha de São Paulo**. Ilustrada. 24 jun. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1895652-ocupacao-maua-promove-evento-cultural-contr-reintegracao-de-posse.shtml>. Acesso em agosto de 2017.

¹⁹⁸ Imagem retirada da matéria: BRENDLER, Guilherme. Megacondomínio será erguido em terreno de antiga rodoviária de SP. **Folha de São Paulo**. Cotidiano. 16 mar. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1750399-megacondominio-sera-erguido-em-terreno-de-antiga-rodoviaria-de-sp.shtml> O apontamento do local atual do *Fluxo* da *Craco* foi feito pela pesquisadora.

ANTIGA RODOVIÁRIA

Moradias populares serão construídas em terreno na Luz (centro) por meio de parceria público-privada, ao custo de R\$ 900 milhões

O projeto

Figura 22 - Projeto de prédios no *Fluxo* / Imagem: Folha de São Paulo, 16 mar. 2016.

O debate do dia 10 de dezembro de 2016 levou a sério a avaliação que ouvimos no *Fluxo* de que com a posse de João Doria chegaria muita violência para as pessoas da *Craco* e que, portanto, era necessário organizar uma resistência. A legalização de todas as drogas, o fim do déficit de moradia, a constituição de espaços de convivência/acolhimento na cidade e o fim do cárcere foram apontados como requisitos necessários para que a *Cracolândia* não precisasse (r)existir, mas sabendo que tais condições estão distantes de serem alcançadas, a importância de organizar uma resistência para o começo de janeiro de 2017 foi consenso. Ao final desta reunião do dia 10 de dezembro, portanto, definimos a data e o local da primeira reunião da *Craco Resiste*. Resistência, daqui em diante, é pensada como sugere Butler em “*Repensar la vulnerabilidad y la resistencia*”:

Por supuesto, soy consciente de que he usado “resistencia”, al menos, de dos maneras: primero como resistencia a la vulnerabilidad que caracteriza esa forma de

pensar que se modela a sí misma sobre el dominio; segundo, como una forma política y cultural que está conformada por la vulnerabilidad, por lo que no es uno de sus contrarios. He sugerido que la vulnerabilidad no es plenamente pasiva ni plenamente activa sino que opera en una región intermedia, lo que es una característica constitutiva del animal humano que es capaz tanto de ser afectado como de actuar. Por tanto, me siento inclinada a pensar en aquellas prácticas de exposición deliberada a la policía o la violencia militar en la que los cuerpos, puestos en riesgo, o bien son golpeados o bien tratan de parar la violencia con barreras o barricadas. En tales prácticas de resistencia no violenta podemos llegar a entender la vulnerabilidad corporal como algo que es usado a propósito o movilizado a modo de resistencia. Por supuesto, esta afirmación es controvertida, puesto que estas prácticas pueden verse aliadas con la auto-destrucción, pero lo que me interesa son aquellas formas de resistencia no-violenta que movilizan la vulnerabilidad para hacer valer la existencia, reclamando el derecho al espacio público, la igualdad y oponiéndose a una policía violenta, a la seguridad y las acciones militares. Podemos pensar que son momentos aislados en que un grupo decide de antemano crear una barrera o hacer una cadena humana para reclamar el espacio público o para evitar ser desalojados por la policía. (BUTLER, 2014, p.16 e 17)

A partir da construção deste movimento social o meu lugar no Campo deslocou tanto que a própria pesquisa foi se tornando, cada vez mais, uma Pesquisa Ação (PA). PA é uma prática e um conceito estudado e difundido pela Saúde Coletiva. Cássia Baldini Soares, professora da Enfermagem da USP é referência no debate em torno das drogas, é uma importante formuladora e propagadora desse método¹⁹⁹:

Dentre as diferentes modalidades de metodologias de caráter participativo a PA vem sendo cada vez mais utilizada e desenvolvida em diversas áreas do conhecimento. Especialmente nas áreas da educação, saúde e meio ambiente recorre-se à PA, pois possibilita e tem como princípio a participação dos grupos sociais no processo de tomada de decisões (Thiollent, 2011; Toledo, 2011). Desde sua origem a concepção da neutralidade do pesquisador na PA foi abandonada, aproximando pesquisador do grupo pesquisado e implicando a colaboração de todos os envolvidos no processo (Ahmed, 2009; Haguette, 1992; O'Brien, 1998; Sá, 1984).

(...)

Tomando, dessa forma, a PA como procedimento teórico-metodológico de investigações vindas de abordagens epistemológicas diferentes, diversos tipos ou modalidades foram criados para responder coerentemente aos diferentes usos do método. De forma geral, a PA tem maior foco em pesquisas em que os sujeitos implicados são chamados a agir explicitamente e apresenta dois principais objetivos, a resolução de problema e a construção de conhecimento.

(...)

Nessa perspectiva, a PA pressupõe uma ação planejada de caráter social e educacional, facilitando a busca de soluções para problemas efetivamente detectados na sociedade. Configura-se como uma forma de engajamento sociopolítico a serviço das causas das classes populares merecedoras de investigação, elaboração e condução de ações. Nesse processo, os agentes implicados nas ações educativas acabam por desenvolver a consciência da coletividade, nos planos político e cultural a respeito do problema enfrentado. (CORDEIRO; SOARES; CAMPOS, 2013, p. 108)

¹⁹⁹ A expressão Pesquisa Ação é antiga e não se restringe à saúde pública, mas no contexto desta pesquisa houve convergência com a definição proposta por Soares.

Para finalizar os debates levantados no dia 10 de dezembro, cabe explicitar como foi efetivado o apontamento do convite que falava que o encontro seria “antiproibicionista com o uso de drogas liberado”. Uma pluralidade de substâncias psicoativas para as pessoas ficarem à vontade estavam disponíveis nesta reunião: cerveja, açúcar, tabaco e cachaça [nessa ordem de quantidade de consumo] foram ingeridos pelos participantes nessa atividade do dia 10 de dezembro:

Figura 23 - Drogas ofertadas no encontro do dia 10 de dezembro de 2016 / Foto: Roberta Costa

6. A *Craco Resiste* – “*Macunaímicos e doidões: uni-vos*”

O foco deste capítulo é a *Craco Resiste* e o esforço será de tentar tornar compreensível este movimento que até mesmo suas/seus integrantes têm dificuldade de interpretar e delimitar: cada um(a) explica e vivencia o movimento à sua maneira e tal pluralidade também é algo constitutivo da *Craco Resiste*. Na primeira sessão (6.1) a descrição do Coletivo feita por ativistas em uma atividade formativa que a *Craco Resiste* realizou no dia 22 de janeiro de 2017 é de onde parte sua primeira definição. A conjuntura nacional com grande cisão política e alto grau de radicalismos, por outro lado, também faz parte da análise do surgimento do movimento. A organização da *Craco Resiste* aparece como uma resposta às declarações do prefeito recém-eleito que deu a entender que a *Cracolândia* e as pessoas que ali ficam são um lixo vivo²⁰⁰ que ele pretendia limpar. Exemplos de atuação dxs ativistas em momento de ação policial na *Cracolândia*, de atividades no *Fluxo*, de disputas de narrativa e de articulações, assim como de formatos de reunião e de organização do Coletivo são apresentados de forma conjunta com a análise de que todas essas facetas mudaram bastante com o passar dos meses e as transformações da conjuntura e do território.

O capítulo continua no intuito de apresentar o movimento, mas a partir de então são relatos da atuação da *Craco Resiste* no *Fluxo* que conduzem o texto: o primeiro dia de vigília cultural (2 de janeiro de 2017) e o dia 5 de janeiro (2017). Os relatos expõem as dinâmicas, as interações e o funcionamento do Coletivo. A sessão 6.2, que versa sobre o primeiro dia de vigília, demonstra que já havia uma relação consolidada entre ativistas e usuárixs do *Fluxo* que recebem e se apropriam do samba que estava proposto para o dia, mas que também ouve estranhamentos e questionamentos por parte de outras pessoas que chegam perguntando o que estava acontecendo, mas rapidamente compreendem o movimento como aliado e afirmam que xs ativistas são bem vindos e estão segurxs. Xs ativistas que estavam conhecendo o *Fluxo* pela primeira vez ficaram bem a vontade desde este primeiro dia, o que foi importante, mas quase trouxe alguns problemas individuais e coletivos – que também foram potentes para apresentar um pouco mais das concepções da *Craco Resiste*.

A última sessão deste capítulo segue o roteiro do dia 5 de janeiro e é, por sua vez, dividida em outras três partes, sendo que a primeira (sessão 6.3.1) tem o Paulinho como

---

²⁰⁰ Declaração que consta na matéria LEITE, Fabio. “A cidade é um lixo vivo, parece um filme escabroso”, diz Doria. **O Estado de São Paulo**. Notícias. São Paulo, 05 dez. 2016. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,a-cidade-e-um-lixo-vivo-parece-um-filme-escabroso-diz-Doria,10000092704>

protagonista e traz debates sobre a *Cracolândia*, a RRD e o uso de crack. A segunda parte (subcapítulo 6.3.2) quem protagoniza é o Badaróss que levanta questionamentos sobre o lugar do artista e da arte, sobre não ser possível cuidar aprisionando, sobre a relação com a família e a necessidade de educar a cidade. Por fim, na sessão 6.3.3, a dinâmica de funcionamento da *Craco Resiste* e a necessidade de se adaptar às adversidades fica mais uma vez exposta, assim como a quantidade de coisas que acontecem em poucas horas no *Fluxo* – que proporcionam uma diversidade de debates e reflexões, como o papel do futebol nas resistências, o reconhecimento dos “direitos humanos” como aliados dxs frequentadorxs da *Craco* e as consequências que o falecimento do Aurélio, o Sambista, trouxe para as pessoas e para o Coletivo.

6.1 – Apresentando a *Craco Resiste*

A *Cracolândia* e a *Craco Resiste* são temas centrais nesta dissertação. Tais temáticas, de tão controversas, mobilizam uma série de sentimentos, valores e ânimos contraditórios. Enquanto ativistas da *Craco Resiste* afirmam que “a *Cracolândia* é formada de bons encontros”, que é uma “*Universidade de experiências de vida*”, o psiquiatra e diretor do Programa Recomeço (serviço do governo do Estado de São Paulo para internação de ‘dependentes’) a descreve como “um espetáculo macabro”, onde tudo é “*desconexo, sem sentido, interrompido: as pessoas, as tentativas de conversa*”²⁰¹ (SILVA, 2015). Se o prefeito João Doria define a *Craco Resiste* como “*boçais de extrema esquerda que defendem que é legal o crack, tomar o crack, proteger o crack*”²⁰² (Brasil Urgente, 2017), a psicóloga Marília Fernandez, militante do movimento, a define como uma “*experiência afetiva que impressiona e surpreende a cada momento, que consegue costurar com fios de amor o cuidado e o afeto coletivo*” (Fernandez, comunicação oral, agosto de 2017).

No dia 22 de janeiro de 2017 a *Craco Resiste* fez uma atividade de formação política que aqui será usada para expor como surgiu o movimento e algumas de suas características.

²⁰¹ Estas declarações do diretor do Recomeço estão disponíveis em:

<https://www.spdm.org.br/blogs/alcool-e-drogas/item/1671-assim-e-a-cracolandia-muito-crack-dano-cerebral-e-psicose> (último acesso em 18/01/2017).

²⁰² Declaração feita em entrevista concedida pelo prefeito para a emissora Bandeirante, para o Datena, disponível em: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/ultimos-videos/16282360/prefeitura-nao-vai-ceder-em-acao-contra-cracolandia.html> (a declaração está aos 5 minutos e 20 segundos do vídeo – último acesso em 08 de agosto de 2017). ‘Boçal’, segundo o dicionário Houaiss (2009), é “*referente ao escravo negro recém-chegado da África, que ainda não falava o português; aquele que é falto de cultura; ignorante, rude, tosco; aquele que é desprovido de inteligência, sensibilidade, sentimentos humanos; besta, estúpido, tapado*”; assim como “*muito grande; enorme, descomunal, imenso*”.

Essa atividade, além de prover às(aos) ativistas um aprofundamento em alguns temas considerados necessários pelxs mesmxs, buscava envolver mais pessoas na causa. A formação foi divulgada publicamente no Facebook²⁰³ como “*Roda de Conversa: Política de Drogas, Redução de Danos, História da Cracolândia e Gentrificação*”²⁰⁴. Não foi possível aprofundar todos estes debates nesta dissertação como era a intenção, mas os deixo indicados por considerá-los essenciais inclusive porque foram pensados coletivamente como relevantes para o momento e o movimento e, assim sendo, também falam sobre ele.

Figura 24 - Roda de conversa 22 de Jan. 2017 / Foto: Alice Vergueiro para a *Craco Resiste*

Em um domingo chuvoso, véspera de feriado e sem a oferta de um certificado de presença, mais de cinquenta pessoas se encontraram e debateram por mais de quatro horas – o que, por si só, já demonstra interesse e comprometimento com a causa. “Aula magna da Faculdade de Experiência de Vida” foi o título do escrito poético divulgado na página da

²⁰³ O evento no Facebook contou com mais de 100 confirmações de presença e mais de 400 interessados. Ver **Roda de conversa: A Craco por dentro, por fora e pelo avesso**. Evento de Facebook organizado por A *Craco Resiste*. 22 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1365334973527375/> (último acesso em 23/04/2017)

²⁰⁴ Gentrificação é o processo de expulsão das populações de menor poder aquisitivo dos centros urbanos das grandes metrópoles, processo esse que, segundo o debate que está sendo relatado, está no cerne das intenções que diversas prefeituras têm quando falam sobre acabar com a *Cracolândia* – mas é um processo que não foi concluído (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010) dado que pessoas de baixo poder aquisitivo continuam a morar e circular por aquele território.

Craco Resiste que versava um pouco sobre os debates que aconteceram nesse espaço formativo:

Aula magna da Faculdade de Experiência de Vida

Rebite, cocaína, trabalho, vida, vínculos, proibição, guerra, fio da navalha, especulação, capitalismo, investimento, cultura, artista, polícia, internação, legalização, crack, mãe, dor, sofrimento, prefeito, Doria, Haddad, Kassab, lixo, partido, estratégia, boemia, vivência, sonho, militância, singular, territorialidade, leis, bairro, HIV, preTominância, relações, prazer, humanos, direitos, conversar, política, usuários, irmão, cafézinho, noite, escolhas, contradição, abstinência, rua, droga e coragem, muita coragem.

(Texto sobre a atividade de formação da Craco Resiste, feito pelo Daniel Mello, para divulgação na página do Coletivo²⁰⁵)

Parte da transcrição²⁰⁶ desta roda de conversa será utilizada para apresentar a *Craco*

Resiste:

– Estou conectada, mas tenho uma curiosidade imensa para saber o que vocês plasmaram para essas semanas, o que aconteceu, como aconteceu, que fôlego teve... E também, a partir disso, o que se plasma para esse contínuo. Estamos presentes, sinto que um monte de gente chega com o desejo de somar e colaborar. (...) Eu conheço a galera, mas sinto essa curiosidade de saber o que se articulou, o que rolou, como que a gente soma, dilata e absorve o que rolou até hoje (...) – *Camila interveio proporcionando um momento de apresentação da Craco Resiste.*

– Vou contar um pouco – *entrei no diálogo na intenção de contextualizar o movimento.* No fundo as coisas vão continuar acontecendo e a ideia é ir expandindo, transformando e multiplicando. **É o movimento mais orgânico do qual já participei, ele vem, o tempo todo, se transformado no processo.** No ano passado ficamos, algumas pessoas, uma semana no *Fluxo*, num processo de vivência para refletir e escrever sobre a *Craco*. Nessa semana **a galera do Fluxo nos falou que era necessário pensar numa resistência ‘pra’ janeiro.** Já se falava muito que iria ter violência policial da gestão Doria em janeiro. (...) marcamos uma reunião para o dia 26 de dezembro, um dia depois do natal. O Anderson fez a página do Facebook e, por ela, divulgamos a reunião. Incrivelmente, nessa segunda reunião, que foi na Praça Júlio Prestes, tinham mais de 30 pessoas dispostas a pensar a resistência na *Craco*. Desde esse dia nossas reuniões sempre contaram com pessoas em situação de rua e/ou usuários de crack. Foi o Montanha, que é da *Cracolândia*, que deu a ideia de uma vigília. E, desde [o dia] dois de janeiro, tem uma galera que tem colado junto, circulado, uns mais malucos que vem sempre e estão segurando a onda do cotidiano, mas tem sempre gente diferente que vem um dia ou outro, uma atividade ou outra, e é assim que criamos e garantimos uma programação. A ideia era: vamos ficar no *Fluxo*, se tiver violência policial quando a gente estiver conseguimos ter alguma função, como de fato tivemos na última terça feira quando teve tiro, porrada e bomba²⁰⁷. Qual função? Chamamos a imprensa, denunciamos o abuso policial, levamos feridos para o hospital e ainda conseguimos liberar os presos. Tem uma coerção que a gente faz, porque somos de classe média, na maioria brancos, não somos de lá, não estamos em situação de rua, temos celulares para filmar, somos dos “direitos humanos”, enfim, a gente consegue fazer, às vezes, que tenha menos violência policial. A gente já passou algumas vezes pela experiência de ver a polícia

²⁰⁵ Esse texto foi divulgado com as fotos deste dia na página do Facebook do Coletivo. O álbum completo das fotos, que foram tiradas pela Alice Vergueiro neste dia, está na página. Álbum 22.01.2017. Roda de conversa: Craco por dentro, por fora e pelo avesso. A Craco Resiste. Página de Facebook. 99 fotos. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/ACracoResiste/photos/?tab=album&album_id=1794698687448170 (último acesso em 23/04/2017)

²⁰⁶ Durante essa roda de conversa foi informado aos presentes que o áudio estava sendo gravado e estava notório o equipamento de filmagem presente que contava com um microfone grande externo que captou o áudio aqui transcrito.

²⁰⁷ Dia 17 de janeiro foi a primeira grande ação da polícia na *Cracolândia* em 2017.

batendo em usuários de crack e o fato da gente chegar correndo com o celular, mesmo que sem bateria, fez os policiais pararem de bater, [eles] ficam intimidados. Não é sempre que dá certo, também já nos apontaram armas, nos revistaram, mas geralmente nosso perfil intimida de alguma forma. Então a gente pensou em fazer isso de forma mais sistemática. **Essa sugestão de vigília veio do Fluxo e a gente acatou.** O Montanha que sugeriu a vigília e a Simone, que também é da *Cracolândia*, sugeriu que a vigília fosse acompanhada de atividades culturais. Sugeriram que fossemos pela noite e aos finais de semana porque de dia já têm os trabalhadores que conhecemos, assim qualquer coisa que rola de dia ficamos sabendo por eles. A Simone defendeu que com atividades culturais seria muito mais fácil que mais gente aderisse a nossa luta, porque ela é divertida. E ela tinha razão, tão sendo muito legais as atividades. E elas, por si só, demarcam com o estereótipo que se tem dos usuários (...)

Vários elementos aparecem nesta apresentação improvisada sobre a *Craco Resiste*, como a relação que a constituição do movimento tem com este mestrado, dado que esta semana que ficamos no *Fluxo* foi para fazer trabalho de Campo para esta dissertação. Não é verdade, porém, que a *Craco Resiste* só existe como decorrência desta pesquisa, mas é relevante para este texto que os processos estejam ligados. A conjuntura política brasileira nesse momento, com grande cisão entre posições políticas e alto grau de radicalismo, parece muito mais relevante do que esta dissertação para impulsionar o movimento. Bem como foram relevantes as declarações do Doria (também radicais) que prometiam acabar com a *Cracolândia* sem proposições, a priori, sobre como lidar com as pessoas que ali vivem e circulam – o prefeito recém-eleito apenas deixava explícito que ali estavam corpos compreendidos como indesejáveis, mas os sujeitos donos destes corpos responderam reivindicando e incitando uma resistência.

Outro elemento que pode ter incentivado o receio de violência e o desejo de resistência por parte dxs usuárixs é o fato de serem comuns intervenções policiais violentas na *Cracolândia* no período de janeiro. Diferentes motivos são levantados para esta tradição de começo de ano: o esvaziamento da cidade; as férias de serviços, trabalhadorxs e ativistas; e a *saidinha*²⁰⁸ de Natal/Ano Novo (por ser comum que algumas pessoas não voltem para a

---

²⁰⁸ *Saidinha* é o nome usado para as saídas temporárias que acontecem quando quem está no cárcere pode sair em datas específicas - em São Paulo elas acontecem nas seguintes datas: Natal/Ano Novo; Páscoa; Dia das Mães; Dia dos Pais; Finados. Tem direito à saída temporária x preso(a) que cumpre pena em regime semi-aberto, que até a data da saída tenha cumprido um sexto da pena total se for primário, ou um quarto se for reincidente. Tem que ter boa conduta carcerária, pois o juiz, antes de conceder a saída temporária, consulta os Diretores do Presídio (fonte: PGE. Saídas Temporárias. Cartilha dos Direitos e Deveres do Preso. **Portal da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo.** Disponível em: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/presos/parte9.htm>). O percentual de retorno espontâneo é cada vez maior e desde de 2011 não chega à 5% xs detentxs que não voltam, mas o direito à *saidinha* ainda é polêmico (fonte: ADORNO, Luís. 95% dos presos retornaram após saídas temporárias nos últimos 10 anos. **UOL Notícias.** Cotidiano. 09 ago. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/09/95-dos-presos-de-sp-retornaram-apos-saidas->

cadeia de forma espontânea é recorrente operações policiais em janeiro tenham como parte de suas justificativas a disposição de levar preso quem ficou pela *Cracolândia* depois do indulto do fim do ano).

As ideias sobre o que deveria ser a resistência, sobre o que o movimento deveria fazer – vigília, nas noites e nos finais de semana, com atividades culturais – foram todas dadas por aqueles que os ativistas consideram os especialistas sobre a *Cracolândia*: seus/suas moradores. Tanto Montanha quanto Simone são pessoas que vivenciam o *Fluxo* e usam crack há mais de dez anos. O protagonismo deles, não necessariamente no fazer, mas no pensar e sugerir, é um ponto afirmado como importante para o movimento. Já ouvi militantes falarem que se houve uma divisão social do trabalho, as pessoas em situação de rua e usuárias de crack ficaram com a parte intelectual – deram ideias e pautaram o que deveria ser o movimento – enquanto ativistas intelectualizados e de classe média ficaram com a parte mais braçal de fazer as ideias acontecerem. A necessidade desta aliança para a constituição de um movimento que tem no seu centro pessoas que estão em situação de rua e na iminência de violações físicas e de direitos, corrobora com as reflexões de Butler em “*Repensar la vulnerabilidad y la resistencia*”: o exercício da liberdade (para falar e se mover, por exemplo), assim como da mobilização política, necessita de condições materiais e um conjunto de tecnologias – não é um poder inerente do ser humano:

En cierto sentido, ya conocemos la idea de que la libertad solo puede ejercerse si hay cierto apoyo a su ejercicio, una condición material que penetra en el acto que la hace posible. De hecho, cuando pensamos en el sujeto corpóreo que toma la palabra o se mueve en un espacio público, a través de las fronteras, en general se asume que es alguien que ya tiene libertad para hablar y moverse. Ya sea porque ese sujeto está dotado de ella como un poder inherente, o porque se presume que ese sujeto vive en un espacio público donde el movimiento abierto y sostenido es posible. El mismo término “movilización” depende de un sentido operativo de movilidad, que es en sí mismo un derecho, uno que mucha gente no puede dar por sentado. Para que el cuerpo se mueva debe haber, normalmente, una superficie de algún tipo y debe tener a su disposición apoyos técnicos, cualesquiera que sean, que permitan que el movimiento tenga lugar. Así pues, el asfalto y la calle ya han de ser entendidos como un requerimiento del cuerpo cuando este ejerce su derecho a la movilidad. Nadie se mueve sin un entorno favorable y un conjunto de tecnologías. (BUTLER, 2014, p.3)

A dinâmica – da qual os ativistas se orgulham – de participação de usuáries de crack para as formulações do movimento não se sustentou em todas as reuniões da *Craco Resiste*. Algumas reuniões depois de março (2017) não tiveram a presença de usuáries de crack até porque, ocasionalmente, acontecem fora da região da *Cracolândia*, o que dificulta a

---

temporarias-nos-ultimos-10-anos.htm). O *Fluxo* da *Cracolândia* sempre aumenta em número de frequentadores nos períodos de *saidinhas* o que aponta, mais uma vez, a *Craco* como uma possibilidade de local de pertencimento e de vínculos para parcela dos detentos.

participação de quem está em situação de rua. Diferentes motivos fizeram com que algumas reuniões migrassem para lugares mais afastados, como a casa de algum(a) dxs ativistas de classe média. O receio das reuniões, quando ocorrem na *Craco*, estarem sendo vigiadas por polícias e/ou agentes do Estado foi o primeiro motivo e o principal argumento. Mas também parece um elemento pertinente, mesmo que pouco dito, a comodidade dxs militantes, devido tanto ao conforto físico de não estar na rua ou em uma praça, quanto à capacidade de concentração. Concentrar-se é difícil quando a conversa é constantemente interrompida por pessoas que têm total legitimidade para se expressar, como é o caso dxs frequentadorxs da *Cracolândia*, mas que muitas vezes querem falar de assuntos e questões que não são o foco ou estão na pauta no momento. Esse esvaziamento de pessoas em situação de rua e/ou usuárixs de crack das reuniões do Coletivo é objeto constante de crises e discussões e a última decisão coletiva foi intercalar uma reunião no *Fluxo* (ou nas suas intermediações) e outra na casa de alguém do movimento. Buscou-se, assim, um equilíbrio entre a legitimidade do processo decisório e executivo do movimento, que exige a presença dxs frequentadorxs da *Craco*, mas que por sua vez levam os ritmos e afecções de seus cotidianos para a reunião, e a razão prática do movimento, que exige canalizar a atenção para uma série de pautas e tarefas.

Quando a ativista afirma que o caminho que a *Craco Resiste* trilhou foi profundamente orgânico ela está sugerindo que ele foi sendo descoberto ao mesmo tempo em que vivido e que se transforma muito, e rapidamente, ao longo dos meses e conforme as transformações no território e na vida dxs militantes. No dia 16 de janeiro, um dia antes da primeira ação violenta da polícia no *Fluxo* em 2017, houve crise entre xs ativistas sobre a atuação do Coletivo: se questionavam se a *Craco Resiste* era realmente diferente de projetos de RRD que atuam ali e também proporcionam atividades culturais no território. Até então não estava explícito como seria o desempenho no caso de intervenção policial no *Fluxo*. Em 18 de janeiro, o dia seguinte da primeira intervenção policial do ano (2017), já se afirmava com certeza qual era essa diferença. Nesta ação xs militantes estiveram por horas em todos os lugares que avaliaram relevantes: na *rua* registrando as violências, no hospital socorrendo feridos, na delegacia tentando liberar xs presxs, e na *disputa de narrativa* (no Facebook, na TV e outras mídias) – é a partir deste momento que vai ficar mais explícito, para xs próprixs ativistas, quais eram as frentes de atuação do movimento. Era mais de quatro da manhã, cerca

de doze horas após termos chegado à *Cracolândia*, quando deixamos o Antônio²⁰⁹, uma das vítimas da ação violenta da polícia que socorremos e levamos para o hospital, nas acomodações da Missão Belém²¹⁰.

Tamanha disposição, porém, não se sustentou ao longo dos meses. Conforme as operações policiais se tornavam mais corriqueiras, a capacidade de mobilizar pessoas e coisas para acompanhá-las se tornou menos efetiva do que nesta primeira experiência na qual várias pessoas conseguiram se doar de forma longa e profunda. Depois de maio, quando ocorreu a megaoperação, as ações violentas das polícias se tornaram cotidianas (às vezes acontecem três vezes por dia) e xs militantes, assim como os meios de comunicação e xs advogadx, não conseguem mais ter tamanha disponibilidade de tempo e dedicação para atuar de forma tão ostensiva em todas as frentes (filmando no território, estando nas delegacias, nos hospitais e na disputa de narrativa). As táticas da *Craco Resiste*, a partir de então, tiveram que se transformar. Antes de maio a militância fazia, em média, uma atividade cultural por noite – seja roda de capoeira, roda de tambor, show, churrasco, etc. – dado a avaliação de que as operações policiais eram mais prováveis pela noite ou em finais de semana. Depois da megaoperação de maio (2017) que mudou o *Fluxo* de lugar (ver capítulo 3.1), as violências policiais passaram a acontecer nos horários da limpeza (que acontecem até três vezes ao dia) e xs ativistas, então, começaram a se revezar no território nos horários da limpeza, mesmo que sem atividades culturais e em poucas pessoas para, assim, conseguir acompanhar as movimentações e possíveis investidas policiais violentas. As atividades culturais, que em janeiro e fevereiro foram praticamente cotidianas, passaram a ser mais espaçadas depois de maio quando a prioridade virou acompanhar em pequenas vigílias os horários de limpeza.

Ainda há um elemento essencial para finalizar a análise desta primeira fala de apresentação sobre a *Craco Resiste* no dia 22 de janeiro (2017), que é o argumento de Simone em prol das atividades culturais: ela tornaria o movimento divertido. O mês de janeiro foi muito intenso, várixs dxs ativistas estavam na *Cracolândia* todos os dias. Lembro-me do Daniel Mello e da Alice Vergueiro (militantes da *Craco Resiste*) conversando sobre como haviam levado o *Fluxo* para dentro de suas casas, que estava tudo uma *zona*, as geladeiras

²⁰⁹ O Antônio usava bengala e uma sonda de urina e, mesmo assim, foi espancado pelos policiais que estavam fazendo a ação na *Craco*. Ele levou vários golpes de cassetete na costela e não estava conseguindo respirar quando o levamos para o hospital.

²¹⁰ A Missão Belém é um trabalho católico que existe em diferentes lugares do globo – ver em: <http://www.missionebelem.com/brasil/> (último acesso em 21/04/2017). Aqui em São Paulo o Padre Júlio Lancelotti, uma figura importante inclusive na constituição da população em situação de rua enquanto tal (DE LUCCA, 2011), é uma das referências da Missão Belém. Naquele dia este era o único lugar que tínhamos alguma articulação para conseguir que o Antônio fosse recebido e não voltasse para rua, ao menos até se recuperar das lesões.

estavam vazias e nem café tinha sobrado na dispensa. Alguém sugeriu que descansassem e elxs concordaram, mas no dia seguinte estavam lá, os dois. E não estavam lá porque alguém cobrou, porque tinham um salário ou apenas porque era necessário, acredito que estavam lá porque era divertido, porque o *Fluxo*, como muitos dizem, é um imã (RUI & MALLART, 2015), e a diversão faz parte da potência desse magneto. Se não é novidade o apontamento da *Cracolândia* como imã, pensar que [ao menos parte da] sua potência de atração é uma força lúdica traz uma definição que se contrapõe ao imã como uma força de “dependência química” e segregação socioespacial – são poderes de natureza oposta, mas que parecem atuar de forma convergente, atraindo para a *Craco*.

Esse aspecto divertido da vivência no *Fluxo* que as atividades culturais realçam é algo essencial, não só para mobilizar pessoas (como a Simone previu), mas também para quebrar estereótipos. Foi sobre isso que a Maria Carolina dos Santos Cruz Pacheco²¹¹ escreveu em sua página no Facebook depois do samba/vigília que participou:

Sobre o que eu senti na cracolândia
 Ontem fui na cracolândia! Claro que vou escrever sobre isso, claro que ainda estou digerindo... claro que mexeu comigo e me virou do avesso.
 Já tinha ido na craco algumas vezes... sempre de dia, exceto por uma vez que fui de noite com um amigo mas só na beirada.
 Ontem fui até as 23 hs, no fluxo mesmo. Com uma galera firmeza que está fazendo resistência contra a violência que vem por aí... já sabemos, todo começo de ano é assim, uma merda! A galera quer mostrar serviço em cima do sofrimento dos outros.
 O que eu vi?
 Não vi nada, juro, não vi nada, só senti... Me senti numa feirinha de artesanato, daquelas que colocam barracas umas coladas com as outras, que a galera vende o seu e o do parça do lado, caso ele tenha ido fazer xixi. É meio que todo mundo é dono de tudo.
 Me senti também no "fim da linha"... esse só vai entender quem veio de Tupã nos anos 80 como eu... saka o fim da linha em Tupã nos anos 80/90? Melhor lugar pra paquerar, beber, conhecer a galera, trocar ideia. Todo mundo na mesma vibe, diversão. Diversão ... claro que eu sei que tem sofrimento mas não foi isso que predominou no meu sentir ontem... não é à toa que se chama cracolândia e não "boca do lixo" ou "Câncer da cidade", como falam alguns que nunca foram lá .... mas né.... foi diversão o que eu senti... Ah... pra quem já foi na 25 de março em véspera de natal comprar coisas baratas vai saber o que eu tô falando.... saka aquela muvuca gostosa? Pois bem!
 Daí chegamos ... procuramos um local que não fosse atrapalhar para fazer a roda de samba... tava rolando comércio, culto evangélico, brisa, fluxo, correria, paquera, zuera, tudo junto... achamos um canto lá no fundo...
 Eu estava perto de uma moça que levou uma criança de uns 3 anos acho, e a galera toda gritando "olha o anjo" pra que pudéssemos passar e proteger o pequeno. Nessa hora o choro veio na garganta umas 3 vezes... nunca vi isso na 25 de março, nem no shopping muvucado, nem nos meus idos de fim da linha... foi muito massa ver todo mundo protegendo a criança. Segurei o choro, fiquei com vergonha...

²¹¹ Pacheco tem vasta experiência com RRD no consultório de Rua do Embu e fez parte da articulação do Fórum Estadual de RD (FERD). Ela também foi uma das convidadas para debater RD nessa roda de conversa da *Craco Resiste* que aconteceu no dia 22 de janeiro de 2017. O texto acima é uma reprodução na íntegra de sua publicação no Facebook.

A roda de samba começou tímida, e colou um cara do meu lado Sr José , maior figura, maior papo gostoso... ele assim " a hora que pegar o axé tu vai ver " ... o axé pegou, eu só consegui sentir uma vontade imensa de dançar, cantar... me segurei pra não sair tirando todo mundo pra dançar ... hahaha... eu estava sem beber, um pouco tímida ainda... a galera foi colando e eu senti que poderíamos conviver em paz saka? Seria maravilhoso se pudéssemos conviver com respeito como estávamos ali... seria maravilhoso se tivéssemos espaço pra essa galera toda andar livremente, se divertir, paquerar, usar sua droga de forma protegida, como fazemos em barzinhos que nos cobram o olho da cara por uma garrafa de cerveja. Seria maravilhoso se em todos os lugares muvucados as pessoas se preocupassem em cuidar das crianças pequenas como ali, seria maravilhoso se nos comércios as pessoas não pensassem em vender só o seu e foda-se o do vizinho... seria maravilhoso se culto evangélico, uso de drogas, comércio, paquera, corre corre, branco, japonês, preto, imigrante, roda de samba, funk e fluxo coexistissem em harmonia como ali... seria maravilhoso se pudéssemos aprender... temos muito a aprender com a Cracolândia... muito a aprender... A miséria é feia, é cheia de merda, mas não foi isso que eu senti... não senti isso... seria maravilhoso se não olhássemos só para a miséria... seria maravilhoso se não houvesse a miséria... Enquanto isso... seguimos trabalhando e sentindo... achei que eu fosse chegar e escrever sobre a miséria, o sofrimento, a violência, o descaso, a exploração... mas sendo muito honesta comigo... não foi isso que eu senti. Tenho a sensação de que quem trabalha todo dia lá já deve ter sentido tanta coisa controversa, cada piscada uma sensação... todo dia sendo virado do avesso... pode ser que na próxima eu sinta exatamente o contrário disso tudo... Neste momento além do sentir só tenho uma certeza, uma só, não são lixo e não podemos deixar NINGUÉM tratá-los como lixo, absolutamente ninguém. (PACHECO, 2017)

Este relato traz vários elementos para pensarmos o que é o *Fluxo* da *Cracolândia*, mas também o que são as atividades culturais organizadas pela *Craco Resiste*, ou mesmo porque várias pessoas se juntaram em torno de um movimento para defender a *Craco*. A publicação de Pacheco deixa explícito que não é apenas para usuárixs de crack que a *Cracolândia* se mostra interessante e foi nisto que a *Craco Resiste* apostou para constituir o movimento. É incontestável que além da miséria, que Pacheco também aponta, ali existe muita violência interna, reprodução de estigmas, machismos, etc. – quando a *Craco Resiste* se afirma contra a violência de Estado, está incluindo as violências do Estado paralelo. Mas a imagem que está constituída de forma dominante sobre a *Cracolândia* e sobre xs usuárixs de crack – que o pânico moral (DOMÂNICO, 2006, p.23) tem primazia na construção – faz com os aspectos que podem ser considerados positivos sejam muito mais impactantes e marcantes: como a diversão; a paquera; os encontros; as trocas de ideias e coisas; o convívio do culto evangélico com o samba, o funk, o comércio e a *brisa*; as amizades e o respeito às crianças – elementos que Pacheco, por exemplo, optou por enfatizar. Miséria, sujeiras, sofrimento social e pessoal, entre diversas outros elementos negativos, também são facilmente observáveis, mas eles são mais óbvios dentro da imagem hegemônica que se tem deste território e por isso não causam estranhamento e não são novidades para reflexão de quem se aproxima da *Craco*.

Aproveitando como gancho o texto que Pacheco escreveu de forma espontânea nas redes sociais, voltamos para a apresentação da *Craco Resiste* na roda de conversa do dia 22 de janeiro (2017):

– E a gente tá criando uma rede de pessoas para divulgar essa questão – completou Daniel. A gente traz o pessoal aqui, vem um pessoal tocar um jazz, tocar um samba, essas pessoas vêm, conhecem, quebram estigmas, e levam pra fora... Estamos pautando o debate público em outros parâmetros. Foi muito importante na terça-feira, quando teve violência policial, estarmos aqui. Rolou matérias horríveis, dizendo que era um monte de saqueadores, um bando de drogados, que tinha tacado pedra na polícia, tacado pedra não sei onde, mas tinha o Escobar e a Robertinha no fundo falando “*não cara, os caras chegaram agredindo, prenderam gente forjando flagrante...*”. A gente [es]tá conseguindo expandir esse debate, pautar de uma outra maneira, e isso vai ser muito importante. A prefeitura [es]tá com um projeto... A *Cracolândia*, como disse o nosso amigo Cadu, um usuário, uma pessoa muito lúcida, a *Craco* é a anti-*Cidade Linda*! O que o Doria está propondo com o “*Cidade Linda*”, a *Cracolândia* é o contrário. Como é que ele vai agir em relação a isso? Vai depender muito da pressão que a opinião pública vai ter. Ele apresentou o projeto sem ter um projeto. Ele ainda [es]tá tirando como é que vai agir, mas alguma coisa vai acontecer ali. Já começou a acontecer, mas vai acontecer alguma coisa de verdade. E como é que isso vai acontecer eu acho que vai depender muito da opinião pública, qual vai ser a pressão política que a gente vai ser capaz de fazer. Então por isso que a gente está aqui, faz festa pra divulgar, pra trazer pessoas de fora, pra estar aqui com os usuários, estar aqui com o Badaróss, estar aqui com outras pessoas... pra estar conhecendo e levando pessoas a conhecer lá também, pra conhecer lá de fato. (transcrição do áudio do dia 22 de janeiro de 2017)

Daniel Mello trouxe como cerne da disputa de narrativa do Coletivo a criação de uma rede de pessoas que divulgam questões que experienciam. Divulgam-nas porque são transformadas por experiências vividas no *Fluxo*, a quebra do estigma e dos pré-conceitos é feita pela vivência **com** as pessoas da *Cracolândia* e não pelo discurso **sobre** elas – é aí que está a força do texto da Maria Carolina dos Santos Cruz Pacheco exposto acima. Outro exemplo no sentido da disputa de narrativa foi quando em um show que organizamos no território um jornalista da Rede Globo de Televisão foi chorando abraçar e agradecer um militante dizendo que naquele dia, fora de seu horário de trabalho, tinha levado o seu pai para conhecer uma das atividades culturais da *Craco Resiste* porque nossa atuação tinha lhe mostrado uma *Cracolândia* muito diferente do que ele sempre acreditou. Este jornalista, possivelmente, carregará o impacto desta vivência e fará determinada disputa, mesmo que no fórum íntimo, quando for falar sobre este território e as pessoas que lá vivem.

A Cidade Linda, que Mello cita em sua fala, é uma proposta da gestão Doria que, segundo o site da prefeitura²¹², tem o objetivo de revitalizar áreas degradadas da cidade e

²¹² Disponível em: SECOM. Prefeitura institui o programa “São Paulo cidade linda”. **Portal da Prefeitura de São Paulo**. Notícias. 02 jan. 2017. Disponível em: <http://capital.sp.gov.br/noticia/prefeito-participa-da-primeira-acao-do-programa-sao-paulo-cidade-linda-1> (último acesso em 22/04/2017)

“contempla serviços de manutenção de logradouros, conservação de galerias e pavimentos, retirada de faixas e cartazes, limpeza de monumentos, recuperação de praças e canteiros, poda de árvores, manutenção de iluminação pública, reparo de sinalização de trânsito, limpeza de pisações, troca de lixeiras, e reparo de calçadas”. A Cracolândia é a Anti-Cidade Linda porque naquelas ruas as lixeiras, o lixo, o pixo e os canteiros têm valorizações e significados particulares: lixeira vira surdo para um batuque, o lixo é sustento, o pixo, além de arte, é demarcação de território e os canteiros podem virar banheiro. Quando os Jornalistas Livres acompanharam o churrasco que a *Craco Resiste* fez no *Fluxo* no dia 08 de janeiro conversaram com Paulo Alberto, morador da *Cracolândia*, que declarou²¹³: “Para o Doria, uma SP linda é uma cidade sem alma e sem moradores de rua e sem realidade. Quando eles chegarem, muita gente vai morrer aqui, mas não vai ser pelo crack”. E, de fato, a *Cracolândia* tem alma, moradores de rua e realidade, tudo em demasia. As contradições existentes entre a proposta do prefeito de Cidade Linda e o que a *Cracolândia* representa terão consequências, mas a *Craco Resiste* aposta que estas dependerão da opinião pública que o movimento tem intenção de disputar.

A ação policial que Mello cita foi a primeira ação policial no *Fluxo* da *Cracolândia* da gestão Doria que aconteceu no dia 17 de janeiro (2017) – cuja a atuação da *Craco Resiste* já foi relatada acima. No dia 18 de janeiro eu e o Raphael Escobar saímos em inúmeros noticiários questionando a ação policial e contando da extrema violência contra pessoas debilitadas, como que sofreu um menino que usava muleta e uma sonda de urina e que foi levado para o hospital por ativistas do Coletivo depois de ser espancado por policiais. Quando estávamos na delegacia, tentando ajudar os presos, vários veículos de comunicação chegaram e nos pediram entrevistas, ficamos receosos, mas resolvemos conceder. Aparecemos nos três jornais da Rede Globo deste dia e em jornais de outras redes de televisão, como o SBT e a Bandeirantes. Nos dias seguintes às reportagens me sentia uma celebridade entre as pessoas em situação de rua do centro de São Paulo. Na *Cracolândia* o reconhecimento era ainda maior. Nesse momento a *Craco Resiste* passou a ser muito reconhecida no *Fluxo*. Muitas pessoas vieram falar que tinham nos visto na televisão, agradeciam e falavam da importância

²¹³ Ver PASSOS, Katia. Churrasco na cracolândia fez a Vida Loka ir embora, pelo menos por uma tarde de domingo. *Jornalistas Livres*. 09 jan. 2017. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/2017/01/churrasco-na-cracolandia/> (último acesso em 22/04/2017). A matéria só tem uma discordância em relação a atuação da *Craco Resiste*, ela afirma que o movimento existe porque o Doria vai acabar com o DBA, e a pauta do movimento não é a defesa do DBA e sim a violência policial, que também existia na gestão petista ao ponto do DBA já ter sido coordenado por um PM. No mais, a *Craco Resiste* reconhece que o DBA foi um marco no sentido de propor algo para além da violência e colocar a RD na pauta, pois antes disso as pessoas sequer sabiam que a RD existia. Todavia, mesmo havendo posições bastante distintas entre xs ativistas da *Craco Resiste* sobre o DBA, não há concordância coletiva de que ele foi um programa bom o suficiente para ser defendido (ainda mais sem ressalvas).

das nossas declarações. Esta exposição do movimento e da violência policial, segundo avaliação de ativistas, possivelmente corroborou com o adiamento da megaoperação para “acabar” com a *Cracolândia* que só foi acontecer no dia 21 de maio (2017), mas o prefeito Doria havia prometido para janeiro.

A capacidade de produção e articulação no meio jornalístico dxs ativistas da *Craco Resiste* é essencial para a projeção do movimento e para a disputa de narrativa que, como aponta Mello, é um de seus focos. É inegável sua potência fotojornalística (que tem amostras ao longo desta dissertação), assim como de sua produção textual, poética e de mídias digitais. É relevante, também, sua articulação com profissionais da imprensa corporativa que, por exemplo, proporcionaram informações privilegiadas em momentos chaves (quem avisou a *Craco Resiste* que a megaoperação do Doria aconteceria no dia 21 de maio de 2017 foram jornalistas da grande imprensa – a prefeitura informou alguns veículos de informação, mas não informou a defensoria pública ou qualquer organização de direitos humanos).

Daniel Mello, que é uma pessoa central para política de comunicação do movimento, formulou um texto chamado “imagem e horizontalidade” para circulação interna no Coletivo que aponta questões interessantes sobre a forma de comunicação utilizada e a horizontalidade proposta:

(...) quase intuitivamente (a prática tem sido a grande formuladora teórica do movimento), ao se colocar publicamente, a Craco Resiste costuma apresentar militantes com rosto, nome e sobrenome. A transparência é também uma forma de enfrentar o moralismo e a criminalização. (...)

(...) O pragmatismo é uma característica do movimento, o que faz sentido, uma vez que a filosofia da redução de danos é uma das linhas mestras da atuação. Então, o movimento cede e, em dentro de certos limites, até procura atender as demandas da mídia corporativa, oferecendo toda uma linguagem facilmente decodificável pela lógica do conteúdo produzido pelo modelo jornalístico mainstream.

(...) Em nenhum momento se pensa em uma resistência heróica ou quixotesca. Um dos principais focos de trabalho é justamente a disputa de versões, a elaboração e difusão de uma contranarrativa. Porque é compreendido que somente a partir de uma construção simbólica deturpada é possível para o poder político viabilizar os movimentos de violência que se busca combater. As agressões que acontecem na Cracolândia jamais teriam espaço em um debate honesto.

Assim, os depoimentos de usuários de drogas, expondo histórias pessoais e pontos de vista, têm espaço privilegiado nas formas de ação do coletivo. Descortinar os seres humanos escondidos pelos véus do preconceito, moralismo e desonestidade intelectual tem uma força decisiva para estabelecer uma outra narrativa. (...) Mesmo os frequentadores do fluxo dissonantes às ideias formadoras do movimento, são respeitados e, na medida do possível, encorajados a se colocarem publicamente nos espaços abertos pela atuação do coletivo.

(...) Não há uma preocupação em alinhar previamente o discurso de maneira monolítica. Cada um dos participantes fala, nos espaços em que há oportunidade, com discurso próprio, dentro de certas linhas-base. Porém,

há, sem dúvida, uma grande liberdade para todos que se apresentam como porta-vozes e esse papel está aberto a todos.

A horizontalidade se estabelece não pela negação dos indivíduos que compõe o coletivo, mas pela multiplicidade deles em suas particularidades. Não há discurso único, são muitas visões que fazem um todo. (...) (MELLO, 2017)

Com esta política de comunicação construída pelo Coletivo a *Craco Resiste* virou fonte de informação para diferentes meios, em especial da imprensa alternativa, mas muitas vezes até mesmo a mídia corporativa entra em contato, ou mesmo cita a página do Facebook, como uma fonte de informação para suas matérias sobre a *Cracolândia*. Esta é uma forma que o movimento encontrou de pautar o debate público e construir sua contra narrativa. Outra forma que a *Craco Resiste* tem para a disputa de narrativa é a participação de debates públicos, seja em escolas, universidades e movimentos, seja em canais de maior divulgação, como em espaços televisionados e/ou com repercussão midiática.

A *Craco Resiste*, porém, nunca teve a intenção de representar as pessoas da *Cracolândia*, falar por, dar voz a elas ou qualquer coisa neste sentido, a proposta é estar **com** as pessoas do *Fluxo* e trocar, aprender sem dúvida, mas também apresentar princípios e concepções a partir de lugares e corpos diferentes e múltiplos. A intenção do movimento também não é falar o que as pessoas que vivem na *Cracolândia* e/ou fumam crack fariam, até porque do *Fluxo* [ou da *Craco Resiste*] não vêm vozes uníssonas e, muitas vezes, as vozes que vêm dxs usuárixs de crack não defendem os Direitos Humanos (DH), não é antipunitivista e podem ser bem machistas e opressoras. Na proposta de trocar com xs usuárixs de crack a quantidade de aprendizados que xs ativistas de outras realidades sociais recebem é inenarrável e isto é sempre exaltado e apontado, mas também é importante e pressuposto dxs ativistas que não cabe o papel de concordar e legitimar tudo que ali é dito e feito. A militância está o tempo todo questionando, por exemplo, a violência, seja do Estado oficial, seja do Estado paralelo, seja a violência naturalizada no cotidiano das relações.

A legitimidade das falas da *Craco Resiste* está na manutenção das atividades no *Fluxo* da *Cracolândia*, sejam atividades culturais, como shows e atos públicos que têm maior divulgação e participação da militância, sejam nas vigílias cotidianas que chegam a acontecer três vezes por dia nos horários que a GCM faz a chamada “limpeza”. A presença no território, a proximidade, a constante troca e o reconhecimento entre as pessoas que vivem a *Cracolândia* é determinante para a capacidade de atuação da *Craco Resiste*. O reconhecimento que a *Craco Resiste* tem no *Fluxo* é, possivelmente, maior que qualquer outro movimento já teve. Os horários pouco habituais que as vigílias foram feitas, muitas vezes na madrugada, assim como as adversidades que xs ativistas passaram, de chuvas à violência

explícita das polícias, possivelmente contribuam para tamanho reconhecimento entre xs usuárixs:

“A questão é que se eles nos virem lá nesse horário vão passar a respeitar mais nosso trabalho e ver que estamos do lado deles, afinal, estamos lá num horário não muito usual, trabalhando depois do expediente normal. Isso aconteceu uma outra vez, quando fizemos campo e estava chovendo. Depois que nos viram debaixo da chuva, eles passaram a contar coisas mais pessoais sobre a vida deles. Enfim, é um jeito de aumentar o vínculo. Por isso acho que vale à pena ir até lá” [fala de um redutor de danos].

A fala do redutor é muito mais interessante do que foi a minha pergunta. Não se trata de levar em conta a segurança pessoal. Estar sujeito às mesmas adversidades é fator importante para conseguir a proximidade e conquistar a confiança dos usuários, vale dizer, é de suma relevância para estreitar o que chamam de *vínculo* (RUI, 2014, p.109)

A *Craco Resiste* é largamente conhecido pelxs usuárixs de crack da *Cracolândia*, mas não apenas por elxs: seja seu nome, seja sua camiseta laranja com os cachimbos cruzados, são familiares para usuárixs, para o poder local, para xs trabalhadorxs, para as instituições e para as forças de segurança pública (atualmente – dezembro de 2017 – quem mais comenta na página do Facebook da *Craco Resiste* são membros da GCM).

A forma de atuar descrita por Mello, não só do ponto de vista da disputa da narrativa, mas também no sentido do exercício da horizontalidade e do respeito às diferenças, talvez seja uma grande força do Coletivo, aquilo que possibilita, inclusive, que uma pluralidade de corpos, trajetórias e formas de pensar atuem juntas. O exercício da horizontalidade, porém, não é fácil, ela nunca se concretiza absolutamente, é um devir. Este modelo entra em contradição, não apenas porque alguns militantes são mais extrovertidos, confiantes e dispostos a aparecer, ou porque a resistência quixotesca vez ou outra, em especial para determinados lugares sociais, apareça envolta em ar de heroísmo ou importância, ou mesmo porque relações de gênero influenciem na forma das pessoas se colocarem, mas, principalmente, porque é extremamente difícil “fugir à contradição de ceder aos argumentos de autoridade em um movimento que busca a horizontalidade” – que é como Mello finda o texto “imagem e horizontalidade”.

A *Craco Resiste* se reivindica um Coletivo autônomo, antiproibicionista, abolicionista penal e, “antes de tudo”, antimoralista²¹⁴. Se formou em dezembro de 2016 para “resistir às políticas que pretendem tratar a população de rua e os usuários de drogas como

²¹⁴ A CRACO RESISTE. Página de Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/ACracoResiste/about/?ref=page_internal

lixo a ser varrido das ruas”²¹⁵. Ainda no seu manifesto (publicado em janeiro de 2017) afirma não aceitar a desarticulação dos serviços de atendimento ou qualquer tipo de agressão, que estará presente no território em vigília dia e noite, ocupando o espaço negligenciado pelo Estado com atividades culturais e recreativas e que busca uma relação de parceria, carinho e solidariedade com a população que está na região conhecida como *Cracolândia*. No mesmo documento já anuncia sua crença no cuidado e nos laços de afeto como forma de fortalecimento individual e comunitário.

A questão do afeto e do cuidado são elementos que constantemente aparecem como primordiais para xs integrantes do movimento, seja no sentido da ética da RRD, seja no sentido de serem afetadxs pelas pessoas que vivem na *Cracolândia*, seja no sentido de serem afetadxs pelo Coletivo, por suas/seus integrantes e pelas relações internas que são constantemente refletidas e questionadas, inclusive por não serem igualitárias – afinal as pessoas que o compõe são plurais em diversos aspectos e com trajetórias bastante distintas. Nas suas fileiras, que são compostas por mais mulheres do que homens, têm desde ativistas com décadas de experiência, até quem nunca militou antes da existência deste Coletivo. Há quem se reivindica anarquista, quem se reivindica comunista e quem nunca se indagou sobre tais categorias. Há quem ainda está na graduação, quem fez a graduação há décadas atrás, quem se reivindique autodidata e quem não terminou nem o ensino médio.

Parece que a abrangência e influência da *Craco Resiste* também tem relação com a junção de uma diversidade de pessoas com reconhecimento, know-how e articulações em diversos meios – não apenas no jornalístico e no *Fluxo*. Entre xs militantes há artistas reconhecidxs no teatro, nas artes plásticas, nas performances e até entre críticos de arte. Mesmo na academia há uma grande produção e articulação por parte dxs ativistas que integram o Coletivo, não apenas nas ciências sociais, como esta dissertação é prova, mas também na psicologia, na saúde pública, na enfermagem, no jornalismo e na assistência social.

Xs militantes da *Craco Resiste* também têm ampla participação e articulações com uma pluralidade de movimentos, como movimentos negros, feministas, de moradia, estudantis, antiproibicionistas, abolicionistas, autônomos, no Fórum Popular de Saúde, com sindicatos, conselhos, entre outros. Essa pluralidade de conhecimentos e circulações é relevante para que o Coletivo seja reconhecido, acessado e consiga abranger uma diversidade de lugares e pautas, assim como tenha abundância em apoios nos momentos mais críticos.

²¹⁵ A CRACO RESISTE. **Manifesto**. Página de Facebook. Publicado em 15 jan. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/a-craco-resiste/manifesto/1791639014420804/>

Praticamente tudo que a *Craco Resiste* faz necessita de algum tipo de auxílio de pessoas e/ou grupos parceiros. Estas articulações, que muitas vezes partem de relações pessoais e são apropriadas pelo Coletivo, são essenciais para sua atuação. Nas atividades organizadas no *Fluxo* xs usuárixs, muitas vezes, são quem suprem as demandas inesperadas, como o cabo que ficou faltando para ligar algum equipamento, a grelha para o churrasco, uma caixa de som, carroças para algum transporte, entre outros.

Um exemplo da capacidade de articulação da *Craco Resiste* com outros Coletivos se deu no dia 10 de maio quando, mais uma vez, um suposto roubo se transformou em um episódio de extrema violência no *Fluxo* da *Cracolândia*, com muitas pessoas feridas, sendo que ao menos duas delas por munição letal. O movimento avaliou que esta ação poderia ser uma preparação para a megaoperação que Doria anunciava desde o ano anterior – que realmente aconteceu dali onze dias – e que nossa capacidade de resposta poderia influenciar no que aconteceria a partir de então. Ainda na noite deste dia 10, adentrando a madrugada, diversxs ativistas e Coletivos se juntaram para escrever uma nota contra a violência no território e, em menos de 24 horas, 55 Coletivos diversos em suas concepções e atuações a assinaram “*Unidos contra a violência policial*”:

A ação repressiva dessa quarta-feira (10/5), na região da Cracolândia, é mais um episódio da sequência de momentos de extrema violência causados pela Polícia Militar e Guarda Civil Metropolitana (GCM). Foram pelo menos mais dois feridos por arma de fogo, muitas balas de borracha e bombas. O prefeito João Doria insiste em tratar as pessoas que vivem na região e nas ruas de São Paulo como lixo a ser varrido.

Foi mais um ataque a populações desprotegidas que estão em nas periferias e pontos de interesse do mercado imobiliário. O projeto é apenas eliminar grupos que demonstram a falência das políticas públicas. A guerra às drogas usada como pretexto para o extermínio e o encarceramento em massa.

Os equipamentos de cuidado e proteção foram fechados pelos governos estadual e municipal, nesta quinta-feira, 11 de maio. Funcionários dos programas De Braços Abertos e Recomeço foram proibidos de virem trabalhar hoje e amanhã.

Defendemos um modelo de atenção que leve em consideração as diferenças e necessidades de cada um, diminuindo os danos causados pelo uso abusivo de substâncias.

Resistimos!

Estaremos em constante vigília no território para enfrentar e denunciar novas agressões!

Unidos contra a violência policial:

A Craco Resiste; Abesup - Associação Brasileira de Estudos Sociais sobre o Uso de Psicoativos; Aborda - Associação Brasileira de Redutoras e Redutores de Danos; ABRASME - Associação Brasileira de Saúde mental; Advogados Ativistas; Água para um Irmão de Rua; Arrua Coletivo; Bancada Ativista; Bem da Madrugada; Bloc Feminista da Marcha da Maconha de SP; Bloco da Esquerda Socialista; Casa Rodante; Casa Da Lapa; CEBRID- Centro Brasileiro de informação sobre drogas psicotrópicas; Centro de Convivência É de Lei; Cia Mungunzá de teatro; CMI SP; Coletivo Autônomo Dos Trabalhadores Sociais - Catso; Coletivo DAR - Desentorpecendo a Razão; Coletivo Doe Um Ouvido; Coletivo Juntos; Coletivo

Resistência; Coletivo Sem Ternos; Conexões de Luta; Federação Estadual dos trabalhadores da Seguridade Social - FETSS SP; Federação Nacional dos Psicólogos - FENAPSI; FIDDHSP - Fórum Intersetorial de Drogas e Direitos Humanos - SP; Fórum Popular de Saúde; Fórum Popular de Saúde de SP; Frente de Resistência com a Rua; Frente Feminina de Esquerda; Frente Mineira Drogas e Direitos Humanos; GIESP - UFBA; Iniciativa Negra por Uma Nova Política Sobre Drogas; Lampud - Rede Latino Americana e Caribenha de Pessoas que Usam Drogas; Logísticas Intitucionais e Coletivas; Mandato Sâmia Bomfim; Marcha da Maconha de SP; Minha Sampa; Movimento Passe livre; Neip - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos; Núcleos da PUCSP; Observadores Legais; Outros Saberes Direitos Humanos; Pastoral Carcerária; Pimp My Carroça; Renfa - Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas; RENILA - Rede Nacional Internúcleos da Luta Antimanicomial; São Consciência; Sinpsi SP; Sintusp; SP Invisível; Tulipa Negra; Uneafro Brasil; V Simpósio Internacional Maconha Outros Saberes.
 Divulguem e somem com a gente!
 Todo apoio ao Povo em situação de rua!
 Vigília!

Este tipo de articulação é possível, também, porque são travadas a partir de relações que diferentes ativistas construíram ao longo de suas trajetórias que são anteriores à *Craco Resiste* e são acionadas conforme o momento e a necessidade. Podem se dar de forma mais ampla, como na nota exposta acima, mas também são necessárias, por exemplo, para um acolhimento psicológico, para um auxílio jurídico, para o empréstimo de equipamentos que garantem as atividades culturais e/ou para apresentações e trocas artísticas no *Fluxo*. Outra articulação muito bem-sucedida aconteceu em 31 de julho (2017) quando a manifestação “Pela Liberdade para Rafael Braga²¹⁶” foi informada por um ativista da *Craco Resiste* que construiu o Ato que a PM e GCM estavam atacando com munição menos letal as pessoas do *Fluxo*, decidiu mudar seu trajeto, indo para a *Cracolândia*, se colocando entre as polícias e xs usuárixs e, assim, fez com que as forças armadas do Estado recuassem (ao menos neste dia):

---

²¹⁶ Para maiores informações sobre a campanha “Pela Liberdade de Rafael Braga” acesse: <https://libertemrafaelbraga.wordpress.com/about/> (último acesso em 21 de agosto de 2017)

Figura 25 – Ato do Rafael Braga chegando na *Craco* / Foto: Alice Vergueiro

Outra frente de atuação da *Craco Resiste*, portanto, são as articulações com outros movimentos ou mesmo com grupos de pesquisa, ONG's e associações, sendo comum, neste sentido, a constituição de frentes, redes, fóruns e movimentos mais amplos – que são essenciais para possibilitar auxílios e articulações como o manifesto em resposta a violência do dia 10 de maio, ou mesmo para o “Ato Liberdade para Rafael Braga” se deslocar para a Praça Júlio Prestes e conseguir que as polícias recuassem.

A *Craco Resiste* é um movimento que não possui nenhum tipo de financiamento público ou privado (tem uma parca verba da venda casual de bottons e cervejas), não tem sede, nem registro formal (como CNPJ) ou regulamento/regimento/estatuto. Não existe sequer uma lista de seus/suas integrantes ou uma nitidez sobre o que é necessário para ser consideradx enquanto tal, inclusive porque há um discurso sobre acolher as diferentes possibilidades de participação no Coletivo no intuito de respeitar os limites e as potências de cada pessoa e de cada momento. Sua comunicação funciona por um grupo no Whatsapp que tem muito mais membros do que geralmente comparecem nas reuniões, assim como tem ativistas que não possuem celulares e acabam sendo informadxs pessoalmente.

A periodicidade das reuniões, assim como seu formato e participação, variam muito conforme o período e a conjuntura: em janeiro eram quase diárias, aconteciam com alta

informalidade e antes das atividades culturais (no bar *Amarelinho*, como descrito na seção 3.2); mais para o final do ano de 2017 tentou-se implementar uma dinâmica semanal, a proposta era intercalar, uma reunião no território em dia de semana, e a seguinte no final de semana na casa de algum(a) militante, mas quase nunca tal deliberação foi cumprida e as reuniões acabavam por acontecer com frequência inconstante e flutuante conforme a disponibilidade dxs ativistas, as movimentações na *Cracolândia* (sejam do poder público sejam das atividades culturais propostas pelo Coletivo) e a própria rede de afetos.

A única constante em relação às reuniões é o atraso, frequentemente de horas, para começar. Em uma reunião que tinha como uma das pautas “lavação de roupa suja” uma ativista contou sobre sua primeira experiência com o Coletivo durante um debate acalorado sobre os constantes atrasos, que são considerados incômodos para muitxs e indicados como um obstáculo para a participação de várixs:

Quero contar sobre a minha primeira reunião com vocês. Ela estava marcada para às 18h no *Amarelinho*, eu cheguei às 18h30 e a segunda pessoa a chegar chegou às 19h, pediu uma cerveja e começou a conversar comigo sobre uma diversidade de assuntos. A reunião foi começar eram quase oito da noite e muitas pessoas chegaram ainda depois e não tiveram nenhum constrangimento de pedir uma breja e sentar na maior calma. Quando eu me dei conta do grupo que estava me aproximando pensei: “*que maravilha! Eles são muito macunaímicos!*”. (Caderno de Campo, agosto de 2017)

Quem fez esta intervenção foi Carlota Novaes, uma importante militante para o Coletivo que aos seus 65 anos forjou a definição de “*macunaímicos*” para a *Craco Resiste* como uma potência e não apenas um limite que dificulta a aproximação de uma série de pessoas e que já criou uma diversidade de problemas. É possível a reflexão de que o tempo do *Fluxo* acabou afetando o tempo e o funcionamento da *Craco Resiste*, afinal uma rigidez com horários dificultaria a construção conjunta com as pessoas que vivem a dinâmica da *Cracolândia* que, como comentado no capítulo 3, funciona em outros tempos e marcadores.

A *Craco Resiste* é um movimento social e, ao mesmo tempo e de forma pouco delimitada, é um Coletivo de pessoas plurais. Esse debate sobre ser um movimento e/ou um Coletivo nunca foi feito nem internamente e nem externamente e xs ativistas, assim como esta dissertação, usam as duas categorias de forma pouco preocupada. A definição de Charles Tilly no artigo “Movimentos sociais como política” que faz parte do livro *Social movements: 1768-2004* diz o seguinte:

Ninguém é dono do termo “movimento social”; analistas, ativistas e críticos mantêm-se livres para usá-lo como quiserem. Mas uma maneira característica de fazer política começou a tomar forma nos países do Ocidente no final do século XVIII, adquiriu amplo reconhecimento na Europa Ocidental e na América do Norte no início do século XIX, consolidou-se em um conjunto durável de elementos por volta da metade

desse mesmo século, alterou-se mais vagarosa e incrementalmente depois desse ponto, difundiu-se amplamente pelo mundo ocidental, e veio a ser chamada de movimento social. Esse complexo político combinou três elementos: 1) campanhas de reivindicações coletivas dirigidas a autoridades-alvo; 2) um conjunto de empreendimentos reivindicativos, incluindo associações com finalidades específicas, reuniões públicas, declarações à imprensa e demonstrações; 3) representações públicas de valor, unidade, números e comprometimento referentes à causa. A esse complexo historicamente específico denomino movimento social. (TILLY, 2010, p.141 e 142)

Dentro desta perspectiva é possível afirmar que a *Craco Resiste* é um movimento social, afinal, como este capítulo tentará demonstrar, ela cumpre todos os requisitos: faz campanhas de reivindicação coletivas – como pelo o fim da violência policial, pelo respeito aos Direitos Humanos e por um tratamento em liberdade baseado na RRD; faz diversas associações, reuniões públicas, declarações à imprensa e múltiplas demonstrações; e tem variadas representações públicas daquilo que o autor chama de VUNC (valor, unidade, números e comprometimento).

A *Craco Resiste* é relevante para esta pesquisa não apenas por ser uma lacuna na bibliografia, mas especialmente porque ela transformou a *Cracolândia*, dado que este movimento passou a compor a rede de “múltiplas linhas de força, de intensidade e velocidades” (RUI; MALLART, 2015) que se cruzam e constituem este território. A *Craco Resiste*, ao menos em um primeiro momento, entrou nesta rede como uma linha de força muito acelerada em sua intensidade e velocidade, mobilizando dezenas de pessoas, atividades e manifestações, produzindo uma diversidade de encontros e aparecendo em uma diversidade de mídias – das alternativas²¹⁷ aos jornais da Rede Globo²¹⁸, a ponto do prefeito de São Paulo sentir a necessidade de difamá-la em diferentes entrevistas²¹⁹. Há quem diga que a *Craco*

²¹⁷ Exemplos: LAMAS, Julio. No Pasarán. **Revista Piauí**, 31 mai 2017. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/no-pasaran/> ; APARECIDA, Lauana. A Craco Resiste: “A gente vai querer uma cidade que exclui ou que acolhe as pessoas?”. **Revista Vaidapé**. 01 fev. 2017. Disponível em: <http://vaidape.com.br/2017/02/existe-um-programa-para-cracolandia-que-nao-e-so-de-governo-ou-partidario-e-economico/> ; PASSOS, Kátia. Churrasco na Cracolândia faz Vida Loka ir embora, pelo menos por uma tarde de domingo. **Jornalistas Livres**. 09 jan. 2017. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/2017/01/churrasco-na-cracolandia/> ; CATRACA LIVRE. Polícia joga bomba de gás contra moradores da Cracolândia. **Catraca Livre**. 10 mai. 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/policia-joga-bombas-de-gas-contramoradores-da-cracolandia/> ;

²¹⁸ Exemplos: PIMENTEL, Guilherme. GOES, Luis (imagens). Policial é ferido e lojas ficam destruídas após tumulto na região da Cracolândia em SP. **Bom dia São Paulo** (Rede Globo). Reportagem para telejornal. 18 jan 2017. 12’21”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5584546/programa/> ; GASPARD, Alberto. Cracolândia de São Paulo, a madrugada foi de violência. **Jornal Nacional** (Rede Globo) em 18 jan. 2017. 3’00”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5586919/programa/>

²¹⁹ João Doria falou da Craco Resiste ao menos três vezes em frente às câmeras, uma em seu programa “olho no olho”, de 23 de março (51’09”). Disponível em: https://www.facebook.com/pg/jDoriajr/videos/?ref=page_internal quando insinua que o movimento distribui

Resiste influenciou nos consecutivos adiamentos da megaoperação policial na *Cracolândia*, que estava prometida para janeiro e aconteceu apenas em 21 de maio de 2017, e também no adiamento do fim do DBA – que o prefeito prometeu em campanha, mas ainda não acabou²²⁰. O dossiê que a *Craco Resiste* produziu denunciando as violências policiais na *Cracolândia*²²¹ (antevendo a megaoperação) foi pautado no Ministério Público (MP), na Defensoria Pública e chegou até a ONU²²². A *Craco Resiste* teve, também, uma relevante participação na Okupação da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania que levou a titular da pasta, Patrícia Bezerra, a declarar a megaoperação de sua gestão na *Cracolândia* como um desastre. O vídeo com a declaração da secretária, circulado pelos ativistas que participavam do movimento de Okupação, fez com que ela pedisse demissão nas horas seguintes, reafirmando publicamente as críticas – movimento importante para que outros setores também criticassem a megaoperação realizada pela Prefeitura em conjunto com o Governo do Estado²²³.

---

crack para pessoas da Cracolândia (minuto 48); em entrevista concedida pelo prefeito na emissora Bandeirante para o Datena quando afirma que é uma ONG de “boçais de extrema esquerda que defendem que é legal o crack, tomar o crack, proteger o crack”. DATENA. Prefeitura não vai ceder em ação contra a Cracolândia. **Brasil Urgente** (Rede Bandeirantes), 01 ago. 2017. 06’04”. Disponível em: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/ultimos-videos/16282360/prefeitura-nao-vai-ceder-em-acao-contra-cracolandia.html> (a declaração está aos 5 minutos e 20 segundos do vídeo) e em entrevista com o Ronnie Von (últimos acessos em 08 de agosto de 2017).

²²⁰ A placa do DBA foi retirada simbolicamente na megaoperação do dia 21 de maio, mas os hotéis sociais do programa continuam abrigando 234 pessoas só no centro de São Paulo e existem, ainda, pessoas da Cracolândia que estão nos hotéis do DBA da Freguesia do Ó e de Heliópolis - que também continuam na ativa. É verdade, porém, que trabalhadoras e usuáris estão constantemente em alerta, vários hotéis já receberam ameaças e um trabalhador do programa chegou a ser levado coercitivamente (no dia 09 de agosto de 2017) para prestar depoimento no Denarc sobre uma moradora que foi levada presa. Matéria de setembro de 2016 onde o João Doria não apenas promete acabar com o DBA, mas afirma que “Esse programa Braços Abertos virou braços abertos para a morte”. CAVICCHIOLI, Giorgia. Doria diz que, se eleito, não dialogará com movimentos que invadem propriedade. **Notícias R7**. R7 Entrevista candidatos à prefeitura de SP. 13 set. 2016. Disponível em: <http://noticias.r7.com/eleicoes-2016/sao-paulo/Doria-diz-que-se-eleito-nao-dialogara-com-movimentos-que-invadem-propriedade-13092016>

²²¹ Dossiê A CRACO RESISTE. **Agressões e Violações na Cracolândia**. São Paulo, 2017. 30pp. está disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BwI3ov41jnJ6Y2xQenhJZWpheEU/view>

²²² Em 23 de maio de 2017 o dossiê da *Craco Resiste* foi citado em Buenos Aires quando o coordenador de Relações Institucionais da Plataforma Brasileira de Política de Drogas e o coordenador do programa de Justiça da Conectas, em audiência pública na Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), denunciaram a prisão arbitrária de usuáris de droga na *Cracolândia* e a política de internação em massa anunciada pelo Prefeito João Doria após a megaoperação no território.

²²³ Depois que a okupação foi deflagrada e a Patrícia Bezerra renunciou à secretaria, a Defensoria Pública de SP obteve uma decisão judicial liminar que proibiu a continuidade das remoções compulsórias de pessoas e da interdição e demolição de edificações com habitantes pela Prefeitura de São Paulo na região da Cracolândia. Ver JUSTIFICANDO. Defensoria obtém liminar que proíbe remoções e demolições na Cracolândia por gestão Dória. **Justificando**: mentes inquietas pensam direito. Notícias. Publicado em 24 mai. 2017. Disponível em <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/05/24/defensoria-obtem-liminar-que-proibe-remocoes-e-demolicoes-na-cracolandia-por-gestao-Doria/>.

A Associação Juizes para a Democracia (AJD), emitiu uma nota pública em repúdio às ações na Cracolândia: JUSTIFICANDO. Em nota, Associação de Juizes repudia política higienista de Doria na Cracolândia. **Justificando**: mentes inquietas pensam direito. Notícias. Publicado em 25 mai. 2017. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/05/25/em-nota-associacao-de-juizes-repudia-politica-higienista-de-Doria-na-cracolandia/>

Figura 26 - Okupação da Secretaria de Direitos Humanos / Foto: Alice Vergueiro

6.2 O primeiro dia de vigília cultural (02 de janeiro de 2017)

O esquecimento é o
Suicídio da alma.
Mas como a alma é
Imortal jamais
Te esquecerei.
“Saudosa maloca”
Cracolândia.
(Viola)²²⁴

Na reunião da *Craco Resiste* que aconteceu no dia 26 de dezembro de 2016 ficou combinado que nos encontraríamos para a primeira vigília cultural no dia 2 de janeiro de 2017, às 19h, no *Amarelinho* – o bar que fica embaixo da *hospedaria do Pessoal do Faroeste*²²⁵. O primeiro dia de vigília seria de pic-nic com samba:

Figura 27 – Primeiro dia da Vigília Cultural / Foto: da Alice Vergueiro para a *Craco Resiste*

Nesta segunda-feira chuvosa nos abrigamos na *maloca* do Denis e do DuRap, que também é frequentada por muitas outras pessoas, como por exemplo, o Sambista (que será melhor apresentado na seção 6.3.3). Essa *maloca* ficava na Rua Dino Bueno, quase em frente à Praça do Sagrado Coração de Jesus, encostada na parede onde havia sido o Bom Prato do Bom Retiro. Os anfitriões já sabiam, desde a reunião do dia 26 de dezembro, que a primeira atividade da vigília cultural iria acontecer ali. Denis frisou várias vezes que era o samba da

²²⁴ Poema de Viola escrito em “*É pra mim não passar em branco*” – livro do Projeto Oficinas (2016, p.59)

²²⁵ Local no qual o Escobar e eu ficamos hospedados na semana de imersão no *Fluxo* relatada no capítulo 5.

maloca, e não a *maloca* do samba, ou a *maloca* que estava *rolando* um samba. Ele se apropriou da atividade e parecia muito feliz em receber aquela vigília em sua casa. Fizeram questão de nos receber muito bem: varreram o chão, rapidamente uma lona grande estava esticada para proteger a roda de samba da chuva, arranjaram banquinhos (objetos de grande valor por sua escassez no *Fluxo*), mais um pandeiro apareceu, assim como muitos instrumentos improvisados com latinhas e garrafas vazias de *corote*. Tal episódio foi registrado em forma de texto poético na página do Coletivo, já que as fotos ali não são permitidas (feito por Daniel Mello para a *Craco Resiste*):

Samba da Lona é sucesso na Resistência da Craco!

Começo de ano na Craco foi dia que terminou com chuva e noite que chegou com roda. Debaixo da lona, cavaquinho e pandeiro de mão em mão. Veio samba, pagode e cachaça. Vez e outra, teve quem ouvisse até umas do Rappa. Pelo ar, muita ideia, conversa fora e histórias de vida inteira. Vizinho nenhum reclamou. Quem chegava, fazia a graça: sentava e batia palma. Ou de pé mesmo, sem cerimônia, abria logo a garganta na ponta. Energia que não parou nem depois do trem das onze. Porque quem vive na Luz, está para ficar. Pela cidade, há quem acredite na força do Dólar. Mas, nas redondezas da estação, existe a fé na resistência para erguer coisas belas.

Para garantir o samba foi necessário levar os instrumentos e conhecer as pessoas que nos receberam – com isso os músicos que vivem ali já garantiram a boa música e a animação da festa. Durante o samba várias pessoas vieram conversar conosco, algumas puxavam-nos em separado, sem que o samba parasse, para perguntar o que estava acontecendo. Explicamos que aquela era uma vigília contra a violência policial; que o novo prefeito estava falando que iria acabar com a *Cracolândia*; que éramos dos direitos humanos (DH); que junto com algumas pessoas do *Fluxo* tínhamos decidido fazer esse movimento, a *Craco Resiste*, que faria vigílias culturais para estar lá em momentos com maior risco de inserção policial (pelas noites e finais de semana) assim como para mostrar para a sociedade que as pessoas ali são muitas coisas e não “zumbis” – sendo que o belo samba que acontecia em nossa frente era exposto como prova disto. Todas essas pessoas nos disseram, depois de um pouco de conversa, que éramos bem vindxs, que “*se é contra a polícia tamo junto*” ou que estava *tranquilo e favorável*²²⁶. Um ou outro chegou a mencionar o PCC, até como forma de legitimar o argumento de que estávamos seguros ali.

As pessoas que vieram para a vigília, mesmo as que não conheciam previamente a *Cracolândia*, se sentiram bastante à vontade, muitxs beberam (teve catuaba, vinho químico, cachaça e água), fumaram (cigarros e/ou maconha), conversaram, riram e conheceram novas

²²⁶ Referência à música *Tá tranquilo, tá favorável*, Mc Bin Laden, KL Produtora, 3’07”. Videoclipe disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wCS_uSCLV4I

pessoas – foi um formato parecido com algumas noites da semana intensiva que ficamos no *Fluxo* para coleta de dados para este mestrado. Ficaram tão a vontade que em determinado momento da noite uma pessoa que veio colaborar com a vigília arranhou briga com um morador da *Craco* a ponto de eu ter que intermediar, pedir desculpa ao morador e explicar para o ativista que aquilo não corroborava com o sentido de estarmos ali. Na hora de ir embora essa pessoa já estava bastante alcoolizada e começou a falar que ficaria por ali mesmo, que as pessoas ali eram muito receptivas e ele estava se sentindo bem tratado. Foram necessárias palavras duras para levá-lo embora e, o mais impressionante, ele não foi o único que naquele dia “*quase perdemos para o Fluxo*” – como xs militantes da *Craco Resiste* se referem ao episódio. Outra pessoa, um psicólogo que em determinado momento da vigília estava fumando crack com os moradores do *Fluxo* ao lado de onde acontecia o samba, também foi colocado nesse lugar. Quando finalmente conseguimos ir embora sem que nenhum ativista (que já não morasse no *Fluxo*) ficasse, junto com o alívio veio um balanço duro para cima das duas pessoas que ficaram bastante alteradas ao ponto de quase ficarem pela *Cracolândia*. Escobar, neste momento, explicou que “a gente tá aqui para cuidar da galera, se tiver doidão na hora que chegar a polícia a gente não vai conseguir ajudar, vai ser só mais um vulnerável na história”. O psicólogo se explicou dizendo que esse era seu jeito de conhecer as coisas, que ele as conhecia assim: “vou lá e experimento”. Ele também contou que não era a primeira vez que fumava crack e que ele já imaginava que iria fumar quando foi para a vigília, mas que não sabia que seria um problema e pediu desculpas se atrapalhou em algo. Eu também lhe pedi desculpas pelo tom de bronca das falas, mas as pessoas continuaram incomodadas e lhe falando que na vigília não era lugar, pois poderia ter nos colocado em risco.

É importante frisar que em nenhum outro dia de vigília aconteceu algo que tenha sido enquadrado pelxs ativistas da *Craco Resiste* como “quase perdemos fulanx para o Fluxo” – esses dois casos no primeiro dia foram os únicos. Já havia lido e reproduzido a ideia de que a *Cracolândia* é um imã (RUI & MALLART, 2015): é comum que as pessoas que trabalham e atuam na região comentem sobre a dificuldade de ir embora, mas geralmente é porque algum evento acontece, ou mesmo porque está em um momento interessante ou em uma conversa importante ou agradável, mas nunca havia passado, e ainda não voltei a passar, por algo próximo à essa experiência de alguém de fora, que tenha ido até a *Cracolândia* com a *Craco Resiste*, externalizar a vontade de permanecer ali ou mesmo usar crack durante a vigília.

Uma questão que se explicita pelo enquadramento do caso pelos ativistas como “perder alguém pro Fluxo” é que há uma percepção de que estar no *Fluxo* na condição de usuárix de crack não é algo desejável, pelo contrário, é combatido. Esta observação é importante porque muitos dos ataques que o Coletivo recebe, principalmente via Facebook, mas também por algumas matérias na grande imprensa, trazem a compreensão [equivocada] de que o Coletivo considera positivo que as pessoas estejam na *Cracolândia*. Esta compreensão pode ter origem nas declarações dxs ativistas [e] da *Craco Resiste* sobre as potências dos encontros e das vivências que o *Fluxo* proporciona, declarações que têm a intenção de quebrar estigmas comuns às pessoas da *Craco* e ao próprio território, mas que não significam que se considera positiva ou desejável a situação de estar fazendo uso de crack em situação de rua, ou mesmo que xs militantes concordem com os valores que são reproduzidos na *Cracolândia*. As pessoas mobilizadas em torno da *Craco Resiste* não acreditam que é bom, saudável ou desejável o uso de crack, ou mesmo as violências internas que existem e são reproduzidas na *Cracolândia*, mas que, conforme já explicado anteriormente, essa forma de existência é consequência de uma sociedade doente, e não a causa dela e, portanto, o caminho para transformação desta realidade é muito mais complexo do que qualquer resposta não estrutural será capaz de dar – em especial respostas baseadas no uso das forças repressivas do Estado. Ativistas afirmam que são por questões estruturais que a *Craco (R)* existe e que para os governantes é muito mais fácil jogar toda a culpa no crack, ao invés de assumir a falência desse Estado constituído pela falta de moradia, educação, saúde, emprego, espaços de sociabilização, condições razoáveis de existência, sentido de vida, etc.

As posturas e ações dxs militantes da *Craco Resiste* em sentido contrário à permanência no *Fluxo* é compartilhada não apenas com as pessoas que vêm de fora fazer as vigílias, mas também com as que são da [ou frequentam a] *Cracolândia* e que, de forma singular, conforme a relação constituída com o Coletivo e/ou com militantes específicos, mas especialmente conforme seus desejos e interesses, são instigadas a fazer outras circulações para além do *Fluxo*. Quando o Escobar afirma que o objetivo do movimento estar na *Cracolândia* é **cuidar** das pessoas ele está demarcando um elemento importante da organização. As práticas singulares de cuidado do Coletivo serão explicitadas em outras passagens que mostram a construção de diversas redes como formas de cuidado que passam por construir junto com [e não para] as pessoas que conhecemos no *Fluxo*. Essas saídas, como as construídas com o Patolino, serão aprofundadas mais a frente (seção 7.1) e chegam a mudar

relações com substâncias que xs próprios usuárixs consideravam abusivas e/ou prejudiciais. É comum ativistas parabenizarem usuárixs que se afastam do *Fluxo* porque estão fazendo outras coisas da vida, ou mesmo quando param ou diminuem com o consumo de crack ou outras substâncias que consideram prejudiciais para si. Este processo, porém, não é forçado porque, segundo a ética da RRD, a construção de circulações e formas de estar no mundo consideradas mais saudáveis pela própria pessoa cuidada é o desejável, mas que acontece conforme o tempo de cada um. A vontade de que o cuidado aconteça no tempo de quem está cuidando é um dos fatores que mais causam sofrimento para quem quer cuidar, ou trabalha com o cuidado, de pessoas com uso problemático de drogas. Xs ativistas do Coletivo em questão compartilham dessa angústia, mas sabem que, ao menos na teoria, impor um tempo diferente daquele possível para a pessoa que se visam cuidar é ineficiente. Esta imposição pode ser vivenciada como mais uma frustração para quem, muitas vezes, já tem dificuldade de acreditar na possibilidade de melhoras na vida, seja por falta de crença em si mesmo, seja pela percepção de questões estruturais (sociais e/ou particulares de suas biografias) lhes colocam em determinados lugares dos quais, via de regra, as saídas são consideradas difíceis. Segundo Thiago Calil “o cuidado pode ser construído em conjunto com o indivíduo respeitando o momento e o tempo de cada um” (CALIL, 2015, p. 24).

Três psicólogxs, um jornalista, uma foto-jornalista, dois artistas, três formadxs em ciências sociais, um estudante de biologia, um trabalhador de mídias sociais e uma mulher na que desconheço formavam o bando (BEY, 2001) presente no primeiro dia de vigília da *Craco Resiste* (2 de janeiro de 2017). Dessas treze pessoas, duas já atuavam no Coletivo *Sem Ternos*, duas trabalhavam nos hotéis sociais do DBA (ambas já demitidas) e uma tem um coletivo que distribui água na *Cracolândia*; mas as outras pessoas – a maioria – não tinham vínculos constituídos com o território até então. Grande parte nunca tinha entrado no *Fluxo*. Porque estas pessoas se mobilizaram em torno da resistência da *Cracolândia*? O que as move? Essa questão não será completamente respondida, mas é parte importante dos questionamentos e reflexões desta dissertação. Um primeiro elemento que parece reunir esse conjunto de pessoas é uma atuação militante anterior: mesmo com diferenças em experiências e trajetórias, ninguém, neste dia, estava em uma atuação política pela primeira vez. A grande maioria tem referência na esquerda autônoma, até mesmo no anarquismo, mas havia uma exceção já nesse primeiro dia: uma das pessoas presentes é chamada de “*cutista*” (em referência à Central Única dos Trabalhadores) por outrxs militantes do Coletivo, em tom de piada (com fundo de verdade). A referência da *Craco Resiste* como movimento autônomo e horizontal, desde sua concepção, parece importante para o interesse e mobilização das diversas pessoas que

adentraram o bando (mesmo a pessoa que era chamada de “*cutista*” por participar de um sindicato filiado à CUT saiu da gestão do sindicato ao longo do processo de atuação com a *Craco Resiste*).

Outro elemento muito forte nesse e em outros dias de vigílias é a atenção e o carinho que recebemos das pessoas que convivem no *Fluxo*. Com certeza isso tem ligação com a constituição de relações anteriores, não apenas da semana de imersão que o Escobar e eu passamos na *Craco*, mas também das outras pessoas que já atuavam ali. O afeto, porém, também foi consolidado por pessoas que passaram a conhecer a *Craco* e suas/seus integrantes no processo de atividades da *Craco Resiste*. Tal relação, porém, não é comum à todxs xs trabalhadorxs e/ou voluntárixs que atuam na região. Essas vigílias acontecem de uma forma específica que proporciona muita empatia por parte dxs envolvidxs que vivenciam a *Cracolândia*. Quando Simone, moradora da *Craco*, propôs na reunião do dia 26 de dezembro que as vigílias fossem culturais porque assim seria mais legal para todxs, ela profetizou que dessa forma muita gente, tanto do *Fluxo* quanto de fora dele, ficaria interessada em participar do movimento. Essa forma de atuar, divertida e que mobiliza as pessoas por vontade e não por obrigação ou necessidade, é apontada por ativistas da *Craco Resiste* como uma questão central para o movimento, não só para sua capacidade de mobilização e intervenção na conjuntura, mas também por sua potência de transformar as pessoas e constituir relações de afeto.

Tento, ao longo do texto, demonstrar a forma de atuação da *Craco Resiste* com a descrição das práticas individuais e coletivas porque acredito que é o que há de mais concreto para entender este movimento que se transforma muito rápido e se orgulha de estar se constituindo conforme anda, mesmo que não saiba de antemão para onde está andando. Um relato nesse sentido é perceptível na troca entre dois militantes da *Craco Resiste* que, enquanto conversavam em um bar sobre a dificuldade de caracterizar o movimento que constroem, resolveram gravar o áudio que servisse para essa pesquisa²²⁷:

– A prefeitura inaugurou o tal do CTA [Centro Temporário de Acolhimento] de lata e fomos, Patolino e eu, ver qual que era. A gente já tinha pensando um monte de estória para tentar entrar, achávamos que não deixariam, afinal era o projeto do Dória que causamos na inauguração... mas quando chegamos no portão, fomos chamados pelos nossos nomes e convidados a entrar de forma super afetuosa. A assistente social que era responsável pelo turno já tinha ido numa reunião nossa e me

²²⁷ Essa conversa foi gravada em um momento de lazer dos militantes, mas que resolveram gravar o áudio por entender que era muito honesto o sentimento e a compreensão que tinham formulado coletivamente sobre a *Craco Resiste* naquele momento. Tal forma de colher dados para pesquisa me parece inovador e, também por isso, o registro.

apresentou para os outros trabalhadores que estavam ali falando que eu sou da *Craco Resiste* que é um movimento que quando chegou a polícia ficou no território e segurou a onda, que não arredamos o pé. Eu fiquei em choque, até porque na hora não lembrei que ela já tinha ido na nossa reunião – contei.

– Mas calma aí, você tem que falar a caracterização dela. A caracterização dela que torna a gente muito revolucionário! – Marquinho pede.

– Ela é uma senhora, mais velha, anda com o cabelo, que é super comprido, preso... bem de crente, sabe? Ela canta na igreja evangélica e foi na reunião da *Craco Resiste* com a filha que quer fazer teatro e tem trocado mensagens comigo no zap [Apelido de aplicativo de troca de mensagens]. A gente é muito revolucionário mesmo! – concordo rindo.

– Muito! Quem faz isso? Que movimento social tem esse perfil de pessoa – senhora evangélica que canta na igreja – em sua reunião? E ela sabe melhor do que a gente o que é a gente! A gente não sabe o que a gente é. Efetivamente a gente não sabe o que somos! – ele responde.

– E é ‘mó’ legal! A gente vai se descobrindo – complemento.

– Mas você sabe que ninguém entende isso, né? – Marquinho aponta.

– Nem a gente entende, mas é ‘mó’ bom – concluo. (transcrição de áudio, setembro de 2017)

6.3 Paulinho, Badaróss, Sambista, Futebol e Enquadro às Avestas (5 de janeiro de 2017)

Este dia expõe a quantidade de coisas que acontecem em poucas horas de vivência na *Craco* e a dimensão de debates que é possível se fazer a partir de cada um desses acontecimentos. Antes mesmo de chegar ao *Fluxo* encontramos Paulinho, que trouxe vários elementos para pensar a *Cracolândia* e as políticas públicas em torno dela – seja de RRD, seja de violência policial (expostos na seção 6.3.1). Também encontramos o Badaróss, que traz em sua apresentação múltiplas reflexões, como sobre o lugar do artista, da família, do cárcere e da educação (expostas na seção 6.3.2). Falar um pouco de cada um destes personagens, que são muito importantes para o movimento, também revela algumas das trajetórias plurais que constituem o território da *Cracolândia*. A chegada, neste dia, ao *Fluxo* expõe parte da dinâmica de funcionamento da *Craco Resiste* – que pretendia fazer um jogo de futebol, mas acabou planejando e vivenciando diversas outras coisas. O último subcapítulo (seção 6.3.3) expõe o lugar do futebol enquanto resistência, assim como um “enquadro” que xs ativistas tomaram de um usuário e as consequências do falecimento do Sambista – além de outros diversos elementos que constituem o emaranhado de nós que algumas horas na *Craco* deflagram.

6.3.1 Paulinho, Carro e Marra

As vivências desse dia começaram com um encontro com o Paulinho, o Paulo Cesar Terixeira Leal, alguém que já foi considerado “paizão” na *Cracolândia*, já foi sujeito de pesquisa e/ou informante de muitos pesquisadores (ADORNO et al, 2013; ARRUDA, 2014; CALIL, 2015) e entrevistado por muitos jornalistas²²⁸. Atualmente, há três anos sem usar crack, vive de modo que o mesmo considera comum para alguém de classe média, com uma rotina de trabalho e postagem de fotos no Facebook com a netinha, a esposa e/ou o cachorro.

Figura 28 - Foto retirada do Facebook do Paulinho com sua autorização

Desde que o conheci na *Craco*, em 2012, nunca perdemos contato. Foi Paulinho quem propôs que na resistência conduzida pela articulação *Luz Livre* (apresentada no capítulo 4.1) fosse feito um Churrascão e não uma manifestação tradicional e, desde então, ficamos muito próximos e vivenciamos várias coisas juntxs. No processo do meu mestrado ele sempre esteve disposto a contribuir. Depois de uma primeira versão do texto pronta ele sentou comigo durante um tarde inteira para debater o conteúdo e tecer suas contribuições. Paulinho também

²²⁸ Exemplos de matérias com o Paulinho: PALHARES, Mario. *Cracolândia: O problema não vai acabar, diz dependente. Observatório Político*. 6 jan 2012. 4'34". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UnpoPt1qIQ8&feature=youtu.be> ; COSTA, Gustavo; MELLO, Marco Aurélio. *Dr. Marcelo - Diário do Inferno*. Rede Record. (2016) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dqXNbgwPqDA&feature=youtu.be> ; COSTA, Gustavo; MELLO, Marco Aurélio. *Diário Do Inferno - Dr. Marcelo - Cracolândia - PARTE 2* Rede Record. (2012) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORALfo78dbA&feature=youtu.be> ; e Casal se dedica ao trabalho voluntário na cracolândia há 10 anos. *Encontro com Fátima Bernardes* (Rede Globo). (2017) disponível em: https://globoplay.globo.com/v/5981353/?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar (últimos acessos em 21 de agosto de 2017)

colabora com a *Craco Resiste*, mas coloca a condição de não ir até o *Fluxo* porque acha a energia dali muito pesada de encarar, mas sempre posta e comenta na página do Facebook do Coletivo elementos que contribuem para a resistência. Nesse dia cinco de janeiro ele foi nos encontrar para fazer um vídeo e contribuir com os debates em torno da *Cracolândia*, do uso de crack e das possibilidades e potências do cuidado em liberdade – continuando a série de vídeos que produzimos no sentido de disputar com a narrativa dominante mostrando a singularidade das trajetórias que vivem (ou viveram) a *Cracolândia*.

O esperávamos na Praça Júlio Prestes quando o Evandro, que trabalha na banca de jornal da praça e tanto nos conhece quanto o Paulinho, gritou e acenou para nós. Fomos até a banca e lá estava o Paulinho: de calça social, camisa de manga comprida, sapato e boina ao lado de um carro novo e bonito, um Renault Logan, de sua propriedade. Ele nos convidou para dar uma volta de carro, ofereceu balas e água e fomos até o *Amarelinho*, o ponto de encontro das vigílias da *Craco Resiste*, onde já estavam algumas pessoas para a atividade do dia: futebol no *Fluxo*. Comemos, conversamos, contamos histórias e relembramos vivências conjuntas na *Cracolândia*. Resolvemos fazer a filmagem dentro de seu carro em movimento pelas ruas do centro. Ela foi feita sem ensaio, ele já conhecia a *Craco Resiste* e as intenções do vídeo – pedimos que contasse sua história e falasse sobre a *Cracolândia*. A Alice começou a gravar e ele, de primeira, gravou esta mensagem²²⁹:

(...) Fiquei viciado no crack durante 16 anos e em 2004 eu vim pra *Cracolândia* porque achei que era o local ideal para mim, para usar crack, para usar drogas. Achei que era um ambiente favorável. Morei durante dez anos ali. A minha experiência aí na *Cracolândia* eu não vou dizer que foi de toda ruim, porque eu aprendi muita coisa. Aprendi sobre mim mesmo, sobre a vida, sobre aqueles que eram realmente meus amigos e quando me vi nessa situação, aí fui totalmente abandonado. E abandonei também, né, abandonei a minha família por causa das drogas, porque não dá pra se conviver com droga e com a família ao mesmo tempo. Em 2012 acho que foi o momento mais crítico da minha convivência aí na rua. Porque você viver em um ambiente onde você usa crack, onde você tem a liberdade em meio à um *Fluxo* de mais de mil e quinhentas pessoas, você é uma pessoa totalmente livre para fazer o uso porque você é só mais um no meio daquela multidão toda. Em 2012 teve a Operação Dor e Sofrimento, que empurrava a gente de um lado pro outro. No dia 3 de janeiro a polícia chegou, invadiu a *Cracolândia* e começou a oprimir a gente. Pegaram todos nossos pertences, bolsas, documentos, remédios, jogaram tudo dentro dos caminhões da prefeitura e levaram embora. Ficou assim por muito tempo. Eu sofri bastante, fui agredido várias e várias vezes, fui preso. Como a minha condição não era de traficante nem de nada, era simplesmente por usar droga, eles me soltavam. Mas realmente o nome fez jus: dor e sofrimento, porque a gente sofria muito na mão da Guarda Municipal, da Polícia Militar. Tá certo que as pessoas não gostam de olhar para a *Cracolândia* e ver aquele monte de gente ali, todo mundo junto e reunido fazendo uso de droga, mas também ninguém tem a fórmula mágica para tirar o vício da gente. O crack é mais um de muitos outros vícios que existem. Tem gente que bebe, tem gente que usa outros tipos de drogas, mas ali na

²²⁹ Esse vídeo do Paulinho está em: A Craco Resiste. Página de Facebook. Postagem de 12 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/ACracoResiste/videos/vb.1780530862198286/1790117351239637/?type=2&theater>

Cracolândia é a ferida exposta mesmo no coração de São Paulo. Agora, o que eles fizeram foi fazer sangrar mais ainda, quando eles ficavam empurrando a gente para lá e para cá e não tinha lugar que a gente pudesse nem deitar. Quantas vezes, deitado na calçada, a polícia chegava e jogava gás de pimenta na cara da gente, jogava gás lacrimogêneo na gente, chutava a cabeça da gente, fazia a gente andar. Isso era de madrugada, em qualquer hora do dia e da noite. Se você tinha algum recurso e podia ir pra um hotel você dentro do hotel a polícia invadia e te pegava lá dentro e fazia você sair. E uma vez na rua você ia querer fazer uso, porque estava acordado e o vício sempre fala mais alto. A minha saída da *Cracolândia* se deu por uma questão de eu ter conhecido algumas pessoas, no começo foi o pessoal do É de Lei, você né Roberta, o Thika, o Bruno, que já me deram uma pré contemplação do que é a recuperação. A recuperação sempre foi uma coisa que eu quis, mas eu não sabia como começar a me recuperar. No ano de 2014 eu recebi uma visita, a visita do meu filho lá na *Cracolândia* dizendo que tinha nascido a minha netinha. E eu [es]tava totalmente jogado na rua, aí eu pedi ajuda pra ele e ele me ajudou. Eu não fui pra casa de recuperação, nessa época eu [es]tava no programa da prefeitura, De Braços Abertos, já [es]tava dentro de um hotel e tudo, mas aquilo me despertou para um vida diferente. E não foi por violência, foi com felicidade, porque eu estava sendo tratado com respeito por eles. (...) Existem mais pessoas doentes do que pessoas viciadas em drogas. E hoje eu vejo que não existe uma mágica que vai fazer com aquele lugar mude. Mas o poder público pode fazer algo para amenizar o sofrimento e a dor daquele povo que tá ali. Agora, se perguntar pra mim como, eu acho que tem que estudar caso por caso, pessoa por pessoa, tem que saber a história, tem que tentar resgatar essa pessoa a cidadania e a dignidade dela, oferecer um pouco mais do que já se oferece, um tratamento mais humano. Não adianta cercar de polícia, a polícia não vai resolver o problema da *Cracolândia*. A polícia não vai conseguir, de maneira alguma, tirar aquele povo dali. Primeiro que é um lugar que é a boca do lixo, foi a boca do lixo, é a boca do lixo e será sempre a boca do lixo. A *Cracolândia* foi empurrada para aquele lugar. (...) A questão da *Cracolândia* não é de segurança pública, é de saúde pública. Eu consegui resgatar minha cidadania, minha dignidade, tirei meus documentos... procurei ajuda assim que sai do Programa De Braços Abertos, mas que não encontrei. Porque eles não tinham um plano para as pessoas que já estavam recuperadas. Acho que é uma coisa para se pensar, para se discutir. As pessoas que já estão em recuperação elas merecem ser direcionadas para um trabalho, colocadas num albergue, albergue não, uma pensão, pode ser até uma república, como são as repúblicas de estudante. Propor que as pessoas voltem a estudar, acho que muitos ali têm até um sonho de estudar. (transcrição do vídeo, janeiro de 2017)

O depoimento de Paulinho reflete sobre o cuidado com as pessoas com uso problemático de drogas, mas também sobre a própria *Cracolândia*. Uma primeira questão que aparece e que já foi apontada nesta dissertação (capítulo 3) é sua compreensão da *Craco* como um lugar de aprendizado e um local favorável para usuárixs de crack. Depois ele aponta como a Operação Dor e Sofrimento (2012) foi opressora e é importante lembrar como ela se assemelha a megaoperação de 2017, não só pela entrada violenta das polícias, mas porque repete o procedimento de tirar todos os pertences das pessoas, como seus documentos e remédios²³⁰.

²³⁰ No dia 21 de maio de 2017, em meio a megaoperação, tentamos negociar que xs usuárixs pudessem pegar seus documentos antes que eles fossem jogados no caminhão de lixo da prefeitura. Por alguns minutos tal negociação foi exitosa, mas assim que o Eduardo Suplicy foi embora a Polícia Civil passou a jogar bombas, cachorros e tiros em direção às/aos usuárixs que estavam aguardando para pegar seus pertences, mesmo que o

Paulinho situa a *Cracolândia* como uma ferida aberta no coração da cidade, mas que as ações violentas do poder público só a fazem sangrar ainda mais sem resolver a questão. Nesse sentido, aponta que a polícia nunca será a solução ou o caminho, inclusive porque aquele lugar tem uma trajetória e uma história que passa pela Boca do Lixo. Sua saída da *Craco* e do crack não se deu com dor e sofrimento ou com uma internação, mas por alegria, porque foi tratado com respeito por redutorxs de danos, pelo DBA e pelo seu filho que foi lhe levar uma boa notícia. Fala da dificuldade que tinha de vislumbrar por onde começar, mas também da dificuldade de encontrar ajuda e políticas públicas para continuar depois de já recuperado e/ou em recuperação – sugere que propostas nesse sentido sejam formuladas e implementadas. Diz que não existe fórmula mágica para lidar com usos problemáticos de drogas, que se deve pensar caso a caso, conhecer a história de cada um. Nesse sentido é importante o apontamento que o Paulinho é branco e oriundo de uma classe social acima da média da maioria das pessoas que vivem na *Cracolândia*, o que lhe traz possibilidades e circulações privilegiadas para organização de sua vida – mesmo que ainda assim o processo de saída do crack e da *Craco* não seja fácil, uma família estruturada ajuda bastante.

O fim de seu relato ainda traz exemplos de políticas que, segundo Paulinho, ajudariam as pessoas que já estão em recuperação, como o acesso ao trabalho, uma moradia (que não seja em albergue) e a volta aos estudos. Esses elementos corroboram profundamente com a ética da RRD:

A perspectiva da Redução de Riscos e Danos compreende a singularidade de que todas as pessoas possuem uma história, uma identidade e são atores sociais de seus contextos. É preciso respeitar e valorizar isso, pois apesar da dificuldade do momento de vida de cada um, todos merecem uma testemunha. Com foco na vida, nas trajetórias, e nas potências individuais que abrimos possibilidades para contrapor o estigma. A partir de uma abordagem com respeito e empatia que conseguimos gerar conexões e criar vínculos de confiança capazes de provocar mudanças pessoais e sociais. Oposta à imposição da abstinência pautada pela política proibicionista, a enfermeira canadense Liz Evans coloca que a proposta da Redução de Riscos e Danos não é mudar as pessoas, mas sim “criar condições e possibilidades para que as pessoas cresçam e se desenvolvam”. (CALIL, 2015, p.131-132)

Quando voltamos da filmagem o Paulinho se despediu dos ativistas e foi embora no seu carro novo, mas com a mesma *marra* de sempre. Ainda faltava gente do time de futebol chegar, esperávamos no *Amarelinho*.

---

comandante da Polícia Civil tenha se comprometido, olhando nos meus olhos, que eles poderiam continuar resgatando seus documentos, um a um, mesmo depois que o vereador fosse embora. A filmagem feita pelo Caio Castor mostra esse momento em que eles passaram a atirar nas pessoas que estavam aguardando para pegar seus documentos. Em dado momento, eles atiram para o chão, ao lado de uma usuária que não corre, como os demais, e fica com as mãos levantadas implorando para pegar seus pertences porque tinha um documento necessário para uma consulta médica que estava marcada para o dia seguinte. **Cracolândia Sitiada**. Caio Castor. 2’59”. São Paulo, 21 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/caio.castor/posts/10206588801556986>.

6.3.2 Badaróss, Arte e Carroça

A liberdade é uma casa livremente
 É sentir a mente
 Saber que é a gente.
 Não julgar a gente
 Não conhecer a gente
 E nem caminhar com a gente.
 Porque nunca vão entender a gente.
 Eles acham que a nossa mente
 É simplesmente Uma droga.
 E por que eles até hoje não acabaram com essa droga?
 Porque a pior droga que existe no planeta
 É o preconceito.
 Nenhuma mente Conhece o coração
 Da gente.
 Nem a gente mesmo conhece a gente
 Se for com voz.
 (BADARÓSS, 2016)²³¹

Depois que o Paulinho foi embora o Badaróss chegou ao *Amarelinho*, sentou e bebeu uma cerveja com as pessoas da *Craco Resiste* que estavam concentradas para a vigília. Para apresentar quem é Badaróss, antes de contar o que fizemos juntxs nesse dia, nada melhor do que a forma como ele mesmo se apresentou em uma atividade formativa²³² da *Craco Resiste*. Sua apresentação está dividida em três partes para análise porque, além de apresentá-lo com suas próprias palavras, é uma fala bastante densa para os propósitos desta dissertação:

– Cícero Rodrigues, ex-Sem Terra, [eu] era do unidos da lona preta, hoje em dia eu vivo na rua há dez anos na região da *Cracolândia*. **Onde eu aprendi muito foi na rua**, moro até hoje na rua. **Já vi três prefeitos entrarem nessa cidade e não vi nada de bom que eles fez pra nossa cidade**, nem pro usuários na rua, nem pra recuperação. **Já passaram três prefeituras e são tantas lembranças pouca**. Não fizeram como vocês, que querem apoiar as pessoas que moram na rua, e por isso é muito gratificante estar com vocês, muito obrigado. (transcrição de áudio do dia 22 de janeiro de 2017)

No começo de sua apresentação Cícero Rodrigues, que é mais conhecido como Badaróss, trouxe a rua como seu local de aprendizado – isso também foi dito pelo Paulinho e é reproduzido por ativistas e trabalhadorxs que, às vezes, se referenciam à *Cracolândia* como uma “faculdade de experiências de vida” por influência de André – que é usuário de crack e autor dessa definição da *Craco*. Outro elemento importante que Badaróss levanta na sua apresentação é o fato de não ser exclusividade da gestão do Doria a violência e a incompreensão com as pessoas em situação de rua. Chama a atenção a valorização que ele dá

²³¹ Poema de Badaróss escrito em “*É pra mim não passar em branco*” - livro do Projeto Oficinas (2016, p. 32-33).

²³² Essa atividade formativa aconteceu no dia 22 de janeiro de 2017 no teatro de containers da Cia. de Teatro Mungunzá – 17 dias depois do dia em questão – e já foi relatada na sessão 6.1.

ao trabalho da *Craco Resiste*, movimento que até então tinha vinte dias de atuação no *Fluxo da Cracolândia*. É possível pensar que tal valorização aponta que a *Craco Resiste* é reconhecida como parte de um processo de articulações e lutas anteriores, até porque uma parcela de seus ativistas já atuava no território pelo Coletivo *Sem Ternos* que, como já mencionado, desenvolve atividades e lutas importantes no território, como quando resgatamos as carroças que haviam sido apreendidas na *Craco*. A carroça do Badaróss foi uma das mais de 50 que resgatamos nesse processo. Se xs usuárixs da *Cracolândia* têm referência personalizada das políticas públicas, como mostrou a pesquisa sobre o DBA coordenada pela Taniele Rui²³³, possivelmente isso também valha para as militâncias e coletivos. O fato de que algumas pessoas da *Craco Resiste* já tinham atuação no território há alguns anos também foi importante para o surgimento e a consolidação do movimento. Voltando à apresentação de Badaróss:

- Você esqueceu de um pedaço na sua apresentação – contestou a Laura, que já conhecia o Badaróss.
- Qual foi? – *ele retrucou*.
- Você é um puta artista! – a Laura complementou.
- Isso vocês perguntem para eles! – *falou rindo*.
- Artista, carroceiro... – alguém interviu.
- E mais umas coisas. Se eu fosse falar tudo, vocês ficariam mais loucos do que eu!
- Badaróss parecia ter concluído.
- Uma hora batam no Youtube “Índio Badaróss” que verão quem é tal personalidade²³⁴ – *sugeri para aqueles que ainda não o conheciam*. (transcrição da roda de conversa da *Craco Resiste* de 22 de janeiro de 2017)

Ressalto aqui a opção de apresentação que Badaróss faz. Ele é o artista mais reconhecido da *Craco* atualmente, já fez diversas exposições, inclusive no Centro Cultural São Paulo, além de ter sido retratado em um filme longa-metragem e em diversas reportagens,

²³³ Na pesquisa sobre o DBA financiada pela Open Society e coordenada pela Taniele Rui, ao serem questionados sobre os aspectos positivos do programa os beneficiários, muitas vezes, apontam pessoas como os “aspectos positivos” do programa. Nas palavras do relatório de avaliação do DBA: “Muitos desses profissionais são conhecidos nominalmente e conformam, muitas vezes, a referência pessoalizada do programa. Alguns deles chegam a se referir nominalmente a algumas das assistentes sociais, sem saber especificamente os programas pelos quais elas atuam.” (p.3 9). RUI, Taniele (org.). **Relatório da Pesquisa de Avaliação Preliminar do Programa De Braços Abertos**. Plataforma Brasileira de Política de Drogas, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Pesquisa-De-Bra%C3%A7os-Abertos-1-2.pdf> (último acesso em 27/04/2017)

²³⁴ Algumas matérias sobre o Badaróss: OKUMA, André. OTAKE, Keiko. Preview do projeto **Isto não é um cachimbo**, 4’21”, disponível em: <https://www.facebook.com/istonaoeumcachimbofilme/videos/vb.433276163532201/476281715898312/?type=2&theater>. AZEVEDO, Fernanda. O encontro do Artista com o Morador de Rua”, **Jornal da Gazeta**, 22 fev. 2013. 4’01”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iniDGdQBexc>. OKUMA, André. Índio Badaróss, o artista que registra a Cracolândia, volta para Pernambuco após 10 anos. **Jornalistas Livres**, 04 ago. 2016. 4’10”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RI9daZPsvwE>. (últimos acesso em 01 de abril de 2017)

chegando a ser chamado de Basquiat da *Cracolândia* pela TV Folha²³⁵. Fez questão de se apresentar, porém, como alguém que vive na *Cracolândia* há dez anos. Foi uma trabalhadora da rede de atenção que reivindicou sua apresentação como artista. Esse debate em torno das diferentes formas que as pessoas em situação de rua se identificam e se reconhecem, sobre os vários nomes que utilizam, mas também sobre os lugares que ocupam, e visam ocupar, socialmente – como artista, por exemplo – é uma questão relevante e, por isso, vou desenvolvê-la um pouco mais.

O debate em torno dos lugares no mundo que xs usuárixs de drogas ocupam é uma presença constante para quem pensa cuidados na perspectiva da RRD. No livro “É pra mim não passar em branco” produzido pelo Projeto Oficinas a potência do *Blocolândia*, o bloco de Carnaval da *Cracolândia*, é apresentada neste sentido:

Originado em 2015 e repetido em 2016, o Carnaval foi realizado com os parceiros dos territórios, promovendo assim sua articulação e interação. Nesta ocasião, a relação trabalhador – usuário pode sofrer importantes deslocamentos: o usuário não era mais “o fragilizado”, mas aquele que ensina sobre o samba, sobre a bateria, sobre suas experiências em outros carnavais... Essa mudança de lugar incide diretamente sobre a identidade do sujeito e atualiza no trabalhador e no território as muitas possibilidades de cuidado, contribuindo para a desconstrução do estigma arraigado no imaginário da comunidade e abrindo espaço para o fazer junto e a potência do coletivo. (PROJETO OFICINAS, 2016, p. 4)

A possibilidade de vivenciar outras existências, portanto outras experiências de autoimagem, é algo bastante debatido e defendido como RRD. Tenho a impressão que, muitas vezes, aquilo que se compreende de forma difusa por “cura” para [e por] pessoas com uso problemático de drogas, é exatamente o convencimento [próprio e dos demais ao seu redor] de que se conquistou outro lugar no mundo, um lugar considerado mais digno e bem visto socialmente, sejam quais forem os parâmetros e valores da pessoa e de seu(s) grupos(s) de afinidade. Essa é das maiores dificuldades em um processo de cuidado: conseguir vislumbrar outro lugar no mundo. E talvez esteja exatamente aí uma potência das igrejas nesses processos de cuidado para usuárixs de drogas que carregam consigo uma série de questões que vão muito além dos usos e/ou abusos de drogas – as igrejas podem possibilitar outro lugar de pertencimento, uma outra circulação e uma outra autoimagem.

O interessante, talvez, não seja conferir/descobrir uma única “identidade”, mas permitir que elas se multipliquem. Quanto mais “identidades”, mais recursos/estratégias de

²³⁵ Link para a videoreportagem. WAINER, João. Badaróss: Os traços e a história do 'Basquiat da cracolândia'. **TV Folha**. 11 set. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oswcK5DRGOw> (último acesso em 01 de abril de 2017)

sobrevivência, pois quanto maior a capacidade de se adaptar aos códigos e valores exigidos nos diferentes espaços sociais, mais adaptada e desenvolvida a pessoa consegue ser numa pluralidade de ambientes – isso não vale só para as pessoas em situação de rua. O Badaróss que também tem outro lugar no mundo [que não apenas o de usuário de crack em situação de rua] já bastante consolidado e reconhecido, que é seu lugar de artista, porém, insiste em se apresentar como alguém que está na *Cracolândia* há dez anos e usa crack há vinte – pelo menos nesse debate da *Craco Resiste* onde o lugar de fala do usuárix é muito valorizado. Ele, mesmo se afirmando “louco”, sabe mobilizar os diferentes lugares que ocupa e opta pela forma que vai se apresentar. Ao voltar à apresentação do Badaróss pontuo que, mesmo não sabendo o quanto isso é constitutivo para ele, a *Craco Resiste* o considera como um membro do Coletivo:

Figura 29 – Badaróss é *Craco Resiste* / Foto: Alice Vergueiro para a *Craco Resiste*

– E o que precisarem, estou com vocês, a hora que der! – *continua Badaróss*. Qualquer hora, pra ajudar qualquer uma pessoa, de verdade, pode ter dinheiro, pode não ter. Eu **não estou aqui por dinheiro**, eu estou aqui para lutar por um direito, que é o que interessa! Pelo menos um direito de verdade. E esse prefeito que entrou agora, o João Doria, eu já mandei umas mensagens para ele e vamos ver se ele é o cara que vai limpar a rua. Pra limpar a rua tem que fazer direito. **Pra limpar tem que dá respeito e trazer solução para aqueles que moram na rua. Não é simplesmente comprar uma jaula e enjaular eles, que vai sair pior do que está hoje. Recuperação não é assim.** Eu sei porque eu sou um usuário de crack, não tenho vergonha de dizer. (...) Não tenho vergonha de dizer que eu sou usuário de crack há vinte anos. (transcrição da roda de conversa da *Craco Resiste* de 22 de janeiro de 2017)

Badaróss afirma, então, algo que é constantemente reiterado por diversas pessoas que estão em situação de rua ao legitimar a veracidade de uma relação afetiva: “não é pelo dinheiro” (debate já apresentado no capítulo 3). Com o conhecimento de quem é usuário de crack há vinte anos, aponta que não dá pra “limpar”, ou seja, não dá para tirar as pessoas das

ruas, sem construir alternativas de vida para elas. E, segundo ele, tem que ser feito de forma respeitosa, caso contrário não dará certo. Se a trajetória de grande parte daquelas que estão em situação de rua e/ou com uso problemático de crack passa por perdas econômicas, morais, emocionais (ADORNO et al, 2013) faz todo sentido a afirmação que “enjaular”, algo sem dúvida traz perdas nestes três âmbitos, vai deixar a situação pior do que já está. Aliás, como já dito, a experiência do cárcere é um grande trauma para muitas ali, várias a apontam como uma das questões centrais para terem ido viver nas ruas e/ou para começarem um consumo abusivo de crack. Dizem que se já não estava fácil antes de serem presos, até por isso optaram pelo crime, depois de terem passado pela experiência do cárcere, outras dificuldades se somam e/ou se ampliam: como o preconceito, a não aceitação da família, a perda da guarda das filhas e a distância da possibilidade de um emprego formal. Se a experiência do cárcere parece um dos elementos que incentivam as pessoas a chegar às ruas da *Craco* o argumento do Badaróss de que “enjaular” só vai piorar a situação²³⁶ faz todo sentido – argumento que é muito usado por ativistas da *Craco Resiste* para questionar ações do poder público na região. Voltando, mais uma vez, para a apresentação de Badaróss na roda de conversa:

– Perdi minha família, perdi assim, por ela não me entender – ele continua. Fui pra Pernambuco, passei dois meses lá, mas eu vi que minha família não me apoiou, e na rua eu encontrei pessoas que realmente olharam para mim, estão tudo aqui. Uns tão aqui, outros jogados pelas calçadas. E eu aprendi muito com eles, com a rua. A rua é minha casa, minha escola, minha faculdade. Nem me pergunte como eu aprendi, que eu não fui pra escola. Eu nasci na mata, no Pernambuco, trabalhei desde sempre com reciclagem. Com 7 anos de idade fui pra rua porque venderam as terras que a gente tinha. Senti raiva. Aí eu fugi pra cidade e lá na cidade eu aprendi muita coisa. Aprendi a ser um reciclador, reciclava tudo que eu via no lixo e tirava o sustento dos meus irmãos. Muitos deles se desencaminharam, entraram pro crime, tiveram problema com a Justiça. Eu nunca devi pra Justiça e não tenho direito de tirar meu documento. **Nenhum órgão público conseguiu olhar pra minha cara de verdade, em 11 anos nessa cidade.** O Brasil sabe do que eu tô falando. Eles deviam olhar pra

²³⁶ O abolicionismo penal, com o qual o Coletivo DAR se identifica, defende o fim do cárcere por compreendê-lo como algo danoso tanto para as pessoas quanto para a sociedade como um todo. Angela Davis, professora e filósofa estadunidense que tinha fortes relações com movimentos como os Panteras Negras, é uma importante referência no assunto. Em seu livro “Prisões Obsoletas?” Davis afirma que “Uma estrutura mais complicada pode render mais opções do que se simplesmente tentarmos descobrir um único substituto para o sistema prisional. O primeiro passo seria, então, deixar de lado o desejo de descobrir um único sistema alternativo de punição que ocuparia a mesma pegada do sistema prisional. Em outras palavras, não estaríamos à procura de substitutos prisionais para a prisão, como a prisão domiciliar protegida por braceletes de vigilância eletrônica. Em vez disso, tentaríamos imaginar uma série de alternativas à prisão—a desmilitarização das escolas, a revitalização da educação em todos os níveis, um sistema de saúde que forneça cuidados físicos e mentais gratuitos a todos e um sistema de justiça baseado sobre a reparação e reconciliação em vez de vingança e retribuição. (...)” (DAVIS, Angela Y **Are prisons obsolete?** Seven Stories Press, 2003. Tradução do Cap. 6 por Carol Correia em: <https://medium.com/@solemgemeos/cap%C3%ADulo-6-do-livro-pris%C3%B5es-%C3%A3o-obsoletas-de-angela-davis-2f0f41a2e39a> – último acesso em 21/04/2017). Tal declaração corrobora com a afirmação do Badaróss sobre a ineficiência de “enjaular”, assim como a necessidade de transformar a educação para transformar a *Cracolândia*, o uso problemático de drogas e a situação de quem está vivendo na rua.

gente, pra aqueles que parecem mais bicho, mais animal, mas não. **Se tiver boa vontade faz um projeto bonito pra transformar a sociedade. Transformar não é enjaular.** Quando você enjaula, mais pior vai estar. **Eu sou um deles** e não posso dizer mais nada. Pra você ter educação nessa cidade, a cidade é grande. **É chegar no lixo e ele não rasgar.** Trabalhei sempre na rua. Limpava a rua. A prefeitura nunca limpou como eu limpava. E mandaram a prefeitura pegar meus trabalhos, hoje lá tá abandonado. Eles acharam que meus trabalhos eram lixo. Eu disse nada. Também não tô nem preocupado, posso fazer muito mais. É só dar oportunidade, espaço. Eu catei tudo no lixo, as telas, as tintas, eu catei tudo no lixo. No dia que eles levaram, eu fiquei daquele jeito. Estragaram mais de cem trabalhos meus. Chamaram 8 viaturas pra mim, mas quando chegaram não me acharam lá. Mas é assim, eu nunca guardei mágoa de ninguém. Se eu fosse guardar mágoa do que eu já passei nessa cidade eu nem estaria presente. Eu sempre digo pra eles: não é assim. Eu sei trabalhar na rua. **O braços abertos nunca me respeitou como carroceiro.** Eu nunca recebi nada, nunca precisei e nunca cobreí também. Porque minhas ferramentas, que eu tenho, as pessoas que realmente estão do meu lado, me apoiam, é uma galera da hora. Pra qualquer coisa. **Coragem é o que não falta. Falta é oportunidade** – afirmou Badaróss em meio a aplausos. (transcrição da roda de conversa da *Craco Resiste* de 22 de janeiro de 2017)

Nesse momento, ele apresenta a dificuldade de se sentir compreendido e apoiado pela sua família. Essa é uma questão difícil para a assistência social: o retorno para o núcleo familiar, que é um horizonte para muitos profissionais do cuidado, não é, muitas vezes, uma solução encarada como positiva pelas as pessoas em situação de rua. Para essa mesma roda de conversa que Badaróss está se apresentando, convidamos a Carol Cruz Pacheco, uma especialista da Redução de Danos Emancipatória, para falar sobre cuidado. Na visão dela, o retorno ao núcleo familiar é uma experiência plural que deve ser construída, questionada e pensada de forma singular:

– Então a RD Emancipatória vai pensar exatamente isso que você estava falando (...) Você falou assim: eu tava lá em casa, sendo proibido, daí a hora que eu saio eu olho para o mundo e o mundo é esse aqui, cheio de contradição. Cheio de sofrimento, cheio de *bagaceira*, e cheio de coisas bacanas acontecendo também. E aí são as minhas escolhas. Foi isso que entendi, é isso?

– É... e tem mais um dano: o dano da família! – complementa André que parecia ter vivido este dano na pele.

– Então, na RD do outro jeito [que não a emancipatória²³⁷] vai ser assim, por exemplo: se a pessoa está em situação de rua, eu vou tentar fazer ela voltar pra família, porque isso vai reduzir dano, ele vai estar com menos risco na família do que na rua. E a RD emancipatória vai se perguntar: será? Às vezes estar na família é um dano. Às vezes gera mais sofrimento do que estar na rua. Às vezes consumir droga gera menos sofrimento do que não consumir. Faz parte das escolhas. E é um

²³⁷ Vilmar Santos, em seu mestrado pela faculdade de enfermagem da USP (SANTOS; SOARES, CAMPOS, 2010), fez uma grande revisão bibliográfica sobre a RD até aquele momento, e apontou que existem diferentes formas de praticar essa abordagem, sendo que essas diferenças são definidas, para o autor, conforme o objeto eleito e o sujeito desse objeto: se o objeto da RD é a dependência, o sujeito é o dependente; se o objeto da RD são as doenças transmissíveis, o sujeito é o usuário de drogas das populações marginalizadas e excluídas; se o objeto da RD é o uso de drogas, o sujeito é o usuário de drogas; se o objeto da RD é o modo de viver, o sujeito é a comunidade; se o objeto da RD são os riscos sociais, o sujeito é a população em geral; se o objeto da RD é a condição existencial, o sujeito é um ser humano a-histórico e invariável; e, por fim, se o objeto da RD é o complexo produção-comércio-consumo de substâncias psicoativas, o sujeito são grupos sociais entendidos na dimensão de classe. O autor aponta que dentro de seu marco teórico, da perspectiva crítica da saúde coletiva, “a RD se reveste da perspectiva da educação emancipadora” e tem como sujeito o “sujeito emancipado e politizado”. (SANTOS, 2008)

pouco com essas escolhas, é com esses projetos, que a RD emancipatória vai trabalhar. E aí a resposta à sua pergunta: a RD pode ser olhada como uma estratégia de intervenção, mas aí, ao meu ver, ela é rasa. Ela vai olhar para o consumo de droga e vai ter um protocolo. “Se colocar isso e tira isso vai fazer bem, e se colocar isso e tirar aquilo vai fazer mal”. E a RD emancipatória vai se perguntar “será?” o tempo inteiro. Inclusive sobre o consumo de drogas. Inclusive sobre se estar consumindo droga não é melhor do que não estar. Isso vai depender muito de um negócio que chama Projeto Singular. O projeto que eu vou criar com ela, do projeto de vida dela, a partir dos referenciais dela, da história de vida dela, é muito diferente do projeto que eu vou criar para ela. E as vivências vão interferir muito. (transcrição da roda de conversa da *Craco Resiste* de 22 de janeiro de 2017)

O Badaróss foi para Pernambuco ver sua família no processo de filmagem do “Isso não é um cachimbo” – um filme de longa metragem que conta sua história. Foi decisão dele ficar lá e não voltar com a produção do filme. Porém, dois meses depois, ele falou com seus filhos, disse que os amava, e voltou andando²³⁸ de Pernambuco para a *Cracolândia*. Atualmente tem dito que quer voltar para Pernambuco para viver com seus filhos (no final de 2017 ele foi e ainda não voltou).

Como já dito, tirar o crack da vida das pessoas não deixa suas vidas necessariamente melhores, afinal, os problemas – sociais, pessoais, familiares, sentimentais, etc. – que as levaram ao uso são, geralmente, muito mais profundos que o uso em si. O uso de crack, diversas vezes, resolve algumas questões pragmáticas como a fome, o frio, o sono e as dores do corpo e da alma. Outras faltas, porém, também fazem com que esse uso exista, como a própria falta de educação da qual Badaróss fala, não apenas no sentido de formar as pessoas para abrir ainda mais seu leque de possibilidades, mas principalmente educar a sociedade, seja para vencer o preconceito e a discriminação, seja para “*chegar no lixo e ele não rasgar*”. Ele usa esse exemplo “*do lixo não rasgar*”, uma educação que seria preciosa para quem trabalha com reciclagem (que é seu caso), para falar sobre a dificuldade de educar a cidade para as transformações necessárias para lidar de maneira eficiente com os usos problemáticos de drogas, afinal, como ele afirma, “a cidade é grande”.

Badaróss conta, então, como transforma o que encontra no lixo, como telas e tintas, em arte, em trabalho – a transformação e revalorização do lixo é algo importante na constituição da *Craco*. O poder público, por sua vez, faz o caminho inverso e transforma sua

---

²³⁸ Eu fui a primeira do *Coletivo Sem Ternos* a encontrá-lo depois de sua volta para a *Craco*. Quando ele me viu, veio correndo conversar comigo e contou muitas coisas sobre sua estadia em Pernambuco e sobre sua volta, a pé. Disse que estava com um tênis apertado que lhe machucou o pé, mas que era melhor do que voltar descalço. Ele, então, pediu que eu avisasse as outras pessoas do coletivo que ele tinha voltado e, para isso, gravamos um áudio que mandei pro grupo de WhatsApp do Sem Ternos. A reação das pessoas do coletivo foram interessantes e contraditórias: ao mesmo tempo que estávamos felizes por conta da saudades, havia um incômodo, dito muitas vezes nas entrelinhas, com sua volta para a situação de rua na *Cracolândia*.

arte e seu trabalho em lixo. Por fim, afirma que o DBA nunca o respeitou como carroceiro. As tensões entre o DBA e xs carroceirxs não foram poucas. Além da já citada ação do dia 29 de abril (2015) que levou a força dezenas de carroças de uma vez – que desdobrou na mobilização para o “resgate das carroças” por parte do *Sem Ternos* – houve um embate muito grande em torno de algumas carroças que o programa municipal comprou para disponibilizar para xs carroceirxs usarem. Estas carroças institucionais tinham uma série de problemas segundo xs profissionais da reciclagem. Em primeiro lugar eram mal projetadas, cabia pouca mercadoria. Outro incomodo era fato das carroças serem parte da identidade dxs carroceirxs que as enfeitam e as reconhecem de longe – algo que não era permitido para estas carroças que tinham a identidade do DBA. O maior dos atritos, porém, tinha relação com a forma de organização dos empréstimos destas carroças: tinha um horário específico, dentro do horário comercial, no qual os empréstimos eram permitidos. O problema é que a maioria dxs carroceirxs trabalham, principalmente, em quatro horários: antes dos comércios abrirem; na hora que eles estão abrindo e/ou fechando (que é quando o lixo é colocado para fora); e pela madrugada (momento do “caça ao tesouro”, quando vão com maior tranquilidade e tempo para buscar preciosidades deixadas nos lixos) – nestes horários, porém, os empréstimos não eram permitidos. Possibilitar o acesso a uma carroça pode, realmente, ser uma política de cuidado para pessoas que trabalham neste ramo, mas os embates em torno das carroças institucionais do DBA explicitam o porque, de acordo com a ética da RRD, é necessário que o cuidado seja construído de forma conjunta com a pessoa que se visa cuidar: caso contrário uma ação bem intencionada pode ser vivida como uma agressão e/ou um desrespeito.

Outra questão interessante do Badaróss fazer esta crítica explícita ao DBA é que ele sabia exatamente onde se encontrava, sabia que nessa roda de conversa todos são contra as propostas da gestão Doria, mas também sabia que algumas das pessoas presentes, pessoas que ele conhece, trabalham e defendem o DBA. Mesmo assim, Badaróss demarca sua posição na intenção de provocar e não deixar que as contradições se escondam. Como afirma Taniele Rui no artigo “Crack: breve balanço da ambiguidade do programa De Braços Abertos²³⁹”:

Assim, não se trata de paradoxo político, mas, antes, de uma composição ambígua de agentes e ações bastante heterogêneos que conformam diferentes valores morais do Estado. (RUI, 2016)

Esse artigo da Taniele Rui é uma ferramenta preciosa para compreender as nuances e complexidades de um programa que tem olhares e experiências distintas envolvidas. A

²³⁹ RUI, Taniele. Crack: breve balanço da ambiguidade do programa De Braços Abertos. **Fiocruz**. Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. Saúde e sustentabilidade. Publicado em 21 dez. 2016. Disponível em: <http://cee.fiocruz.br/?q=node%2F501> (último acesso em 21/04/2017)

própria heterogeneidade dxs trabalhadorxs envolvidxs no DBA, assim como em qualquer política pública, precisa se levada em conta, até porque passam por concepções, salários e respeito pelxs/dxs usuárixs muito diferentes. Variam muito, por exemplo, entre quem está “na ponta” com uniforme da assistência ou da saúde; para quem está no gabinete de roupa social; e quem está “na ponta” de farda (lembrando que a GCM também faz parte do DBA e anda com ‘RD’ escrito no bracelete de seu uniforme). Entre xs ativistas da *Craco Resiste* existe uma pluralidade grande nas visões e posições em relação ao DBA: há quem defenda o programa desde quando o Haddad era prefeito apontando como um marco para as políticas de RD e para a presença de pessoas implicadas no território; há quem passou a defender depois que o Doria entrou no cargo e começou a sucatear as políticas desenvolvidas pelo DBA e propor coisas muito piores para a gestão da população que vive na *Craco*; há quem reconhece que teve avanços, mas acha que foram poucos e que as ressalvas (como o higienismo e a violência policial) precisam ser sempre apontadas; há quem ache o DBA ruim, limitado e baseado mais em marketing político do que em avanço real para as pessoas da *Craco* – em especial para a maioria que não foi contemplada por benefícios do programa como o hotel social e a geração de renda.

Voltando ao dia 05 de janeiro de 2017, o Badaróss soube que nós estávamos ali no *Amarelinho* e veio nos encontrar para me perguntar se eu havia conseguido vender algum de seus quadros porque precisava muito comprar uma carroça. Dizia que estava muito difícil sobreviver desde que a sua havia sido apreendida em um *enquadro* (abordagem policial). Ele havia deixado alguns quadros comigo para que não fossem confiscados pelas polícias e para que a gente – como *Craco Resiste* – tentasse vendê-los para, com o dinheiro, ele comprar uma carroça nova e garantir seu sustento. O movimento social aceitou esta tarefa por compreender que ela estava dentro das nossas possibilidades e que fazia parte do processo de cuidado que construímos junto com o Badaróss. Ele ficou feliz quando contei que conseguimos vender alguns. Insistiu para irmos logo pegar o dinheiro para comprar uma carroça nova, para que pudesse começar a trabalhar. Andamos até o Terminal Princesa Isabel porque os bancos do caminho já estavam fechados e ele sabia que lá existe um Caixa 24 horas com acesso para diferentes bancos. Andamos rápido para não atrasar a vigília. Quando chegamos ao caixa eletrônico, uma pessoa em situação de rua, de quem eu não me lembrava, veio me agradecer pelo trabalho que fazemos no *Fluxo* – o que me deixou bem feliz. Pegamos os R\$ 300 e

voltamos em direção ao *Amarelinho* porque o ferro velho ficava²⁴⁰ ali perto, na Rua dos Protestantes, na altura do número 65. Avisamos para as pessoas da *Craco Resiste* que iríamos pegar a carroça e o Escobar foi conosco. Chegamos no ferro velho e uma mulher disse que o dono não estava para vender a carroça. Mas o Badaróss lhe respondeu que ela podia confiar que o dono sabia do que se tratava. Deixou os R\$ 300, sem sequer negociar o preço e foi direto para a carroça que, segundo ele, estava povoando seus sonhos há dias. Triunfantes chegamos ao *Amarelinho*. Ele estava bastante animado e sugeriu que sua carroça nova fosse o palco de uma foto com quem estava presente para a vigília, mas o tempo que xs ativistas da *Craco Resiste* demoraram em se posicionar para a foto o angustiou porque ele queria ir logo trabalhar – nas suas palavras: “vocês são enrolados pra tudo, isso deixa mais doida a minha mente acelerada”:

Figura 30 – Carroça nova do Badaróss / Foto: Alice Vergueiro para a página da *Craco Resiste*

---

²⁴⁰ Esse ferro velho foi lacrado no dia 27/06/17, assim como diversos outros estabelecimentos comerciais desta rua.

6.3.3 Futebol, a Morte do Sambista e Apavoros

Mal acabamos de tirar a foto, Badaróss se despediu. Bastante acelerado, disse que estava agoniado para ir trabalhar com sua carroça nova e foi embora. Estávamos prontxs, o time de futebol completo e podíamos, enfim, ir para o *Fluxo*. Chegando na Rua Helvétia fomos paradx por pessoas que nos conheciam e queriam conversar, ou apenas nos cumprimentar. Quem foi para jogar futebol, já foi ajeitando os times e pintando um campo no chão da Rua Helvétia, entre o DBA e o Recomeço. Estava um clima estranho, logo vieram avisar que uma pessoa estava morrendo dentro da tenda do DBA. Perguntaram se eu queria ver, mas disse que não. Falaram que era um senhor de idade que estava morrendo de tuberculose. O futebol nem começou, foi avaliado que não havia clima para o jogo.

Chegou, então, um trabalhador do DBA, que faz parte dos movimentos de resistência antes mesmo da *Craco Resiste* existir, e disse que teve uma reunião na Prefeitura sobre a *Cracolândia* e que tinham decidido que iam ‘estourar’ a *Craco* a partir do dia 10, dali cinco dias. Quem lhe informou sobre esta reunião havia lhe dito que seriam usadas balas de verdade. Ficamos muito preocupadx. Senti um aperto no coração e, naquele momento, a preocupação com a operação policial nos ocupou muito mais do que a morte na tenda. Fizemos uma reunião improvisada, ali na calçada mesmo, para decidir o que fazer em relação a nova informação. Nessa reunião de improviso decidimos fazer um *Churrascão* de resistência dali três dias, no domingo dia 8 de janeiro.

Algumas pessoas foram embora e um homem, com uma adaga tatuada no pescoço, chegou intimando e querendo entender “quem era a gente”. No início, ele não queria falar comigo, só se reportava aos meninos presentes. Mas, como era eu quem respondia, até por ser a pessoa na vigília com mais experiência na *Craco*, logo ele me colocou o título de *disciplina* do nosso grupo e aceitou dirigir a palavra a minha pessoa. Porém, fez questão de que todxs ficassem em sua volta de modo que fosse ele o centro das atenções. Falou que era do PCC, mas depois se contradisse. Disse que não podia ser do *comando* ou vender pedra porque é usuário. Deu 10 reais na mão de uma mulher e nos perguntou se ela voltaria mesmo com a bebida. Minutos depois, ela chegou com o *corote* falando sobre a marca do que havia comprado – dinâmica que mostrou que há diferenças de qualidade mesmo entre as cachaças que são chamadas de *corote*, algo que até então eu não imaginava.

Vários carros de polícia chegaram. Ficamos com medo de que fosse o início de uma ação policial. No entanto, logo entendemos que estavam ali por causa do falecimento que aconteceu na tenda. A Agostinha, que é enfermeira do DBA, nos explicou que havia acontecido uma bela articulação entre xs profissionais da tenda do DBA com bombeiros, médicos do Recomeço e policiais, todxs tentando evitar o óbito, mas que a pessoa havia mesmo partido e ela iria resolver as partes burocráticas na delegacia. Agostinha entrou na viatura e levou consigo aqueles que nos deixavam inseguros. Assim que se foram, o Zé (que tinha a adaga tatuada) continuou nos questionando, tentando entender o que fazíamos e quem éramos. Explicamos sobre o movimento social contra a violência policial que tem as vigílias culturais como sua principal atuação no momento e o convidamos para o Churrascão que havíamos decidido a pouco que faríamos no domingo. Ele pediu que anotasse em um papel para ele. Escrevi o nosso cronograma, com churrasco domingo, capoeira na terça, futebol quarta, cine-resistência na quinta e projeção com caixa de sapato na sexta. Ele, então, me deu uma bronca porque só queria saber do churrasco. Me perguntou:

- Quantos dias você vive?
- Eu já vivi 30 anos – respondi.
- Não! Quantos dias você vive?
- Um de cada vez.
- Você é malandra hein! Pega rápido. A gente vive um dia de cada vez. (Caderno de Campo, 05 de janeiro de 2017)

Do momento que chegamos na *Craco* até esse diálogo com o Zé citado acima não tinha passado sequer uma hora, mas muitas coisas aconteceram, mesmo que olhando somente para o ocorrido em um pedaço bem limitado da rua e entre pessoas específicas. Essa velocidade de acontecimentos aponta algo importante da dinâmica do *Fluxo*, até porque expressa a constante sensação de que é, necessariamente, incompleta a compreensão do que se passa ali, afinal são 24 horas por dia de interações múltiplas e singulares entre milhares de pessoas e coisas que estão em relações, geralmente aceleradas, em um *Fluxo* muito maior (em espaço e pessoas) do que um relatado ou análise pode explicitar. Nesse curto tempo criamos uma quadra na rua; começamos o futebol; uma pessoa morreu; cancelamos o futebol; aconteceu uma articulação de rede entre instituições que trabalham geralmente separadas para socorrer um usuário; uma informação sobre a ação do poder público chegou até nós por um trabalhador que é da Prefeitura, mas que participa da resistência; uma reunião foi feita; e fomos intimados a nos explicar para uma pessoa dali que em sua interação conosco apontou várias coisas sobre a dinâmica local. Ufa! Vamos refletir um pouco sobre cada uma dessas coisas e depois voltarei a contar o que mais aconteceu nesse dia.

O futebol no *Fluxo* foi uma atividade que tentamos por diversas vezes, mas que demorou alguns meses para realmente acontecer como parte das atividades da *Craco Resiste*. Só funcionou com uma articulação do movimento com trabalhadorxs do SAE Campos Elíseos (Serviço de Atenção Especializada em DST-Aids) que traziam uma construção do futebol no *Fluxo* anterior à própria existência da *Craco Resiste*, numa construção conjunta com o Coletivo *Sem Ternos*. A partir de abril de 2017 o futebol no *Fluxo* passou a ser parte da programação fixa da *Craco Resiste*, mas também como parte das atividades do PRD (Programa de Redução de Danos) do SAE, acontecendo duas vezes por semana, às terças e quintas, seja onde o *Fluxo* estivesse.

O futebol como resistência na região, porém, não começa com essa articulação do *Sem Ternos* com o PRD do SAE. Em junho de 2013 aconteceu o *2º Futebol Popular Contra a Eliminação do Povo de Rua*²⁴¹ na Praça Júlio Prestes e as pessoas vestiam camisetas com os dizeres “Povo da Rua: o primeiro eliminado da Copa”. Em dezembro de 2013 o Comitê Popular Contra a Copa organizou a primeira *Copa Rebelde* no terreno da antiga rodoviária e, como aponta matéria²⁴² feita na época pela revista Fórum, a escolha desse local para os jogos tinha um sentido político:

A escolha do local para a realização do torneio possui claramente um sentido político – o bairro de Campos Elísios, pejorativamente apelidado de “cracolândia”, é um dos principais cenários das disputas travadas entre a população e o capital especulativo na cidade de São Paulo. Uma das últimas regiões centrais disponíveis para a construção de empreendimentos imobiliários, Campos Elísios tem sido alvo de ações do poder público que visam “valorizar” os terrenos para o lucro das empreiteiras e a acentuação do processo de financeirização das moradias, no qual imóveis que deveriam possuir um valor social passam a ser encarados como ativos financeiros sujeitos a valorizações futuras.

(...)

Outra face nefasta dos interesses econômicos na região é a da brutalidade policial contra os dependentes químicos em situação de rua (evidenciada pela mídia somente durante as operações policiais catastróficas do início de 2012, mas que são uma constante na vida destas pessoas). O intuito de dissolver a “cracolândia” através da força policial fracassou, e os dependentes químicos, que num primeiro momento se espalharam por diversas regiões da cidade, voltaram a se concentrar nas regiões da Luz, construindo inclusive uma série de barracos ao longo das grades que cercam o terreno da antiga rodoviária.

²⁴¹ Divulgação do evento *2º Futebol Popular na Sala São Paulo Contra a Eliminação do Povo de Rua. Dia 16 de junho às 17h* publicada em Comitê Popular da Copa 2014 em SP. Página de Facebook, 16 de junho de 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/comitepopularcopasp/photos/a.490179854345754.120135.237681839595558/791544644209272/?type=3&theater>

²⁴² BRILHANTE, Roberto. Em São Paulo, movimentos sociais promovem Copa Rebelde contra Copa de 2014. **Revista Fórum**. 17 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2013/12/17/em-sao-paulo-movimentos-sociais-promovem-copa-rebelde-contra-a-copa-de-2014/>

A presença dos moradores de rua usuários de crack na região é um dos principais entraves para sua valorização. Mas essa presença, em vez de ser tratada como um problema social e de saúde pública, tem sido criminalizada. (Fórum, 2013)

A segunda e a quarta edição da *Copa Rebelde* também aconteceram nesse local, sendo que a terceira aconteceu na favela do Moinho. Esse terreno ficava exatamente na frente do *Fluxo* da *Craco* da época – como é perceptível pela foto²⁴³ abaixo que mostra as *malocas* encostadas na grade do terreno/campo de futebol, com o *Fluxo* maior ao fundo, já entre a Rua Helvétia e a Rua Dino Bueno:

Figura 31 - Foto de divulgação da IV Copa Rebelde

O *Comitê Popular da Copa* entrou em contato com ativistas que atuavam com xs usuárixs de crack da região para incluí-los nos jogos de futebol, afinal, os debates em torno das políticas higienistas e violentas na *Cracolândia* também faziam parte da pauta desse movimento. O É de Lei inscreveu um time com as pessoas que trabalhavam e frequentavam o Centro de Convivência da ONG e o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR)²⁴⁴ também inscreveu um time e participou das atividades.

²⁴³ Essa foto está publicada como divulgação da *IV Copa Rebelde* em Comitê Popular da Copa 2014 em SP. Página de Facebook, 16 de junho de 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/comitepopularcopasp/photos/a.490179854345754.120135.237681839595558/801977873165949/?type=3&theater>. O evento que chama para a IV Copa Rebelde também está disponível no facebook com o nome “IV Copa Rebelde dos Movimentos Sociais, Porque em SP, Só o Amor Não Basta”, disponível em: <https://www.facebook.com/events/718601578220830/>

²⁴⁴ Foto com algumas pessoas do time do MNPR na Copa Rebelde disponível em Comitê da Copa 2014 em SP. Página de Facebook. Álbum II Copa Rebelde dos Movimentos Sociais. 194 fotos. Disponível em: <https://scontent.fcj1-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0->

Retornamos aos acontecimentos do dia 5 de janeiro, que são o fio condutor deste subcapítulo. A reunião emergencial que se formou na calçada neste 5 de janeiro me parece um elemento constitutivo da atuação da *Craco Resiste*, tanto por sua forma urgente e improvisada, como pelas boas ideias que dela saíram (que no caso foi o Churrascão), mas também pelo constante pânico que se instaura quando a esperada “operação policial” parece iminente. Esse pânico tem um caráter muito mobilizador para as pessoas que, no fundo, se reuniram nesse Coletivo por causa da operação que o prefeito Doria já havia prometido reiterada vezes desde sua campanha eleitoral. Primeiro, ela aconteceria em janeiro, depois, recuou para abril, e enfim, para o segundo semestre, mas acabou acontecendo no dia 21 de maio de 2017. Esta megaoperação, mesmo que não tenha acabado com a *Cracolândia* como o poder público anunciou, foi uma divisora de águas porque transformou muito a dinâmica, não só do *Fluxo*, mas também da resistência, que perdeu parte desta força que a espera pela ação mobilizava.

A “intimada” que xs ativistas levaram do Zé também carrega algumas reflexões para além das já indicadas. Considero interessante o diálogo que tivemos sobre viver um dia de cada vez, até por ser um modo de vida que muitos da *Craco* relatam compartilhar. Esse diálogo expõe, para além de uma lógica recorrente ali que prega que “*pergunta não faz curva*” e, portanto, devem ser respondidas quase que literalmente, traz essa questão do imediatismo na vida das pessoas em situação de rua, que muitas vezes se mobilizam por alguma necessidade imediata (NASSER, 2016, p. 122). Questões que demandam *corres* imediatos – como comer, beber água, ir ao banheiro, fumar um cigarro, usar sua(s) substância(s) de preferência ou conseguir algum recurso com capacidade de troca para qualquer uma dessas necessidades consideradas básicas ali – ocupam grande parte do cotidiano, muitas vezes a maior parte dele. Esse elemento é importante para pensar propostas de cuidado, sendo que o melhor exemplo que conheço nesse sentido é o “bar público” de Vancouver (Canadá). Em suas aulas para xs profissionais do DBA a Liz Evans, enfermeira e referência internacional em RRD e uma das formuladoras das políticas de atenção às pessoas em situação de rua e/ou usuárias de drogas do Canadá, mencionou essa iniciativa como um exemplo no sentido de intervir nessa dinâmica do cotidiano vivido no imediatismo.

Evans contou que nesse “bar público” as pessoas atendidas passam por um médico que lhes receitava, a partir do relato singular sobre o uso cotidiano, uma quantidade de doses

diárias que poderiam pegar no bar da instituição, de acordo com o padrão de uso de cada um, sendo que as doses são servidas com um intervalo de tempo prescrito. Esse espaço de consumo subsidiado de álcool conta com profissionais, como assistentes sociais, que oferecem uma gama de possibilidades de cuidados e constroem vínculos com xs frequentadorxs. Liz contou que no começo xs usuárixs do serviço ficavam muito no espaço, pois não queriam perder a oportunidade de beber gratuitamente, mas que com o tempo muitas pessoas passaram a frequentá-lo de forma mais esporádica e relatavam que com a bebida garantida podiam fazer outras coisas com seu tempo, contavam que antes do “bar público” passavam quase que todo o dia em torno de suprir sua necessidade de consumo de álcool – que é uma necessidade básica para um(a) alcoologista.

Considero esse um bom exemplo para lidar com o imediatismo da vida de quem está em situação de rua. Com tempo para outras circulações, muitas pessoas, segundo Liz Evans, relataram diminuição no seu padrão de consumo de álcool. Outra questão que ela relatou como ponto positivo é que os furtos diminuíram drasticamente nos arredores do “bar público”, com uma redução ainda maior no período da manhã. Essa queda nos furtos, para Evans, se deve ao fato de que muitas pessoas que fazem uso problemático de álcool acordam tremendo e precisam usá-lo para que a tremedeira passe (o que na *Craco* chamam de acordar batendo pandeiro) e acabavam fazendo furtos no período da manhã para resolver essa questão física. Com a possibilidade de acesso gratuito à bebida, a motivação para furtos havia acabado e os índices de criminalidade, portanto, diminuíram. Só por estarem tomando um álcool de melhor qualidade do que, via de regra, se tem acesso quando em situação de rua (como o *corote* que o Zé e sua companheira tomavam) já seria uma RRD interessante, mas os outros elementos que Evans trouxe colocam a potência dessa proposta de cuidado em outro patamar. Este tipo de exemplo internacional poderia ser levado em conta ao se pensar possibilidades para a *Cracolândia*.

Outro elemento que o Zé traz é o discurso, que depois coloca em contradição, sobre ser do PCC (Primeiro Comando da Capital). É bastante comum que as pessoas ali digam que são do *Comando*, mas também é comum a observação que o Zé faz de que ser usuário de crack impede de sê-lo. É possível afirmar que a grande maioria dxs frequentadores da *Craco* não são do *Partido*, é inegável, porém, que *procederes* legitimados pela existência do PCC se fazem presentes – a transcendência do *Comando* da qual fala Biondi (2009, p.7). Além disso, grande parte dxs vendedorxs de drogas dali que conheço são, com certeza, usuárixs de crack. Essas contradições e até mesmo a forma peculiar de funcionamento do *Comando* na *Cracolândia* podem ser compreendidas com auxílio das descrições feitas por Karina Biondi

que anunciam que o PCC é constituído por relações travadas artesanalmente a partir de orientações e procedimentos que não podem ser confundidos com leis ou regras. A autora sugere que o alcance e potência do *Partido* tem relação com esse funcionamento que não é jurídico, não funciona a partir de regras estáticas, mas a partir de *ideias* que têm agência, autonomia e que dependem das interações em jogo:

No decorrer de minha pesquisa, venho descrevendo como o Primeiro Comando da Capital (PCC) é constituído por relações que são travadas artesanalmente, em escalas microscópicas. A existência do PCC depende dessas relações, é sustentada por elas. De acordo com essa perspectiva, as coisas não se dão de outra forma senão na medida em que vão acontecendo. Não há teleologia. Tudo está em constante transformação, negociação, discussão. Pois essas relações que garantem a existência do PCC são relações políticas, de uma política que nada tem a ver com política partidária, mas que diz respeito ao modo como os prisioneiros conduzem suas existências e suas lutas.

Podemos encontrar, nessa política do PCC, orientações e os procedimentos que não podem ser confundidos com leis, regras, ordens ou julgamentos. Traduzi-los dessa forma consistiria em aplicar metáforas que, ao invés de auxiliar, prejudicariam a análise, pois conduzem a um espelhamento do Estado, forma social conhecida. Ao abandonar essas metáforas, é possível enxergar um PCC que não funciona na chave jurídica, onde não existe um código ou leis e punições prescritas àqueles que as transgridem. O que existe é um debate incessante sobre “o que é o certo” e sobre como conduzir suas existências “pelo certo”. O que existem são idéias cujo nascimento e morte dependem das forças que operam em sua produção, manutenção, replicação, interrupção, transformação. Elas possuem agência e sua autonomia, alcance e potência também dependem das interações em jogo e de como são nutridas (no sentido de mantidas vivas). (O Consumo de drogas no PCC – Entrevista concedida para o Coletivo DAR; 2011²⁴⁵)

Ativistas da *Craco Resiste* geralmente afirmam que ali quem fala que é do PCC não é, mas quem não fala pode ser (mas provavelmente nunca saberemos). O Zé não era, mas falou que sim para, possivelmente, chamar atenção e legitimar seu interrogatório. Quando conseguimos nos desvencilhar do Zé refletimos juntxs se entrávamos para o *Fluxo* para continuar a vigília, porque naquele dia, até então, só tínhamos chego na borda, ou se iríamos embora. Um dos ativistas estava muito receoso, sua preocupação se expressava com a afirmação “todo mundo está de olho na gente”. Perguntei se estava falando da polícia ou dos *manos* do *Fluxo* e ele respondeu que estava com receio dos *manos*. Comentei que tinha a impressão que a galera dali é menos organizada do que esse ativista estava achando, mas mesmo assim resolvemos encerrar nossa vigília do dia por ali. Fomos tomar uma cerveja e conversar no *Amarelinho* até que o cansaço bateu. Era cerca de meia-noite e meia quando nos despedimos e fomos acompanhar um jornalista e apoiador do movimento, que precisava pegar

²⁴⁵ Ver DAR. Cartas Na Mesa: consumo de drogas na política do PCC. **Coletivo Desentorpecendo a Razão**. Publicado em março de 2011. Disponível em: http://coletivodar.org/2011/03/cartas-na-mesa-consumo-de-drogas-na-politica-do-pcc/#_ftn2.

seu carro no Largo Coração de Jesus. O Escobar sugeriu que fossemos por dentro do *Fluxo*, primeiro argumentou que, assim, pelo menos “dávamos as caras” naquele dia, que o estar no cotidiano era importante para legitimar a *Craco Resiste*. Pouco depois, no entanto, ele acabou admitindo que sua vontade de ir pelo *Fluxo* era porque “a gente não resiste”. Comentamos que, como muitos dizem, a *Cracolândia* é um imã e, corroborando com tal argumento magnético, decidimos passar por dentro do *Fluxo* para ir buscar o carro.

Entramos na Alameda Dino Bueno pela calçada da direita, que era o lugar por onde passávamos com militantes ainda pouco conhecidxs no território – como era o caso do jornalista. Assim que entramos no *Fluxo* um menino com o cachimbo na mão veio oferecer maconha e crack. Diante de nossa recusa, começou a perguntar quem “a gente era”. Eu não dei muita atenção para ele, talvez porque a conversa com o Zé tenha sido exaustiva. Expliquei superficialmente sobre a *Craco Resiste* e as vigílias culturais. Continuamos andando na calçada até a *maloca* do Montanha. Conversamos um pouco com o Montanha e com os demais que ali estavam, mas explicamos que estávamos cansados, então nos despedimos. Já estávamos saindo pelo Largo do Sagrado Coração de Jesus quando vieram me avisar que o *Bigode* estava muito mal e tinha me procurado mais cedo – ele é um exemplo de usuário que trabalha vendendo crack nas *bancas* do corredor do meio da Alameda Dino Bueno. Dado a preocupação, deixei os meninos na *maloca* do Montanha, disse que voltava rápido e fui ao encontro do *Bigode* (este é o tipo de evento que demonstra a dificuldade de ir embora do *Fluxo*). Ele realmente estava mal. Dois meses antes o acompanhamos no desfecho de um longo processo que ele construiu para sair da *Cracolândia* – do uso e da venda. Quando ele se sentiu pronto para tamanha mudança na vida o levamos para casa de seus pais, em um bairro da elite paulistana. Ele ficou sem usar crack por cerca de dois meses, até que sua mãe descobriu uma traição, seu pai tentou se matar e a família toda se mudou para um país na Europa, mas ele não pode ir junto porque uma dívida financeira que ainda tinha com a justiça lhe impedia de tirar o passaporte. Ele, então, voltou para a *Cracolândia* para tentar “levantar essa grana” e poder se mudar com a família – neste dia ele estava muito mal porque tinha intensão apenas de vender, mas tinha voltado a usar crack.

O *Bigode* vem de uma família com condições financeiras acima da média da população da cidade. Quando ainda estava na escola começou a vender drogas para “ganhar um dinheiro” e ter acesso a coisas que seus amigos tinham, mas ele não. Depois de uns anos ele começou a ir para Europa e voltar com uma quantidade maior e mais variada de substâncias – que o levou preso algumas vezes, sendo que a última por tráfico internacional, o que lhe rendeu vários anos *guardado* e traumas para a vida toda. Quando saiu da cadeia ficou

cerca de um ano tentando fazer outras coisas da vida, mas não conseguia empregos que lhe sustentassem e resolveu voltar a vender drogas para poder pagar a dívida (em dinheiro) que ainda tem com a justiça – com esta dívida em aberto ele não pode sair do Brasil e sua família já planejava ir morar na Europa. Ele contou que a diária para montar uma *banca* na *Craco* era de R\$150 (o que, segundo ele, é barato para um ponto com tanta circulação), mas que ele não pagava porque quando chegou querendo trabalhar explicou sobre o acerto financeiro que ainda tinha que fazer com a “justiça” e foi permitido montar sua *banca* sem o custo da diária. Ele afirmava que mais pessoas deveriam usufruir deste tipo de *assistência*, dizia que ali era um lugar para quem saiu da cadeia poder se levantar financeiramente. Taniele Rui, corroborando com essa hipótese²⁴⁶, também apontou a Cracolândia como “um lugar de negociação que favorece empreendimentos, uma “terra de oportunidades”” (RUI, 2014, p. 257).

Bigode dizia nunca ter entrado para o PCC, nem mesmo quando estava preso, porque achava muito alto o custo pessoal de “*estar dentro*”. Neste dia que fui encontrá-lo porque estava mal ele me disse que a pessoa responsável pelo cadastro de novas *bancas* era a pessoa sentada na *banca* ao lado da sua. Enquanto a do *Bigode* tinha menos de dois metros e só vendia crack, a *banca* ao seu lado devia ter uns cinco metros e consistia em um tablado de madeira com crack, maconha e uma balança. Ao que pareceu, ela era realmente a responsável pelo cadastro de novas *bancas*, porque enquanto estávamos ali duas famílias vieram lhe pedir para começar a participar da venda ali. As famílias (uma eram três irmãos e a outra o pai e um filho) contaram para a pessoa responsável das necessidades pelas quais estavam passando, falavam do número de filhos que tinham para cuidar e das suas dificuldades pessoais e financeiras. As duas famílias foram convidadas a começar o trabalho no dia seguinte e não ouvi nada no sentido da cobrança de um aluguel. Os discursos e os traços de sofrimento sociais que estas famílias traziam como argumentos apontam em sentido oposto às informações divulgadas por parte das empresas de comunicação, como a matéria da Istoé intitulada “PCC domina Cracolândia, vende 19 kg de droga por dia e cobra R\$ 80 mil por ponto”²⁴⁷. Essas famílias não pareciam ter R\$80 mil reais em seu horizonte, muito menos

²⁴⁶ Na passagem a autora não está falando sobre a oportunidade dada para as pessoas que vão comercializar crack nas bancas, mas de pequenos comerciantes que vendem *biricos* (que são lascas de crack). Mas a ideia de uma “terra de oportunidades” me parece corroborar com o que o Bigode está falando nessa passagem.

²⁴⁷ ESTADÃO CONTEÚDO. PCC domina Cracolândia, vende 19kg de droga por dia e cobra R\$80 mil por ponto. **Isto é**. Geral. 12 mai 2017. Disponível em: <http://istoe.com.br/pcc-domina-cracolandia-vende-19-kg-de-droga-por-dia-e-cobra-r-80-mil-por-ponto/>

como uma despesa fixa, assim como outras pessoas com quem convivi na *Cracolândia* e que tinham *bancas* – como o próprio *Bigode* que deve R\$10 mil para a justiça e não consegue pagar. Esse papel assistencial que a *Cracolândia*, de alguma forma, parecia cumprir, é algo interessante que precisa ser pesquisado e pensado mais profundamente até porque revela os limites da assistência oferecida pelo Estado.

O *Bigode* me apresentou para a pessoa que fazia os cadastros das novas *bancas* e eu lhe expliquei sobre a *Craco Resiste*. Ao longo dessa conversa falei muito sobre DH, sobre o trabalho da RRD e nossa atuação no sentido do cuidado dxs usuárixs, mas realmente dei ênfase sobre sermos um movimento contra a violência policial. Em nenhum momento ele foi ríspido, falou em tom de intimidação ou quis se aparecer e chamar a atenção, como fez o Zé. Muito pelo contrário, ele era calmo e não parecia estar dando tanta importância assim para a nossa atuação e formulações. Ele também não citou o PCC. Conversamos mais um tempo, ele parecia muito tranquilo com a conversa, em nenhum momento colocou em dúvida aquilo que lhe dizia e quando citei DH para falar de nossa atuação ele falou para uma pessoa próxima que isso era importante, que tinha entendido com o filme *Tropa de Elite* que os DH *correm junto*.

Aí, então, outra pessoa chegou na *banca* que estávamos e, de forma ríspida, foi me questionando: “você é daquele negócio da assistência social na [rua] 24 de Maio, né? Pode avisar que se aqueles manos que ficam no andar de cima que se vierem aqui eu vou espancar, vou mandar levarem ele para o quartinho e vou deixar matar”. Falei que não era, mas ele disse que lembrava de mim lá, que eu lhe cumprimentava de beijinho no rosto. Expliquei que tinha sido demitida, mas que ele devia estar enganado, que as pessoas do É de Lei são *firmeza* e não mereciam o ódio que ele estava expressando. Insisti um tempo para conseguir que ele me explicasse da onde vinha sua raiva e, então, ele contou que quando saiu da cadeia precisava prestar serviço comunitário e foi, por proximidade, indicado para fazê-lo no É de Lei. Eu então afirmei que, com certeza, no É de Lei era *mais de boa* do que em qualquer outro lugar e ele concordou, mas disse que um dia o chamaram “lá em cima” (administrativo da ONG) e lhe falaram que tinham cortado a prestação de serviço para ex-presidiário e ele teve que “ir pra puta que pariu limpar banheiro” – por isso seu ódio. Ele contou sobre sua vontade de vingança, disse que se determinadas pessoas do É de Lei fossem à *Cracolândia* ele ia mandar matar, mas ninguém parecia estar levando a sério as suas ameaças e as outras pessoas que estavam na *banca* o olhavam com certo desdém. Dado o desdém dos demais achamos que não eram tão reais suas ameaças, mas mesmo assim o Escobar ficou responsável de conversar com a equipe do É de Lei, em especial as pessoas que ele tinha descrito como seus alvos

prioritários de ódio, para alertar sobre a necessidade de um cuidado a mais. Depois disso tudo e de eu já ter feito um acolhimento com o Bigode que chegou a usar meu celular para mandar mensagens para sua mãe, expliquei que precisava ir embora e me despedi.

Esta passagem pela *banca* daqueles que, no fim, avaliamos que eram importantes para a venda de drogas local, traz alguns elementos interessantes para reflexão. Parece-me importante reafirmar que mesmo essas pessoas, as de maior poder local dentre todas que já conheci na *Cracolândia*, não se encaixavam no estereótipo do traficante construído como inimigo nacional. Corroboro com a hipótese, já muito afirmada pela militância e por alguns usuárixs, de que os verdadeiros traficantes não estão ali, não se submetem àquele espaço povoado de miséria, não ficariam expostos no meio da rua. Ativistas constantemente afirmam que xs realmente perigosxs, que ganham muito com a proibição, muitas vezes fazem parte da política nacional e possuem helicópteros²⁴⁸ que transportam quilos de cocaína. Outro elemento que chama a atenção é esse lugar assistencial do cadastro das *bancas* de venda de ilícitos, que até então nós não sabíamos como funcionava.

Também chamou atenção a legitimidade do termo “Direitos Humanos”. Uma expressão que, até esse dia, eu não imaginava que tinha um lugar consolidado de legitimidade e aliança com as pessoas envolvidas com o universo do ilegal e, muito menos, que o filme *Tropa de Elite* tinha sido importante para esse lugar. Outras pessoas que frequentam a *Craco* me confirmaram, após questioná-las sobre o assunto, que o filme de José Padilha havia sido importante para difundir e legitimar os defensores de direitos humanos como aliados. Depois disso, comecei a usar mais esse termo para explicar quem somos para as pessoas da *Craco*. É interessante que os tais DH são, muitas vezes, personalizados e corporificados, sendo comum, principalmente em momentos de ação policial, que usuárixs comemorem nossa presença

---

²⁴⁸ Em 24 de novembro de 2013 a PF interceptou em Minas Gerais (MG) um helicóptero com 450 quilos de cocaína que é de uma empresa do Gustavo Perrella (deputado estadual de MG pelo partido Solidariedade, filho do senador Zezé Perrella). Horas antes da apreensão o helicóptero parou para abastecer na fazenda da família do Aécio Neves, mas nem ele e nem o Gustavo Perrella (proprietário do helicóptero) foram citados na denúncia à justiça, só foram citados e interrogados pela justiça o piloto, o copiloto e os dois carregadores que estavam no flagrante, mas mesmo eles responderam em liberdade e até hoje ninguém foi preso – algo bastante contrastante com a realidade da *Cracolândia* onde as pessoas são presas cotidianamente com poucas gramas. O dono do helicóptero, Gustavo Parrella, é secretário de futebol do atual governo federal (gestão Temer). Matérias sobre o caso: BALZA, Guilherme. PF apreende 45kg de cocaína em helicóptero da família de senador de MG. **UOL Notícias**. Política. 25 nov 2013. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/11/25/pf-apreende-450-kg-de-cocaina-em-helicoptero-da-familia-perrella.htm> ; REVISTA FÓRUM. Caso do helicóptero da cocaína completa 3 anos e ninguém é preso. **Pragmatismo Político**. 24 nov. 2016. <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/11/helicoptero-cocaina-3-anos-ninguem-preso.html> ; CHEREM, Carlos Eduardo. Acusados de transportar cocaína no helicóptero de Perrella são soltos. **UOL Notícias**. Cotidiano. 08 abri 2014. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/04/08/acusados-de-transportar-cocaina-no-helicoptero-de-perrella-sao-soltos.htm>

falando para os policiais que “os Direitos Humanos estão aqui”, ou que “chegaram os Direitos Humanos” – algo que a militância aponta como uma das motivações para as vigílias, porque a presença de ativistas, que são de outras classes sociais, têm outras articulações e legitimidades (além de celulares que filmam), muitas vezes diminuem a violência e/ou os abusos policiais. Não deixa de ser incômodo, porém, que os [supostos] direitos só existem, e ainda assim de maneira bem restrita, quando “outrxs”, que não estão em situação de rua, estão presentes.

Por fim, cabe comentar sobre as ameaças que foram feitas a algumas pessoas do É de Lei, sendo que alguns dos citados são redutores de danos considerados, tanto pela militância, quanto por trabalhadorxs e usuárixs, como parceirxs e com vínculos no local e contam com anos de convivência e atuação ali. O fato das ameaças não terem sido legitimadas pelas outras pessoas presentes nos tranquilizou, mas mesmo assim nos mobilizamos para conversar com os redutores no sentido do cuidado. Eles não deixaram de ir à Campo. Acredito que tais ameaças não tiveram nenhuma consequência²⁴⁹, mas esta passagem nos ajuda a refletir sobre as legitimidades de atuação na *Cracolândia*, que são fluidas e se transformam tão rapidamente quanto a dinâmica local – velocidade já comentada neste capítulo. Outro elemento que esta passagem nos traz é a ineficácia dos ditos “trabalhos comunitários” que, muitas vezes, como no caso citado, só servem para ampliar o ódio e a sensação de humilhação – coisas que pessoas que passam pela experiência do cárcere já têm de sobra e que não parecem positivas e/ou construtivas.

O relato e as reflexões a partir do que aconteceu nesse dia 5 de janeiro terminam por aqui, mas a quantidade de coisas que aconteceram nessas poucas horas, assim como a potência de suas reflexões, pode ajudar a desenvolver compreensões mais amplas e complexas sobre esse território. A velocidade das transformações nesse espaço vai além da capacidade de registro desta dissertação de mestrado, mas permite a descrição e discussão de coisas – como da dinâmica das *bancas* – sem expor pessoas e suas formas de organização, afinal ambas já mudaram, e muito, desde que esse episódio aconteceu.

Para além do que aconteceu neste dia e foi relatado e aquilo que aconteceu e nem foi visto, ainda existem os desdobramentos dos acontecimentos vivenciados pelxs ativistas. No dia seguinte (sexta-feira), Agostinha, a enfermeira que acompanhou de perto todo o processo de óbito na tenda, ligou-me e novamente contou que tudo que podia ser feito no sentido do cuidado e de reanimação tinha sido feito de forma multidisciplinar e com múltiplas

---

²⁴⁹ Um dos trabalhadores do É de Lei, que foi citado pelo *mano* que estava com raiva, foi assaltado nas mediações da *Cracolândia* e disse que teve sua abordagem amenizada quando falou que atuava junto com a *Craco Resiste*, as pessoas de laranja, a “loirinha”. Minha impressão, porém, é que tal abordagem não tenha relação específica com as ameaças relatadas, mas com a câmera fotográfica que o trabalhador tinha em mãos.

instituições trabalhando conjuntamente – o DBA da prefeitura, o Programa Recomeço do governo do Estado, o corpo de bombeiros, a GCM e a PM – algo que a impressionou positivamente, mas lhe trazia uma reflexão angustiada de que a potência dessa articulação poderia ser melhor aproveitada no sentido do cuidado com as pessoas da *Craco* também em outros casos, para além de situações limites como esta. Nessa ligação, Agostinha me contou que quem havia falecido era o Aureliano, conhecido no *Fluxo* como Aurélio, Lelo ou Sambista. Disse ainda que não haviam conseguido nenhuma documentação dele e que o corpo estava no IML. Só haviam descoberto o nome porque, como tinha *passagem*, as digitais estavam registradas no sistema da polícia, mas que não tinham contato de nenhum familiar. Aí compreendi que o aperto no peito que sentia não era apenas medo da violência policial iminente. O Sambista era alguém muito próximo aos ativistas da *Craco Resiste*, figura central na maioria dos sambas que fizemos no *Fluxo*. Era um dos bons amigos que a *Cracolândia* tinha nos dado.

Depois dessa ligação, uma série de articulações foram feitas: liguei para o Escobar, que era quem havia me apresentado o Aurélio e já o conhecia há anos, desde quando trabalhava pelo Projeto Oficinas na Zaki Narchi (albergue na zona norte onde o Sambista morava antes de chegar na *Craco*). Ficamos com medo que ele fosse enterrado como indigente e fomos até o IML reconhecer o corpo. Porém, descobrimos que só poderíamos reconhecer depois de 48 horas, caso ninguém da família aparecesse. Resolvemos que conseguir o contato da família era central naquele momento. Muitas ligações foram feitas, mas só realmente encontramos uma forma de contatá-la no sábado, quando o Escobar conseguiu que um amigo dele, que tinha acesso aos documentos da Zaki Narchi, achasse sua ficha. Com o telefone em mãos ligamos, no sábado mesmo, para a família do Sambista. Foi muito difícil e comovente esse processo para todos envolvidos. Reproduzo um texto que o Escobar postou no Facebook sobre esse dia o que ajuda a exemplificar como a militância na *Cracolândia* mexe profundamente com as pessoas:

Desde que comecei a trabalhar com usuários de droga e álcool, achava muito parecida as histórias que eu ouvia com o meu histórico familiar. Apesar de meu pai biológico e meu vô por parte de mãe tenham sido alcoólatras, este histórico ficava mais como um relato de minhas origens e menos de fatos vividos mesmo, afinal, nunca tive contato com o meu pai biológico e meu vô sumiu por volta dos meus 10 anos de idade. Apesar de tudo que vivo na Cracolândia, as histórias contadas pelos outros sempre eram histórias, tais como a do meu pai biológico e do meu vô, deste modo, nada destas histórias afetavam à mim mesmo. Há alguns anos, não lembro como, me falaram que meu vô morreu como indigente, essa história para mim foi como ouvir que isso aconteceu com um desconhecido, você fica abalado, triste, mas nada muito além disso. Ontem, um amigo meu morreu na Cracolândia, a Robertinha

ficou muito mal, e junto com ela fomos tentar um modo que ele não fosse enterrado como indigente. Para isso fomos ao IML (lugar que nunca tinha entrado com este motivo), fomos perguntar sobre o Aurélio, o sambista, pessoa com quem fiz samba nos últimos 2 ou 3 anos. De repente, eu percebo que toda a história que estava ouvindo era muito parecida com a história do Hélio (meu avô). Alí, descobri que indigente era enterrado no cemitério de perus, mas que havia uma placa com o nome da pessoa, descobri também que mesmo que a pessoa não vá com RG, o IML tira as digitais para descobrir o nome. “Será que eu consigo descobrir onde está meu vô?”, acho que esta foi só uma passagem que teve na minha cabeça naquele momento. Mais aliviados, conseguimos descobrir o procedimento para evitar que o Aurélio (o Sambista) fosse enterrado como indigente, no caminho até contei para a Rô sobre meu histórico familiar e o álcool. Sinceramente, não achei que estivesse abalado com isso, mas eu queria saber o nome completo do meu vô. Hoje acordei às 8 da manhã, dormi 4 horas apenas, ouvi que minha mãe estava na sala, tinha acabado de voltar de viagem, ela foi para Alagoas, entre passeios para lá e para cá, foi conhecer a cidade natal da minha vó. Enquanto as duas conversavam sobre a cidade da família e suas mudanças, eu perguntei onde minha vó conheceu o meu vô. É bom saber que o assunto do meu vô sempre é muito difícil, como a história de qualquer dependente de álcool, acabou estragando diversos laços familiares entre eles, com a minha mãe. Elas logo quiseram voltar ao assunto do passeio, e eu perguntei se sabiam onde ele estava enterrado, mais uma vez as duas não queriam falar disso, minha mãe me questionou o porquê do assunto, na primeira sílaba pra falar sobre o Aurélio, comecei a ter uma crise de choro que não conseguia nem explicar o porque queria saber, mas além disso, não sabia o porque do choro. Entre soluços e lágrimas, consegui explicar sobre o Aurélio, sobre como era triste morrer como indigente e como esta história se parecia com a do Hélio. E como as histórias são parecidas... Nunca imaginei que uma história mexeria comigo em tantos lugares; no lugar do trabalho, no lugar da amizade e no lugar do sangue. O choro era pelo Aurélio, e o choro era pelo Hélio. Eu, provavelmente, nunca saberei muito da história do Hélio, mas um passo importante para finalizar a história dele eu consegui: Hélio Martins Rosa (mais um nome comum no Brasil), quem sabe eu consiga um dia me despedir. Obrigada, Aurélio. Pelo samba, pela amizade, pela confiança e pelo meu avô.

Nesse sábado (7 de janeiro), logo depois que falamos com a mãe de do Aureliano e suas irmãs pelo telefone, fizemos um samba em sua homenagem no *Fluxo da Craco*, mais especificamente na *maloca* do Denis – local que ele frequentava e onde já havíamos feito muitos sambas juntxs. A divulgação²⁵⁰ desse samba em sua homenagem na página do Coletivo foi acompanhada de um texto (que reproduzo abaixo) e de um vídeo que mostrava algumas fotos que tínhamos do Lelo com uma gravação, à capela, de uma adaptação da música “Silêncio no Bexiga” de Geraldo Filme:

#SP Hoje faremos o Samba em homenagem ao Sambista, também conhecido como Aurélio, Lelo, o Aureliano Aparecido Pereira Dias, que faleceu na noite de quinta-feira, 05.01.2017, na Craco.

Ele se foi dormindo e sorrindo, assim que seu coração deu parada cardíaca. Teve toda a assistência da enfermeira Agostinha Oliveira que fez a massagem cardíaca e teve auxílio de um médico que chegou e o entubou, mas ele já havia partido.

Seus amigos e familiares choram a perda de alguém que tanto amamos!

Amanhã no Churrascão na Craco - Morador de Rua Não é Lixo ele também estará presente na música, nas lembranças e no amor de cada um de nós! Venha compartilhar e sambar junto, o samba sempre foi a tristeza em ritmo de alegria,

²⁵⁰ **O Sambista.** A Craco Resiste, 1'35''. Vídeo de divulgação publicado por A Craco Resiste. Página de Facebook. 7 de janeiro de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/ACracoResiste/videos/1788044294780276/?autoplay_reason=gatekeeper&video_container_type=0&video_creator_product_type=2&app_id=2392950137&live_video_guests=0

assim faremos pela memória de Lelo, mas também em defesa de todas as pessoas que ali estão! A Craco Resiste!
Aurélio: PRESENTE!

Figura 32 - Fotograma do vídeo de divulgação do Samba em homenagem ao Aurélio

“Silêncio, o sambista está dormindo, ele foi, mas foi sorrindo, a notícia chegou quando anoiteceu, escolas, eu peço silêncio de um minuto, hoje a Craco está em luto, o apito do Aurélio emudeceu” – essa música, que foi divulgada no vídeo, abriu o samba em sua homenagem no *Fluxo*. Esse samba durou o tempo de uma vela, acesa ali mesmo, no chão da *Craco*. Ao lado da vela foram colocados um copo d’água e um de cachaça e o samba correu solto, com muitas pessoas emocionadas, muito choro, mas também muita alegria nesse ritmo que consegue falar em melodia alegre sobre as tristezas da vida. Na reunião da *Craco Resiste* que aconteceu em 26 de dezembro de 2016 o Movimento Autônomo pela Educação (MAE) tinha se comprometido a fazer uma roda de conversa, nesse mesmo dia 7 de janeiro, sobre educação popular, mas nós esquecemos completamente e ficamos apreensivos quando os militantes desse movimento chegaram e tivemos que explicar que não aconteceria uma roda de conversa, mas um samba. Eles, humildemente, concordaram em participar do samba e depois nos agradeceram muito pela experiência. Nos disseram que foram com a pretensão de dar uma aula, mas receberam uma, não só de percussão, mas de formas de atuar, de vivenciar a prática de construção autônoma, que isso que era realmente freireano. O enterro do Sambista aconteceu no mesmo dia que o *Churrascão* na *Craco*, divulgado junto com o vídeo que o homenageia. Compareceram ao enterro mais de trinta pessoas, muitas delas nos agradeceram por termos avisado, outras, porque evangélicas, olhavam feio para meus patuás. No *Churrascão*, fizemos samba em sua homenagem e passamos sua foto – talvez tenham rolado mais lágrimas na *Craco* que em seu enterro.

7. Consequências da atuação da *Craco Resiste*

Este capítulo, que se divide em dois, expõe algumas consequências da atuação da *Craco Resiste*, em especial na vida de duas pessoas que o movimento conheceu no *Fluxo*: o Patolino e o Cadu. A trajetória do Patolino, em especial a partir do momento que ele passa a se relacionar com xs ativistas e constituir o movimento, é um exemplo de como a militância tenta construir na prática a ética de RRD. O Patolino se aproxima da *Craco Resiste* através das rodas de Capoeira que chegaram a acontecer semanalmente no *Fluxo* como parte das vigílias culturais. Ele logo passou a ser protagonista destas atividades e propôs sua ampliação para que, além das rodas, acontecessem treinos de Capoeira. Esses treinos tiveram diversas consequências na organização da vida do Patolino. Ele deixou de estar em situação de rua e numa vivência constante e profunda do *Fluxo* para se reconhecer, e ser reconhecido, como professor de Capoeira (com residência fixa). Isto se deu em um processo não linear e cheio de erros na perspectiva do manejo do cuidado, mas que conseguiu articular uma rede singular e exitosa dentro das diversas limitações que a *Craco Resiste* e suas/seus ativistas têm. O caso do Patolino permite que vários debates e pressupostos da prática da RRD sejam retratados.

O caso do Cadu, por outro lado, é um exemplo bem menos exitoso das consequências da atuação da *Craco Resiste*. Este subcapítulo começa relatando uma noite de vigília que ele nos acompanhou e trouxe diversos elementos: apresentou diversas questões interessantes sobre o uso de crack e heroína; debateu questões pertinentes e controversas em torno da RRD e dos Alcoólicos Anônimos; e gravou o vídeo que é, até hoje, a produção da *Craco Resiste* com maior repercussão – chegou até o programa “Fantástico” da Rede Globo, como ele mesmo profetizou que chegaria. A *Craco Resiste* se organiza a partir da aposta que os corpos dxs ativistas no território criam repercussões e impactos. A proposta é que esta presença seja positiva para xs usuárixs de crack, como a diminuição e contenção da violência policial, a disputa de narrativa no intuito de diminuir preconceitos, a produção de cuidado dentro da ética da RRD (como ocorreu no caso do Patolino), ou mesmo o acesso à atividades culturais. Nem sempre, porém, as consequências são previsíveis ou benéficas – uma decorrência do vídeo que a *Craco Resiste* produziu foi a morte do Cadu.

7.1 O Patolino, a Capoeira e a ética da Redução de Riscos e Danos

Plantamos meninos com sementes de banana
 Mungunzá verde servido em contêineres de aço
 Adubado com paçoca de cair os dentes
 Arame de cerca feito berimbau
 A velha infância balança debaixo daquela árvore
 Sabedoria apergaminhada na pele
 Quase tudo que esse louco fala é mais do que verdade
 De resto, são profecias roucas sem sentido imediato
 Conversa para acompanhar as cambalhotas no fim da tarde
 (Daniel Mello, 2017)

Decidi que a *Craco Resiste* seria um dos focos desta dissertação de mestrado por sugestão da Tamara Neder Collier²⁵¹, que é ativista do Coletivo, assistente social e especialista em RRD com uma longa trajetória, tanto nesse referencial ético de cuidado, quanto na *Cracolândia*. No dia que me fez essa sugestão conversamos muito sobre a RRD e a atuação da *Craco Resiste* e, a partir das reflexões que fizemos, a Tamara redigiu as conclusões que chegamos nessa conversa:

A potência da *Craco Resiste* está em ser um movimento social que tem como prática contribuir na construção e no fortalecimento da identidade das pessoas que vivem e frequentam a *Cracolândia* e, a partir daí, colaborar, em conjunto com xs usuárixs, na construção das estratégias de cuidado. A *Craco Resiste* se consolida como um dos agentes de redução de danos naquele território na medida em que utiliza como caminho para construção de sua prática a identificação dx sujeitxs como protagonista de sua própria história. Há, antes de mais nada, o respeito a realidade e a subjetividade das pessoas que ali vivem e a *Craco Resiste*, enquanto movimento social, se insere no território mais pra aprender com as pessoas que estão lá qual a estratégia de cuidado que funciona, do que propor um modelo pronto de cuidado e de metas a serem atingidas – como fazem os serviços de saúde e assistência social ao tentar enquadrá-lxs em modelos rígidos de tratamento com altos níveis de exigência, inclusive para o reconhecimento de mudanças nas suas relações com o mundo, com a droga, com a moradia ou com o trabalho.

Nesse sentido, entendemos que a superação da situação das pessoas que estão ali não vai ser dada através das estratégias ou soluções que o Estado tenta impor com intervenção dos trabalhadores da saúde, da assistência social ou da segurança pública, e sim através da auto-organização daquelas pessoas e do seu empoderamento como sujeitxs capazes de construir e elaborar estratégias de sobrevivência e de superação das dificuldades impostas pela desigualdade social. Acreditamos que a auto-organização é o caminho mais efetivo e sólido para a intervenção dx sujeitxs em sua própria realidade e a transformação da mesma na perspectiva da superação das situações ali colocadas. Entendemos que essa é uma questão central para a redução de

²⁵¹ Tamara concluiu em 2005 a graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Possui especialização em Psicodrama pela Federação Brasileira de Psicodrama, em parceria com PUC-SP. É pesquisadora do programa de pós-graduação do Serviço Social da PUC-SP concentrando-se na área dos Direitos Humanos, Redução de Riscos e Danos e consumo de drogas. Toma como objeto de sua pesquisa de mestrado a utilização de cachimbos e outros insumos para pessoas da *Cracolândia* paulistana. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Redução de Riscos e Danos trabalhando há oito anos como coordenadora do Projeto de Redução de Danos (PRD), no bairro dos Campos Elísios, Centro de São Paulo, nas cenas de consumo de drogas. O PRD utiliza como tática a distribuição de piteiras, protetores labiais (cocaína fumada, ou crack) e canudos descartáveis (cocaína aspirada).

danos. Ao nosso ver, a redução de danos é um paradigma ético na construção do cuidado onde x usuárix de drogas deve ser x protagonista da construção de sua realidade e das suas metas a serem alcançadas, trazendo para x mesmx a possibilidade de realizar uma leitura crítica de sua realidade, x instrumentalizando para uma compreensão mais política e ampla de sua vulnerabilidade e da necessidade de construção de estratégias individuais e, principalmente, coletivas para superação de suas dificuldades. (Caderno de Campo Coletivo²⁵², maio de 2017)

Essa ética de cuidado expressa a partir de nossa conversa e de sua experiência com a RRD é o que este subcapítulo pretende exemplificar expondo a construção da relação entre a *Craco Resiste* e o Patolino (Diego Tavares da Silva). Essa relação pode ser considerada um “caso exemplo” de cuidado construído pela *Craco Resiste*, inclusive porque se dá em uma rede com outras relações e Coletivos. Como qualquer processo, de cuidado e de existência, porém, está em movimento e em um fluxo contínuo de novas questões, riscos, dificuldades e possibilidades. Refletir sobre a trajetória do Patolino com a *Craco Resiste* parece essencial para exemplificar a possibilidade de transformação de modos de vida a partir de iniciativas coletivas de transformação social experienciadas em um movimento social orientado pela ideia de autonomia.

A principal tática de resistência da *Craco Resiste*, como já mencionado, foram as vigílias culturais feitas no *Fluxo*. As atividades organizadas foram plurais, mas começaram, principalmente, com manifestações culturais que já aconteciam ali antes desse Coletivo existir, como samba, churrasco e capoeira. Rodas de Capoeira na *Craco* já eram costumeiras antes dessas vigílias, tanto de forma auto-organizada (pelas pessoas que lá vivem), quanto em oficinas de ONGs e serviços públicos²⁵³, como o CAPS-AD III da Sé que em 2010 fazia semanalmente oficinas de Capoeira no *Fluxo* coordenadas pelo Osama (Marcel Segalla Bueno Arruda) que na época integrava a equipe do “*Caps na Rua*”²⁵⁴. O Mestre Baiano (Josoeil Vitalino) do Grupo Capoeira Malungo, uma referência importante para a Capoeira em São Paulo, também organizou, em diferentes momentos, oficinas e rodas de Capoeira na *Craco* – as rodas do Mestre Baiano Malungo voltaram a acontecer duas vezes por semana no *Fluxo* a

²⁵² Método deste Caderno de Campo Coletivo: o trecho acima foi escrito a partir de um áudio gravado durante essa nossa conversa que passou por várias questões, entre elas os diversos motivos que Tamara apontou para que o Coletivo fosse objeto de pesquisa desta dissertação de mestrado. A própria Tamara transcreveu tal áudio meses depois, ainda no processo de sua colaboração com essa dissertação que, mais uma vez, mostra sua faceta coletiva de construção de conhecimento.

²⁵³ Segundo o ex-trabalhador da região e militante da *Craco Resiste*, Marcel Segalla Bueno Arruda em 2011 havia um professor de Capoeira que ministrava aulas para crianças da região na base comunitária da GCM localizada no Largo Sagrado Coração de Jesus. Em algumas ocasiões Marcel e este professor fundiam as oficinas de Capoeira unindo os grupos de crianças e de pessoas do *Fluxo* em uma atividade maior e mais produtiva, no cruzamento da Alameda Dino Bueno e Rua Helvétia.

²⁵⁴ O “*Caps na Rua*” fez parte da concepção da política hoje conhecida como “*Consultório na Rua*”. Para saber mais sobre o “*Consultório na Rua*” acesse: BRASIL. Ministério da Saúde. Consultório na rua. Portal da saúde SUS. Departamento de atenção básica. Disponível em: http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_consultorio_rua.php

partir de junho de 2017. Essa manifestação da cultura negra também já foi muitas vezes usada pelos movimentos de resistência, como na manifestação “Especulação Extermina, BASTA de Trevas na Luz e em São Paulo”²⁵⁵, organizada pela articulação *Luz Livre* em 25 de janeiro de 2012, que começou na Catedral da Sé e terminou com uma roda de Capoeira na Rua Helvétia com a Alameda Dino Bueno.

Em janeiro de 2017, quando resolvemos que a roda de Capoeira seria uma das atividades das vigílias culturais, entramos em contato com as pessoas que já haviam feito esse tipo de trabalho ali para pedir licença – prática comum e bem vista dentro do universo da Capoeira. Este contato foi importante e tanto o Osama, quanto o Mestre Baiano Malungo, nos ajudaram com as rodas de Capoeira o que contribuiu, inclusive para uma maior aproximação deles com a *Craco Resiste*. A potência da Capoeira para constituir diálogo e vínculos na *Craco*, inclusive com pessoas com questões de saúde mental, já havia atraído minha atenção anos antes:

Hoje entreguei o berimbau que o Mestre Góes²⁵⁶ fez para o Tim [usuário e residente da *Craco*]. Cheguei com a beriba²⁵⁷ na mão e quando ele me viu, ainda com um quarteirão de distância, a emoção em sua face já era perceptível e quando o abracei, ele já chorava. Assim que lhe confirmei que era seu o berimbau ele olhou para o menino ao seu lado e pediu para que fosse correndo buscar os pandeiros e o outro berimbau em seu quarto [em um dos hotéis sociais do DBA]. O menino levantou e saiu correndo sem questionar. O Tim armou seu novo berimbau, um gunga²⁵⁸, elogiou seu timbre e as pinturas que o ornavam. Assim que o menino chegou com dois pandeiros e outro berimbau o Tim distribuiu os instrumentos e saiu andando para o meio do *Fluxo* onde, depois de afastar algumas pessoas, começou a tocar e, sem que ele dissesse uma palavra, a roda se formou. Logo vários capoeiristas, guiados pela ladainha, chegaram (...). Um senhor de sunga, com várias correntes penduradas no pescoço e com bichos de pelúcia amarradas em seu corpo, se aproximou, me entregou seu óculos escuros e um ursinho de pelúcia e entrou na roda. Fiquei impressionada com sua Capoeira, ele tinha experiência e domínio do corpo, me peguei pensando quem teria conseguido lhe treinar, afinal eu nunca tinha conseguido sequer chegar perto dele sem que ele gritasse comigo. Eu tinha lhe visto na semana anterior tentando entrar em um bueiro e nem mesmo xs outrxs usuárixs ele deixava que se aproximassem (...)

²⁵⁵ Informação veiculada em Luz Livre. Blog. Publicação de 27 jan. 2017. Disponível em: <https://luzlivre.wordpress.com/2012/>

²⁵⁶ Mestre Góes é filho do Mestre Gato Preto de Santo Amaro (BA) – uma importante referência na Capoeira Angola – e faz parte da minha família de Capoeira. Estava com ele em Santo Amaro de Nossa Senhora da Purificação (Recôncavo Baiano) quando contei sobre o Tim e, então, ele fez um berimbau para presentear-lo. Tim foi professor de Capoeira na Bahia, seu pai é mestre de Capoeira, mas conta que por causa de uma “roda de mestres”, quando deixou tetraplégico um outro professor que havia desrespeitado e batido em um aluno seu, foi expulso da federação de Capoeira, virou trecheiro e passou a fumar crack.

²⁵⁷ Beriba é a verga de madeira que compõe o Berimbau.

²⁵⁸ A roda de Capoeira na tradição da Angola é constituída por três berimbaus (gunga, médio e viola), dois pandeiros, reco-reco, agogô e, às vezes, um atabaque. Na tradição da Regional a bateria é composta por um berimbau (gunga ou berra-boi) e dois pandeiros. Nas duas tradições o gunga é quem manda na roda.

Depois de pedir a bênção para quem já tinha trabalhado com capoeira no território, começamos a fazer as rodas que chegaram a acontecer semanalmente como programação cultural da *Craco Resiste*:

Figura 33 – Roda de Capoeira no *Fluxo* / Foto: de Alice Vergueiro para a *Craco Resiste*

Foram atividades importantes para a consolidação de vínculos do movimento com algumas pessoas, entre elas o Patolino que passou a acompanhar e ajudar na organização das rodas, mas também de outras atividades da *Craco Resiste*. A partir da Capoeira o Patolino foi se aproximando do movimento até que no fim de janeiro me disse: “*legal que a gente tá fazendo roda, mas precisamos treinar!*”. Eu concordei, mas questionei quem daria os treinos e ele disse que gostaria de se responsabilizar por isso, pois recebera o título de professor do Mestre Curió do Taboão da Serra – SP, seu Mestre. Ficamos animadxs e fomos conversar com a Cia. de Teatro Mungunzá sobre a possibilidade dos treinos serem no gramado do teatro de container, por ser um espaço próximo ao *Fluxo* e mais apropriado para os treinos. Os treinos começaram a acontecer uma vez na semana no teatro, mas diferente do que poderíamos imaginar, crianças do bairro viraram maioria entre xs alunxs do Patolino:

Figura 34 – Treino de Capoeira / Foto: Daniel Mello para a *Craco Resiste*

Assim que os treinos começaram, o Patolino resolveu sair da rua e ir para um albergue onde conseguia se organizar melhor e descansar. Ele fazia um uso de álcool considerado problemático, tanto por ele quanto pelos profissionais que o atendiam, mas assim que começaram os treinos ele passou a relatar uma diminuição no uso. Dado o sucesso de público os treinos passaram a ser duas vezes por semana, ainda no teatro da Mungunzá. Em dado momento, cerca de quinze crianças participavam dos treinos²⁵⁹. Esse lugar de professor foi decisivo para o Patolino, não só porque organizou sua semana, seu sono e reduziu seu uso de álcool, mas porque passou a ser reconhecido de outra forma pelas pessoas do bairro. Ele relatava que tinha diminuído com o álcool porque nos dias de treino não podia chegar bêbado e nos outros dias tinha medo de “cair de bêbado” – estado que geralmente ficava quando começava a beber – e as crianças, ou suas mães, lhe vissem.

²⁵⁹ As pessoas do *Fluxo* que chegavam nos treinos acabavam mais auxiliando o Patolino com os treinos do que treinando, o que foi importante na construção de sua auto-estima de alguns e também para os treinos, afinal não é nada fácil lidar com quinze crianças. De pesquisadora e militante passei, de uma hora para outra, a ser chamada de professora [de Capoeira] pelas crianças do bairro que, quando passo pelas ruas da Luz, assim me referenciam e me apresentam para amigxs e familiares.

Suas fotos no Facebook dando aula de Capoeira para as crianças também possibilitou um contato diferente com a sua família. Alguns parentes começaram a “curtir” as fotos e parabenizá-lo pelo “trabalho” como professor. Esse processo, somado ao celular que ganhou de uma ativista da *Craco Resiste*, possibilitou contatos e circulações das quais estava afastado – ele chegou a fazer uma visita para familiares que há anos não contatava.

O processo desses treinos, além das diversas transformações do Patolino, das crianças que participavam dos treinos e de outras pessoas do *Fluxo* que, como eu, passaram ajudar nos treinos e compartilhar esse lugar social de professor(a), redundaram em transformações na resistência, tanto da *Craco Resiste*, quanto da Mungunzá. Para estes Coletivos que constroem um discurso alternativo à lógica dominante de como a região e xs frequentadorxs da *Craco* são vistxs, ter uma pessoa da *Cracolândia* dando treinos de Capoeira para crianças do bairro é potente para a quebra de estigmas e fortalecimento de determinadas posições. Ter o Patolino dando treinos para as crianças contrapõe concretamente às declarações (já mencionadas) do atual prefeito sobre as pessoas da *Cracolândia* serem “lixo vivo” – população da qual ele fazia parte. Um trabalhador do Programa Recomeço (política do governo do Estado focada em internações) passou a ajudar nos treinos mostrando, como faz a atuação do Coletivo *Sem Ternos*, que xs trabalhadorxs ‘da ponta’ não corroboram, necessariamente, com as concepções dos serviços onde atuam.

O Patolino sugeriu que consolidássemos um grupo de Capoeira com nome e página no Facebook. Pensamos primeiro em “Grupo de Crapoeira”, mas com a vinda de tantas crianças achamos que uma menção tão explícita ao crack poderia ser ruim e decidimos, então, pelo nome “Grupo de Capoeira Saci²⁶⁰” e assim, a partir de um personagem do folclore brasileiro – que é deficiente físico, negro e porta um cachimbo – mantivemos uma relação do nome com a resistência e com a *Craco*:

---

²⁶⁰ Página do Facebook: https://www.facebook.com/mungusa/?ref=br_rs. Mais tarde o nome do grupo foi alterado em função do apoio recebido pela Cia. de Teatro Pessoal do Faroeste.

Figura 35 - Arte do Raphael Andrade para A Craco Resiste

O Patolino, porém, foi espancado por um policial dois dias depois da megaoperação do dia 21 de maio de 2017 que mudou o *Fluxo* de lugar – os dias após essa megaoperação foram de extrema violência com as pessoas que ali vivem e circulam, alguns usuárixs da *Craco* relataram que aconteceu mais violência nos dias seguintes do que no próprio dia 21 quando havia muita imprensa e ativistas na região. Segundo Patolino, o aumento da violência na região e o fato dele ter sido espancado colaboraram para que aumentasse seu uso da bebida alcoólica. Ele, então, recorreu a uma internação hospitalar breve, assim ficaria um tempo longe das violências que estavam exacerbadas no território. Nesse caso, a internação pode ter sido usada como uma tática individual de redução dos riscos e dos danos causados pela violência policial, fator que, com certeza, tem influência nos números de internações que a prefeitura fez nesse período²⁶¹. Patolino buscou por essa internação, também, pela vontade de

²⁶¹ A partir da megaoperação do 21 de maio de 2017 há um aumento da violência na região e, também, da oferta de internações hospitalares para pessoas da *Cracolândia*. O incremento da violência policial na região possivelmente colaborou com a elevação na procura de internações – como aconteceu com o Patolino. No mês de agosto de 2017, porém, veículos da imprensa divulgaram que apenas 17% dos pacientes internados por influência da megaoperação concluem o período de internação. Ver AMÂNCIO, Thiago. GRAGNANI, Juliana. Apenas 17% concluem internação em ação anticrack da gestão Dória. **Folha de São Paulo**. Cotidiano. 08 ago. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1908040-apenas-17-dos-pacientes->

parar com seu uso de álcool, que considerava problemático e estava lhe incomodando muito – continuava relatando medo de que seus alunos lhe vissem embriagado. Ele, então, pediu uma internação para a Laura Shdaior, que é a psicóloga e o acompanhava quando ainda trabalhava no DBA, além de ser militante do Coletivo *Sem Ternos* e da *Craco Resiste*. Avaliando a necessidade de inserção em um serviço de cuidado e considerando a vulnerabilidade de Patolino naquele momento, ela, que na época estava trabalhando em uma UBS do Centro, articulou com profissionais do CAPS AD Prates o uso de um de seus leitos da hospitalidade – recurso dos CAPS III (24 horas) para atendimento de usuárixs em crise. A ideia da rede substitutiva ao modelo manicomial é poder cuidar da crise dos pacientes nos serviços onde eles já são acompanhados. Patolino ficou, então, 18 dias acolhido no CAPS-AD Prates²⁶², com acompanhamento da Laura e outrxs profissionais com quem ele já tinha vínculos, e foi inserido nas atividades do CAPS. Ligava-me quase diariamente e manteve contato, também pelo celular, com dois de seus alunos da Capoeira. Durante esse período chegou até a receber visitas de familiares, que o deixou muito feliz.

Um dia antes de receber alta o Patolino me ligou feliz dizendo que já estaria presente no próximo treino²⁶³. Cheguei para o treino animada para o encontrá-lo. Dois alunos, o Ligeiro e o Ligeirinho, também tinham recebido sua ligação e estavam ansiosos pela volta do professor. Ele, porém, não chegou. Ficamos preocupadxs, não o encontrei na *Craco* e não tivemos nenhuma notícia sua nos dias seguintes. Cerca de cinco dias depois ele conseguiu entrar em contato comigo. Estava internado no hospital psiquiátrico São João de Deus, conveniado com o Projeto Redenção – a proposta da nova gestão municipal. Contou que na noite que tinha saído da outra internação ficou na rua porque havia perdido sua vaga no albergue. O *Espaço Luz*, onde estava albergado anteriormente, sofreu alterações depois da megaoperação do dia 21 de maio de 2017 e ele havia perdido sua vaga. Como a noite estava muito fria o Patolino relatou que resolveu tomar cachaça para esquentar, mas ficou com peso na consciência e foi pedir ajuda no *CAPSômio* da Rua Helvétia.

---

concluem-internacao-em-acao-anticrack-de-Doria.shtml . Além da baixa eficácia para a abstinência, ocorre um aumento na população frequentadora da *Cracolândia* . ESTADAO CONTEÚDO. Concentração de usuárixs quase dobra em um mês na Cracolândia. Isto É. Geral. 07 ago. 2017. Disponível em: <http://istoe.com.br/concentracao-de-usuarios-quase-dobra-em-um-mes-na-cracolandia/> (últimos acessos em 21 de agosto de 2017).

²⁶² O Complexo Prates conta com albergue, Centro de Convivência, CAPS-AD (Centro de Atendimento Psicossocial para Álcool e outras Drogas) e AMA (Assistência Médica Ambulatorial). O complexo atende muitas pessoas que frequentam a *Cracolândia* dado sua proximidade geográfica.

²⁶³ Enquanto o Patolino estava internado garantimos os treinos de Capoeira na Cia. Mungunzá de Teatro de outras formas, foi difícil porque já estava na fase final da escrita desta dissertação de mestrado (que foi, mais uma vez, prejudicada), mas contei com a ajuda de capoeiristas de diferentes grupos, como a Maíra e a Tassiana (da Associação Cultural de Capuêra Angola Paraguaçu) e o Osama (da Projete Liberdade Capoeira) a quem agradecemos muito.

Ele achou que seria levado para um albergue ou para o Complexo Prates, mas o levaram para esse hospital psiquiátrico no Pico do Jaraguá – extremo Oeste da cidade de São Paulo. Esta internação, em contraste com a anterior, não havia sido construída com ele, portanto não fazia sentido e foi vivida como uma violência. Esta internação foi feita sem comunicar o CAPS-AD Prates e o Centro de Acolhida que já acompanhavam Patolino. Ele alegou não ter sido ouvido seriamente pelos profissionais do hospital, sentiu medo no local, fingiu que tomava as medicações dadas e não recebeu alta quando pediu – o que contraria os procedimentos de uma internação involuntária. Quando ele me ligou parecia desesperado e me pedia ajuda para tirá-lo de lá, eu, porém, não tinha vínculo (familiar ou profissional) com ele e não conseguia ajudá-lo. Conversei, então, com a Laura para que, enquanto sua psicóloga, tentasse sua alta, mas ela teve dificuldade de acessar os profissionais que acompanhavam o caso, sendo questionada e orientada a ligar mais tarde, esperar no gancho, ligar no dia seguinte, etc. Laura, então, entrou em contato com o sindicato dos psicólogos para esclarecer suas possibilidades enquanto psicóloga. Os profissionais do CAPS-AD Prates acompanharam o caso e, apesar das dificuldades, participaram da articulação da alta do Patolino, que depois de muitas ligações de muitxs trabalhadorxs, finalmente foi liberado.

No mesmo dia que conseguiu sair do hospital psiquiátrico no Pico do Jaraguá, Patolino foi à Cia. Mungunzá de Teatro e, ao invés de dar o treino, fez uma conversa com xs alunxs presentes sobre o que havia acontecido: suas questões com o uso de álcool, a violência policial e as internações. Foi muito significativo porque, até então, não tínhamos falado abertamente para xs alunxs sobre a questão pela qual o Patolino estava passando. Contamos apenas que ele estava doente e em tratamento, mas sem detalhes do que se tratava. A capacidade que crianças, com dez anos em média, tiveram de acolher e compreender as questões que estávamos apresentando – como o uso problemático de drogas e a violência do Estado na *Cracolândia* – nos impressionou positivamente e aponta para a necessidade desses debates serem feitos de forma aberta e honesta com pessoas de todas as idades. Depois que as crianças foram embora o Patolino me perguntou se poderia dormir na minha casa caso não conseguisse albergue para aquela noite. Com resposta positiva, ele anotou meu telefone e foi correndo tentar uma vaga. Logo me ligou dizendo que tinha conseguido.

Dois dias depois da segunda alta do Patolino, a *Craco Resiste* participou de uma aula pública com a Cia. Pessoal do Faroeste na Praça Cinelândia – todas as quintas-feiras esse grupo de teatro fazia espaços públicos de debate e, nesse dia, o tema era a megaoperação e a

violência na *Craco*. O Patolino não estava presente nessa aula pública porque o horário do evento coincidiu com o do treino de Capoeira na Mungunzá. Mas, a seu pedido, contei o que lhe havia acontecido. O Patolino se sentiu muito violentado nessa clínica e queria denunciá-la, chegou a ir ao Ministério Público (MP) e falar sobre isso em diferentes debates, bem como em reportagem jornalística. Quando o treino acabou e a roda de conversa já caminhava para o fim, ele passou correndo, me cumprimentou, pediu desculpas para xs presentes porque não poderia participar do debate e explicou que estava indo correndo tentar uma vaga em albergue para não ficar na rua naquela noite. Assim que saiu o Paulo Faria, diretor da Cia. Pessoal do Faroeste de teatro, disse que se ele não conseguisse a vaga poderia dormir na hospedaria do teatro naquela noite.

Patolino voltou, estava preocupado e agitado porque tinha conseguido a vaga, mas era no Centro Temporário de Acolhimento (CTA) de container que havia sido inaugurado neste dia e ele tinha medo de que durante a noite o levassem internado compulsoriamente. O medo relatado pelo Patolino expressa o clima e as tensões que xs usuárixs estavam vivendo naquele momento. O acalmei contando que o Paulo Faria ofereceu a hospedaria para aquela noite. Sentamos com o Paulo, durante a conversa ele explicou que a Cia. Pessoal do Faroeste havia sido contemplada em um edital de fomento cultural que garantia recursos para o grupo até outubro de 2017. Partindo disso ele fez a proposta do Patolino morar na hospedaria do teatro nesse período e, em troca, pediu que ele ministrasse treinos de Capoeira na Praça Cinelândia diariamente. Durante a aula pública o Paulo Faria contou que o local dessa praça era, no período da formação da cidade de São Paulo, um ponto de encontro da comunidade negra, onde se jogava Capoeira e se tocava samba. O samba ainda se mantém seu legado, a Rua General Osório ainda é conhecida como a Rua do Samba, mas a tradição da Capoeira havia se perdido – foi a partir disso que Paulo teve a ideia que propôs para o Patolino. Sua proposta foi aceita e muito comemorada. O Patolino disse que, por vergonha, conteve suas lágrimas, mas ativistas da *Craco Resiste* presentes, como eu, não seguraram o choro. Nesse dia o Cadu, que será situado no próximo subcapítulo, tinha falecido. Era um dia de luto e a proposta de Paulo Faria para o Patolino nos deu esperanças e as lágrimas dxs ativistas, que foram de dor durante o dia, viraram de alegria. Depois de um tempo de comemoração, uma pessoa do Faroeste levou o Patolino para conhecer o seu novo quarto. Ele voltou com um sorriso estampado no rosto e com as chaves, tanto do portão de entrada do prédio quanto do seu quarto, em suas mãos. Ele as exibia como um troféu. Dizia que não imaginava que iria conseguir, tão cedo, uma moradia e que o melhor de tudo, segundo ele, era poder pagar sua

casa com Capoeira. Seu maior sonho sempre foi viver da Capoeira e agora se sentia mais perto do que nunca de realizá-lo.

Nessa conversa com o Paulo Faria, Patolino contou sua história. Disse que cresceu no Taboão da Serra, na zona oeste de São Paulo, mas ficou desorganizado depois que sua mãe faleceu e, com isso, ele perdeu referências, assim como sua residência. Contou que morou por um tempo em Ubatuba, onde trabalhava em um restaurante e residia com sua Avó. Disse, então, que em algum momento “*se perdeu no álcool*” e pediu demissão do restaurante – neste momento ele contextualizou para o Paulo sua relação problemática com o álcool e explicou que pede às pessoas amigas que não lhe ofereçam bebidas alcóolicas. Contou que por causa do álcool perdeu o emprego no restaurante, mas ficou um tempo ainda morando na praia, em um barco, foi quando aprendeu a nadar e virou pescador. Um dia, então, resolveu voltar para São Paulo e acabou ficando pela *Craco* que foi onde se sentiu, de alguma forma, acolhido.

Essa reviravolta na vida do Patolino foi proporcionada pela relação com a Capoeira, com a *Craco Resiste* e com o *Pessoal do Faroeste*, mas especialmente por um processo de construção conjunta que não teve imposição ou pressão por parte de quem estava cuidando. No dia 27 de julho conhecemos seu novo quarto:

Figura 36 – Patolino na hospedaria do *Pessoal do Faroeste* / Foto: Beatriz Falcon para esta dissertação

Patolino, neste período, mudou sua relação com o álcool, treinava sozinho pela manhã, além de dar os treinos para as crianças no fim da tarde na praça²⁶⁴. Contou que estava apaixonado por uma mulher que é evangélica, como ele. Apesar da moça ter lhe dado apenas um beijo e não morar em São Paulo, ele já pensa em casamento. Chegou, inclusive, a levá-la para conhecer o *Fluxo* e disse que ela adorou. Patolino também pediu para que nós o convidássemos para conviver e fazer coisas juntxs. Disse que é muito grato pela nossa amizade, que nunca teve amigxs assim, “sem interesse” e que é difícil para ele encontrar locais de socialização que não o levem para um uso abusivo de álcool.

Combinei com o Patolino de ele ir à minha casa no dia seguinte ao que tiramos a foto exposta acima para que ele ajudasse nas formulações desta dissertação de mestrado, mas ele não apareceu. Ele me ligou e pediu desculpas pelo seu “furo”, contou que depois que fomos embora ele bebeu uma garrafa de vodka praticamente inteira e depois foi ao *Fluxo* tomar *corote*. Ele, que chamou este episódio de recaída, não conseguiu apontar nenhuma hipótese de por que isso aconteceu bem no dia da nossa visita. No dia que sentou comigo para aprovar e sugerir alterações neste texto contou que bebe às vezes, mas é raro e o faz com muito mais cautela e auto-cuidado do que anteriormente.

É verdade, porém, que outros moradores da hospedaria do *Pessoal do Faroeste* algumas vezes me ligavam preocupados com o Patolino, falavam que ele estava sumido e/ou estava fazendo um uso abusivo de álcool. Isto aconteceu numa constância bem menor do que ocorria quando o conhecemos no *Fluxo* e parece que tinham relação com momentos de descontentamento dele com algo, inclusive com a convivência na sua nova moradia. A convivência é, via de regra, algo muito difícil para qualquer pessoa, para alguém que ficou muito tempo na rua é uma tarefa ainda mais árdua. Patolino se queixava que toda parte de limpeza e zeladoria da hospedaria tinha ficado sob sua responsabilidade (sendo que isto não estava acordado a princípio), que ninguém mais o ajudava com essas tarefas e, ainda, que o cobravam como se fosse obrigação dele. As pessoas do Faroeste nos falavam que ele que se dispunha a fazer tais tarefas e que às vezes ele se comprometia com coisas que não dava conta, como quando se comprometeu a ficar na bilheteria da peça e não foi porque ficou bebendo no *Fluxo*. A nossa intenção sempre foi que a relação entre ele e seu novo local de moradia [e “trabalho”] se consolidasse de forma autônoma, sem a necessidade de um constante acompanhamento ou mediação de alguém da *Craco Resiste*, até porque a conjuntura

---

²⁶⁴ Os treinos aconteciam todos os dias, exceto às quintas e domingos, das 17h às 18h30 na Praça Cinelândia - esquina da Rua do Triunfo com a Rua General Osório. As aulas são gratuitas e abertas a qualquer pessoa. Nesta nova relação dos treinos com a Cia. Pessoal do Faroeste o grupo de passou a se chamar “Grupo de Capoeira Faroeste Caboclo”.

da região com constantes ações policiais, assim como os inúmeros debates, manifestações e atividades que a *Craco Resiste* estava participando nesse período sobrecarregaram xs ativistas que não davam conta de fazer um acompanhamento de perto – nem dele nem das diversas outras pessoas que criamos relações de cuidado. A falta de mediação nesta relação, porém, foi motivo de incômodo e questionamento tanto por parte do Patolino quanto por parte do *Pessoal do Faroeste*.

Depois de algum tempo o Patolino resolveu ir trabalhar no restaurante de seu tio. Com todo o processo que viveu ele já estava mais organizado e bebendo menos, seu tio lhe convidou e ele aceitou porque mesmo amando a capoeira e seu trabalho com as crianças não estava dando conta de viver sem uma renda fixa. Até então estava se apresentando com o berimbau na Praça Roosevelt e na Av. Paulista para ganhar um dinheiro e conseguir pagar suas necessidades básicas, como se alimentar, mas não estava sendo suficiente e depois de passar uns dias doente e “*no perrengue*”, como definiu, resolveu aceitar a proposta de trabalhar no restaurante. Dado o horário de seu novo trabalho ele teve que deixar de dar os treinos na Praça General Osório, o que deixou tanto o Patolino como as crianças muito tristes, mas ele tem planos de conciliar as duas coisas e voltar com os treinos. Ele também deixou de morar na hospedaria do *Pessoal do Faroeste* porque sem dar as aulas de capoeira teria que pagar aluguel e ele achou que valia mais a pena morar no alojamento dos funcionários do restaurante que é gratuito.

Em janeiro de 2018, porém, Patolino voltou a aparecer bastante embriagado no *Fluxo da Cracolândia*. Ele, então, conversou com o Paulo Faria, que novamente o acolheu, e o Patolino voltou a morar na *hospedaria do Pessoal do Faroeste*, desta vez sendo responsável pelas vendas no bar do teatro – condição que achou muito vantajosa porque possibilita uma renda para suas despesas básicas. Disse que a carga horária no restaurante era demasiada, mas que tinha aprendido a deixar as portas abertas e que saiu do restaurante mantendo uma relação tranquila com seu tio. Mesmo que o caso do Patolino tenha muito mais avanços individuais e coletivos, assim como desfechos menos traumáticos, do que os abordados pela Maria Filomena Gregori no primeiro capítulo de *Viração: Experiências de meninos nas ruas* (e do que a grande maioria dos casos que acompanhamos na *Craco*), é angustiante a possibilidade de que:

Estamos diante de uma situação extremamente aprisionante. São exemplos-limites que indicam um problema relevante: eles ilustram a enorme dificuldade de armar uma estratégia de integração dos meninos a uma vivência que não a de rua. (GREGORI, 2000, P.49)

Apesar das idas e vindas, que são constitutivas de grande parte das biografias, é possível considerar a relação de cuidado constituída com o Patolino um “caso exemplo” de cuidado na ética da RRD, inclusive porque ele se deu na constituição de uma rede muito maior e mais ampla que a própria *Craco Resiste* e a sua autonomia, assim como o respeito ao seu tempo e suas vontades/necessidades, foi quem conduziu o processo. É verdade que houve erros e faltas no cuidado por parte dxs ativistas que, por exemplo, não conseguiram dar o devido acompanhamento durante sua estada na hospedaria – algo que a reclamação de ambos os lados, seja do *Pessoal do Faroeste*, seja do Patolino, acusa. Os limites na capacidade de ofertar cuidado é uma das crises que aparecem recorrentemente nas reuniões da *Craco Resiste*, até porque é restrita a disponibilidade de tempo dxs ativistas que além de militar, via de regra, precisam trabalhar e/ou estudar para sustentar as suas próprias vidas. Os recursos que se têm para os cuidados também são poucos, até porque a rede pública de atenção é insuficiente e a comunidade ajuda da maneira que pode, mas geralmente não tem formação na ética da RRD e nem todos os instrumentos necessários para realizar os cuidados que as pessoas que estão na *Craco* necessitam. Mesmo com todos os limitantes e as dificuldades o cuidado feito com o Patolino, que foi compartilhado e acionou uma rede ampla, corrobora com uma das respostas do *Caderno do Redutor e da Redutora de Danos* para “como se faz RD?”:

Quando fazemos campo em RD é importante encontrar e desenvolver pontos de ancoragem (centro de convivência, circo, serviços, comércio local), para os trabalhadores terem pontos de descanso e apoio, mas, essencialmente, para oferecer às pessoas atendidas locais para realizarem pausas no ritmo de consumo de drogas, possibilitando novas formas de relação, para além daquelas da rua. (2014, p. 50)

Por fim é importante salientar que esta articulação de rede, que foi feita vislumbrando o cuidado do Patolino, não é generalizável. Ela só foi possível na comunidade em questão e só faz sentido nesse caso que, como todos, é singular. Aí está a potência e a dificuldade de fazer RRD: ela precisa ser formulada caso a caso, conforme a pessoa, a comunidade e uma diversidade de peculiaridades e, só assim, pode-se chegar à sua real potência de transformação das pessoas e do entorno. Nesse sentido, o “*Caderno do Redutor e da Redutora de Danos*” traz algumas dicas sobre o que é Redução de Danos (Ibid., 2014, p.3):

Figura 37- Página do Caderno do Fórum Estadual de Redução de Danos (FERD, 2015).

7.2 Cadu, um Profeta do Caos

Do luto à luta
 Pra você conquistar um exército, você tem que dividir ele.
 Dividir pra conquistar,
 Napoleão já dizia isso.
 Jogar uns contra os outros.
 Falam que seu irmão tá contra você.
 Mentira!
 A gente briga mesmo, tem sangue quente.
 Mas um contra o outro não.
 Se tiver conflito, vai um olhando no olho do outro, não pelas costas como a polícia faz.
 Na ilha é olhando no olho, no continente é covardia.
 A Rua tem Vida.²⁶⁵

²⁶⁵ Poema apócrifo escrito em “É pra mim não passar em branco” - livro do Projeto Oficinas (2016, p.41). Foi escrito por alguém da Cracolândia.

Era dia três de janeiro (2017) e estávamos no bar *Amarelinho* nos preparando para a vigília. O local virou nosso ponto de encontro, não só por ser passagem da galera do *Fluxo*, mas também por ser um lugar fácil de chegar e, assim sendo, não causa receio nas pessoas que não conhecem a *Craco* – como poderia acontecer caso marcássemos de nos encontrar direto no *Fluxo*. Também é um espaço que possibilita conversas amigáveis, que as pessoas se conheçam, acompanhadas de cerveja, enquanto esperamos a chegada de todxs que confirmaram presença no dia, inclusive aquelxs que sempre se atrasam. Estávamos no bar quando avistei o Alemão passando e o chamei. Conhecia-o desde janeiro de 2012 e suas ideias sempre me ensinaram muito sobre a *Cracolândia*, as drogas e a vida. Ele teve um papel fundamental em 2012, na resistência à Operação Sufoco, pois conseguiu, junto à defensoria pública, um *habeas corpus* preventivo para ir, vir e permanecer – que foi importante para que xs usuárixs voltassem a se reunir na *Craco* sem que carros, motos e bombas fossem atirados contra elxs para dispersá-los.

Cadu (outro nome do Alemão) entrou no bar e fui abraçá-lo, mas ele me disse: “cuidado que estou sujo de sangue por uma maldade que me traz muita felicidade”. Logo ele me explicou que tinha acabado de injetar heroína e, por isso, o sangue. O apresentei para os demais ativistas que ali estavam e lhe contei sobre o movimento de resistência que estávamos fazendo. Em resposta, ele disse que deveríamos que ligar para a Daniela Skromov²⁶⁶ e anotou o nome da defensora pública em um papel que me deu para que eu não esquecesse. Ele estava bem tranquilo, chegava a piscar profundo como se fosse cochilar. Pediu duas coxinhas e uma Coca-Cola de 2 litros que ofereceu para todxs.

Ele já havia comido, ainda faltava alguém chegar para a vigília, então fomos, nós dois, até o final da rua porque ele queria mostrar como era heroína, cheirar um pouco, só para demonstração. Sentamos na entrada de uma loja fechada, ainda na Rua do Triunfo. Mostrou o saquinho, parecia envolto no alumínio que tem no maço de cigarros. Separou uma dose bem pequena. Disse que é comum sentir vontade de vomitar quando cheirada e, nesse caso, o “melhor é enfiar o dedo na garganta e colocar tudo para fora de uma vez” para não perder a *brisa* sentindo enjoo. Disse que a sensação é de estar flutuando.

Desde quando o conheci, sempre se afirmou como usuário de heroína. Contava que tinha começado a usá-la na Europa, mas como não tinha mais acesso a ela fazia uso constante de crack. Lembro que em 2014 deixamos de encontrá-lo tão constantemente na *Craco*. Uma das vezes que o encontrei demonstrei felicidade por estar lhe vendo menos no *Fluxo* ele me

---

²⁶⁶ Daniela foi uma defensora pública muito presente no território em 2012, quando presidia a pasta de DH da Defensoria. Foi ela quem conseguiu o *habeas corpus* preventivo do Cadu.

contou o motivo: tinha encontrado um *canal* de heroína²⁶⁷ e, com isso, conseguia fazer outras coisas porque com um *pico* ficava tranquilo por oito horas e, assim, conseguia fazer *corres* fora da *Craco* – coisa que o efeito rápido do crack não permitia e, segundo ele, fazia-o ficar muito mais tempo, quase todo, no *Fluxo*.

Cadu me disse nesse dia que heroína era sua “*Redução de Danos para o crack*”. Eu concordei que da forma que me relatava, podia até ser, afinal quando ele passou a fazer uso de heroína eu o via muito menos no *Fluxo*, fator que eu considerava potencialmente bom – não só para ele, mas também para outras pessoas com quem construo relações de cuidado ali. Mesmo considerando significativa essa reflexão, aponteí que, do meu ponto de vista, a coisa mais interessante da RRD é o fato de uma mesma prática poder ser vivida como RRD pra alguém e ampliação de danos para outra pessoa. Exemplifiquei falando que se as pessoas que usam crack passassem a usar heroína, possivelmente, teríamos muitas mortes por overdose. Ele concordou. Conversamos, nesse sentido, sobre as diferentes substâncias terem riscos diferentes, assim como lugares diferentes na experiência de cada um. Conteí-lhe o relato de um amigo que foi conhecer o EGO²⁶⁸ – uma ONG em Paris que trabalha dentro da ética da RRD e é uma referência de atenção à população em situação de rua e usuárixs de drogas. Profissionais do EGO, ao saber que aqui no Brasil muitas pessoas trocaram o uso de drogas injetáveis pelo crack, diziam desejar que tal substituição também acontecesse lá porque, do ponto de vista delxs, o uso de crack teria menor risco dado que não há óbito por overdoses²⁶⁹

²⁶⁷ Depois deste relato do Cadu, em 2014, comecei a falar que tinha heroína na *Craco*, mas ninguém acreditava, só obtive credibilidade quando saiu na grande imprensa: G1. Polícia de SP apreende heroína pela primeira vez na Cracolândia. **Jornal Nacional**. 26 mar. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/03/policia-de-sp-apreende-heroina-pela-primeira-vez-na-cracolandia.html> (último acesso em 17/01/2016).

²⁶⁸ EGO é a associação “Espoir Goutte d’Or” em Paris, fundada em 1987, a primeira associação na França e na Europa, a desenvolver uma intervenção baseada na metodologia da redução de danos. Mais informações sobre o EGO estão disponíveis em: SOUZA, Alain. Ego, une association en première ligne. **Santé. Réduction de Risques. Usages de drogues**. SWAPS 39. Dossier Crack. http://www.pistes.fr/swaps/39_4.htm (último acesso em 17/01/2016)

²⁶⁹ Essa questão sobre se há, ou não, óbitos por overdose de consumo de crack, é uma controvérsia sobre a qual não encontrei muitas referências a respeito. Já perguntei para muitos usuárixs sobre isso, vários afirmaram que não existe overdose, alguns afirmaram com veemência que é possível e outros falaram que o comum são ataques epiléticos e/ou convulsões. Muitos falam que tomam corote (cachaça de baixo custo) junto com o uso de crack porque modula a experiência e diminui a possibilidade de overdose. É fato que já acompanhei e cuidei de duas pessoas que estavam tendo convulsão, mas nunca soube ou vi alguém que tenha entrado em óbito por overdose de crack. Também é fato que as pessoas que estão na Cracolândia, via de regra, não têm recurso o suficiente para comprar muita *pedra* de uma vez. Por outro lado, sei que é uma questão muito comum, para as pessoas que trabalham com usuárixs de drogas injetáveis, ter que lidar com essa questão do risco de óbito por overdose, ao ponto dxs trabalhadorxs serem treinados para usar a naloxona – uma injeção que deve ser usada no tratamento de pessoas que pararam de respirar ou perderam a consciência em consequência de uma overdose. Em 2014 foi liberado nos EUA que tal injeção seja usada, inclusive, fora do ambiente hospitalar. FOLHA. EUA aprovam injeção para tratar overdose de heroína e morfina. **Folha de São Paulo**. Equilíbrio e Saúde. 04 abr. 2014.

– que é uma questão com a qual eles têm que lidar constantemente com as pessoas que fazem uso de heroína.

Os riscos das diferentes substâncias são diferentes e, portanto, necessitam de cuidados diversos, por isso é importante pensar caso a caso e qual o lugar que ocupa a substância para cada pessoa em cada contexto, seja cultural, familiar, de pares, da própria substância ou pessoal. Refletir sobre as possibilidades desse tipo de controvérsia acerca dos psicoativos é uma das intenções desta pesquisa, até para possibilitar a reflexão sobre cuidados que, para serem efetivos, precisam ser singulares. Thiago Calil, nesse sentido, aponta que:

Busco nessa reflexão mostrar experiências empíricas de que a percepção de risco varia entre pessoas e grupos. Os resultados, ou consequências, de determinada ação podem ser “a princípio, positivos ou negativos, dependendo então dos valores que as pessoas associam a eles” (Renn, 2008 p. 02). Inevitavelmente, viver implica correr riscos, e as percepções pessoais fazem emergir as reais preocupações das pessoas, incluindo detalhes do cotidiano que as análises técnicas de risco geralmente não se atentam. Seguindo esta linha, Funtowicz e Ravetz colocam que “o conhecimento das condições locais ajuda a determinar que dados são consistentes e relevantes e também a definir os problemas que devem ser alvo das políticas” (FUNTOWICZ e RAVETZ, 1997 p. 229).

Em estudo sobre uso de crack entre universitários nos Estados Unidos, Curtis Jackson-Jacobs aponta a importância de relativizarmos a noção de drogas ‘leves’ e ‘pesadas’, e amplia esta categorização para contextos que podem ser ‘leves’ ou ‘pesados’. Neste estudo, os problemas e riscos relacionados ao uso de crack é bastante diferente dos experienciados por grupos que estão excluídos socialmente. Segundo Jacobs, “os problemas associados ao uso de crack moldam e também são moldados pelo contexto” (JACOBS, 2004 p. 850). A relação entre o uso de crack e risco no contexto da crackolândia está associada aos também pela experiência subjetiva do uso de crack, que em determinados contextos atribuem efeitos e consequências adicionais (JACOBS, 2004). Esta gama de dificuldades estruturalmente distribuídas pelo modo de vida na crackolândia enredam os efeitos do uso de crack e os efeitos da marginalidade. (CALIL, 2015, p. 97)

Conversamos, Cadu e eu, ainda na sarjeta, sobre a própria heroína (por isso seu nome) ter sido inventada para salvar as pessoas do uso problemático de morfina (ESCOHOTADO, 2006). E como qualquer lógica simplista e/ou massificadora para lidar com o uso problemático de drogas, não funcionou. Muitas as pessoas preferiram a heroína à morfina e passaram a usá-la como sua nova substância de preferência que, como todas, têm suas próprias potências e riscos. Esse tipo de invertida, como foi esta proposta da invenção da heroína para salvar as vítimas de dependência da morfina, é constante nas políticas e lógicas de cuidado que tentam massificar e dar uma mesma resposta para pessoas que são singulares e, portanto, fazem usos diferentes, por motivos diferentes e podem ter sua(s) substância(s) de preferência alocada(s) em uma multiplicidade infinita de lugares e sentidos na vida.

Cadu falou que aqui no Brasil as pessoas estão acostumadas com drogas estimulantes, mas que heroína era outra coisa, não tira a fome e o deixava conversador. Realmente era muito mais fácil manter um diálogo longo com ele quando estava sob efeito da heroína. Sob efeito só de crack ficava muito agitado e dificilmente mantinha mais de 10 minutos de conversa. Cadu falava que a heroína é a melhor sensação do mundo e o crack a melhor droga para se usar: “*a pedra é bom o uso, a heroína é boa a brisa*”.

O álcool, por sua vez, o Alemão estava há 13 anos sem usar. Ele contou que fazia parte do AA (Alcoólicos Anônimos), afinal era só sobre álcool e não tinham nada a ver com seu uso de crack e heroína. Disse que no dia seguinte iria à sessão do grupo na Santa Cecília comemorar seu aniversário de 13 anos sem beber. Ele me convidou para ir com ele, mas lhe disse que tenho preconceito com essa forma de abordar o uso problemático de drogas. Disse-lhe que não acredito e acho cruel a lógica de que uma vez que a pessoa se enquadre como adicta isto será uma questão eterna em sua vida e ela terá apenas a abstinência como possibilidade de melhora – acredito que esta ideia pode levar a muitos sofrimentos. Cadu, então, me perguntou se eu conhecia a história do AA. Ele disse que era legal, que tinha a ver com o que eu vivia dizendo sobre xs usuárixs serem xs detentores de conhecimento sobre as substâncias e, portanto, xs maiores especialistas sobre os usos e, por isso, as melhores pessoas para conversar quando não se quer mais usar. Falei que não conhecia e pedi para que me contasse. Ele contou que tinha um alcoólatra²⁷⁰ que queria parar de beber e lhe disseram que tinha um médico que poderia ajudá-lo. O que queria parar foi atrás da pessoa indicada que realmente o ajudou, não porque era médico, mas porque também era alcoólatra: eles passaram o dia conversando e não tiveram vontade de beber. Combinaram de se encontrar no dia seguinte, daí tiveram vontade de beber, mas falaram sobre isso e a possibilidade de falar, um para o outro, seguiu a vontade que sentiam. Então fundaram o AA, que é uma ajuda mútua. Foi interessante o modo como o Alemão contou, ele construiu a história do AA de forma que eu a ouvisse sem rejeitá-la, conseguiu suspender meu prejulgamento e agenciar uma empatia construindo paralelos com a RRD no sentido da valoração do saber dxs usuárixs.

Voltamos para o *Amarelinho* e o bando que estava combinado para a vigília daquele dia já estava completo, então fomos andando, na companhia do Cadu, em direção ao *Fluxo*. Nós tínhamos combinado com o Montanha, que é morador da *Cracolândia*, de gravar um vídeo dele para nossa série que mostraria como as pessoas da *Craco* são bem diferentes do

---

²⁷⁰ O termo atualmente usado por especialistas da área é alcoolista e não alcoólatra, mas optei por reproduzir o termo usado pelo Cadu.

que o estereótipo que a grande imprensa passa, ou mesmo do que as declarações do prefeito querem fazer entender – em campanha, ele havia chamados todxs ali de “lixo vivo”. Na hora que estávamos prestes a entrar no *Fluxo*, perguntei para o Cadu se ele não concordaria em gravar conosco. Ele aceitou com a condição de que fosse buscar *pedra* antes. Concordamos e o ficamos esperando na esquina da Alameda Dino Bueno com a Rua Helvétia. Ele entrou pelo corredor central que as banquinhas formavam no meio da Alameda Dino Bueno. Logo ele voltou com um pedaço de pedra muito grande, a maior que já havia visto na mão de um usuário. Ele chegou se gabando do tamanho do seu *bloco*. Contou que havia pago R\$100 naquele pedaço. Voltamos para a Praça Júlio Prestes e o Alemão, antes de sentar, arrancou um pedaço *servido* do *bloco* que tinha acabado de comprar, arrumou o seu cachimbo, acendeu e trouxe com gosto uma quantidade considerável de crack. Como as outras pessoas que nós nos relacionamos têm, via de regra, muito menos poder aquisitivo do que o Cadu, as doses dele sempre me impressionavam por estarem bastante acima da média das que via no *Fluxo*. Terminou seu *trago*, sorriu, sentou e disse que podia começar a filmar. A Alice já estava pronta, deu o play na câmera e eu no gravador:

[Tosse um pouco.] Então, **essa Craco Resiste não é que o crack seja bom ou ruim, que o uso de drogas presta ou não presta.** Esse debate já existe, né. Até onde eu pude averiguar como dependente químico: é uma doença. Para certas pessoas é safadeza. Para mim são ambos. Existe safado doente e existe safado que não é doente também. Tem lixo humano doente de dependência química e tem lixo humano político também, acho eu. Então, independente do perfume que eu use, que eu nem uso. Eu não lavo os dentes há oito anos. Hehehehe. Verdade, para quê eu vou lavar os dentes? Para rir bonito pros políticos inábeis que me chamam de lixo humano? Eu tomo banho a cada dez dias, e olhe lá. Não uso desodorante e não tenho ‘cc’. E também não tenho mau hálito não, o PH da minha boca é alto. Mas estão caindo os dentes, mas para que tantos dentes? Porque na verdade, não há mais muito o que comer. Tem muita comida de doação, mas eu não vivo de comida de doação, agradeço muito a quem doa, mas eu não tenho capacidade de comer salsicha todo dia, é muito ruim, viu, senhor prefeito? Senhor perfeito! Não dá, eu não consigo não sacanear, porque na verdade, senhor perfeito, me parece que quando o senhor perfeito diz que o que tem aqui é lixo humano e o projeto de braços abertos é de braços abertos com a morte e que pretende usar só o projeto aí, que considera a hipótese de internar compulsoriamente as pessoas, coisa que nem no manicômio mais pode, a lei parece que não permite mais isso, depois tem que soltar todo mundo... Tá me parecendo que para o senhor perfeito é apenas algum tipo de vaidade e até mesmo um problema estético. Porque para mim o que interessa a esse homem é que aqui fique bonitinho. **Eu também acho que aqui tem que ficar bonitinho, só que os fins não justificam os meios, isso deu em nazismo e essa maneira de pensar pode dar numa espécie qualquer de nazismo aqui, certo? Ou errado, não sei. Eu não quero estar certo e nem errado,** eu só não quero ter além dos problemas que eu tenho. Eu tenho que me sustentar. Todo mundo tem que se sustentar, isso não é um problema, mas eu tenho uma dependência química, eu tenho que sustentar alguma droga e é caro, viu? Eu durmo na rua por conta disso às vezes, pego uma infecção ou outra, olha como tá minha perna, tá um lixo, né senhor perfeito? Mas o que ocorre é o seguinte: eu tomo antibiótico para isso, eu tomo, o posto de saúde dá. Tem gente que ainda faz por onde, que sabe que **seu problema estético está muito aquém do problema ético** que é a gente ter uma estética dessas no meio de uma cidade rica como São Paulo. Então não adianta o senhor querer

maquiar ou acabar com quem usa crack, com quem é lixo humano de acordo com o seu julgamento. Porque às vezes pode ser que não seja perfeito, né, senhor perfeito, porque às vezes parece que seja isso, só pode ser. Então vamos com calma. Vamos com calma porque uma coisa eu digo pro senhor: o que há aqui não é o que há de melhor, mas também não é o que há de pior, simplesmente há uma concentração de pessoas que sofrem de uma doença que, infelizmente pode ser ligada, eu tenho que admitir, à criminalidade. Tá? Agora, o senhor chegar, querer tratar isso como um câncer, como já tentaram fazer em 2012 e extirpar o câncer, o que vai acontecer é que esse tipo de câncer não tem tratamento, ele vai dar metástase e se espalhar para a cidade inteira. O senhor vai desfazer uma Cracolândia para **conseguir** 20²⁷¹, isso é inteligente? Ou então conseguir muita crítica pesada, porque no final, no final, no final... eu hoje tenho vergonha de ser brasileiro, não tenho orgulho não, mas lá no final, ainda sabe-se que o que tem por trás de pessoas pobres, dependentes químicas, não dependentes químicas, trabalhadoras, preguiçosas, deficientes, inteligentes, burras o que for, existe o ser humano. E, o que me parece esse caminho que o senhor tá querendo tomar para resolver, não é um problema, essa situação, problema é o que vocês querem que seja, mas não é um problema, é uma situação, e ela ocorre mundialmente, em todos os lugares. **Existe a solução chinesa, que é dar tiro na cabeça das pessoas que usaram drogas, e existe a solução norte americana, que é dar condição das pessoas usarem a sua droga... hahahaha. Você me parece uma pessoa que admira os Estados Unidos, né, faz igual a eles: dá condição!** Então, extirpar isso aqui, não é por aí, tá? Existem lá, lá no fim, pessoas votando que sabem que as pessoas aqui são seres humanos. Eu ainda não tenho vergonha de ser humano, mas eu tô começando a pegar. Porque eu, após ouvir certas declarações, como essas que você fez senhor perfeito, e é o seguinte, eu acho que ninguém é perfeito, então senhor perfeito, agora vou te chamar de prefeito sem brincadeira, porque eu não tô brincando, não há problema nenhum em dizer: pô exagerei aí. Chamei um monte de gente de lixo humano e mal sei eu que tem cara ali que é formado em universidade, que tem outro que já foi um policial militar, que tem outro que, de repente, estudou no mesmo colégio que eu. Que a maioria tem mãe, filho, irmão, que não nasceu de chocadeira. Eu entendo que no calor da política o senhor tenha dado uma declaração um pouco mais forte, mas ela causa receio, porque ela é bastante fascista. Ela é fascista e a gente não pode dar nenhum passo atrás agora. A gente precisa andar pra frente. Pra frente é que se anda. Se o senhor já ouviu Beto Guedes ele fala bem claro: **“vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois, terra é o mais bonito dos planetas, tão te maltratando por dinheiro,** porque é a nave nossa irmã, nossa mãe, não sei...” o senhor nunca deve ter ouvido essa música, não sei, porque quem já ouviu essa música não consegue colocar todo um universo flutuante de mil pessoas, ele inteiro, como lixo humano. Sabe? **A minha vontade de chorar não é de raiva de você não, é de tristeza de ter uma pessoa tão limitada, tão limitada com relação à compreender o outro, com um poder tão grande, que é o de ser prefeito de São Paulo.** O senhor tem um poder muito grande na sua mão. Quanto maior seu poder maior a sua responsabilidade, consigo e com os outros. **Então eu peço a sua ajuda pra nós podermos conseguir, não uma saída, mas um caminho digno. Esteticamente também, eu gostaria de poder andar mais bonito, mas existem coisas mais importantes antes disso, tá?** Eu paro por aqui.

[a filmagem parou por aqui, mas o gravador continuou mais um pouco e transcrevo pelo seu caráter que se provou posteriormente profético]

(...) Vamos ver se ajuda alguma coisa. Mas o importante é ter os 300 *habeas corpus* preventivos. Vocês podem usar o que quiser, só preciso ter certeza que as informações que vocês me deram são verdade, porque falei em cima do que me

²⁷¹ O Cadu, nesse vídeo profético, acertou até o número de “Cracolândias” após a operação que o Doria estava prometendo e acabou fazendo no dia 21 de maio. Ver PAULO, Paula Paiva. Prefeitura identifica 22 pontos de usuários de crack após megaoperação na Cracolândia. **G1 São Paulo**. Notícias. 25 mai. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/prefeitura-identifica-22-pontos-de-usuarios-de-crack-apos-megaoperacao-na-cracolandia.ghtml>. Último Acesso em agosto de 2017.

disseram. (...) **Coitada da minha mãe, vai ter até o Fantástico na porta da casa dela lá no Rio**²⁷².

Figura 38 – Cadu logo após a gravação do seu vídeo / Foto: Alice Vergueiro para esta dissertação

A vigília mesmo nem havia começado no ponto em que parei a descrição, aconteceram várias outras coisas inesquecíveis nesta noite. Nesse dia ficamos na *Craco* para além das 3h da manhã. Depois da vigília, por volta das 4h, passamos na Praça Roosevelt para conversar e digerir juntxs os acontecimentos da noite – gravamos um áudio coletivo para o meu caderno de Campo que relata muito mais sobre esta noite. Mas como um texto é feito de escolhas, a opção aqui será contar um pouco mais sobre Cadu e sobre a filmagem feita nesse dia, que foi publicada na página da *Craco Resiste* no Facebook e mobilizou muitas coisas e pessoas.

Essa foi a publicação do Coletivo que teve a maior repercussão, seja em números de curtidas e compartilhamentos (teve cerca de um milhão e duzentas mil visualizações só do perfil dos Jornalistas Livres), seja em consequências, especialmente na vida do Cadu. A publicação foi feita no dia 07 de janeiro, depois disso sempre que encontrávamos o Alemão, ele perguntava quantas visualizações já tinha e ficava muito orgulhoso com os números que sempre aumentavam. No dia seguinte da filmagem, quando pergunto pela primeira vez,

²⁷² De fato teve matéria no programa de televisão da Rede Globo “Fantástico”: NOGUEIRA NETO, Renato. Conheça história de Sarda, resgatado por amigos da Cracolândia de SP. **Fantástico** (Rede Globo), 11 jun. 2017. 5’37”. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/06/conheca-historia-de-sarda-resgatado-por-amigos-da-cracolandia-de-sp.html>

respondi que tinha cerca de 10 mil visualizações, número de quando sai da minha casa em direção à *Craco*. Cadu pediu para assistir e quando fui lhe mostrar, por volta da 1h30 da manhã, já tinha mais de 17 mil visualizações. Ele ficou muito feliz em assistir novamente seu vídeo, comentou como não beber ajuda seu raciocínio a ficar melhor e mostrou-se orgulhoso com sua capacidade de fechar os parênteses que foi abrindo ao longo da fala e que ninguém esperava que fosse fechar. Em maio, cerca de quatro meses depois do vídeo feito e publicado, o nível de exposição das questões envolvendo a *Cracolândia* e as suas resistências cresceram muito, assim como o alcance deste vídeo. Os amigos da escola que o Cadu estudou no Rio de Janeiro, quando seu apelido ainda era Sarda, viram o vídeo e começaram a se mobilizar para ajudá-lo. Soubemos que eles haviam arrecadado cerca de 200 mil reais para essa ajuda que lhe foi oferecida na forma de uma internação em uma clínica no Rio²⁷³, mas que depois que ficasse abstinente o dinheiro poderia ser usado para visitar seus/suas amigxs.

Muitas pessoas começaram a entrar em contato pela página da *Craco Resiste* no Facebook pedindo que xs ajudasse a encontrá-lo. Xs próprixs amigxs, assim como a imprensa, pressionaram-nos bastante, mas como o Cadu dizia que não queria ser encontrado, que não queria voltar para o Rio, muito menos para ser internado, respondíamos que ele não queria e que respeitávamos a sua vontade. O Alemão passou a andar pelo *Fluxo* e pelas ruas do centro com uma máscara do Batman para não ser reconhecido ou encontrado. O Cadu nos falava que não queria ser encontrado, mas em uma das conversas que tivemos sobre isso, depois que viu as mensagens que estavam nos mandando, ele quis gravar um áudio para uma de suas amigas de escola, de quem se lembrou com muito carinho como uma das pessoas mais próximas na época. Esse áudio chegou a ser publicado pela *Veja Rio*²⁷⁴:

Maria: é o Carlos Eduardo. É realmente muito legal vocês se dirigirem a mim como amigos da escola... nesse descaminho, que é a vida, o bom é ver que, são anos que a gente não se vê, a última vez que te vi eu me lembro, (...) mas por maior que seja a distância e tempo, por mais que dizem não, é muito bom que a gente possa ser novamente reconhecido por pessoas de um passado mais longe e ver que, mal ou bem, do mesmo jeito que você me reconhece eu te reconheço, a gente deixou alguma coisa de bom um pro outro. Manda um abraço pro Gustavo, nosso diplomata, quando o ver por aí, e para o pessoal tudo de bom! Eu tô aqui por São Paulo, esse pessoal da Craco Resiste é um pessoal muito louco também, que lembra um pouco a gente, um pouco mais velhos, e foi bom conhecer eles, muito bom também. Um beijo Maria, tudo de bom!

²⁷³ Matéria sobre a mobilização dos amigos no “O Globo”. BRISO, Caio Barreto. Depois de reconhecerem amigo em vídeo na Cracolândia, ex-colegas querem custear tratamento de carioca. **O Globo**. Rio. 31 jun. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/depois-de-reconhecerem-amigo-em-video-na-cracolandia-ex-colegas-querem-custear-tratamento-de-carioca-21418218>

²⁷⁴ TEICH, Daniel; CERQUEIRA, Sofia. Um carioca no inferno da Cracolândia. **Veja Rio**. Cidades. 30 mai 2017. Disponível em: <http://vejario.abril.com.br/cidades/um-carioca-no-inferno-da-cracolandia/>

No dia 2 de junho recebemos pela imprensa a notícia de que, no dia anterior, ele foi encontrado no território por uma jornalista do “O Globo” que o teria convencido de ir para o Rio se internar. Jornalistas passaram dias no território, pediam ajuda para todo mundo que encontravam pela frente e achavam que poderia conhecer o Cadu – estavam “enchendo o saco” segundo o Alemão e várixs trabalhadorxs que foram insistentemente abordadxs. Segundo o relato de uma trabalhadora que viu a abordagem quando a jornalista o encontrou, num primeiro momento ele teria se negado a ir, mas depois teria aceitado, ficando emocionado ao ver fotos dxs amigxs do Rio. Segundo uma declaração da jornalista publicada na imprensa²⁷⁵ quando ela o encontrou, ele negou o convite de ser levado para o Rio, mas anotou o telefone da jornalista e ligou no dia seguinte porque havia mudado de ideia. No dia 7 de junho, menos de uma semana depois de ter saído da *Craco*, o Cadu faleceu na clínica em que foi internado por esses amigos que queriam ajudá-lo. Também ficamos sabendo pela imprensa. Doeu muito. Ainda dói.

Aprendemos e refletimos muito com a relação que tivemos com o Cadu, com seu vídeo e com sua morte. O primeiro elemento que parece importante apontar foi o que nos motivou a fazer esses vídeos sobre personalidades da *Craco*: mostrar que não é de “lixo vivo” que a *Cracolândia* é povoada, mas de uma pluralidade de pessoas, como apontou o próprio Cadu e que, nesse sentido, sugeriu que o Doria se retratasse para não receber muita crítica pesada. Como profetizado pelo Alemão, críticas à política do Doria vieram até mesmo de dentro do governo, a sua secretária de Direitos Humanos e Cidadania Patrícia Bezerra, ao pedir demissão do cargo quando manifestantes ‘okuparam’ a Secretaria para pedir explicações sobre a ação policial e as pretensões do poder público na *Cracolândia*, afirmou que a megaoperação policial que ocorreu no dia 21 de maio de 2017 foi desastrosa e que:

Estou incomodada tanto quanto vocês. Também acho injusto. (...) Problema complexo, não se resolve dessa maneira. Não se cura um problema denso, como é o problema de dependência química, do dia para a noite. (...) Isso é um problema de saúde pública. (BEZERRA, 24 de maio de 2017)²⁷⁶

Outra questão inescapável à reflexão é como uma ação, no caso o vídeo do Cadu, pode ter repercussão muito maior do que poderíamos prever, ou mesmo querer. Isso também vale para a proposta de organizar uma resistência, que teve seu marco inicial em uma reunião chamada pelo processo de escrita desta dissertação e que ninguém imaginaria que teria tantos desdobramentos como a *Craco Resiste* tem. Das principais apostas deste movimento é que a

²⁷⁵ http://aarffsa.com.br/noticiasnovas/noticia_09062017100554.pdf

²⁷⁶ Matérias sobre tal declaração: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,apos-criticar-acao-na-cracolandia-secretaria-municipal-de-direitos-humanos-deixa-a-pasta,70001812545> (Estadão); <http://justificando.com/2017/05/24/secretaria-de-direitos-humanos-de-doria-classifica-acao-na-cracolandia-como-desastrosa/> (Justificando)

existência de corpos diferentes na *Cracolândia* reverbera. Quando ativistas, com câmeras e uma série retaguardas – como conhecimentos, áreas de atuação, inserção e aliadxs – vão para a *Craco* resistir em vigílias é porque fazem uma aposta que esta presença vai ter algum impacto. A pretensão é que tenha efeitos positivos para xs usuárixs, como a diminuição da violência policial, a oferta de atividades culturais e a própria disputa de narrativa que visa diminuir preconceitos sobre elxs. Mas não têm como saber exatamente como vai reverberar e qual será o real impacto desta presença. Da mesma forma que é uma crise para xs ativistas quando a violência policial chega assim que a vigília cultural vai embora e ela, mesmo que contenham a violência no período que está ocorrendo, pode motivar um rancor nas polícias que, algumas vezes, o desconta nxs usuárixs, não poderíamos prever os desdobramentos na conjuntura e na vida do Cadu que seu vídeo teria. Uma das consequências do vídeo feito pela *Craco Resiste* foi a morte do Alemão. Se este vídeo não tivesse sido feito talvez o Cadu estivesse até hoje analisando tudo e todos de forma crítica, rindo e chorando, fazendo uso de drogas e de paçoca, contribuindo com a resistência e com nossos aprendizados sobre a vida.

O vídeo do Cadu talvez tenha gerado tanta mobilização e repercussão porque ele também era diferente do que se espera de um usuário de crack, também é um corpo diferente que reverbera. Será que teria tido tamanha repercussão se ele fosse negro, oriundo de uma classe popular e se tivesse estudado em um colégio com menos prestígio? Uma comoção acima da média também é perceptível em outros casos, como no caso da modelo Loemy que foi capa da *Veja*²⁷⁷ e, a partir de uma beleza dentro do padrão hegemônico, conseguiu uma rede de cuidado que poucos conseguem. Ou mesmo o Andreas Richthofen²⁷⁸, que teve o assassinato de seus pais muito exposto nos meios de comunicação em 2002, e que esse ano voltou a aparecer em vários jornais pela comoção que uma pessoa com tamanha herança gera por estar na *Cracolândia* e/ou no uso de crack.

Tamanha comoção, que não acontece com a maioria das pessoas que estão na *Cracolândia*, talvez esteja relacionada com um lugar social esperado e naturalizado para determinadas pessoas que estão historicamente às margens, elemento considerado racismo por

²⁷⁷ Sobre a assistência que Loemy teve, além da foto dela na capa da *Veja*, ver: FARIAS, Adriana. Em recuperação contra as drogas, Loemy faz academia e volta a trabalhar. **Veja São Paulo**. 01 jun. 2017. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/cidades/loemy-marques-recuperacao/>. Acesso em agosto de 2017.

²⁷⁸ Sobre Andreas estar na *Cracolândia* e sua declaração de se sentir ferido com a abordagem da imprensa sobre o assassinato de seus pais, ver: HISAYASU, Alexandre; LEITE, Fabio. Irmão de Suzane von Richtoffen é internado em clínica de recuperação. **O Estado de São Paulo**. 30 mai. 2017. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,frequentador-da-cracolandia-irmao-de-suzane-von-richthofen-e-internado-em-surto-psicotico,70001819633>. Acesso em agosto de 2017.

integrantes do movimento social. Sobre essa diferenciação, uma militante da *Craco Resiste* declarou que:

com os pretos, pobres e periféricos, que são maioria na *Craco*, poucos se comovem. Alguns dos policiais que fizeram a ação dia 21 [de maio de 2017] ficavam falando pra gente que nossos gritos por misericórdia não iam deixá-los com dó daquelas pessoas que, para eles, podiam morrer. A condição da maioria ali não é espetacularizável. Desde a escravidão, ou seu suposto fim, tentam naturalizar a miséria dessas pessoas que são jogadas numa existência péssima para essa merda de sistema funcionar, o tal do exército de reserva que precisa mesmo de uma galera “à Deus dará” sem nenhuma comoção. Mas se é rico ou se tá dentro de um padrão estético até a Veja se comove. (Caderno de Campo, maio de 2017)

Outro ponto importante que a estória do Cadu traz à tona, que é dos princípios mais importantes para a ética da RRD, mas também um dos elementos mais difíceis para emplacar essa possibilidade de cuidado, é que a maioria das pessoas não vislumbra formas de ajudar alguém que está fazendo uso problemático de drogas que não seja a partir da internação e da abstinência. Foi isso que xs amigxs do Alemão propuseram e insistiram, mesmo ele dizendo não querer. A insistência de jornalistas e amigxs, que fez com que ele andasse com uma máscara do Batman pelo território para evitar ser reconhecido, não respeitou nem seu processo, nem seu tempo. Não sabemos exatamente o que motivava o Cadu fazer questão de estar constantemente em estado alterado de consciência. Não tem como imaginar com o que ele se deparou no seu processo de “desintoxicação”. Mas, com certeza, pelas conversas que tive com ele, não era algo fácil de lidar de uma hora para a outra. Seria possível pensar outras possibilidades de cuidado que não fosse uma internação, mas isto não passa pela cabeça de grande parte da população, talvez da maioria – talvez este seja um dos maiores desafios da RRD: emplacar que é possível formular e construir outras formas de cuidado. Talvez esta fosse uma possibilidade de intervenção que xs ativistas da *Craco Resiste* poderiam ter tido: pensar junto com o Cadu, e mediar com suas/seus amigxs, outras formas de cuidado.

A Marcela é outro exemplo que escancara, tanto que corpos diferentes do esperado para a *Cracolândia* reverberam, quanto a dificuldade que existe para pensar outras possibilidades de cuidado para além da internação e da abstinência. Marcela, com menos de 30 anos, já foi internada mais de 30 vezes, sendo várias à força pela família. Em uma das internações, no período que já éramos próximas, ela conseguiu fugir da clínica particular para qual tinha sido levada. Sua mãe ficou revoltada com a fuga, deu um escândalo e acabou espancada pela psicóloga e pela dona da clínica. Depois deste episódio, quando Marcela voltou para São Paulo, conversei com sua mãe que chegou a me mostrar as fotos dos hematomas no rosto que as profissionais da clínica haviam lhe causado. Nesta conversa ela concordou que estas internações poderiam ser realmente traumatizantes afinal, se foram

violentas assim com ela, teriam capacidade de ser muito mais com sua filha. Nesse dia ela pediu desculpas à filha por todas as internações forçadas que já tinha feito. No entanto, ela já internou a Marcela contra a sua vontade pelo menos outras duas vezes desde então. Foi a mãe da Marcela que, para “resgatar” sua filha na *Cracolândia*, contratou o socorrista Bruno que ficou desaparecido e depois apareceu morto – caso que foi usado como um dos motivos para justificar a megaoperação que aconteceu em maio de 2017²⁷⁹. A Marcela também é um caso de um corpo diferente do esperado para a *Cracolândia* que reverbera de formas imprevisíveis.

São vários os elementos que motivam a decisão de fazer uma internação forçada de um(a) familiar. Não tem, necessariamente, relação apenas com a sensação de estar cuidando da pessoa com uso abusivo, a tranquilidade da família, geralmente, também está em jogo. É comum o relato que xs familiares se sentem melhor quando têm certeza de que a pessoa de quem querem cuidar não está usando crack, mesmo que esteja em um lugar que xs mesmxs não considerem bom. A mãe da Marcela, por exemplo, algumas vezes me relatou que não precisa tomar remédios para dormir quando ela está internada.

O despreparo dos espaços de reclusão de pessoas com uso problemático de drogas é algo que o caso do Cadu também evidencia. A nota técnica do Ipea²⁸⁰ (2017) sobre as Comunidades Terapêuticas (CT's), assim como o relatório do Conselho Federal de Psicologia (CFP) sobre as CT's deixam explícitas as barbaridades que acontecem nesses espaços que deveriam ser de cuidado:

A pergunta que nos orientou – sobre a ocorrência de violação de direitos humanos – infelizmente se confirmou como uma regra. Há claros indícios de violação de direitos humanos em todos os relatos. De forma acintosa ou sutil, esta prática social tem como pilar a banalização dos direitos dos internos. Exemplificando a afirmativa, registramos: interceptação e violação de correspondências, violência física, castigos, torturas, exposição a situações de humilhação, imposição de credo, exigência de exames clínicos, como o teste de HIV – exigência esta inconstitucional –, intimidações, desrespeito à orientação sexual, revista vexatória de familiares, violação de privacidade, entre outras, são ocorrências registradas em todos os lugares. Percebe-se que a adoção dessas estratégias, no conjunto ou em parte, compõe o leque das opções terapêuticas adotadas por tais práticas sociais. O modo de tratar ou a proposta de cuidado visa forjar – como efeito ou cura da dependência – a construção de uma identidade culpada e inferior. Isto é, substitui-se a

²⁷⁹ Matérias a este respeito: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/corpo-de-homem-que-desapareceu-na-cracolandia-e-reconhecido-pelo-pai-da-vitima.shtml> (G1); <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1882638-homem-e-encontrado-morto-apos-tirar-viciada-da-cracolandia-no-centro-de-sp.shtml> (Folha/Uol)

²⁸⁰ IPEA. **Perfil Das Comunidades Terapêuticas Brasileiras**. Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia. Brasília, março 2017 Disponível em: http://ipea.gov.br/porta1/images/stories/PDFs/nota_tecnica/20170418_nt21.pdf

dependência química pela submissão a um ideal, mantendo submissos e inferiorizados os sujeitos tratados. Esta é a cura almejada. (CPF, 2011, p.190²⁸¹)

O local que o Cadu foi internado, porém, não era uma CT, como no caso da maioria das pessoas que são internadas. Era uma clínica que, enquanto tal, tem a necessidade de ser composta por uma equipe de saúde que as CT's sequer precisam, além de fazer o uso de medicamentos que, geralmente, as CT's também não têm. E não era uma clínica qualquer, era uma clínica da elite carioca, ou seja, [supostamente] melhor preparada e com medicamentos mais caros e modernos do que a maioria das clínicas espalhadas pelo país. Mas, mesmo neste espaço acima da média, o Alemão veio a falecer, o que reforça a necessidade de um amplo debate sobre as internações, especialmente quando vistas como a única possibilidade para lidar com o uso abusivo de drogas.

---

²⁸¹ CNDH/CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Relatório da 4ª. Inspeção nacional de direitos humanos: locais de internação para usuários de drogas. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 2011. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/03/2a_Edixo_relatorio_inspecao_VERSxO_FINAL.pdf

Considerações Finais

Beatriz Falcon, ativista da *Craco Resiste* que fez parte do processo de produção e formulação desta pesquisa, sugeriu que a conclusão partisse de uma produção coletiva em coerência com o caminho trilhado. Marcamos, então, de fazer uma conversa, no dia 15 de agosto de 2017, com ativistas, trabalhadorxs e usuárixs da *Craco* para colher sugestões do que seria importante aqui constar. Estava marcado, também para este dia, uma sessão de cinema no *Fluxo* como atividade da vigília cultural e decidimos fazer a conversa sobre esta conclusão depois do *cine-resistência*. No dia, porém, choveu e a sessão de cinema teve que ser cancelada. Encontramo-nos no teatro de Contêiner da Cia. Mungunzá para, além de pensar esta conclusão, fazer um vídeo sobre o que é a *Craco Resiste*.

No teatro três estudantes de jornalismo da Universidade de Sorocaba (Uniso) estavam à nossa espera porque vão fazer o trabalho de conclusão de curso sobre as atividades culturais da *Craco Resiste* e queriam saber mais sobre o movimento. Também compareceu, querendo nos entrevistar, um trabalhador do DBA, que faz parte do Coletivo *Desobediência Sonora*, uma “mídia independente, popular e anti-capitalista que produz Podcast quinzenalmente com a perspectiva de divulgação da música independente e movimentações políticas, sociais, culturais e artísticas, sobretudo de caráter anti-capitalista²⁸²”. Um ativista do Coletivo *Rebento* de comunicação, que trabalha com “problemas sociais que, muitas vezes, são apresentados de forma superficial a sociedade²⁸³”, chegou para ajudar na produção do vídeo sobre a *Craco Resiste* – que não aconteceu porque o texto que seria filmado não estava pronto. Cada uma dessas pessoas tinha falado com um(a) ativista diferente do movimento e ninguém sabia que tudo isto aconteceria no mesmo dia. A solução encontrada foi fazer uma só roda de conversa na intenção de produzir e organizar o conhecimento coletivo para: embasar o trabalho de conclusão de curso dxs estudantes da Uniso; o Podcast do *Desobediência Sonora*; a formulação do texto de apoio para o vídeo de apresentação da *Craco Resiste*; e a conclusão desta dissertação de mestrado.

As questões enfrentadas e as soluções encontradas pelxs ativistas neste dia são exemplares da forma de (re)existir e funcionar da *Craco Resiste*. A capacidade de se adaptar à

²⁸² Estas e outras informações sobre o Desobediência Sonora estão disponíveis em: https://www.facebook.com/pg/desobedienciasonora/about/?ref=page_internal

²⁸³ Estas e outras informações sobre o Coletivo Rebento estão disponíveis em: https://www.facebook.com/pg/coletivorebento/about/?ref=page_internal

adversidades – no caso a chuva, a falta do texto base da filmagem e as/os visitantes – é uma habilidade constantemente exigida e que, conseqüentemente, vem sendo desenvolvida. A articulação da *Craco Resiste* com diferentes setores também é uma faceta importante para o Coletivo. No dia em questão, por exemplo, duas pesquisas acadêmicas, um coletivo anticapitalista de mídia independente e um coletivo de comunicadores sociais estavam presentes. Outras articulações também foram feitas de forma concomitante com esta reunião, como, por exemplo, com o Margens Clínicas, um coletivo de psicanalistas que oferece atendimento gratuito a vítimas de violência de Estado²⁸⁴, e com o Centro de Referência da Diversidade (CRD)²⁸⁵. Uma das pessoas na reunião era a Sabrina, que se identifica como mulher-trans, está em situação de rua e vivencia diariamente inúmeras formas de violência. Em uma primeira conversa ela apresentou a demanda de um atendimento psicológico e, então, em contato com o Margens Clínicas conseguimos uma consulta para dali dois dias. Ao longo da noite avaliamos que, possivelmente, ela não estivesse organizada o suficiente para ir a um consultório em pinheiros com horário marcado, e que criar esta expectativa poderia causar frustração. Falamos, então, com ela sobre o CRD – que é mais próximo, tem horários flexíveis e poderia, além de prover o suporte psicossocial que ela demandou, inseri-la na rede pública da assistência social. Ela guardou o papel com as indicações do CRD e disse que estaria lá no dia seguinte. A própria relação com a Cia. de Teatro Mungunzá, que sediou a reunião, é uma articulação exemplar, até porque consolidada e se dá em diversas esferas. Neste dia, também, bem no início da reunião, antes mesmo de definir a pauta, foi delineada a contribuição da *Craco Resiste* com a Ocupação Mauá que estava ameaçada de reintegração de posse.

Como já dito, a multiplicidade de inserções, relações e atuações dxs ativistas da *Craco Resiste* é constitutiva do seu vigor. A potência deste Coletivo está, também, em ser um grupo (articulado com pessoas) que pesquisa(m), formula(m) e atua(m) em diferentes áreas, como em movimentos sociais diversos, nas artes plásticas, na psicologia, na assistência social, na antropologia, na comunicação social, nas artes dramáticas, na linguagem fotográfica e na produção poética. E xs integrantes da *Craco Resiste* têm autonomia para fazer articulações

²⁸⁴ Estas e outras informações estão disponíveis em: https://www.facebook.com/pg/MargensClinicas/about/?ref=page_internal

²⁸⁵ O Centro de Referência da Diversidade desenvolve ações que possibilitam a inclusão social e a geração de renda. É um espaço destinado a atender homens e mulheres, profissionais do sexo, gays, travestis, transexuais e portadores de HIV/Aids em situação de vulnerabilidade e risco social. O CRD tem como meta compatibilizar o respeito à diversidade, à autonomia e às escolhas individuais e visa oferecer acolhida e escuta especializada às múltiplas necessidades de seus usuários; de forma a promover orientação adequada e encaminhamento a serviços de assistência, de saúde e jurídicos” - estas e outras informações disponíveis em: <http://crdiversidade.no.comunidades.net/>

que julguem benéficas para o Coletivo, mesmo sem avisar de antemão as demais pessoas²⁸⁶ – o que o dia em questão deixa explícito dado que ninguém tinha dimensão de todas as relações e demandas que esta reunião, que foi organizada em cima da hora, teria que dar conta. Segundo Daniel Mello, em uma formulação que circulou internamente no Coletivo: “na *Craco Resiste* a horizontalidade se estabelece não pela negação dos indivíduos que compõe o coletivo, mas pela multiplicidade deles em suas particularidades. Não há discurso único, são muitas visões que fazem um todo”. O mesmo documento assinala que:

O logotipo da Craco Resiste traz dois punhos cerrados segurando cachimbos. As mãos enfatizam o que foco do movimento é a luta pelo direito da população da Cracolândia da região da Luz. Enquanto, os cachimbos, baseados nos modelos mais comuns usados no fluxo, não são idênticos. Um reflexo da importância de que as individualidades têm para o movimento. A proposta de correr junto com os que estão no extremo da marginalização social, desumanizados em diversas narrativas, torna para a Craco o resgate e a ênfase no ser humano como autônomo e particular um ponto central de pauta.

(...)

O respeito às individualidades, apesar de não ser apresentado como base do movimento, mas que se faz presente tanto em ideias que embasam a redução de danos, como em parte do pensamento antiproibicionista, parece trazer contaminações para este campo de atuação. Não há uma preocupação em alinhar previamente o discurso de maneira monolítica. Cada um dos participantes fala, nos espaços em que há oportunidade, com discurso próprio, dentro de certas linhas-base. Porém, há, sem dúvida, uma grande liberdade para todos que se apresentam como porta-vozes e esse papel está aberto a todos. (MELLO, 2017)

Figura 39 - Logo da *Craco Resiste*

²⁸⁶ É preciso conversar previamente no caso de articulações que saem do padrão dos aliados – como movimentos sociais, grupos artísticos e estudantes/universidades.

Voltemos para a reunião do dia 15 de agosto de 2017. Fábio Rodrigues dos Santos, músico, compositor, ex-usuário de crack, que conhecemos na *Cracolândia*, também participou deste encontro e, no dia seguinte, publicou no Facebook suas impressões sobre ele:

Ontem tive a grata oportunidade de participar de minha primeira reunião do movimento A Craco Resiste; apesar da complexidade e gravidade que o tema inspira, é embevecedor sentir a afetividade com que essas pessoas doam tempo, pensamento e corpo à causa.

Entre um questionamento e outro, em dado momento, uma companheira relatando discussões estruturais anteriores, recorre à seguinte pergunta: O que é o movimento A Craco Resiste?

À primeira vista tal inquisição não me remeteu a grandes elaborações, até porque o determinado questionamento já fazia parte de um passado, ainda que recente. O movimento já conta hoje com estrutura bem dimensionada e nortes delineados.

Haja visto o incômodo que A Craco Resiste causa naquele que se intitula prefeito e em sua polícia de milícia.

Contudo, a pergunta ocupou um certo espaço dentro de mim e foi, gradualmente, tomando forma, ecoando, reverberando.

Fui e ainda sou parte da Cracolândia e, indubitavelmente, a recíproca se dá. Passei anos tensos e intensos vivendo pelo meio, agindo com o meio, sujeito às vicissitudes do meio.

Fiz uso do crack desenfreadamente e, com o perdão da redundância, a recíproca foi dura e verdadeira.

Porém (salve Plínio Marcos) e como tudo tem um porém, foi um ciclo que vem se esaurindo. Ufa!

Resisti a duras penas aos ardis impostos e sobrepostos, que em sua maioria vão muito além do uso obsessivo e compulsivo do crack – leia-se descaso dos poderes públicos, omissão social, preconceito, segregação – para hoje alcançar um menor desequilíbrio no meu olhar ao território e, conseqüentemente, no interagir com ele.

É isso!

Resisti!

A questão, que a bem da verdade não me foi proposta, mas por contingência impôs-se em mim, começa a resplandecer à luz do verbo transitivo indireto e intransitivo Resistir.

A cracolândia é acima de tudo um cenário de resistência ambivalente, paradoxal. Resistência, daqueles meus iguais que mesmo sujeitos às adversidades que excedem o nível suportável, mantêm-se lá fazendo do espaço um território de reconhecimento e relações diversas.

Resistência das psiques aturdidadas e atormentadas, devastadas, que criam elaborações por vezes insanas para alcançarem determinados intentos, ainda que pouco louváveis aos olhares estarecidos da dita sociedade normótica. Resistência física, corpórea mesmo, do sujeito que contraria leis naturais e saberes científicos e mantém-se de pé, caminhando, sem uma noção muito clara de porque e para onde.

Resistência dos laços, fraternais ou não, fazendo dali uma comunidade particularizada sim, porém, com demandas inerentes a todo e qualquer grupo. Resistência afetiva. Sim! Existe na craco afeto, carinho, amor; são seres humanos como quaisquer outros, sujeitos às carências e propensos aos encontros, desencontros, sabores e dissabores.

Resistência social de homens, mulheres, crianças, relegados desde muito antes sua inserção na craco às mazelas e segregações sociais, fazendo do espaço palco cotidiano para expressão de seu inconformismo, escancarando aos olhos da opinião pública uma realidade que direta ou indiretamente diz respeito a todos.

Resistência artística! No samba, que modéstia a parte fizemos altas rodas, no rap do grande Cabeça, na pintura do Badarós, na dança esfusiante do Blocolândia e até mesmo nas caixas de som tiritando ao som do funk.

Vi isso tudo!

Vivi essa realidade!

Senti tudo isso na pele!

E, foram essas camadas de resistência que permitiram-me a aproximação do movimento A Craco Resiste, ser tocado por um questionamento despretencioso e, a partir dele, elaborar essa pretensa reflexão. Sobrevêm a resposta, particular devo salientar, da pergunta: o que é o movimento A Craco Resiste?

É o posicionamento prático e atuante destes sujeitos que foram tocados de alguma forma pelos gritos de resistência que ecoam no território, incorporando-os, dando a esses brados formas diversas e entoando-os em uníssono. Salve o espelho da resistência!

Salve a Craco Resiste! (SANTOS, 2017)

A *Craco Resiste* é resistência daqueles que Fábio chama de “meus iguais” e que “*excedem o nível suportável, mantém-se lá fazendo do espaço [a Cracolândia] um território de reconhecimento e relações diversas*”. E o que seriam esses ativistas que “*doam tempo, pensamento e corpo*” para atuar com usuárixs de crack contra as violências do Estado, se não “*psiques aturdidadas e atormentadas, devastadas, que criam elaborações por vezes insanas para alcançarem determinados intentos, ainda que pouco louváveis aos olhares estarrecidos da dita sociedade normótica*”. Afinal, enquanto há esta doação de tempo, pensamento e corpo por parte de alguns, há outros quem afirmam com veemência que “*tem que meter bomba mesmo nessa porra do caralho, cambada de lixo ambulante! Parabéns aos policiais, bomba neles, cambada de vagabundos, vai fumar crack no quinto dos infernos! E mete bomba nesse boca aberta [ativista da Craco Resiste] filmando os policiais militares*”²⁸⁷.

A Craco Resiste é “*posicionamento prático e atuante destes sujeitos que foram tocados de alguma forma pelos gritos de resistência que ecoam no território, incorporando-os, dando a esses brados formas diversas e entoando-os em uníssono*” (SANTOS, 2017). É, também, Resistência afetiva. Não apenas, como o Fábio indica, porque “*existe na craco afeto, carinho, amor*”, mas também porque o afeto aparece como algo constitutivo deste Coletivo na fala dos ativistas presentes nesta reunião:

– A *Craco Resiste* se define na ética do afeto, na filosofia do afeto maior do mundo. (...) As linhas de amor que nos ligam são muito maravilhosas – sugere Tamara em tom apaixonado.

– Eu continuo atribuindo à bebida – Escobar complementa rindo e provoca risadas.

– Pode ser também, as drogas em geral, eu acho que tem uma situação da conjuntura que nos obriga, de alguma forma, a estar aqui, porque a violência policial não para – Marquinhos acrescenta. A violência da perspectiva de desmonte dos programas também não para e isso, de alguma forma, nos obriga a tá organizados. Mas acho que, principalmente, é um grupo que tem uma perspectiva de cuidado mútuo, né, onde a gente também se escuta, a gente também se ouve, a gente também se cuida, a gente também se ama.

– E se bebe – novamente o Escobar conquista risos.

(...)

²⁸⁷ Comentário postado no vídeo que a *Craco Resiste* fez, ao vivo, de uma ação policial no *Fluxo* da *Cracolândia* no dia 14 de agosto de 2017 (um dia antes da reunião que está sendo relatada). Este vídeo, que tem mais de 91 mil visualizações, está disponível em: https://www.facebook.com/pg/ACracoResiste/videos/?ref=page_internal

– E eu acho que é muito louco. Acho que das coisas que diferencia esse movimento pra outros que já participei é o nível que chega esse cuidado entre ativistas e entre ativistas e as pessoas em geral. (...) Como a gente parte de um lugar de cuidado com pessoas que, às vezes, já *ramelaram* pra caralho, já fizeram merda, tem gente que pode já ter matado gente, tem gente que pode ter estuprado, tem gente que pode não sei mais o quê, e mesmo assim a gente tá falando que (...) [devem ser] tratados como sujeito, que tem que tratar essas pessoas como humanos, que elas não podem ser violentadas, que precisam de oportunidade... – entro para a conversa.

– Até porque elas têm uma história por trás – Camila complementa.

– Até porque elas têm uma história, uma singularidade. Acho que isso faz com que a gente seja mais acolhedor, que entenda as *ramelagens* de pessoas de dentro, ou supostamente de dentro, do Coletivo. (...) Não vou citar nomes, obviamente, mas acho que tem um exemplo que pra gente foi muito marcante: uma pessoa, que nunca veio numa reunião nossa, passou a falar que era da *Craco Resiste* em vários espaços de movimentos sociais pedindo doação de dinheiro... chegou a informação pra gente que essa pessoa tinha conseguido bastante dinheiro de doação, doação de artista global e não sei mais o que, em nome da *Craco Resiste*. Uma primeira ideia foi “*pular no pescoço dessa pessoa*”. Só que, rapidamente, (...) assim que virou debate no grupo, (...) muitas mensagens vieram no sentido “*Calma lá, a gente precisa cuidar dessa pessoa, essa pessoa precisa ser cuidada*”. (...) Essa pessoa tá fudendo com nós, mas o que a gente vai fazer? A gente vai cuidar dela. E isso pra mim foi um marco muito foda do que a *Craco Resiste* é (...) – trouxe uma das experiências que mais me marcaram no Coletivo. (transcrição do áudio do dia 15 de agosto de 2017)

A postura de responder com afeto e cuidado agressões e ações reprováveis é a construção do antipunitivismo na prática, afinal se trata disso, de refletir, caso a caso, como é a melhor maneira de lidar com as pessoas e seus erros, compreendendo que a punição não resolve problema de quem foi lesado e dificulta, ainda mais, o lugar da pessoa que errou. É exemplar, nesse sentido, o comentário que a Raonna²⁸⁸, que também é ativista da *Craco Resiste*, fez em meio ao debate interno sobre a situação (descrita no diálogo acima) da pessoa que estava arrecadando dinheiro em nome da *Craco Resiste*:

A gente tá respondendo à violência com humanidade. Responder assim dá um trabalho – nosso de aguardar um tanto o tempo do outro e compreender qual é a versão de verdade que a pessoa consegue ter da cena toda. Precisamos entender o que acontece. Como acontece. Enquanto isso, estamos nos fortalecendo como Coletivo, procurando sustentar a diversidade de narrativas e buscar um alinhamento entre nós, como funcionamos melhor a partir dos objetivos que estabelecemos e decidimos junxs. Estamos construindo e aprendendo. Cada vez mais. Eu fico orgulhosa aqui vendo a gente dar o melhor de cada um. (...) (reprodução de mensagem do grupo de Whats App da *Craco Resiste*)

Talvez este seja o ponto mais difícil, mais contraditório e mais inovador na atuação da *Craco Resiste*. Não é fácil lidar de forma não punitivista com todas as relações que são travadas quando uma quantidade grande de pessoas e afetos está em jogo. Existem reproduções de machismo, por exemplo, que o tempo todo coloca as feministas do Coletivo em xeque sobre como conseguir cuidar da pessoa que sofreu a violência e, ao mesmo tempo,

²⁸⁸ Raonna Caroline Ronchi Martins é psicóloga, psicanalista, militante do Coletivo *Sem Ternos*, mestra em psicologia social pela PUC-SP e doutoranda na psicologia clínica da USP. Atualmente redutora de danos do Centro de Convivência É de Lei, mas trabalhou anteriormente na *Cracolândia* pelo Projeto Oficinas.

atuar de forma a não reproduzir a lógica punitivista que o Coletivo combate – neste caso, por exemplo, as mulheres da *Craco Resiste* passaram a fazer reuniões auto-organizadas para pensar como lidar com os casos concretos que trouxeram este tipo de questão.

Ainda no debate realizado no dia 15 de agosto de 2017, que tinha como um de seus objetivos sugerir questões para esta conclusão, outras características são indicadas como definidoras da *Craco Resiste*:

- Eu acho que a *Craco Resiste* é autônoma, anticapitalista, antiproibicionista, antimachista, antirracista e antimanicomial – sugere a Tamara.
- Abolicionista penal – alguém complementa.
- E, antes de tudo, anti-moralista – afirma Escobar. (transcrição do áudio do dia 15 de agosto de 2017)

A prática tem sido a grande formuladora teórica do movimento, talvez por isso seja tão complexa sua definição – ela não pode ser estática. É possível compreender a *Craco Resiste*, ademais, como um laboratório de cuidado e de antipunitivismo, não só pelas relações que constrói com usuárixs da *Cracolândia*, mas por ser, também, um espaço de troca de experiências entre pessoas que formulam sobre RRD, consomem drogas e cuidam umas das outras. Esta dissertação, porém, não é apenas sobre a *Craco Resiste*, por isso, mesmo sendo muito grata a proposta de Beatriz Falcon de que as considerações finais também fossem uma produção coletiva de conhecimento, e tendo achado o debate realmente potente para as reflexões desta dissertação, trarei outros elementos – em especial limites e qualidades da pesquisa – para, então, chegar ao ponto final.

Retomarei, neste momento, a trajetória do texto apresentado como resultado desta pesquisa. Depois de expor os diferentes papéis que forjam esta dissertação – além do lugar de pesquisadora, o de redutora de danos, o de militante e o de usuária de drogas também apareceram – foram contextualizadas as lentes através das quais estão sendo vistos os mundos que se tem a intensão de descrever, de analisar e de transformar. Estas lentes vêm sendo constituídas por experiências e vivências múltiplas, como em movimentos sociais, em relacionamentos com pessoas usuárias de crack e até em processos terapêuticos que têm a ayahuasca como um dos instrumentos de cuidado. É um limitante do texto apresentado, porém, o fato que uma dissertação é uma pesquisa acadêmica e, portanto, teria que existir a primazia da posição de pesquisadora que deveria olhar para as outras posições (de redutora de danos, de militante e de usuária de drogas) com rigor e crítica, coisa que não acontece de forma sistemática – estas posições por vezes se borram e se confundem ao longo do texto.

Desde a introdução a crença na construção coletiva de conhecimento é apresentada como “*metáfora da situação ética ideal*” (STRATHERN, 2009, p.100), mas em algumas passagens esta crença vai além da lógica acadêmica e as posições do movimento social que a pesquisadora constrói se confundem com as formulações da pesquisa. Outros problemas, como uma ênfase maior nas potências do que nos limites deste movimento social, podem aparecer como consequências desta falta de distanciamento. O distanciamento antropológico não é um dom natural, mas uma conquista laboriosamente alcançada e precariamente mantida – no caso, porém, algumas vezes ele não se sustentou, inclusive porque a pesquisadora não conseguiu deixar de estar muito envolvida (enquanto ativista) com a *Cracolândia* e xs usuárixs sequer durante o processo de escrita que acabou acontecendo em um período de exacerbada violência de Estado na *Cracolândia* (maio de 2017).

O texto situa conceitualmente as drogas entre disputas, valores e *ondas* (VARGAS, 2006, p. 591) no intuito de que suas complexidades sejam expostas, não apenas pelo seu lugar de “*mercadoria máxima*” (CARNEIRO, 2004), mas também enquanto objeto sócio-técnico que agencia diversas teorias, pessoas, prazeres, dores, movimentos, lugares, políticas, entidades, etc. Parece importante a premissa de que o efeito de uma substância depende, ao menos, de uma tríade inter-relacional (ZINBERG, 1984) para, posteriormente, refletir sobre os usos (feitos por **sujeitos** singulares) de crack e outras drogas (**substâncias**), na *Cracolândia* (**contexto**). As carreiras da cocaína e do crack, então, são reconstituídas numa perspectiva que privilegia as experiências que usuárixs e substâncias realizam.

A pesquisa realiza reflexões sobre o vocábulo, as interações, os *procederes*, a organização (econômica, política e dos desejos), as circulações de mercadorias (desde os *biricos* até as *bancas* – apontando que valores assistenciais podem fazer parte de conformação do mercado do crack), além de abarcar outros aspectos pormenorizados da vida dxs usuárixs que constituem a *Cracolândia*. É a partir destes pormenores, que são apreendidos na experiência e na troca com usuárixs e frequentadorxs, que os objetos de pesquisa são apresentados e analisados.

É possível apontar ao menos duas facetas que são achados importantes desta pesquisa, mas suas análises ainda são incipientes e necessitam de mais estudos e aprofundamentos. Foi revelada uma associação do uso do crack com a sexualidade, assim como da *Cracolândia* como local privilegiado para a junção destes prazeres: a interpenetração do crack e do sexo em uma mesma economia do prazer e em um comércio sexual, afetivo e de cuidados que vai muito além da prostituição (mas passa recorrentemente por ela).

Outra faceta importante que permeia todo o texto (inclusive o título), mas que também precisa de mais pesquisas e análises, é a questão do tempo e das temporalidades, tanto na *Cracolândia*, quanto nos usos de crack. É muito difícil encontrar padrões em contextos tão dinâmicos como é a *Craco*. A velocidade e intensidade dos eventos, das transformações e das dinâmicas locais são atordoantes, contraditórias e fascinantes. A *onda* do crack pode ser rápida e curta, mas sua repetição, que é constitutiva do território, pode perdurar por dias, meses e anos. Mesmo que só se viva um dia de cada vez; talvez até por isso. Existe um contraponto entre a intensidade vertiginosa dos tempos do *Fluxo* – o tempo do presente perpétuo, quando Amanhã é [sempre] domingo – e a demarcação cronológica das operações policiais e das políticas públicas, por exemplo. Os ritmos dos *tragos*, das *pauladas* e das *noias* são sincronizados com os do funk, do acender dos isqueiros, dos *salves*, das negociações, das conversas e dos outros sons que compõem a paisagem sonora do lugar. Os sons também compõem a tessitura dos tempos e das intensidades.

A principal contribuição desta pesquisa, sem dúvida, foi fazer parte do processo de constituição da *Craco Resiste*, um movimento social que vem intervindo na conjuntura e nas linhas de força que constituem a *Cracolândia* numa amplitude que, possivelmente, nenhuma pesquisa acadêmica seria capaz. Da perspectiva da academia a principal contribuição desta dissertação possivelmente seja sua tentativa de contar uma história: coisas que aconteceram na *Cracolândia*, assim como alguns de seus *procederes*, formas de organização, funcionamentos, valores e disputas – além de algumas de suas resistências. O texto também sugere questões para a antropologia: questões urbanas sobre segregação, territorialidade e mobilidade; questões sobre os usos de drogas, dos prazeres e suas economias entre agentes diferentemente situados; questões sobre a gestão das ilegalidades, formas de regulação e mediação de conflitos; questões sobre cuidado de si e a formação de sociabilidades e redes de cuidado; questões sobre a escrita etnográfica, o pacto etnográfico e a construção de perspectivas. Para a militância, por sua vez, esta pesquisa pode cumprir o papel de registrar determinadas formas de mobilização, reflexão e organização – como tentativas de exercício do antipunitivismo – possibilitando a constituição de uma memória do movimento para que os atuais e os futuros não precisem, necessariamente, cometer os mesmos erros e estar sempre “reinventando a mesma roda”. Para as pessoas que vivenciaram as histórias que foram aqui contadas (ou as que não foram, mas estão marcadas nos corpos de cada um de nós) esta pesquisa também serve para possibilitar uma memória, com sorrisos e choros.

As artes e outras formas expressivas são o tempo todo mobilizadas pelo texto e pela *Craco Resiste*. As fotografias, as poesias e as performances que se fazem presentes ao longo desta dissertação são pontos de vista, produções e interpretações nativas. Em diversos momentos poemas e textos feitos na rua, por pessoas que vivem e circulam na *Cracolândia*, foram citados como posições, concepções, interpretações e contrapontos – com direito a referência, da mesma forma que xs autorxs acadêmicos foram referenciadxs. Não foi possível – por uma limitação de tempo e de conhecimento da pesquisadora – tratar de todos os materiais expostos, olhando e analisando com o devido cuidado para sua dimensão estética, por exemplo. A própria dimensão estética-política da *Craco Resiste* precisa de análises mais profundas. Mesmo com tamanha limitação do ponto de vista da análise a opção por manter esses referenciais artísticos ao longo do texto se deu, tanto por uma intenção de difusão de produções tão significativas para as pessoas da *Craco*, quanto por uma admiração de seu conteúdo que, muitas vezes, falam por si. O teor do livro “*É pra mim não passar em branco*”, que muitas vezes foi usado, tanto no lugar de citação, quanto no lugar de ilustração e epígrafe, foi escrito em uma mesa que a equipe do Projeto Oficinas colocava na esquina da Rua Helvética com a Alameda Dino Bueno. Este livro, porém, teve pouquíssima circulação e colocar seus poemas e textos nesta dissertação – assim como os expor em tamanho ampliado para levar para o território, para diversas atividades e até para a banca de defesa – tem a intenção de possibilitar uma maior divulgação, mesmo que ainda limitada. Compreendendo que as expressões artísticas podem descrever realidades de forma mais complexa do que uma escrita linear e também podem falar por si só, opto por findar esta dissertação com um poema de Paulo Cesar Teixeira Leal, o Paulinho:

TÁ OCUPADO.....
 TEM GENTE.....
 AQUI DENTRO FEDE.....
 MAS AÍ FORA AS PESSOAS MORREM.....
 NÃO DORME.....
 NÃO COME.....
 NÃO RECLAMA.....
 INFLAMA.....
 SE PROTEGE.....
 SE ESCONDE ABERTAMENTE.....
 A FALSIDADE É VERDADEIRA....
 A BELEZA SUBJETIVA.....
 NÃO LAMENTA.....
 NÃO COMENTA.....
 TEM BRASA.....
 TEM BRISA.....
 DE TUDO UM POUCO TEM.....
 TEM PUNHOS FECHADOS.....
 MAS BRAÇOS ABERTOS.....
 SE SOUBER CHEGAR VAI SABER SAIR.....

TEM BOCA - MAS NÃO FALA.....
SE CALA.....
NÃO CUIDA NEM DESCUIDA....
QUEM CONHECE SE APAIXONA
QUEM ENTROU NÃO QUER SAIR
QUANDO SAI FICA ASSIM, COMO EU
ADMIRANDO DE LONGE
(LEAL, 2017)

Referências Bibliográficas

ADORNO, R. C. F.; RUI, T.; CALIL, T. G.; GOMES, B. R.; MALVASI, P. A.; SILVA, S. L. Amarga Delícia: Experiências de Consumo de Crack na Região Central de São Paulo. **Inter-Légre**, Revista do PPGCS/UFRN, Natal, no. 15, jul/dez. 2014.

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua**. Trad.: Henrique Burigo. Bela Horizonte: Editora UFMG, 2002. 207 p.

ALONSO, A.; MISCHÉ, A. June demonstrations in Brazil: repertoires of contention and government's response to protest. **From Contention to Social Change: Rethinking the Consequences of Social Movements and Cycles of Protests** – ESA Research Network on Social Movements. Madrid, fevereiro de 2015.

ALVES, Y. D. D. **Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo**. Ed. 1. Salvador. EDUFBA. 2015.

AMERICA'S BEVERAGE COMPANY. Disponível em: <http://ri.ambev.com.br/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=43187>. Acesso em: 18 ago 2017.

ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**. Petrópolis, Vozes, 2000.

ARRUDA, M. S. B. **A Cracolândia muito além do crack**. Dissertação de mestrado – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. 2014.

AYRES, J. R. C. M. **Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ABRASCO; 2009. 282p. (Coleção Clássicos para Integralidade em Saúde).

AYRES, J. R. C. M.; O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e sociedade**. vol. 13, n.3, p.16-29, set-dez 2004.

BALZA, G. PF apreende 450 kg de cocaína em helicóptero da família de senador de MG. **UOL Notícia**. São Paulo. 25 nov 2013. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/11/25/pf-apreende-450-kg-de-cocaina-em-helicoptero-da-familia-perrella.htm>>. Acesso em: 18 ago 2017.

BECKER, H. Consciência, Poder e Efeito da Droga. In: **Uma Teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores (1977), p. 181-204.

BENTES, I. "É pau, é pedra, é o fim do caminho": A construção social da epidemia de crack e outros pânicos. p. 341-368. In: COLETIVO DAR. **Dichavando o poder: drogas e autonomia**. 2016. 420 p.

BEY, Hakim. **TAZ – Zona Autônoma Temporária**. Tradução: Patrícia Decia e Renato Resende. Conrad Editora do Brasil, São Paulo, 2001 (Coleção Baderna).

BIONDI, K. **Consumo de drogas na política do PCC**. Entrevista concedida para o Coletivo DAR. 2011. Disponível em: <http://coletivodar.org/2011/03/cartas-na-mesa-consumo-de-drogas-na-politica-do-pcc/#_ftn2>. Acesso em 18 ago 2017.

BIONDI, K. **Junto e Misturado**: imanência e transcendência no PCC. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos, 2009.

BIONDI, K. **Junto e Misturado** – uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

BOITEUX, L.; CASTILHO, E. W. V.; VARGAS, B.; BATISTA, V. O.; PRADO, G. L. M.; JAPIASSU, C. E. A. Relatório de Pesquisa “Tráfico de Drogas e Constituição”. Resumo do Projeto de Pesquisa apresentado ao Ministério da Justiça/ PNUD, no Projeto “Pensando o Direito”, v. 01, mar 2009.

BRASIL URGENTE. Declaração do Prefeito João Doria ao Programa Brasil Urgente da Bandeirantes. 2015. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/ultimos-videos/16282360/prefeitura-nao-vai-ceder-em-acao-contra-cracolandia.html>>. Acesso em: 8 ago 2017.

BOURGOIS, P. **Em busca de respeito**: vendendo crack em Harlem. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2015.

BOITEUX, L. Brasil: Reflexões Críticas sobre uma Política de Drogas Repressiva. Revista Sur. Dossiê Sur sobre Drogas e Direitos Humanos. **Revista Internacional de Direitos Humanos**. v12 n 21. 2015.

BOITEUX, L., WIECKO, E. V. C. (Coord.). **Tráfico e Constituição**. Série Pensando o Direito. n. 1/2009. Brasília: Ministério da Justiça. 2009.

BUTLER, J. (2014). Repensar la vulnerabilidad y la resistencia. Conferencia inaugural del **xv Simposio de la Asociación Internacional de Filósofos**. Alcalá de Henares, España, 24-27 de junio 2014 [online]. Disponível em: <http://www.institutofranklin.net/sites/default/files/files/Repensar%20la%20vulnerabilidad%20y%20la%20resistencia%20Judith%20Butler.pdf> . Acesso em set. 2017.

CADERNO DO REDUTOR E DA REDUTORA DE DANOS. Fórum Estadual de Redução de Danos São Paulo em parceria com Centro de Convivência É de Lei. Org.: GODOY, A.; GOMES, B. R.; VITÓRIO, E. S.; SANTÁNNIA, M.; MARQUES, M. W. C.; COSTA, R. M. 2014.

CALDEIRA, T. P. R. A presença do autor e a pós-modernidade na Antropologia. **Novos estudos** - CEBRAP, São Paulo, v.21, p. 133-157, 1988.

CALIL, T. G. **Condições do lugar**: relações entre saúde e ambiente para pessoas que usam crack no bairro da Luz, especialmente a região denominada cracolândia. Dissertação de mestrado em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. 237 p. 2015.

CAMARGO, K. R. A interface entre saúde e assistência social: subsídios para algumas reflexões na perspectiva de seguridade social. **Revista EGP** n 95. Escola de Gestão Pública da Secretaria Municipal de Administração de Porto Alegre. 2011.

CARNEIRO H. S. Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna. Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII. 2002. Outubro, **IES**, São Paulo, v 6, 2002, pp.115-128. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/t_henrique_historia.pdf>. Acesso em: 18 ago 2017.

_____. A odisséia psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisa sobre plantas e substâncias psicoativas. In: LABATE, B. GOULART, S. (Orgs.). **O Uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras. 2005

_____. S. Autonomia ou heteronomia nos estados alterados de consciência. In; LABATE, B. et al. (orgs). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA. 2008.

CEBRID. **Livreto Informativo sobre Drogas Psicotrópicas**: leitura recomendada para alunos da 6 série do ensino fundamental. Universidade Federal de São Paulo. 2012. Disponível em <<http://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/12/Livreto-Informativo-sobre-Drogas-Psicotr%C3%B3picas.pdf>>. Acesso em: 18 ago 2017.

CLEGG, B. **Retrato de um viciado quando jovem**. Ed. 1. Trad. Julia Romeu. Companhia das Letras. São Paulo. 216 p. 2011.

COLETIVO DAR. Coletivo Desentorpecendo A Razão. Disponível em: <<http://coletivodar.org/quem-somos/>>. Acesso em: 18 ago 2017.

CORDEIRO, L.; SOARES, C. B.; CAMPOS, C. M. S. Pesquisa ação na perspectiva da Saúde Coletiva: relato de experiência da formação de agentes comunitários da saúde para o enfrentamento do consumo prejudicial de drogas. **Sau. & Transf. Soc.** Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 106-116, 2013.

COROMINAS, J. **Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos, 1954. 1081 p. (v. 2).

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, 37, 2011, p. 9-41.

DE LUCCA, D. **A rua em movimento** – experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua. Dissertação de mestrado em Antropologia Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DELMANTO J. **Camaradas caretas**: drogas e esquerda no Brasil após 1961. Dissertação de mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2013.

DIAS, A. I.; RIBEIRO, J. M.; BASTOS, F. I.; PAGE, K. Políticas de redução de danos no Brasil: contribuições de um programa norte-americano. **Ciência & Saúde Coletiva**, 19(1):147-157, 2014.

DOMANICO, A. “**Craqueiros E Cracados: Bem Vindo Ao Mundo Dos Nóias!**” - Estudo sobre a implementação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil / Andrea Domanico. – Salvador: A. Domanico, 2006.

_____. **Controlando a maluquez:** a redução de danos no contexto de uso de cocaína injetável. Dissertação de mestrado. São Paulo: Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Social: PUC/SP, 2001.

É DE LEI, Centro de Convivência, Cultura, juventudes e redução de danos. São Paulo: Córrego, 2015. Disponível em: <http://edelei.org/_img/_banco_imagens/Livro-Viva-Jovem.pdf> Acesso em: 18 ago 2017.

ESCOHOTADO, A. **Historia general de las drogas**. Ed. 7. Madrid: Alianza Editorial S. A. 1998. p. 934.

ESCOREL, S. **Vidas ao léu:** trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1999. 275 p.

FERREIRA, P. E. M.; MARTINI, R. K. Cocaína: lendas, história e abuso. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v.23, n.2. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462001000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 ago 2017.

IORE, M. **Uso de drogas:** substâncias, sujeitos e eventos. 2013. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2013. 210 p.

FONSECA, G. **História da prostituição em São Paulo**. Ed. 1. São Paulo. Resenha Universitária. 1982.

FREUD, S. Über Coca. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 14, n. 25, p. 100- 126, 2004 [1884].

FROMM, D. **Deus e o Diabo na Terra do Crack:** uma etnografia da “cosmopolítica” batista. 2014. [Monografia].Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.

FROMM, D. R. T. **O “fim da Cracolândia”:** etnografia de uma aporia urbana [Dissertação mestrado] Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2017.

FRÚGOLI JR. H, SPAGGIARI, E. Da Cracolândia aos noias: percursos etnográficos no bairro da Luz. **Ponto Urbe**. São Paulo. NAU-USP 6. 2010. Disponível em: <<https://pontourbe.revues.org/1870>>. Acesso em: 18 ago 2017.

G1. Vendas da indústria farmacêutica crescem 13,1% em 2016, diz Interfarma. **Portal G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/receita-com-vendas-de-remedios-cresce-131-em-2016-diz-interfarma.ghtml>> . Acesso em 18 ago 2017.

GAGLIANO, Joseph A. **Coca prohibition in Peru: the historical debates**. Tucson: University of Arizona Press. 1994.

GOMES, B. R. **O sentido do uso ritual da ayahuasca em trabalho voltado ao tratamento e recuperação da população em situação de rua em São Paulo**. 2011. 176 p. [Dissertação Mestrado]. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOOGLE. 2017. Ilustrações resultantes de pesquisa no acervo do Google Imagens, disponível em:<

https://www.google.com.br/search?q=coca%C3%ADna+crian%C3%A7as+propaganda&rlz=1C1VFKB_enBR713BR713&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwit3ZqPhd3UAhVLh5AKHW3aAGMQ_AUIBigB&biw=1920&bih=925#imgdii=kzcpOjOrJ4GvJM:&imgc=u3ITcfmEhXGV_M:>. Acesso em: 18 ago 2017.

GOOTENBERG, P. **La invención de la cocaína**: la historia olvidada de Alfredo Bignon y la ciencia nacional peruana (1884-1890). Lima: IEP. 2010.

GOOTENBERG, P. **Entre la coca y la cocaína**: un siglo o más de las paradojas de la droga entre Estados Unidos y el Perú, 1860-1980. Lima: IEP. 2003.

GORDON, F. **O sexo dos caracóis**: sugestões para uma antropologia reversa, disparativa e contra o Estado. Disponível em:<<http://nansi.abaetenet.net/abaetextos>>. Acesso em 14 mar 2011.

GREGORI, M. F. **Viração: Experiências de meninos nas ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: Com a nova ortografia da língua portuguesa**. Ed. 1. Brasil. Editora Objetiva. 2009.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida. Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**. 37, 2012.

JESUS, M. G. M.; OI, A. H.; ROCHA, T. T; LAGATTA, P. **Prisão Provisória e Lei de Drogas**: um estudo sobre os flagrantes de tráfico de drogas na cidade de São Paulo. Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP). Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down254.pdf>>. Acesso em 18 ago 2017.

JOANIDES, H. M. **Boca do Lixo**. Editora Labortexto. 2003.

LABCIDADE. **Região da Luz em disputa**: Mapeamento dos processos em curso. Disponível em:<<https://drive.google.com/file/d/0B-n77aCjawPIenNNRGtKcFc4Q2c/view>>Acesso em: 18 ago 2017.

LABIGALINI JR, E.; RODRIGUES, L. R.; SILVEIRA, D. X. Therapeutic use of cannabis by crack addicts in Brazil. **J Psychoactive Drugs**. 1999; 31(4):451-5.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. São Paulo: Ed. 34, 1994.

_____. **A esperança de Pandora:** ensaios sobre a realidade dos escudos científicos/ Bruno Latour; Trad.: de Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 372 p.

_____. **Ciência em ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

MACHADO, N. B. C. Usuário ou traficante? A seletividade penal na nova lei de drogas. In: Conselho Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Direito. (Org.). **Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI/Fortaleza**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2010, v. , p. 1098-1111.

MACRAE, E. **Guiado pela Lua:** xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Editora Brasiliense. 1992.

_____. Abuso de drogas: problemas pessoal ou social? In: ANDRADE, T.; LEMOS, S. (Org.). **Textos Orientados para Assistência à Saúde entre Usuários de Drogas**. Salvador – BA: Editora da UFBA, 1998. pp.1-4.

_____. Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos. In: **Drogas:** tempos, lugares e olhares sobre seu consumo. Tavares LA. Almeida AR(orgs.), Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA. 2004.

MAGALHÃES, T. R. P. Gestão do conflito na construção da cidade contemporânea: a experiência paulista. [dissertação de mestrado]. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2015.

MAGNANI, J. G. **O Brasil da Nova Era**. São Paulo: Jorge Zahar, 2000.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.17 n.49, 2002.

_____. **Da periferia ao centro:** trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MALLART, Fábio; RUI, Taniele. Por uma etnografia das transversalidades urbanas: entre o mundão e os dispositivos de controle. Anais do **39º. Encontro da ANPOCS**, GT 34- Sobre periferias: novos conflitos no espaço público. 14pp.

MALVASI, P. Interfaces da *vida loka*: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. FSP-USP, tese de doutorado, 2012.

MARQUES, A J. **Crime, proceder, convívio-seguro:** um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. Tese de doutorado em Antropologia Social - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2009.

MARRAS, S. Do natural ao social: as substâncias em meio estável. In: LABATE, B. C. et alli (Org.). **Drogas e Cultura: novas perspectivas**. Salvador BA: Edufba, 2008 , p. 155-188.

MASUR, J.; CARLINI, E.A. **Drogas: subsídios para uma discussão**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MELLO, D. O crack não existe. **Le monde Diplomatique**. 13 jun 2017. Série especial: Cracolândia SP. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/o-crack-nao-existe/>> . Acesso em: 18 ago 2017.

MENDES, A. A saúde no capitalismo financeirizado em crise: o financiamento do SUS em disputa. Centro de Estudos Estratégicos da Fundação Instituto Oswaldo Cruz. 2017.

MENEZES, L. F. **Entre a saúde e a repressão** - políticas públicas na região da 'Cracolândia' SP. Dissertação de mestrado em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. 2016.

MERCANTE, M. A ayahuasca e o tratamento da dependência. **Mana** vol.19 no.3 Rio de Janeiro Dec. 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde Mental**. Disponível em:<<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/803-sas-raiz/daet-raiz/saude-mental/12-saude-mental/12609-caps>>. Acesso em: 18 ago 2017.

MORGAN, J. P. ZIMMER, L. The social pharmacology of smokeable cocaine: not all it's cracked up to be. In: REINARMAN, C. & LEVINE, H. G. (org.). **Crack in America: demon drugs and social justice**. Los Angeles: University of California Press, pp. 131-170, 1997.

MOSQUEIRA, T. M. **Reabilitação da região da Luz** - Centro histórico de São Paulo: projetos urbanos e estratégias de intervenção Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2007.

MUAKAD, I. B. A cocaína e o crack: as drogas da morte. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**. v. 106/107 p. 465 - 494 jan./dez. 2011.

NAPPO, S.A. **Baqueros e Craqueros**. Um estudo etnográfico sobre o consumo de cocaína na cidade de São Paulo. Tese apresentada à Escola Paulista de Medicina. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-EPM) para obtenção do título de Doutor em Ciências. São Paulo, 1996. 300 p.

NASSER, M. M. S. **No labirinto: formas de gestão do espaço e das populações na Cracolândia**. Dissertação de mestrado em sociologia - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2016.

NERY FILHO, A., et al. orgs. Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas [online]. Salvador: EDUFBA. 2009. 308 p. In: **Drogas: clínica e cultura** (Coleção). Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/qk/pdf/nery-9788523208820.pdf>>. Acesso em: 18 ago 2017.

OLIVAR, José Miguel N. Banquete de homens Sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina. **RBCS** Vol. 26 n° 75 fevereiro/2011a,

OLIVAR, J. M. N. Entre Nilce, a prostituta, e Isabel, a Princesa. Sobre redes, relações e arcabouços libertários. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.12, n.27, p.1-25, 2011b

OLIVEIRA, M.; ALVES, J.; ANDRADE, J.; SACZK, A.; OKUMUR, L. Análise do teor de cocaína em amostras apreendidas pela polícia utilizando-se a técnica de cromatografia líquida de alta eficiência com detector UV-Vis. **Eclet. Quím.** v34 (3). São Paulo. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-46702009000300008&script=sci_arttext#f1>. Acesso em: 18 ago 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. World Health Organization. **Drug Dependence And Alcohol-Related Problems: A Manual for Community Health Workers with Guidelines for Trainers.** 1986. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/37192/1/9241542128_eng.pdf>. Acesso em: 18 ago 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamentos do CID 10:** Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Trad.: Dorgival Caetano. 1 Ed. Porto Alegre. Artes Médicas. 69-82. 1993.

PAGNAN, Rogério; GOMES, Paulo; VERPA, Rodrigo. Após ação policial secretário de Doria diz que não vai ter mais cracolândia. **Folha de São Paulo**. Cotidiano. 21 de maio de 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1886039-apos-acao-policia-secretario-de-Doria-diz-que-nao-vai-mais-ter-cracolandia.shtml>> Acesso em: 18 ago 2017.

PERLONGHER, N. 1987. **O negócio do michê:** a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense.

PETUCO, D. R. S. Redução de Danos: das técnicas à ética do cuidado. In: RAMMINGER, T.; SILVA, M. **Mais substâncias para o trabalho em saúde com usuários de drogas.** Ed. 1 – Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 252 p – (Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde). 133-148 p.

_____. **O cuidado de pessoas que usam drogas.** 2011. Disponível em: <http://denispetuco.blogspot.com/2011/05/o-cuidado-de-pessoas-que-usam-drogas.html>> Acesso em: 18 ago 2017.

_____. Uma breve história do cuidado dirigido a pessoas que usam álcool e outras drogas. **Aberta:** Portal de formação a distância. Sujeitos, contextos e drogas. 2017. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201706/20170620-170528-001.pdf>>. Acesso em 18 ago 2017.

PROJETO OFICINAS. Sistematização do saber adquirido a partir da experiência de trabalho. Prefeitura de São Paulo. Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. 2016. Disponível em: <http://cedecainter1.hospedagemdesites.ws/wp-content/uploads/2017/02/sistematizacao-Projeto-Oficinas.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

RAMOS, F. Q. **Reflexões sobre o potencial terapêutico dos encontros com crianças e adolescentes em situação de rua no centro da cidade de São Paulo**. 2011. 118 p. Dissertação Mestrado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

RAUPP, L. M.; ADORNO, R. C. F. Jovens em situação de rua e usos de crack: um estudo etnográfico em duas cidades. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**. v. 4, p. 52-67. 2011.

RODRIGUES, H. B. C.; PEZIM, A. M. B. Cronos, Kairós, Aión: Temporalidades de uma visita de Michel Foucault a Belo Horizonte. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**. Florianópolis, v 3, n. 6, p. 16-40. 2011.

RODRIGUES T. Tráfico, Guerra, Proibição. In: LABATE B., et al. (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

RUI, T. C. **Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack**. Tese de doutorado em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2012.

RUI, T. C.. **Nas tramas do crack: etnografia da abjeção**. Ed. 1. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

RUI T.; MALLART, F. A cracolândia, um potente conector urbano. **Le monde Diplomatique**. No coração da metrópole. 1 out 2015. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/a-cracolandia-um-potente-conector-urbano/>>. Acesso em: 18 ago 2017.

SANTOS, V. E. ; SOARES, C. B.; CAMPOS, C. M. S. Redução de danos: análise das concepções que orientam as práticas no Brasil. **Physis** (UERJ. Impresso) , v. 20, p. 995-1015, 2010.

SCHULTES, R. E.; HOFMANN, A. **Plantas de los dioses**. Mexico. DF: Fondo de Cultura Económica. 2000.

SENAD. Guia do Estudante – 11. ed. – Brasília : Ministério da Justiça e Cidadania. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017. 36 p. – (SUPERA: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento). (Orgs.) DUARTE, P. C. A. V.; FORMIGONI, M. L. O. S.

SILVA, C. J. **Assim é a Cracolândia: muito crack, dano cerebral e psicose**. 2015. Disponível em: <<https://www.spdm.org.br/blogs/alcool-e-drogas/item/1671-assim-e-a-cracolandia-muito-crack-dano-cerebral-e-psicose>>. Acesso em: 18 ago 2017

SILVA, S. L. **Mulheres da Luz: uma etnografia dos usos e preservação, no uso do crack**. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. 2000.

_____. **A exposição e a invisibilidade:** percursos e percalços por Lisboa e São Paulo. As narrativas dos usos e dos controles do uso de crack. Tese de doutorado em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. 2017.

SIPAHI, F. M.; VIANNA, F. C. Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial. **Revista Análise Psicológica** 2001; 4(XIX): 503-7.

SLOTERDIJK, P. Esferas I: Burbujas. Microsferología. Traducción Isidoro Reguera, Prologo Rudiger Safranski. Barcelona: Siruela, 2003 [Publicação Alemã: 1998]

STENGERS, I; PRIGOGINE, I. **A Nova Aliança:** a metamorfose da ciência. Editora UnB, Brasília, 1984.

STRATHERN, M. Formas que se propagam. In: **O gênero da dádiva**. Campinas, Ed. da Unicamp, 2006, cap. 9, p. 333-391.

TARDE, Gabriel. 2007. **Monadologia e Sociologia e Outros Ensaio**s. São Paulo : Cosac&Naify.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, pp. 133-160

TIMERMAN, N. J. **A liberdade segundo sua privação:** (im)possibilidades do homem num hospital penitenciário. 2014. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

TV Folha. Entrevista com Luciana Temer, na íntegra, disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1628606-prefeitura-vai-construir-praca-para-os-usuarios-da-cracolandia-diz-secretaria.shtml>>. Acesso 18 ago 2017.

TOBACCO ATLAS. Our largest objective is to dramatically reduce the consumption of combustible cigarettes. 2014. Chapter 8. p 31. Disponível em: <<http://www.tobaccoatlas.org/topic/cigarette-use-globally/>>. Acesso em: 18 ago 2017.

TORCATO, C. E. M. O metifenidato, a escola e a cultura farmacológica contemporânea. **Teias** (Rio de Janeiro. Impresso), v. 17, p. 83-87, 2016.

TURCKE C. **Sociedade excitada:** filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

UCHÔA, M. A. Crack o caminho das pedras. Ed 1. São Paulo: Ática. 1996.

VARANDA, W. **Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas:** funções e significados entre moradores de rua. Tese de Doutorado em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo; 2009.

VARGAS, E. V. **Antes Tarde do que Nunca:** Gabriel Tarde e a Emergência das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000. 280 pp.

_____. **Entre a extensão e a intensidade:** corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”. 2001. 600 f. Tese de doutorado em Ciências Humanas: sociologia e política. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. Uso de drogas: alter-ação como evento. **Ver Antropol**, 49(2), jul-dez 2006, p. 581-623. 11.

_____. Fármacos e outros objetos sócio-técnicos: notas para uma genealogia das drogas. In: LABATE, B. et al. (orgs). **Drogas e cultura:** novas perspectivas. Salvador: EDUFBA. 2008. p. 41-64.

VELHO G. **Nobres & Anjos:** um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, E. ““Transformação”” na antropologia, transformação da ‘antropologia’”. In **Revista Mana**, vol.18. no.1. Rio de Janeiro. Abril/2012

_____. Filiação intensiva e aliança demoníaca. **Novos Estudos** 77 mar 2007. p.91-126.

ZINBERG, N. **Drug, set and setting:** the basis for controlled intoxicant use. New Haven: Yale University Press, 1984.